











1926.26

TRADUCCÕES  
POETICAS

DE

FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES

BACHABEL EM SCIENCIAS SOCIAES E JURIDICAS

---

CHILDE HAROLD E SARDANAPALO,  
DE LORD BYRON;  
O ROUBO DA MADEIXA, DE POPE;  
HERNANI, DE VICTOR HUGO

---

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

1863





TRADUCÇÕES  
POETICAS

DO BACHAREL

FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES





TRADUCÇÕES  
**P O E T I C A S**

DE

**FRANCISCO JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃES**

BACHAREL EM SCIÊNCIAS SOCIAIS E JURÍDICAS

---

**CHILDE HAROLD E SARDANAPALO,  
DE LORD BYRON;  
O ROUBO DA MADEIXA, DE POPE;  
HERNANI, DE VICTOR HUGO**

---

**RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT**

Rua dos Invalidos , 61 B.

**1863**



Do Sr. Dr. Pinheiro Guimarães.

Meu caro amigo. Por uma feliz coincidência, a litteratura brasileira vai enriquecer-se com a versão do *Childe-Harold*, quando a Italia e a Grecia, que do seu tumulo de escravas inspirarão a musa de Byron, resurgem formosas e livres pela vontade e energia de seus filhos.

Eu tinha apenas quinze annos quando teu pai nos leu, em uma reunião de amigos intimos, a traducção daquelle poema. O poeta fluminense comprehendêra admiravelmente e nos communicava com a sua voz animada as sublimes estrophes do bardo inglez, evocando do sepulchro do passado as glorias daquellas duas nações. Quando findou a leitura, estavam, como os companheiros de Colombo, em presença de um mundo novo. Fizera-se nos nossos espiritos uma revolução litteraria; mas naquelle momento a impressão que se tornou

mãis sensível foi de outra natureza. A poesia desdobrára diante de nossos olhos as scenas da historia e todos nós discorremos então a respeito de Athenas e de Roma, como exilados que lamentão os dias de escravidão de sua patria.

A nossa educação classica nos tinha feito cidadãos do mundo antigo. Os olhos do pensamento estavam descerrados: rastreavamos as costas da Grecia, montanhosas e altas, cujos serros escalvados estavam alli como os primeiros tumulos de tantos povos. Dormião deslembados, por aquellas costas, cantos de terra, combros de ruinas, que forão berços de heroes ou sitios de grandes feitos.

Os semideoses de Homero, de Hesiodo e de Pindaro, jazião na noite e distancia dos seculos, apenas memorados na poesia como mythos em desuso.

Nosso pensamento ia além: appareciamos ao longe o Pirêo: á direita estava a Acropolis e o Hymeto; á esquerda enxergavamos a ponta de Mégara, e mais perto, Coluri. *Coluri!* escarneo da sorte e decadencia moral e litteraria! *Coluri* era o nome moderno de Salamina, em cujas aguas as triremes dos Athenienses victoriárão da innumeravel frota dos Persas. Aristides,

Themistocles, Aménias de Pallene, Eurybides de Lacedemonia e o poeta soldado, o valente e sublime Eschylo, forão allí saudados pelos negros pincaros das montanhas da Attica. Do alto da collina Egaléa esteve o rei dos Persas contemplando o desbaráto de sua armada e vendo seus milhares de soldados morrerem ás mãos de um punhado de bravos.

E Salamina cuja batalha naval teve por historiadores Herodoto e Plutarcho, e por cantores Eschylo e Simonides,—Salamina até perdéra o seu nome!

Tambem Athenas chegou a ser o apañagio do chefe dos eunucos negros e teve o privilegio de abastecer de perfumes o serralho. Mas o que valem todas essas profanações quando a fonte do divino Homero, na pedregosa Scio, passou a ser a *fonte do pachá*? E no emtanto foi junto della que o poeta grego compoz estes versos:

Não me olvideis, ó musas, no futuro  
Se algum mortal vos perguntar : « Dizel-me ,  
« Virgens de Scio,—que cantor gracioso  
« Que poeta mais doce vos deleita ? »  
Oh! fallai-lhe de mim : respondei logo :  
« É o cego que habita as nossas pedras :  
« Aquelle, *cuja lyra sonora*  
« *Será mais afamada que ditosa.* » (\*)

---

(\*) Hymno a Apollo.

O nosso pensamento , depois de venerar como o poeta latino, Athenas ainda mesmo vencida, *et victas veneratur Athenas*, discorria tambem pela Italia , desde a Italla dos Romanos até a de Rienzi, esse tribuno do povo do seculo quatorze , a quem Byron chamou o ultimo Romano, e de quem Petrarca , seu amigo , disse que era o unico raio de virtude que scintillára no mundo.

Foi sabindo de Roma que Erasmo , o philosopho de Rotterdam , concebeu o seu elogio da loucura, e era a Roma de Leão X. Podiamos tambem nós , em 1841, pensando na cidade eterna, conceber o elogio da degradação, e applicar-lhe as palavras severas e justas da *Divina Comedia*, que não ousamos repelir, embora o maior poeta da França ainda ha pouco assignalasse como um protesto eloquente de energia patriotica palavras equivalentes do general Cambronne.

Desde que ouvimos a leitura da versão do *Childe-Harold*, instámos com teu pai para que a entregasse ao publico. Mas elle, como todo o Fluminense, tinha impeto sobrejo para emprehender grandes obras litterarias , mas fallecia-lhe a paciencia de retocar o trabalho feito. Sempre nos respondia que era poeta por deleite de seu



espírito e não por amor de gloria. Quasi que affirmamos que nunca mais elle procurou limar a traducção que nos lera.

Entretanto teu pai, na sua curta vida (\*) nacionalisou Brasileiros a tres grandes poetas: Byron, Pope e Victor Hugo. Se aquella magestosa torrente de poesia se houvesse tornado mais serena, espraiando-se pelas terras chãas da revisão litteraria; se aquelle talento extraordinario não fosse indocil de qualquer tardança, dominado sempre por uma imaginação vivissima; se os vãos arrojados de sua inspiração tivessem podido evitar alguns defeitos, que os criticos fazem depois tanto avultar, ás vezes por inveja, e geralmente por um teor affectado de sabedoria,—as traducções do *Childe-Harold*, do *Sardanapalo*, do *Roubo da Madeixa* e do *Hernani* não terião rivaes em litteratura alguma.

Sei que, dominado pelo respeito filial, não ousaste alterar cousa alguma nos manuscriptos de teu pai. E tu o podias fazer em sã consciencia, porque delle herdaste

---

(\*) Francisco José Pinheiro Guimarães, nasceu nesta cidade no 1º de Junho de 1809 e falleceu a 18 de Novembro de 1887.

Estudou humanidades em Londres e formou-se em direito na academia de S. Paulo em 1832.

o talento brilhante e a imaginação poetica. Mas, ainda assim, a edição dos bellos versos do meu finado amigo Pinheiro Guimarães, que preparaste, com teu digno irmão, para monumento de tua saudade, é um presente de grande valia, que te agradecemos, como Brasileiro, á espera que tambem t'o agradeção, em nome das letras, aquelles que tem direito para tanto.

Pedindo-me que escrevesse uma introdução ou prefacio para este livro, lembraste-me que eu deveria dizer alguma cousa a respeito do poeta inglez, que tanto admiramos e que fazia as delicias dos ultimos annos de teu pai. Mas escrever de Byron não é tarefa para um jornalista, que não tem repouso e cuja imaginação foi estragada pela politica. Porque não publicar antes a biographia que elle mesmo escreveu de si naquella riquissima elegia, typo da escola moderna, que se intitula o *Sonho* (*The dream*) ?

Se a queres em máus versos portuguezes, ahi a tens, traaluzida por mim, quando tinha sestros de poeta. Diz assim :

## O SONHO.

(*The dream*, — imitação de Byron).

### I.

. . . . .  
Vi dois entes, no viço de seus annos,  
No tôpe verdenegro de um outeiro,  
Cabo extremo de longa serrania  
Sobre varzea louçã quebrando as pontas  
E aos olhos pasmos debuxando em grupos  
Rica paisagem de arvores copadas,  
De céu azul, de campos alastrados ;  
E além — mais longe, — o esbranquiçado fumo  
Erguer-se em nuvens do tugario esparso.  
Estavão alli os dois, mancebo e virgem,  
Contemplando, — ella o céu e a natureza, —  
Elle os olhos da virgem : — suspirava  
Elle de a vêr, — de vêr as flôres, ella ;  
E ambos entravão pela idade de ouro.  
Estavão alli os dois, na flôr dos annos,  
Ambos moços, — mas não da mesma seiva.  
Meiga lua nas franjas do horizonte,  
Desabrochava em flôr a bella virgem.  
Mais moço elle era ; mas no peito infante  
Crescêra o coração, crescêrão brios,  
E desejos, e amor.... — amor por ella,  
Unica face que na terra olhava,  
Que a terra e o céu para elle resumia.  
Vida, respiração, celeste efflúvio,  
Offegante aspirava nos seus olhos.  
Não ousava romper o seu enleio,  
Não lhe fallava ; mas se a voz lhe ouvia,  
Arquejava uma tímida resposta  
E estremeçia de prazer e susto.

Olhava o mundo pelos olhos della ;  
Nelles vivia agora, e de seu peito  
Todo o interno viver desentranhára.  
Um gesto, um meigo som, um breve aceno,  
Lhe estampavão na face a côr da morte ;  
E triste o coração se confrangia  
Dessa agonia ignorando a causa.  
Ella, porém, a tanto amor alheia,  
Sem dar fé desse incendio que acendêra,  
Olhava ao moço, como a irmão sómente,  
Irmão, e nada mais. — Porque ao mancebo  
Desprazia este nome? — atroz resposta  
Deu-lh'a o tempo, quando ella amou a outro....  
Amou?... Amava já, — que anciada e triste  
D'alli espreitava se o corcel do amante  
Com suas esperanças galopava.

## II.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
Era um velho solar: — ante seus vallos  
Parava arreado um soberbão ginete :  
E lá dentro, — o mancebo de que fallo  
Pallido e só media a largos passos  
O pavimento de oratorio antigo.  
De repente assentou-se, e em desespero  
Traçou palavras, que enxergar não pude :  
E acurvando a cabeça ás mãos convulsas  
Sacudio-a raivoso. — Entã de novo  
Subito ergueu-se: a folha que escrevêra  
Fê-la em pedaços n'um ranger dos dentes :  
Porém não derramou uma só lagrima !  
Asserenou-se, e a palpebra sombria,  
Como em torpor, fixou-se socegada.  
Estava elle assim, entre acordado e morto,  
Quando entrou radiante de belleza  
A dama de seu amor, garrida, alegre :  
E bem sabia que o infeliz mancebo  
Finava-se de dôr, que estremeia,  
Que era por ella desgraçado e muito.  
Via tudo isto, mas não via tudo.

Elle ergueu-se, e, com frio e gentil modo.  
Tomou-lhe a mão : um instante no seu rosto  
Irradiou-se de ineffaveis linhas  
Rapido quadro que sumio-se logo.  
Sobre essa mão — uma indiscreta lagrima  
Deixou cahir, — e a passos vagarosos  
Retirou-se d'alli sem despedir-se,  
Como quem para longe não se affasta.  
Transpoz as pedras da massiça porta,  
E, montando o corcel que relinchava,  
Arrancou-se e partio. — Senhor e servos  
Nunca mais no solar de volta o virão.

### III.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
À idade varonil chegára o moço.  
Os páramos dos climas abrazados  
Elegêra por patria: alli sua alma  
Do sol bebia os raios, offegante  
De estranhezas e aspectos carregados.  
Elle não era mais qual fôra outr'ora ;  
Dos mares á mercê andava errante  
Por calvos serros, por desertas praias.  
Como em téla sombria amontoadas  
Vião-se imagens de confuso aspecto,  
Avultando no fundo a imagem sua.  
Ensdado da calma adormecêra  
Entre columnas que abatêra o tempo,  
Sombreadas dos combros de altos muros....  
Quem outr'ora os ergueu? — ninguém o sabe.  
Perto delle pastavão seus camellos  
E alguns bellos cavallos, refreados  
Em torno de uma fonte. Olhava ao tempo  
Um homem de longas vestes fluctuantes,  
E outros da mesma tribu alli dormião.  
E tinham por docel o firmamento,  
Tão puro, tão azul, que nesse instante  
Só a face de Deos podia vêr-se.

IV.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
Sua amada casára-se com outro  
Que tanto a não amou: vivia ainda  
Bem longe d'elle, no torrão da patria,  
E folgava-lhe em torno a infancia alegre,  
Filhos e filhas da belleza. Embora!  
Naquelle coração ha dôr profunda,  
Dôr que se lê na pallidez das faces,  
Que se revela no languor dos olhos,  
No descahir da palpebra inquieta.  
De onde vinha essa dôr? — Tudo o que amava  
Tinha junto de si, marido e filhos:  
E aquelle que por ella enlouquecêra  
Não estava alli a lealdar martyrios  
De criminosa chamma, ou de desejos  
Que os puros sentimentos lhe enturvassem.  
De onde vinha essa dôr, se o não amára?  
Se não lhe dêra a minima esperanza?  
Se a imagem sua não lhe andava n'alma  
(Quem sabe?) como espectro do passado?

V.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
O peregrino regressára á patria.  
Eu o vi: — caminhava por um templo:  
la casar-se; a noiva era formosa,  
Mas não tinha as feições daquella virgem,  
De sua infancia luzidia estrella.  
Ao chegar-se do altar, veio-lhe ás faces  
O mesmo aspecto, a convulsão que outr'ora  
Houvereis visto no oratorio antigo;  
E então, ind'outra vez, pelo seu rosto  
Irradiou-se de ineffaveis linhas  
Rápido quadro que sumio-se logo,  
E asserenou-se e proferio seus votos,  
Sem ouvi-los, que em torno lhe gyrava  
Altar e noiva: — aquillo que alli estava  
Não via mais, sumira-se a seus olhos.

O passado avultava-lhe na idéa.  
Era o velho solar, era seu páteo,  
Os escuros salões, o pavimento,  
A hora, o dia, a luz do sol e a sombra....  
E ella, que ahí vinha, — escarneo do destino! —  
Entre elle e a luz — alegre collocar-se.  
Oh! porque nessa hora elle inda a via,  
E sua alma pairava no passado?

VI.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
Quão demudada estava a bella dama  
De seu primeiro amor! — Peregrinava  
Sua alma pelo espaço, e nos seus olhos  
Lampejava um fulgor de luz sinistra  
Que não pertence á terra. Parecia  
De um fantastico reino soberana.  
Ella via, só ella, estranhos seres,  
Invisiveis aos mais, e combinava  
Como em cadêa de fuisis disformes,  
Absurdos de idéas encontradas.  
Este viver assim chamão demencia,  
O sabio então é rematado louco,  
E recebeu a dadiua funesta  
Da visão melancolica do mundo,  
Que é só um telescopio da verdade.

VII.

Desenhou-se em meu sonho um novo traço.  
Estava só, como outr'ora o peregrino,  
Só, sem amigos, sem mulher, sem filhos  
Baldão constante de infernal desgraça,  
A dôr lhe consumira a vida e o gozo.  
Qual monarcha do Ponto, envenenou-se,  
Mas o veneno foi baldado; e a morte,  
Para affligi-lo, respeitou-o sempre.

VIII.

O meu sonho findou : um traço novo  
Não veio mais por elle desenhar-se.  
Cousa estranha !—O destino dos dois entes  
Pareceu-me fatal realidade,  
Que os fizera acabar, ante meus olhos.  
Um na loucura, e ambos — no infortunio.

FRANCISCO OCTAVIANO.

*eser*

5 DE 63



A  
PEREGRINAÇÃO  
DE  
CHILDE HAROLD

Poema de Lord Byron.





## A IANTHE <sup>1)</sup>

---

**N**em nas plagas, em que eu vaguei por ultimo,  
Onde a belleza sem igual foi sempre;  
Nem nas vizões, que ao peito trazem formas.  
Que elle só sente em sonhos haver visto,  
Nada ideal ou real, como tu, vio-se:  
E inda tendo-te visto em vão tentára  
Eu pintar essas graças variadas,  
Como os reflexos seus; pois sendo fracas.  
Para quem te não vê, minhas palavras,  
O que havia eu dizer a quem te observa?

Ah! possas sempre ser o que es agóra,  
E sem faltar da tua primavera  
A' promessa, figura ter tão bella  
Como um ardente coração e puro,  
Na terra imagem do amor sem azas,  
E ingenua mesmo além das esperanças!  
Em ti aquella que ora terna alinha  
Tua juventude, cada vez mais lucida,  
De seus futuros annos vê o Iris,  
Cujo matiz celeste espanca as magoas.

Joven Peri <sup>2</sup> do Poente! eu tenho a dita  
De minha idade ser da tua o dobro;  
Immoveis, sem amor, te vêm meus olhos;  
Vejo a salvo crescer, brilhar tuas graças.  
Feliz! pois declinar não hei de vê-las;  
Mais feliz porque, quando jovens peitos  
Sangrarem todos, ha de o meu isento  
Ser da sorte, que os olhos teus reservão  
Aos que virem coroados o seu assombro;  
Mas seguido das penas infalliveis  
De Amor, mesmo nas horas mais ditosas.

Teus olhos vivos, como os da gazella, <sup>31</sup>  
De affeito brilho, de formoso pejo,  
Que vencem moveis, e deslumbrão fitos,  
Lança-os sobre estas paginas, e a meus versos  
Ah! não queiras negar esse sorriso,  
Pelo que eu suspirára em vão, se fosse  
Para ti mais do que um sincero amigo.  
Concede-me isto só, cara donzella,  
Nem me perguntes porque a ti tão joven  
Os meus carmes entrego; mas consente  
Que entre em meu diadema um lirio puro.


Dest'arte aos versos meus se une teu nome;  
E enquanto houver de Harold quem para as paginas  
Olhe benigno, nellas consagrado  
D'Ianthe o nome sempre ha de o primeiro  
Ser contemplado, e o ultimo esquecido:  
Quando eu já não viver, se esta homenagem  
Levar os dedos teus de Fada á Lyra  
Deste, que te saudou, como a mais bella,  
Não póde mais querer minha memoria,  
E ainda que a esperança a mais não chegue,  
Poderia a amizade exigir menos?



## CANTO PRIMEIRO

---

1

 **M**usa, a quem sempre a Grecia reputára  
Prole dos Numes, invenção dos Vates,  
Já que modernas lyras tantas vezes  
Tem profanado teu poder na terra,  
Eu não te ousou chamar do Sacro-monte,  
Bem que do teu ribeiro celebrado  
Pelas praias vagasse, e suspirasse  
Ao pé do abandonado altar de Delphos, <sup>1)</sup>  
Tudo em silencio, excepto as debeis ondas :  
As nove Irmãs cançadas não desperto,  
Para ornarem meu canto humilde e simples.

II

Outr'ora em Albion vivia um joven,  
Que jámais na virtude achára encantos;  
Em desordem seus dias consumia,  
E da noite o silencio perturbava  
Com ruidosa galhofa. Oh! que devasso,  
Dado ás impias canções, dado ás orgias!  
Poucas cousas terrestres a seus olhos  
Tinhão valor; somente das mulheres  
A carnal companhia o deleitava,  
Bem como a sociedade dos mais fortes  
Bebedôres das classes alta ou baixa.

III

Childe Harold se chamava: — o nome e a raça,  
Donde provinhão, não convem que diga;  
É bastante saber, que illustres forão,  
E havião tido já dias de gloria;  
Mas n'uma geração, por mais preclara,  
E mais antiga, basta um só máo homem,  
A conspurcar seu nome para sempre;  
Revolve as tumbas o genealogista;  
Flórea prosa, melifluas rimas-falsas,  
Jámais podem erguer brazões á infamia,  
Jámais sanctificar podem o crime.



IV

Aquecido do sol da mocidade,  
Qual borboleta, Childe Harold brincava,  
Sem pensar que pudesse da miseria  
Vir o tufão crestar-lhe a curta vida ;  
Mas, muito antes que finde a tertia quadra,  
Inda mais que miseria soffreu elle,  
Vindo a sentir da saciedade o peso,  
E tedio de viver no patrio solo,  
Lugar aos olhos seus mais solitario,  
Que mesmo do ermitão a triste cella.

V

Dos peccados já tinha a longa estrada  
Percorrido, mas sem que os expiasse ;  
Por muitas suspirou, amou só uma ;  
Mas essa, oh céos ! ser sua não podia :  
Ditosa della, que escapou daquelle,  
De que um só beijo polluir devêra  
Tudo quanto ha de casto ! Os seus encantos  
Por vulgares prazeres trocaria,  
E havia consumir-lhe o patrimonio,  
Para com elle ornar seus desperdicios,  
A' domestica paz estranho sempre.

VI

De tudo Childe-Harold aborrecido  
Fugir de suas bacchanaes deseja,  
Uma lagrima ás vezes quer saltar-lhe,  
O orgulho a faz gelar dentro dos olhos :  
Sosinho e pensativo elle vagava  
Resolvido a deixar o patrio ninho,  
E buscar além mar ardentes climas :  
Pois de tantos prazeres nauseado,  
Ao infortunio aspira, e até descêra,  
Ao mesmo inferno, por mudar de scena.

VII

Parte por fim de seu solar paterno,  
Desse vasto edificio venerando,  
E tão velho, que apenas pelos lados  
Sobre fortes pilares se sustenta.  
Monastica mansão votada á infamia,  
Que da superstição fôra espelunca,  
Aonde agora as nymphas Paphianas  
Vem sorrir e cantar · ah ! hem podião  
Os frades crer, que os tempos seus voltárão,  
Se é que não mentem tradições antigas,  
Se calumnias não ha contra taes santos.

VIII

Em seus loucos transportes d'alegria,  
 Frequentes vezes Childe-Harold no rosto  
 Deixa entrever signaes d'estranha angustia ;  
 Ou tem lembrança de mortal conflicto,  
 Ou de paixão occulta mallograda ;  
 Mas nem sabe-o ninguem, nem saber busca,  
 Que elle uma alma não tem pura e sem arte,  
 Que na expansão da dôr se desabafe ;  
 Soffra magoas embora, não procura  
 Amigo a quem consulte, e que o console.

IX

Mas desses folgazões, que concorrião,  
 De perto e longe, a seus jardins e mesa,  
 Nas horas de festança aduladores,  
 Parasitas crueis de seus prazeres,  
 Nem um só o amava, elle o sabia :  
 Nem as suas amadas; pois só curião  
 As mulheres de galas e riquezas,  
 Unicos bens, que seu amor deleitão ;  
 Que as beldades, bem como as mariposas,  
 Se apanhão com a luz, e Pluto vence  
 Lá, onde os mesmos Seraphins perderão.

X

Childe Harold tinha mãe, não esquecida ;  
Mas de vê-la fugio, quando partira ;  
Tinha uma irmã, que amava, não quiz vê-la,  
Quando empredeu de peregrino a vida :  
Se amigos tinha, adeos a nenhum disse ;  
Mas não supponhão nelle um peito d'aço :  
Quem tem do affecto seu poucos objectos,  
Assaz comprende, que essas despedidas  
Aquelles corações só despedação,  
A que mais desejamos dar alivio.

XI

A sua casa, seus lares, sua herdade ;  
Suas alegres moças, com quem folga,  
Cujas nevadas mãos, loiros cabellos,  
E olhos grandes azues abalarião  
A santidade de um anachoreta,  
E que os desejos juvenis lhe applacão ;  
Suas taças, seus vinhos preciosos,  
E tudo quanto o luxo invidar pôde,  
Tudo, sem suspirar, elle abandona,  
Para os mares cruzar, atravessando  
De Allah as plagas, do Equador a linha <sup>2)</sup>.

XII

Inchando as velas sopra o feliz vento,  
Como contente de arranca-lo á patria ;  
Vão fugindo á sua vista as brancas rochas,  
E na espuma, que as cêrca, já se perdem.  
Quem sabe se elle então se arrependêra  
De querer viajar ! Mas no imo peito  
Concentra seus secretos pensamentos,  
Sem uma só palavra lamentosa  
De seus labios soltar, emquanto os outros,  
Assentados, chorando, quaes mulheres,  
Aos surdos ventos seus clamores mandão.

XIII

Mas quando o sol no pégo ia esconder-se  
Sua harpa toma, d'onde ás vezes solta,  
Quando crê que não pôde ser ouvido,  
Melodias, que nunca elle aprendêra :  
Já vão os dedos seus ferir as cordas,  
E emquanto sob as niveas azas vóa  
O ligeiro baixel, e que de todo  
Somem-se á vista as praias fugitivas,  
No sombrio crepusculo aos elementos,  
As boas noites dá por despedida.

1

Adeos ó terras da patria,  
Que occulta o ceruleo mar,  
Bramão os ventos e as vagas,  
Oíço o alcião grasnar :  
Aquelle sol que declina,  
Nós vamos acompanhando,  
Não só a-ti, mas a elle,  
Feliz noite desejando.

2

Em breves horas virá  
Dar ao dia nascimento,  
Já não hei de ver-te, ó patria,  
Mas só mar e firmamento.  
Minha mansão solitaria,  
Abandonado meu lar,  
Em seus muros cresce a hera,  
Uiva o cão no limiar.

3

Porque suspiras e choras,  
Meu caro pequeno pagem ? <sup>3)</sup>  
Temes que os ventos e as ondas  
Transtornem nossa viagem ?  
Estas lagrimas enxuga,  
O barco é forte e veleiro,  
Póde apenas excedê-lo  
Dos falcões o mais ligeiro.

4

— Nem as ondas, nem os ventos,  
São que motivão meu pranto,  
Minha tristeza não deve,  
Senhor, causar-vos espanto.  
Tenho um pai, tenho uma mãe,  
Ambos deixei, com que dôr!  
Amigos . . . tenho na terra  
Vós, e no céu o Senhor.

5

Abençoou-me meu pai  
Com fervor, sem se queixar;  
Mas minha mãe, té que eu volte,  
Quanto tem de suspirar! . . .  
— Com razão chorão teus olhos,  
Basta, mais nada profiras,  
Tivera eu alma tão pura,  
Que os meus tão seccos não viras.

6

Tu, meu fiel camarada, <sup>4)</sup>  
Porque tanto empallideces?  
É de francez inimigo,  
Ou dos tufões que estremezes?  
— Não temo a morte, em meu peito  
Alma tão fraca não mora;  
Mas pensar na esposa ausente  
Meu rosto fiel descora.

7

Junto á mansão, junto ao lago  
A esposa e os filhos habitão :  
Como ha de ella socega-los,  
Quando meu nome repitão ? —  
— Basta, basta, as magoas tuas  
Justas são, vai tu carpindo,  
Emquanto eu mais leviano  
De me ausentar me vou rindo.

8

Suspiros de esposa e amante....  
Quem se ha de nelles flar ?  
Prantêão por nós seus olhos  
Que outros vem logo enxugar.  
Não choro gostos passados,  
Nem perigos que hão de vir,  
Sinto só não deixar coisa,  
Que mereça o meu carpir.

9

Sobre este vasto Oceano,  
Só no mundo, hoje respiro :  
Porque affligir-me por outrem,  
Se ninguem dá-me um suspiro ?  
Talvez meu cão por mim chore,  
Té que pão outro lhe lance ;  
Mas, quando tornar a ver-me,  
Contra mim talvez avance.



Vai andando, ó barca minha,  
Este salso argento corta,  
A meu paiz não me leves,  
A qualquer outro, qu'importa ?  
Ondas azues, qu'inda vejo,  
Aqui vos fico saudando,  
E a vós desertos e grutas,  
Feliz noite desejando.

Navega o barco, desaparece a terra,  
E de Biscaia na bahia inquieta  
Crescem os ventos. Quatro dias passão  
Té que o quinto descobre novas praias,  
E os corações alegre ; eis já de Cintra  
Alta serra saúda os viajantes,  
E o Tejo, que curvando-se ao Oceano  
Lhe paga o fabuloso aureo tributo :  
Lusos pilotos logo a bordo saltão,  
E o rumo guião pelas fertes ribas ,  
Onde alguns aldeões estão ceifando.

XV

O' Christo ! como é bello contemplar-se  
Quanto por essa terra de delicias  
O céo fizera ! Que fragrantés fructos ,  
De rubicunda côr peirão as arvores !  
Sobre as collinas que formosas scenas !  
Tudo com impia mão profana o homem ;  
Mas quando alçar o Omnipotente o açoite  
Contra os que mais transgridem seus preceitos,  
Com triple força cahirão seus raios  
Sobre as da Gallia tragadoras hostes ,  
De inimigos crueis purgando a terra.

XVI

Que bellezas Lisboa patentêa  
Logo á primeira vista ! A sua imagem  
Reflecte nesse rio magestoso ,  
Cujas arêas com vaidade os vates  
D'oiro imaginão ! Sulcão-lhe hoje as aguas  
Mil fortes quilhas, dès que sua alliada,  
Albion, seu auxilio presta á Lysia,  
Nação inflada d'ignorancia, e orgulho,  
Que beija e amaldiçôa a mão que a espada,  
P'ra defendê-la, empunha, contra a sanha  
D'esse da Gallia dêsputa implacavel.

XVII

Mas quando alguém penetra na cidade, <sup>5)</sup>  
Que ao longe brilha, como um céu aberto,  
Desconsolado vaga abaixo e acima  
Por entre coisas mil, em que o estrangeiro  
Fitar repugna os olhos: tão immundos,  
Como suas choupanas, seus palacios:  
No lixo os habitantes seus vegetão,  
Sem que a ninguém, de qualquer classe, importe  
O asseio no vestir; e se do Egypto  
Os invadissem a peste, inabaláveis,  
Sem mais limpeza, havião de arrosta-la.

XVIII

Miseráveis escravos, mas nascidos  
Entre as scenas mais nobres! Com tal gente  
Por que has desperdiçado, ó Natureza,  
Teus prodigios? O' Cintra, Eden radiante,  
De montes e de valles matizado!  
Que mão pôde guiar pincel ou penna,  
Para traçar o quanto alcança a vista  
Das scenas tuas, qu'inda mais deslumbrão  
Os olhos dos mortaes, que essas, que o Vate  
Descrevêra, de assombro enchendo o mundo,  
Quando lhe abrisse as portas dos Elysios!

XIX

Altos penedos, que um convento c'róa ;  
Velhos sobreiros, que o escarpado cobrem ;  
Musgo queimado por um sol ardente ;  
No valle arbustos, que por elle chorão ;  
O terno azul do acalmado Oceano ;  
As laranjas doirando os verdes ramos ;  
As torrentes das rochas despenhadas ;  
Os salgueiros embaixo ; emcima as vinhas ;  
Tudo em brilhantes scenas reunido,  
Dá ao painel bellezas variadas.

XX

Ide agora subindo vagaroso  
Pelos frequentes sinuosos trilhos,  
Voltando o rosto, os olhos espraçando  
D'essa eminencia sobre encantos novos ;  
Da Senhora da Pena entrai no templo,  
Onde monges frugaes reliquias mostram,  
E aos forasteiros varias lendas contão :  
Muitos impios tem sido aqui punidos.  
Eis á funda caverna, em que vivêra  
Honorio muito tempo, esperançado  
No céo, fazendo d'este mundo inferno.

XXI

Aqui e alli observareis, subindo,  
Toscas cruces de pão do trilho á margem ;  
Não as julgueis da devoção offrendas.  
São do homicidio frageis monumentos ;  
Que lá, quando alguém cahe banhado em sangue.  
Victima infausta de assassina faca,  
De duas ripas uma cruz levantão ;  
E milhares nos valles e nos bosques  
Achareis desta terra sanguinaria,  
Onde a lei não protege a vida do homem.

XXII

No declivio das rochas ou nos valles  
Ha castellos, dos reis retiro antigo ,  
Hoje cercados só de agrestes flôres,  
Cujo esplendor as ruinas inda attestão.  
São do real palacio aquellas torres,  
E tu, filho opulento d'Inglaterra,  
Vathek <sup>6</sup>, alli formaste o teu paraiso,  
Esquecendo que quando o fausto esgota  
Tudo quanto a riqueza proporciona,  
Deixa a paz d'existir com taes deleites.

XXIII

Aqui tu residias, ideando  
Planos de gozo á sombra d'esse monte ;  
Mas o teu encantado palacete,  
Como se os homens praguejado o houvessem,  
Hoje está, como tu, tão solitario !  
Desertos os salões ; crescidas hervas  
Dão passagem apenas té ao portico,  
De par em par aberto : — exemplo novo  
Aos que meditação na caducidade  
De alegrias passadas cá na terra,  
Que naufragão do tempo sobre as ondas.

XXIV

Eis a sala em que os chefes se ajuntarão,  
Em que um Inglez repugna pôr os olhos.  
Um demonio pequeno e zombeteiro,  
Que na cabeça fem, como diadema,  
Da sandice o barrete, está sentado,  
E são de pergaminho as vestes suas.  
Traz ao lado um sinete, e um negro rolo,  
De assignaturas varias recheado,  
Nomês famosos na cavallaria,  
Que o diabrete aponta em gargalhadas.

XXV

Convenção se chamava esse mão genio,  
Que, nesta habitação de Marialva,  
Conseguio derrubar os cavalleiros,  
E o cerebro virou-lhes, se é que o tinham,  
De Albion a vangloria em dó mudando.  
Aqui o vencedor vio seu pennacho,  
Pela inepecia arrastado, aqui a Gallia,  
Quanto havia perdido pelas armas.  
Poude depois ganhar pela politica :  
Opprobrio ao vencedor, não ao vencido ,  
Já que o triumpho em Lysia se mallogra

XXVI

Teu nome ouvindo , ó Cintra, Albion se anoja ,  
Desde o concilio marcial, que ainda  
Aos ministros de então tormentos causa,  
E os faz corar de pejo, se é que corão.  
Que juizo farão nossos vindouros ?  
Não mofaráõ de nós as nações todas,  
Vendo de sua gloria despojados  
Os nossos campeões por inimigos,  
Vencidos em combate, e apezar delle  
Vencedores aqui? Oh ! quantos seculos  
Hão de a dedo apontar-nos com desprezo !

XXVII

Assim pensava Childe Harold subindo  
Solitario a montanha, e admirando  
O lindo quadro, que elle, mais voluvel  
Que andorinha no ar, deixar vai prestes.  
A discorrer aqui tem aprendido,  
Porque á meditação se entrega ás vezes ;  
E da razão a voz conscienciosa  
Lhe ensina internamente, que deteste  
Os annos, que passára em desvarios ;  
Mas, quando mais com a verdade encara,  
Esta os olhos lhe fere, e os escurece.

XXVIII

A cavallo, a cavallo ! eil-o p'ra sempre  
Deixa um sitio de paz, grato á sua alma :  
De suas distracções de novo accorda ;  
Mas ora não procura Baccho ou Venus :  
Avante corre, sem fixar a méta,  
Em que pare a carreira peregrina ;  
Ah ! quantas inda são as variedades,  
Por que tem de passar, té que a exp'riencia,  
Nelle extinguindo a séde das viagens,  
Mais estavel o torne, e mais prudente.



XXIX

Porém Mafra um momento inda reclama,  
Onde dos Lusos a infeliz Rainha  
Algum tempo vivêra, misturando  
Com as galas da Igreja as do palacio,  
E com banquetes alternando missas.  
Frades e cortezãos ! Oh ! que alliança !  
Aqui de Babylonia a prostituta  
Seu palacio erigio, onde fulgura  
Com brilho tal, que os homens esquecidos  
De todo o sangue, que ella derramára,  
Curvão-se á pompa, que enverniza os crimes.

XXX

Vai Childe Harold trilhando alegres sitios,  
Ferteis valles, collinas pittorescas,  
Que deleitando os olhos, só sentimos,  
Que nellas não habitem homens livres.  
Bem que a inercia talvez julgue insensato,  
E até se maravilhe, de que um homem  
Seu descanso abandone, e tantas leguas  
Vá caminhar por sendas fadigosas.  
D'envolta , com os ares das montanhas,  
Que doçura, que vida se respira,  
Que jámais a indolencia gozar pôde !

XXXI

São já menos frequentes as collinas,  
Valles mais planos, não tão verdejantes ;  
Vindo os prados, que acabão no horisonte !  
Longe, onde alcança a vista, eis já da Hespanha  
As provinciás, aonde se apascentão  
Suas ovelhas, cujas lãas preciosas  
Conhece o mercador : — á força d'armas  
Defende hoje o pastor os seus rebanhos :  
Inflexiveis imigos ora occupão  
A Iberia toda, e os filhos della devem,  
Ou combater, ou submetter-se ao jugo.

XXXII

Onde com sua irmã Lysia se encontra,  
Sabes que ráias as rivaes dividem ?  
Crês qu'interpõe-se o Tejo poderoso  
Entre as duas tão émulas Rainhas ?  
Que negros cerros orgulhosos se erguem,  
Ou que pela arte são, bem como a China,  
Por paredões enormes defendidas ?  
Não, não tem por barreira taes muralhas,  
Nem fundo e largo rio, nem penhascos,  
Nem sombrias montanhas gigantescas,  
Quaes se levantão entre a Hespanha e a Gallia.

XXXIII

Ribeiro argenteo de permeio corre,  
Que pelo nome apenas se distingue ;  
Mas são de ambas rivaes as verdes ribas.  
O pastor indolente aqui se encosta  
No seu cajado, contemplando ocioso,  
Como placidas correm essas aguas  
Entre os mais desabridos inimigos ;  
Porque tão orgulhoso, como um duque,  
Sendo Hespanhol, conhece a differença  
Entre elle e o vil escravo lusitano. 7)

XXXIV

Desse commum limite não mui longe  
Ecuras aguas correm murmurando  
Do ingente caudaloso Guadiana,  
Pelos cançoneiros decantado,  
Em cujas margens legiões de Moiros  
Com cavalleiros se encontrarão d'antes,  
Cobertos todos de luzidas armas.  
Alli fortes e destros succumbirão,  
E nadarão em sangue confundidos,  
Elmos christãos, turbantes musulmanos.

XXXV

O' bella Hespanha ! Terra gloriosa !  
Onde está o estandarte, que a Pelagio  
Guiou, quando de Cava <sup>81</sup> o pai rebelde  
Essas hordas chamára, que tingirão  
Com sangue gôdo as aguas de teus montes ?  
Onde os pendões estão ensanguentados,  
Que tremolárão sempre victoriosos  
Sobre teus filhos, quando os rechaçárão,  
Radiante a cruz vermelha , indo a minguar-se  
O pallido crescente, emquanto n' Africa  
Das mauritanas mãis echôa o pranto ?

XXXVI

Essas façanhas enchem teus romances.  
Para os heróes, que grande recompensa !  
Fallecem-lhes annaes e monumentos ;  
Mas revivem nas trovas populares.  
Desce orgulho da tua celsitude,  
Põe-te no teu lugar, vêr-te-has recluso  
No seio de uma copla ! Acaso julgas ,  
Que possam preservar tua vaidade  
Volumes, obeliscos e columnas,  
Com as da tradição singelas vozes,  
Quando a lisonja dorme, e a historia é injusta ?

XXXVII

Despertai, avançai, da Hespanha ó filhos !  
Dos vossos paladins o antigo Numen  
Clamando está por vós : mas não brandindo,  
Como outr'ora, sua lança encarniçada,  
Nem meneando o carmesim pennacho :  
Hoje entre o fumo d'inflamados bronzes  
Elle vóa, elle falla trovejando,  
E brada estrepitoso : « Álerta, erguei-vos ! »  
Terá hoje mais fraca voz, que d'antes,  
Quando seus hymnos marciaes se ouvião,  
Nas praias andaluzes reboando ?

XXXVIII

Não ouvis de corceis tropel medonho,  
E o clangor da peleja nessa brenha ?  
Vistes quem vão ferir micaces laminas ?  
E não salvais vossos irmãos dos golpes  
Desses tyrannos, e de seus escravos ?  
Fogos lethaes nos ares relampejão ;  
Cada descarga aos montes annuncia,  
Que milhares de vidas fenecêrão.  
Em sulphureos tufões a morte vóa,  
Seu rubro pé no sólo estampa a guerra ;  
E o rude choque os povos atordóa.

XXXIX

Vêde um gigante em pé sobre a montanha !  
Na coma côr de sangue o sol batendo,  
Nas mãos ardentes—fulgurante raio ;  
Seus olhos queimão quanto em torno fitão ;  
Nas orbitas já fixos, já rolando,  
Sempre ao longe centelhas desferindo.  
De ferro tem os pés, curvada a elles  
Inscribe a destruição seus feitos todos ;  
Pois nesse dia tres nações potentes  
Vem offertar perante suas aras  
Hecatombes de sangue que as deleita.

XL

Para o que alli não tem irmão ou amigo,  
Como é grandioso, ó céos, este espectáculo !  
Charpas rivaes de varias bordaduras,  
E as differentes armas no ar luzindo !  
Bravos galgos de guerra após da presa,  
Rangendo os dentes, vão correndo e uivando :  
Todos a caça alcanção ; mas bem poucos  
O triumpho partilhão ; porque ao tumulto  
Pertencer deve o principal despojo,  
E, apenas a carnagem quando exulte,  
Poderá contar armas, não soldados.

XLI

Tres hostes se dispoem ao sacrificio,  
Tres diversos idiomas fazem preces,  
Tres estandartes nitidos se arvorão,  
Gritão por França, Hespanha, Albion, Victoria !  
É aqui o lugar, onde o inimigo  
A victima acommette, e o nobre alliado,  
Que por todos peleja, e sempre embalde,  
Como se a patria lhe negasse um tumulo,  
Para de Talavera vir ao campo  
Dar pasto ao corvo, e fecundar o sólo,  
Que cada um delles conquistar pretende.

XLII

Lá tem de apodrecer esses honrados  
Ludibrios d'ambição !... sim porque a honra  
Cobre a terra, que guarda as cinzas delles.  
Vão sophisma ! Não são mais que instrumentos,  
Que os tyrannos repellem aos milhares,  
E despedação, quando já tem feito  
De seus peitos degrãos para subirem.  
P'ra que ?.. P'ra um sonho. Aos déspotas pertence  
Quanto a elles se acurva? Ou com verdade  
Podem dizer que é seu de terra um palmo,  
Salvo onde alfim seus ossos se despeção?

XLIII

Albueria! de dôr campo glorioso!  
Quando por ti passára o peregrino,  
Picando seu cavallo, quem previra,  
Que tão breve serias o theatro  
De garbo e sangue para imigas hostes?  
Descanço aos mortos! Do guerreiro o loiro,  
E o pranto do triumpho os recompensem.  
Té que outros cáião onde os guie o chefe,  
Será teu nome ouvido pelos circùlos,  
De boca aberta, e thema passageiro,  
Que brilhe nas canções, de ti não dignas.

XLIV

Basta dos filhos de Bellona! — Joguem  
C'o a vida barateando-a pela gloria,  
Que mal as cinzas pôde reanimar-lhes,  
Bem que em honra de um só milhares morrão.  
Felizes mercenarios, fôra injusto  
Negar-lhes nobre esforço, quando matão,  
E morrem pela patria, a quem podião  
Vivos envergonhar; pois, quando muito,  
Ou em mesquinhas rixas morrerião,  
Ou n'uma esphera, mais estreita ainda,  
Nas veredas do roubo perseguidos.



XLV

Childe Harold veloz segue a erma estrada,  
Té onde ufana e livre está Sevilha,  
Submettida inda não; mas cobiçada  
Presa do Usurpador! Breve a conquista,  
Com flammigero pé, poisando nella,  
Seus rastos tisanaráõ seus lindos predios.  
Inevitavel hora! Em vão se luta  
Contra o Fado, chegando as esfaimadas  
Hordas da destruição; senão Carthago,  
E Troya inda existirão, e a virtude  
Venceria baqueando o assassinato.

XLVI

Não conscia do porvir folga Sevilha  
Com canções e festins, passando as horas  
Em singulares diversões. Não sangrão  
Da patria as chagas nesses patriotas:  
Não do clarim guerreiro; mas da viola  
Ouvem-se os sons d'amor: aqui domina  
Soberana Folia os seus devotos;  
Anda a joven Lascivia à meia noite.  
E a par dos crimes, que em silencio infectão  
As capitaes, da peor casta os vicios  
Pegão-se aos muros seus quasi tombados.

XLVII

O lavrador, porém, com a consorte  
S'escondem, sem que ao longe os olhos lancem,  
Temendo ver da guerra o ardente sopro  
Os estragos, que fez, crestando as vinhas;  
Já do fandango alegres castanholas  
Das frescas tardes não consente a estrella.  
Ah! monarchas, se vós provar pudesseis  
Gozos que perturbais, não mais quizeis  
Trilhar da gloria a senda fadigosa;  
Calar fizereis do tambor os rufos;  
E vivêra feliz a humanidade.

XLVIII

Não gargantêa já nedio almocreve  
De amor ou devoção trovas, romances,  
Com que as jornadas suavisava outr'ora;  
Entre o tinir das rudes campainhas,  
Só canta agora— « Viva El-Rei Fernando »;  
Mas quantas pausas faz, tantas pragueja  
O Principe da Paz, o C..... Carlos;  
E a vez primeira, que a Rainha víra  
Do mancebo Godoi os olhos negros;  
Quando de seus adulteros deleites  
Surge a traição, de rosto afogueado.

XLIX

O extenso plaino alguns penedos c'roão,  
Com mouriscas torrinhãs nos seus pincaros ;  
No chão revolto, dos corceis o rasto,  
E pelo fogo sapecada a relva,  
Indicão que o inimigo se acampára  
N'Andaluzia. — Aqui foi das vedetas,  
E de avançados postos sitio, aonde  
O ninho do Dragão tomou de assalto  
A udaz camponio, que em triumpho aponta  
Com jactancia ás collinas, que por vezes,  
Ora forão perdidas, ora ganhas.

L

Quem quer que seja, que ande pela estrada,  
Traz pregado ao chapéo tópe encarnado,  
Que ensina a quem se dê « vivas ou morras »,  
E ai daquelle que em publico passêa,  
Sem da lealdade ter tal distinctivo;  
D'aguda faca o golpe é subitaneo !  
E havia arrepende-se o Gallo imigo,  
Se esses punhaes, occultos nos capotes,  
Pudessem embotar suas espadas,  
Ou do canhão os tiros desviassem.

LI

Tem a Serra Morena em cada lado  
Rochedos, cujos pincares sustentão  
Baterias de ferro ; e onde alcanção  
Nossos olhos, podemos nas montanhas  
Vêr obuzes, estradas encubertas,  
Estacadas, e fossos trasbordando,  
Gente nos postos, sentinella álerta,  
Nas duras rochas o armazem fornido,  
Casas de colmo, onde os corceis se abrigão,  
Empilhadas as balas em pyramides,  
E os morrões sempre acesos conservados.

LII

Presente-se o porvir ; mas esse déspota,  
Cujo aceno tombar fez os mais fracos,  
Inda se digna retardar o instante,  
Em que ha de levantar a ferrea vára.  
Logo virão suas legiões varrendo  
Nas suas marchas tudo, e o Occidente  
Ha de alfim conhecer do mundo o açoite.  
Triste será, Hespanha, esse teu dia,  
Em que da Gallia o abutre abrindo as azas.  
Voando sobre ti, teus filhos vejas  
Ás regiões da Morte arremessados !

LIII

Honradez, valentia, e juventude,  
Deverão succumbir, para engrossarem  
O damnoso poder de um chefe altivo?  
Ha só dois meios? Submissão ou morte?  
Deve a Hespanha cahir, e alçar-se o roubo?  
Decreta aquelle Deos, que adora o Homem  
O seu fim, sem que attenda as preces suas?  
Valor desesperado em vão se esforça?  
Sabios conselhos, zelo patriota,  
Joven ardor, prudencia veterana,  
Coragem varonil—é tudo nada?

LIV

Accordou com tal fim donzella hispana?  
E a guitarra sem cordas no salgueiro  
Pendurou, entoando hymnos de guerra,  
Com masculina audacia, e fez proezas.  
Ella, que outr'ora á vista de uma chaga  
Descorava, e de horror gelada ouvia  
O piar da curuja, agora vendo  
Mil bayonetas, e espadas rutilantes,  
Atravessa com passos de Minerva,  
Por cima de cadaveres inda quentes,  
Onde Marte talvez pizar teméra.

LV

Vós a quem maravilha a historia sua,  
Ah ! se a visseis em dias mais tranquilllos !  
Seus negros olhos, negro véo frustrando,  
E lhe ouvisseis a voz sonora e alegre !  
Se houvesseis contemplado os seus cabellos,  
As fórmãs de seu corpo, em que se notão  
Mil graças feminis, — mal poderieis  
Acreditar que havia Saragoça  
Vê-la, sorrindo á frente dos perigos,  
Desbastar as fileiras inimigas,  
E conduzir os seus da gloria á estrada.

LVI

Cabe seu amante — em vão ; ella não chora ;  
Morre o chefe — ella toma o fatal posto ;  
Vão a fugir os seus, — ella os impede ;  
O inimigo recúa — ella o persegue.  
Quem, como ella, do amante aplaca os manes ?  
Quem, como ella, de um chefe a morte vinga ?  
Que outra donzella renascer faria  
Esperanças nos homens já perdidas !  
Quem com tanto valôr investe aos Gallos,  
Que ás mãos d'uma mulher porfim succumbem  
Diante das muralhas arrasadas ? <sup>9</sup>

LVII

Amazonas não são da Hespanha as filhas,  
Para encantos de amor formadas forão :  
Se em armas hoje a seus irmãos igualão ,  
Ousando combater entre as phalanges,  
Tem a fereza só da terna rôla,  
Picando a mão, que vai tocar no pombo.  
Em constancia e brandura superando  
As outras d'outros climas, tão famosas  
Por sua aborrecida garrulice,  
Mais nobres n'alma são, iguaes nas graças.

LVIII

A covinha, que Amor deixára impressa  
Na barba, onde o dedinho lhe imprimira,  
Mimosa tez indica : nos seus labios  
Beijos se aninhão, que saltando exigem  
Valôr em quem pretenda merecê-los.  
Bello, arrogante olhar ! Debalde intenta  
De namorado o sol crestar-lhe as faces,  
Seu terno toque dá-lhes viço e brilho :  
Quem quer do Norte as pallidas beldades,  
Malfeitas, frouxas, languidas e frias ?

LIX

Vós, ó climas, que os Vates apregoão!  
Vós, harens desta terra, onde hoje ao longe,  
Pulso a lyra, em louvor da formusura!  
Vossas Huris mostrai-me, ó vós, que tendes  
Mêdo de que ellas puros ares bebão,  
E que a paixão de amor lhes traga o zephiro,  
Comparai-as de Hespanha com as filhas,  
E sabereis aonde imaginára  
Vosso sabio Propheta o Paraiso,  
Sempre habitado por celestes virgens,  
D'olhos negros, d'angelica bondade.

LX

Hoje que em ti, Parnaso, os olhos fito,  
Não delirante em sonhos, nem nos traços  
De fabulosos poemas; mas erguido  
Mesmo em teu céu, loução, envolto em neve,  
Na rude magestade das montanhas,  
Não te deve espantar, que eu solte o canto! ....  
Dos teus romeiros este o mais humilde  
Folgára junto a ti de ouvir teus échos  
De seu plectro os harpejos repetindo,  
Bem que de tuas altas sumidades  
Nenhuma musa mais desprenda as azas.



LXI

Hei contigo sonhado muitas vezes.  
Quem o teu nome ignora, não conhece  
O mais divino estímulo dos homens ;  
Porém vendo-te agora eu me envergonho  
De meus fracos accents dedicar-te,  
E, contando os antigos teus devotos  
Eu tremo, eu me prosterno, a voz não sôlto,  
Nem vaidoso me atrevo a erguer meus vôos ;  
Mas sob o teu docel annuviado,  
Contemplo-te em silencio, e me extasio  
De estar te vendo com meus proprios olhos.

LXII

Mais ditoso, que tantos nobres Bardos,  
A quem dado não foi sahir da patria,  
Posso eu ver sem abalo as sacras scenas,  
Que elles não conhecerão, só sonhárão ?  
Bem que Apollo sua gruta abandonasse,  
E que a Estancia das Musas ora esteja  
Convertida em seu tumulo, inda preside  
A estes sitios mavioso Genio,  
Que suspira nas auras, que as cavernas  
Em socego conserva, e que deslisa  
Seus vitreos pés por essas meigas ondas.

LXIII

Logo a ti volverei. — Já desviado  
De meu canto homenagens tributei-te,  
Deixando a Hespanha, os filhos seus, e filhas,  
E sua sorte tão cara aos peitos livres,  
Para saudar-te, não sem verter lagrimas.  
Torno a meu thema agora, e tu consente,  
Que leve uma reliquia, uma lembrança,  
Uma folha de daphne — immortal planta ;  
Mas não queiras, que as minhas esperanças  
Possão taxadas ser de orgulho frivolo.

LXIV

Nunca da Grecia nos primevos tempos,  
Viste cercar tuas fraldas gigantescas  
Um mais brilhante côro. Nunca Delphos,  
Quando entoavão suas Pythonissas  
Os seus hymnos, com fogo mais que humano,  
Vira um grupo mais digno de inspirar-lhes  
Cantos de amor, que as virgens Andaluzes  
Amamentadas no regaço ardente  
Das suaves paixões ! Assim vivessem  
Da paz á sombra como vive a Grecia,  
Bem que a gloria fugisse de suas plagas.

LXV

Bella Sevilha ! Em vão de antigos tempos  
Ostentas posição, força, e riqueza,  
Surge Cadiz na costa ao longe, e exige  
Mais ameno louvor, inda que ignobil.  
Como é suave a voluptuosa estrada,  
Em que se marcha ao vicio ! Quando o sangue  
Ferve na juventude ha quem resista  
Ao encanto de seu magico aceno ?  
É hydra, cujo halito fascina,  
Nas feições cherubim, que aos varios gostos  
Sabe moldar suas fórmas seductoras.

LXVI

Quando Paphos cahira ás mãos do tempo,  
Maldito tempo ! a ti tambem se rende  
Mesmo a rainha, a quem se curvão todos,  
Os prazeres fugindo procurarão.  
Outro igual quente clima, e a propria Venus,  
Constante só ao mar, que foi seu berço,  
Asylando-se em Cadiz, seu alcaçar  
No recinto fixou dos alvos muros ;  
Mas não quiz limitar seu culto a um templo,  
Erigio a seu rito mil altares,  
Onde brilha incessante o sacro fogo.

LXVII

Desde manhã té á noite, e desde a noite,  
Té que a aurora estrellada vem corando  
Sorprender do folgado as alegrias,  
Canções, roseas corôas, novos brincos,  
Diversões requintadas se succedem;  
Gozos sobrios não tem os que lá vivem,  
Os ruidosos festins nada interrompe ;  
Mas em lugar da devoção sincera,  
Arde o incenso fradesco, e ao mesmo tempo  
Amor e devoção reinão por turnos.

LXVIII

Chega o domingo, o dia d'ocio santo,  
Nestas plagas christãas como o consagração?  
Com solemne festança. Eia attendei-me.  
Urra o toiro feroz, e despedaça  
Garrochas, resfolgando pelas ventas  
Sangue que espirra d'homens e cavallos,  
Que elle á terra lançou c'o as duras pontas.  
Atrôão os applausos, por mais gritão ;  
Doido o povo se apinha, e se recrea  
Vendo entranhas rasgar ; não pestanejão  
As mulheres, nem mesmo affectão mágoa.

LXIX

De resa e jubileu setimo dia !  
Bem te conhece Londres, quando o ar tomão  
Hebdomadario o cidadão casquilho,  
Guapo caixeiro, ensaboado artifice.  
Berlindas d'aluguel, seges, carrinhos,  
E outros vehiculos inda mais humildes,  
Rodando por suburbios differentes  
A Hampstead , a Brentford , a Harrou affluem ,  
Té que o sendeiro já cansado estaca,  
Parando o carro em meio dos apupos  
Do invejoso camponio a pé calcando.

LXX

Algumas bellas, que de fitas se ornão,  
Em botes passear vão ao Tamisa.  
Mais seguras a estrada outras procurão,  
A Richmond umas vão, outras a Ware.  
Para o cimo de Highgate muitas fogem,  
Sabeis a que, ó sombras da Beocia ?  
Para o culto solemne dos dois Chifres <sup>10)</sup>,  
Que do mysterio a sacra mão sustenta,  
Em cujo nome os homens e as mulheres  
Fazem terrivel voto, e o consagrão  
Com dança e libações té que amanheça.

LXXI

Loucuras todas tem, não como as tuas,  
Cadiz, — do mar escuro — azul erguida !  
Assim que o sino da manhã dá nove  
Logo o beato pega nas camandulas,  
Repassa as contas, inquietando a Virgem,  
— A unica talvez que alli se encontre —  
Para absolve-lo de peccados tantos,  
Quantos são seus devotos. Finda a resa,  
Em enchentes ao curro se encaminhão  
Mancebos, anciãos, ricos e pobres,  
E de um mesmo folguedo juntos gozão.

LXXII

Abre-se a liça, fica a praça livre ;  
Sobre milhares sentão-se milhares  
Nas bancadas em torno sobrepostas,  
Muito antes que o signal dê a trombetá ;  
Já não acha lugar quem vem mais tarde.  
Eis alli tantos Dons, Grandes e Damas  
D'olhos sagazes, destras em volvé-los ;  
Mas promptas a curar as chagas que abrem :  
Por seu frio desdem ninguem lá morre,  
De amor varado pelas crueis settas,  
De que se queixão alhados Vates.

LXXIII

Pára o susurro, e quatro cavalleiros  
Em briosos corceis, lanças em punho,  
Pennachos côr de leite, esporas d'ouro,  
Para a luta arriscada se preparão :  
E cortejando o povo ao circo avanção,  
Com ricas fachtas, com gentis pinotes ;  
Se hoje na luta perigosa brilhão,  
Vivas do povo, olhar d'amor das damas,  
— O melhor premio das acções mais dignas —  
Eis quanto levão, que o labor lhes paga,  
E é quanto os reis e os generaes só ganhão.

LXXIV

Com lindas vestes, recamados mantos,  
Porém todos a pé, lestos capinhas  
Tomão o centro, ardendo por bater-se  
Com o rei armental ; mas vão primeiro  
O terreno explorar, medindo-o a passos ;  
Para que algum obstaculo imprevisto  
Não estorve a corrida. Elles por armas  
Tem garrochas, pelejão em distancia ;  
Pois mais não faz o homem sem auxilio  
Do propicio corcel — que, muitas vezes.  
Coitado ! soffre a morte em lugar delle.

LXXV

O clarim já tocado tem tres vezes.  
Logo que o signal trôa, o toiril se abre,  
E muda expectação reina entre o povo.  
O robusto animal sahe n'um só pulo,  
Olha feroz, escouceando a terra  
C'o a estrondosa pata, e não investe  
Cégo contra o inimigo: a um lado e a outro  
Elle aponta a cabeça ameaçadôra,  
O ataque calculando ; e a cauda erguendo,  
Raivoso a abana ; os olhos seus chammejão.

LXXVI

Elle subito pára, e fita o alvo :  
Foge, foge, ó mancebo descuidado ;  
Aprompta a farpa, agora, ou morre, ou toda  
A possivel destreza desenvolve,  
Para o deteres na carreira insana.  
Os espertos corceis virão-se a tempo ;  
Vôa o toiro escumando, não illeso ;  
Saltão-lhe dos ilhaes rubras torrentes ;  
Corre, rodeios faz de dôr oppresso ;  
As garrochas e as lanças se succedem ;  
Medonhos urros seu tormento exprimem.



LXXVII

Volta de novo ; — lanças, e garrochas,  
Corcovos de cavallo flagellados,  
Esforço humano, vingadoras armas,  
De nada servem ; — sobre o chão se estende  
Lacerado o cadaver de um ginete...  
Outro, que horrivel scena ! ei-lo estripado,  
Em seu sangrento peito descobrindo  
Da vida sua os órgãos palpitantes ;  
Já ferido de morte, fraco se ergue,  
Vacillante se arrasta, e do perigo  
Ainda seu senhor salvar consegue.

LXXVIII

Derrotado, sem folego, sangrando ;  
Mas té o extremo sempre furioso,  
Fica no centro o boi entre feridas,  
Enterrados farpões, partidas lanças,  
E inimigos fóra do brutal combate.  
Os capinhas brincando em torno movem  
Vermelhos mantos, apontando espadas.  
Novo esforço.... eis dispara, como um raio...  
Inutil furia ! Logo a mão traidôra  
Larga-lhe a capa, que lhe venda os olhos :  
O seu termo chegou, n'arena cahe.

LXXIX

Onde a enorme cerviz une-se ao dorso,  
Fica o gladio mortifero enterrado ;  
Primeiro immobil, depois salta, e indigna-se  
De ir á terra ; mas logo vagaroso,  
Cahindo entre alaridos triumphantes,  
Sem convulsão, sem um gemido expira !  
Chega enfeitado um carro, e nelle atirão  
O toiro morto. Oh ! quanto as turbas folgão !  
Quatro cavallos, que desprezão freios,  
Tão bravos, quão velozes, desaparecem  
C'o a carga, que passar apenas vê-se.

LXXX

Este o feroz recreio, que na Hespanha  
As donzellas attrahe, diverte os moços.  
Desde a infancia criados entre sangue ;  
Seus corações deleitão-se em vinganças,  
E escutão com desdem os ais do proximo.  
Privadas rixas manchão e perturbão  
Suas povoações, e bem que devão  
Combater em phalange o inimigo,  
Bastantes ficão sob humildes tectos,  
O golpe contra o amigo meditando,  
Por leve offensa, que seu sangue exige.

LXXXI

Já ciumes não ha: grades, ferrolhos  
Rugosa sentinella, aia discreta,  
E quanto, revoltando as almas nobres,  
P'ra engaiolar cruel caduco usava,  
Tudo expirou co' a geração passada.  
Que outras mulheres tem, como as de Hespanha,  
Sido tão livres, quanto forão antes  
Que da guerra o volcão arrebetasse,  
Quando com longas tranças sobre a relva  
Saltando, vinha a dansa allumiar-lhes  
Diana encantadora, astro da noite?

LXXXII

Oh! quantas vezes Childe Harold amára!  
Ou ao menos sonhára: amor é sonho.  
Porém seu triste coração estava  
Insensível agora; inda no Lethes  
Não-havia bebido, antes soubera,  
Que amor dotes não tem tão preciosos  
Como as azas. Por mais que elle pareça  
Joven, formoso e brando: — aguas amargas  
Da fonte do prazer correm suaves,  
Que as flôres borrifando, as empeçonhão.

LXXXIII

Mas de todo não é cego á belleza  
Que tanto agora o move, como ao sabio.  
Não que a philosophia a uma alma destas  
Se dignasse abaixar seus castos olhos ;  
Mas sim porque a paixão descança ou foge.  
Cavado tinha o vicio o voluptuoso  
Proprio sepulchro, onde enterrára ha muito  
Esperanças, que mais surgir não devem :  
Victima do prazer, da vida o tedio  
Na fonte lhe gravára o mesmo anathema  
Do maldito Caim errante sempre.

LXXXIV

Fóra da multidão tudo elle observa ;  
Mas não com olhos de misanthropia.  
Nas danças e canções elle folgára  
Tomar parte ; mas quem sorrir-se póde,  
Se do destino seu succumbe ao peso ?  
Quanto vê não minora as magoas suas.  
Inda contra o demonio uma vez luta,  
E junto da belleza então sentado,  
Solta sem meditar estes accentos,  
Dirigidos a encantos, como aquelles,  
Que os mais ditosos dias seus marcárão.

## A IGNEZ

1

Não te deves sorrir deste sombrio  
Rosto, d'onde os sorrisos tem fugido;  
Permitta o céu, que lagrimas a flo  
Em vão não vertas, como eu hei vertido.

2

Saber desejas que pezar secreto  
Mocidade e prazeres me envenena ?  
O teu desejo é frívolo, é indiscreto,  
Não podes dar allivio á minha pena.

3

Não é amor, nem odio, que me instigão,  
Nem da baixa ambição favor frustrado,  
Que minha sorte a maldizer me obrigão,  
E a fugir do que mais tenho prezado.

4

É certo tedio, que em minha alma peza :  
Quanto encontro, oiço, ou vejo me enfastia ;  
Já nem descubro encantos na belleza,  
O teu olhar apenas me extasia.

5

É profundo pezar continuo e forte,  
Qual no errante Judeu da fabula impera,  
Que, sem lançar a vista além da morte,  
Antes della nenhum descanso espera.

6

As mais remotas zonas desterrado  
Quem de si fugirá? Se mais me ausento,  
Do flagello da vida acompanhado,  
Mais me segue o demonio—pensamento.

7

Muitos estão no seio das delicias  
Desfructando quanto eu já desfructára ;  
Próvem elles dos sonhos as caricias ;  
Mas não acordem, como eu acordára.

8

Minha sorte é correr climas diversos,  
De aziagas lembranças perseguido,  
Sobrevenhão-me os casos mais adversos :  
O que é peor já tenho conhecido.

9

Mas o que é o peor? Ah! por piedade  
Vai-te sorrindo, e d'indagar desiste;  
Não rasgues do meu peito a cavidade,  
Para o inferno vêr, que nelle existe.

LXXXV

Adeos por muito tempo, ó bella Cadiz.  
Como olvidar-se a nobre resistencia  
Dessas tuas muralhas ? Quando as outras  
Mudárão todas, só fiel tu foste !  
Livre a primeira, a ultima vencida !  
Mas se, no meio dos violentos choques,  
Algun sangue dos teus tingio-te as ruas,  
Foi sómente um traidor <sup>11</sup>, que succumbíra.  
Tudo foi nobre, excepto a fidalguia :  
Ninguem beijou do vencedor os ferros ;  
Só os teus decahidos cavalleiros.

LXXXVI

Eis os filhos da Hespanha ! Oh ! caso raro !  
Pugnão por liberdade, nunca livres,  
Pugna um povo sem rei por null<sup>o</sup> estado,  
Fogem os chefes, batem-se os vassallos,  
Inda fieis aos da traição escravos.  
Amando a patria, que só deu-lhes vida,  
É o brio que os guia á liberdade.  
Se rechaçados são de novo avanção,  
Guerra é seu grito, guerra mesmo á faca. <sup>12)</sup>

LXXXVII

Quem mais quizer saber dos Castelhanos,  
Basta que lêa tudo o que ha de escripto  
Sobre suas pelejas mais sangrentas.  
Quanto astuta vingança inspirar possa  
De atroz contra inimigos estrangeiros,  
Lá se executa contra a vida humana.  
De tudo a guerra para si faz armas,  
Desde a espada fulgente á occulta faca.  
Ah ! possão defender irmãs e esposas,  
Corra o sangue dos féros oppressores,  
Persiga-os sem remorsos o exterminio.

LXXXVIII

Crêdes que aos mortos dá-se uma só lagrima ?  
Vêde os estragos do fumante campo.  
E as mãos tintas no sangue de milhares.  
Fiquem aos cães seus corpos insepultos,  
Pasto de abutres sejam seus cadaveres.  
Mas se os deixarem da rapina as aves  
Seus brancos ossos, seu coalhado sangue  
Apontem, com assombro pavoroso,  
O campo da batalha aos nossos filhos,  
Que não de ãssim conceber quanto nós vimos.



LXXXIX

Inda não consumou-se a horrivel obra.  
Novas legiões os Pyreneos arrojão.  
Inda ha sombras ; apenas se começa.  
Prever qual seja o fim mortaes não podem.  
A Hespanha observão decahidos povos,  
Se ficar livre mais nações liberta,  
Que as que os Pizarros seus agrilhoarão.  
Compensação estranha ! Hoje a Columbia,  
Em paz, repara os damnos que soffréra  
Quito, emquanto que o roubo e o assassinio  
Desenfreados a mãe-patria assolão.

XC

Todo o sangue vertido em Talavera,  
Da Barossa os combates prodigiosos,  
Em Albuera a grande mortandade,  
Nada pode firmar da Hespanha os fóros.  
Quando ha de florescer sua oliveira  
Livre da cresta ? Respirar quando ha de  
Dessa lida aviltante ? Ah ! quantos dias  
Dubios irão á noite antes que largue  
O salteador francez os seus despojos,  
E que da liberdade a planta exotica  
Em seu seio aclimada viva e cresça !

XCI

Tu, amigo, <sup>13)</sup> por quem um vão gemido  
Fôrça meu peito, e envolve-se em meus carmes,  
Se c'os bravos cahiras pelas armas,  
Calára o orgulho d'amizade o pranto ;  
Porém descer tão indolente ao tumulto,  
Sem loiros ; mas por todos esquecido,  
Menos por este coração saudoso,  
E unir o teu cadaver não sangrento  
A outros tantos mortos, cujos elmos,  
Menores do que o teu, c'roára a gloria...  
Ah ! porque succumbiste em tanta inercia !

XCII

Meu mais antigo e mais prezado amigo,  
Tu, que em meu coração sobrevivias  
A tudo, quanto de mais caro tive,  
Tu, para mim perdido sem remedio...  
Vêr-te aqui não me negues, mesmo em sonhos.  
Meu despertar renovará meu pranto,  
Lembrando minha dôr ; mas meus sentidos  
Sobre o ataúde teu irão pairando,  
Té que este fragil todo ao pó reverta,  
E em paz eterna descancemos ambos ;  
Eu que choro por ti, tu que és chorado.

XCHII

Da peregrinação eis uma parte,  
Que Childe Harold fizera ; e se mais delle  
Desejarem saber, outras noticias  
Hão de encontrar em paginas futuras,  
Se inda escrever quem hoje metrifica.  
Não digas, que é demais, critico austero,  
Paciencia, e ouvirás quanto vio elle,  
Nas terras a que a sorte o conduzira  
Onde existirão priscos monumentos,  
Antes que a Grecia barbaras mãos tocassem.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

### NOTAS DA DEDICATORIA

(1) Lady Carlota Harley, segunda filha de Eduardo, quinto conde de Oxford (depois Lady Carlota Bacon). No outono de 1812, época em que lhe forão dirigidos estes versos não tinha ainda 11 annos.

(2) Peri. Palavra persana, que significa — uma classe de seres em parte mulheres e em parte anjos.

(3) Gazella. Especie de antilope. « Tendes olhos de gazella. » E' no Oriente o comprimento mais lisongeiro que se pôde dirigir ás damas.

---

### NOTAS DO PRIMEIRO CANTO

(1) Aldéa de Castri, que occupa hoje uma parte do lugar onde outr'ora se erguia Delphos.

(2) Lord Byron tencionava a principio visitar a India.

(3) Esse pagem era Roberto Rushton, filho de um dos rendeiros de Lord Byron. « Levo comigo Roberto, diz o poeta, á sua mãe, em uma carta; estimo-o, porque, assim como eu, parece ser um animal abandonado e sem amigos. »

(4) William Fletcher, criado fiel, que, depois de 22 annos de serviço, durante os quaes, diz elle, S. S. foi para mim mais do que um pai, recebeu os últimos

suspiros do peregrino em Missolonghi e não abandonou o corpo de seu amo, senão depois de vê-lo enterrado na sua sepultura de familia, em Hucknell.

(5) O Sr. Alexandre Herculano protestou brilhantemente, no *Parocho da Aldeia*, contra a acrimoniosa severidade com que Byron julgou os Portuguezes.

(6) Vatheck, é um dos livros que mais admirei na minha mocidade. (Byron.)

(7) Descrevo os Portuguezes como os encontrei. Depois disso elles tem feito progressos, ao menos em coragem. (Byron).

(8) Cava, a filha do conde Juliano.

(9) Taes forão as proezas da donzella de Saragoça, que o seu valor a elevou á primeira plana entre as heroínas. Durante a estada do autor em Sevilha, ella passeava diariamente no Prado, ornada com as medalhas e ordens que a Junta lhe conferia.

As façanhas de Agostinha, a celebre heroína dos dous sitios de Saragoça, forão amplamente relatadas em um dos mais bellos capitulos da *Historia da guerra peninsular*, por Southey.

(10) Lord Byron allude a um costume ridiculo, usado outr'ora nas estalagens e tascas de Heghgaet, que consistia em fazer com que todos os viajantes da classe média prestassem um juramento burlesco. O individuo devia jurar, pondo a mão sobre um par de chifres, que nunca beijaria a criada, quando pudesse beijar a ama; que nunca comeria pão negro, quando pudesse come-lo branco; que nunca beberia cerveja fraca, quando pudesse beber da forte, etc. Ao qual juramento era sempre annexada esta clausula:—A menos que isso seja do seu gosto.

(11) Allusão á conducta e á morte de Solano, governador de Cadiz, em Maio de 1809.

(12) • Guerra mesmo á faca. • Resposta de Palafox ao general francez no cerco de Saragoça.


(13) John Wingfield, official da Guarda Real, que morreu de febre em Coimbra.



## CANTO SEGUNDO

---

1

 **V**em, Deosa do saber, virgem celeste !  
De olhos azues ! — Porém, oh ! dôr ! tu nunca  
Has dado inspirações a mortaes cantos —  
Aqui esteve, e aqui jaz, teu templo ainda;  
Bem que o incendio voraz, a guerra, <sup>1</sup> os seculos  
Extinguissem teu culto. Mais nocivo  
Que o ferro, a chamma e o tempo vagaroso,  
É o jugo feroz, o duro sceptro  
D'homens que o sacro fogo jámais sentem,  
Que os bem formados corações abraza  
Dos que a ti, dos que aos teus, a mente elevão.

II

Antiga, augusta Athenas, onde existem  
Teus homens de alma e de poder tão grandes?  
Forão-se: apenas do passado em sonhos  
Vislumbrão-se. Primeiros os que encelão  
Da gloria a senda, quando a ganhão somem-se :  
Contos d'eschola, assombros de um momento !  
Do guerreiro e orador, armas e mantos  
Buscão-se em vão; nas torres carcomidas,  
Que dos seculos a nevoa escurecêra,  
Mal se divisa do poder a sombra.

III

Surge homem d'hoje, chega-te e contempla  
Esta urna indefesa; não a offendas :  
Olha o lugar — dé uma nação sepulchro !  
Mansão de Nunes não fumegão aras.  
Rendem-se Deoses, religiões se mudão,  
Fôra Jove, é Mafoma; inda outras crenças  
Trarão os annos; té que aprendas, homem,  
Que em vão queimas incenso, e immolas victimas.  
Pobre filho da morte, e da incerteza,  
Firmas tua esperança em fraco esteio.



IV

À terra preso, aos céos ergues teus olhos :  
Não basta, ente infeliz, saber que existes ?  
Tens a existencia em tanto, qu'inda queres  
Outra nova alcançar, indo para onde  
Nem mesmo sabes, nem saber te importa,  
Comtante que do mundo aos céos te eleves ?  
Gosos e dôres sonhas no futuro ?  
Peza e observa este pó, antes que vôle :  
Mais que mil homilias diz esta urna.

v

Abre do heroe, que dorme solitario,  
Nessa praia remota, o altivo tumulto :<sup>2)</sup>  
Succumbio, e d'entorno se enlutarão  
As nações decahidas ; mas agora  
Não ha para chora-lo um só de tantos,  
Um só guerreiro, que devoto véle  
Onde, é fama, estiverão semideoses !  
D'entre as ruinas separa essa caveira  
É este um templo que habitára um Nume ?  
Té os vermes desdenhão tal destroço.

VI

Olha as paredes, a quebrada abóbada,  
Camaras desertas, porticos immundos :  
Foi este d'ambição aereo alcaçar,  
A mansão do pensar, palacio d'alma.  
Vê através das orbitas escuras,  
Já sem olhos, o vivido aposento  
Do engenho, do saber, das paixões livres.  
Tudo o que os sabios, santos e sophistas  
Escrepto tem, acaso pôde a torre  
Solitaria povoar, reconstrui-la ?

VII

Bem disseste, ó d'Athenas maior sabio,  
« Que só sabemos, que ignoramos tudo ».  
Porque fugir do que evitar não posso ?  
Todos soffrem, porém mais geme o fraco,  
Sonhando males que em sua mente gera.  
Segue o que o Fado ou Acaso determina ;  
A paz lá está na praia d'Acheronte,  
Onde farto conviva não reclama  
O forçado banquete : onde o silencio  
Do bem vindo repouso apresta o leito.

VIII

Mas se outra plaga. além da escura praia,  
Tem as alinas, como homens santos dizem,  
Dos Saduceos os dogmas afrontando,  
E os sophistas, de duvidas vaidosos ;  
Quão doce fôra ter a crença desses,  
Que nossas mortaes penas mitigárão !  
Ouvir vozes, que ouvir mais não contavamos ;  
Vér cada uma das egregias sombras ;  
Os dois sabios da Bactriana e Samos,  
E outros que a verdade hão estimado.

IX

Tu, cuja vida e amor, juntos fugindo,  
Deixárão-me isolado a amor e á vida,  
Tens lá meu coração : julgar-te-hei morto  
Quando nesta alma brilha a tua imagem ?  
Sonhando qu'inda havemos d'encontrar-nos,  
Affaga esta illusão vasio o peito :  
Da juventude restem as lembranças,  
Seja o porvir qual fôr, saber me basta,  
Que és bemaventurado, e sou ditoso.

X

Nessa pedra massiça vou sentar-me,  
De marmorea columna estavel hase.  
Aqui esteve o teu throno favorito,  
E o mais tremendo, ó filho de Saturno !  
O latente esplendor da tua estancia  
Deixa daqui traçar. Ai ! que não posso  
Crear na idéa o que desfez o tempo.  
Mas não deve um suspiro passageiro  
Dar-se a estas pilastras orgulhosas,  
Onde o Islamim assenta-se impassivel,  
E perto canta o leviano Grego ?

XI

Quem foi dos que assolárão este alcaçar  
No alto, onde Pallas hesitára afflicta  
Deixar de seu reinado antigo os restos,  
Quem foi o peor, quem foi o derradeiro ?  
Peja-te, Escocia, foi um de teus filhos,  
E não dos teus, ó Inglaterra, exulta !  
Os teus livres o que uma vez foi livre  
Havião respeitar; embora houvessem  
O Sacratio violado, e as tristes aras  
Carregassem sobre ondas reluctantes.

XII

Destróe com garbo vil, moderno Pieto <sup>3</sup>  
O que poupára o Gódo, o Turco e o tempo.  
Tão frio, como as rochas conterraneas,  
Duro de coração, esteril d'alma,  
Quem poude conceber, quem consummára  
Os pobres restos deslocar d'Athenas ?  
Sem força os filhos seus para a defesa  
De seu sagrado templo, a dôr materna  
Compartilhão, e só então conhecem,  
Quanto peção do despota as cadéas !

XIII

Pois que ! britannas bocas proclamirão,  
Que Anglia folgou c'o as lagrimas d'Athenas ?  
Ben que em teu nome os vis a lacerassem,  
Não o digas á Europa envergonhada.  
Tirar a livre rainha do oceano  
O misero espolio de uma terra exangue !  
Ella, que por auxilios generosos,  
Faz-se querida, vir com mãos de Harpia  
Arrancar o que os seculos invejosos  
Acatão, e que em pé deixão tyrannos !

XIV

Onde Pallas, estava a tua Egide,  
Que a Alarico sustou em seus estragos ? <sup>61</sup>  
De Peleu onde o filho ? E, como outr'ora,  
Não deveria surgir lá do Averno  
Em medonha armadura a sombra sua ?  
Não podia Plutão deixar de novo  
Vir o guerreiro afugentar da presa  
Esse outro salteador ? Na estygia praia  
Vaga ocioso, já não defende os muros,  
Que d'antes amparou com seu escudo.

XV

Tem, bella Grecia, coração de gelo,  
Quem te olha sem sentir, como um amante  
Vendo as cinzas d'amada ; é d'olhos torvos  
Quem vê por terra, sem chorar teus muros.  
E mãos britannas derrocar tuas aras,  
Quando devião defender reliquias,  
Que mais não se hão de restaurar ! Maldita  
A hora seja em que para ferir-te  
Inda o seio infeliz, lá de sua ilha  
Sahirão, e teus Deoses miserandos  
Do Norte ao clima odiado transportarão !

XVI

Mas que é feito d'Harold ? Devo esquecer-me  
De seguir sobre o mar o triste errante ?  
Pouco o abala o que a todos penalisa :  
Não tem fingidos ais de amada alguma,  
Nenhum amigo tem, que a mão lhe estenda,  
Esse frio estrangeiro, ao despedir-se  
Para outros climas — Coração tem duro  
Que não se rende a encantos ! — Como outr'ora,  
Insensivel' Harold, sem um suspiro,  
Poude a terra deixar de guerra e crimes.

XVII

Quem navegou no mar azul-escuro  
Um tão bello espectáculo ao certo ha visto !  
A fresca brisa enfuna as brancas vélas  
Da impavida fragata aparelhada.  
Fogem á pôpa praias, grimpas, mastros.  
No gurupés, magestoso, o mar se expânde.  
Dispersa-se o comboi — são cysnes voando.  
Lésto ora corre o barco mais ronceiro,  
E risonhas as vagas encrespando-se.  
Em cada uma das prôas vem quebrar-se.

XVIII

De guerra que pequeno mundo ha dentro !  
Engatão-se canhões, redes se estendem ;<sup>5</sup>  
Rouco é o mando, a manobra traz celeuma.  
A uma voz, já nas gavêas marinheiros,  
Chama o mestre, com grita animadora.  
Pelas mãos da maruja os cabos correm.  
Joven Guarda-marinha no seu posto  
Com força o tiple agudo ao longe estira ;  
Inda bem que a tripolação é docil,  
Pelo destro menino dirigida.

XIX

Sobre a tolda mui limpa e lusidia  
Stá de quarto o tenente, e grave marcha ;  
O chefe n'um lugar seu privativo  
Passeando arrogante e taciturno.  
Todos o temem, poucas vezes fala  
C'um subalterno, se guardar pretende  
A subordinação, que uma vez rôta,  
Lá se vão os triumphos e conquistas ;  
Mas os Bretões da lei raro se afastão,  
Por mais dura, que o seu poder vigora.



XX

Sópra, ó vento, e veloz impelle as quilhas,  
Té que o sol vá seus raios abrandando,  
Que é quando a capitaina amaina o panno,  
Alcance dando aos barcos vagarosos.  
Enfadona demora! que martyrio!  
Deixar por tão ruins bojos tão bom vento!  
Que leguas perdem-se antes d'alvorada,  
A pairar sobre mares bonançosos,  
Ouvindo-se bater as frouxas vélas  
Á espera de uns madeiros semelhantes.

XXI

Que linda tarde, oh! céos! Lá nasce a lua,  
Sobre as inquietas ondas espargindo  
Longos sulcos de luz. Agora em terra  
Suspira o moço, e cré nelle a donzella:  
Tal sorte lá me espere! Então ligeira  
Mão de toseco Arion prompta executa  
Toáda alegre do gosto da muruja;  
Auditorio jovial um circulo forma,  
Ou dança ao som da musica sabida,  
Sem cuidados alguns, como se em terra  
Ainda estivessem livres vagueando.

XXII

Pelo estreito de Calpe vêde as costas  
Alcantiladas d'Africa e da Europa,  
Podendo-se umas avistar das outras.  
Do fusco Mouro, e virgens d'olhos negros,  
Terras. que vemos, d'Hecate á luz pallida.  
Quando meiga ella aclára a costa hispana,  
Rochas, cerros descobre, e densas mattas.  
Que mesmo em seu mingoante se distinguem ;  
Mas carrancudas, gigantescas sombras  
Da Mauritana em projecção descendo,  
As praias e as montanhas escurecem.

XXIII

É noite, e é quando meditar nos lembra  
Que hemos amado, bem que amor findasse.  
Lamenta o coração ter-se illudido ;  
Já sem amigos, sonha que os tem inda.  
Quem ao pendor dos annos quer curvar-se,  
Se ao gozo, a amor, tão joven sobrevive ?  
Quando das almas a união se rompe  
Bem pouco tem que destruir a morte !  
Oh ! que idade feliz ! quem não quizera  
Voltar ainda uma vez a ser criança !

XXIV

Curvado do navio sobre a borda,  
Vendo nas ondas reflectir Diana.  
De esperança, e de orgulho esquece os planos  
A alma, e sem sentir busca o passado.  
Uma não ha, por mais desconsolada,  
Que não possua ou possuido houvesse  
Caro objecto, mais caro. que ella mesma,  
Uma idéa a que lagrimas tribute :  
Dôr que lampeja, em vão cançado o peito,  
Do oppresso coração quer expulsa-la.

XXV

Nas rochas meditar junto ás torrentes,  
Com pausa rastrear sombrias selvas  
Onde ha cousas que o homem não domina,  
E raro, ou nunca, humano pé pisára ;  
Subir, não visto, alpestres serranias,  
Com bravios rebanhos sem aprisco ;  
Estar só, sobranceiro aos precipicios,  
E espumeas catadupas—ninguem chame  
Solidão. sim colloquio c'os encantos  
Da natureza, que seus cofres lhe abre.

XXVI

Mas na turba, alarido, e trato de homens,  
Vendo, ouvindo, tocando e possuindo,  
Do mundo cidadão cansado, errante,  
Sem ter quem nos bemdiga, ou bemdigamos ;  
Mas só com esses que o esplendor cortejão,  
E na desgraça fogem sem que um delles,  
Dos que mais nos seguirão com lisonjas  
E protestos, deixasse por consciencia  
De rir menos se a vida terminassemos :  
Isto é que é solidão, isolamento.

XXVII

Passa mais feliz vida o santo eremita,  
Que a tarde sobre o Athos solitario,  
Atalaia no cume do gigante,  
Vê o mar azulado e o céu sereno :  
Quem lá se acha á tal hora embevecido,  
O sagrado logar a custo deixa :  
Quando o arrancão das scenas seductoras,  
Suspira, desejando ter tal sorte,  
E porque volta ao detestavel mundo,  
Do qual estava já quasi esquecido. <sup>6)</sup>

XXVIII

Deixemos a enfadonha longa estrada,  
Que tantos trilhão, sem ficarem rastos ;  
Calmarias, tufões, mudanças, bordos,  
De ondas e ventos séstros costumados :  
Os prazeres, as magoas dos marujos,  
Na alada cidadella, que o mar cinge :  
Ruim tempo, ou hom, contrario ou favoravel,  
Viração, que ora vem, ora escassêa,  
E empola as aguas, té que um dia alegre...  
Eis a terra !... Estão todos satisfeitos !

XIX

Mas em silencio de Calypso as ilhas  
Não se passe : irmãs são que o mar habitão.  
E ao cançado viajor dão porto amigo ;  
Bem que ha muito deixára a bella Deosa  
De chorar, vigiando em vão das rochas  
Quem preferir lhe ousou mortal esposa.  
D'alli treuendo salto áquellas ondas,  
Fez o austero Mentor, que o moço desse,  
E abandonando-a os dois, a Real Nympha  
Duplamente por elles suspirára.

XXX

Se o seu reinado e glorias já passarão,  
Não te fies, sentido ! incauto joven !  
Nova Calypso achar inda lá podes :  
É mortal e seu sceptro é perigoso.  
Meu vago coração desamorado,  
Ah ! se o dêsse... era a ti, terna Florencia !  
Mas laços taes me prendem, que eu não ousou  
No teu altar depor indigna offrenda,  
Nem pedir a um ente tão querido  
Que pene pelas penas que padeço.

XXXI

É assim que Harold pensa contemplando  
Os olhos dessa dama, cujos raios  
Sómente admiração nelle produzem !  
De parte Amor está, talvez não longe.  
Preso e perdido o teve muitas vezes ;  
Mas sabendo não ser já seu devoto,  
Não mais quer-lhe o menino entrar no seio,  
E tentando ora, em vão, amar faze-lo,  
A final se convence o deos pequeno,  
Que nelle o imperio seu cessado havia.

XXXII

Certo a bella Florencia vê com pasmo,  
Quem se dizia suspirar por todas,  
Resistir firme ao brilho dos seus olhos, <sup>7</sup>  
Em que outros, com ficticio ou real assombro,  
Destino, esp'rança, lei, castigo, encárão,  
E tudo o que á belleza se tributa.  
Surprende-a. que não sinta esse mancebo,  
Nem mesmo finja, a tão falada chamma,  
Q'inda que ás vezes faz franzir ás damas  
As sobranceiras, raro as enraivece.

XXXIII

Bem pouco ella conhece este, que mostra,  
Por seu silencio e repressivo orgulho,  
Ter coração de marmor, quanto é destro  
N'arte das seducções, <sup>8</sup> como bem longe  
Sabe estender suas redes voluptuosas :  
Nunca tendo deixado esses mãos actos,  
Em quanto achou objectos dignos delle.  
Mas não confia Harold mais nessas artes;  
Desses olhos azues gostar podia,  
Sem ser da chusma dos chorões amantes.

XXXIV

Mal conhece as mulheres quem presume,  
Com suspiros ganhar entes tão varios ;  
Que lhes importão corações já dellas ?  
Culto proprio rendei ao vosso idolo,  
Nunca humilde de mais. senão quizerdes,  
Que de vós zombe e da eloquencia vossa.  
Mesmo a ternura disfarçai prudente.  
Co' a mulher mais convém ser confiado ;  
Deveis ora enfada-la, ora aplaca-la,  
Que ha de coroar Amor os vossos votos.

XXXV

Velha lição, que o tempo ha confirmado !  
Os que a sabem melhor, mais a deplorão :  
Quando o premio se obtem, que anhelão todos,  
É tal que mesmo não valera a pena.  
Mocidade, razão, honra, perdidas,  
Da paixão satisfeita eis quaes os fructos !  
Se por cruel favor frustrão-se as nossas  
Primeiras esperanças té á ultima,  
Nos corrõe uma chaga, que nem cura  
Amor, quando agradar já não pretende.



XXXVI

Vamos : não mais meu canto se retarde ;  
 A galgar inda temos muitos montes,  
 Muitas a costear variadas praias.  
 Melancolia, não ficção, nos leva  
 Às mais bellas regiões, que a mente humana  
 Nos devanêos seus figurar possa,  
 Ou que leão-se em novas utopias,  
 Sobre o que pôde, ou deve ser o homem ;  
 Se é que a tão corrompida creatura,  
 Jamais pudesse tal lição ser dada.

XXXVII

É sempre a Natureza a mãe mais terna,  
 Bem que mudavel, meigo é seu semblante.  
 Inda em seus seios nós sugar me deixem ;  
 Mesmo sem della ser filho mimoso,  
 Não me desmamentei. Quanto é mais bella,  
 Em suas rudes feições, quando mancha-la  
 Inda ousado não tem polidas artes !  
 Para mim risonha, seja dia ou noite,  
 Observo-a, quando os outros não a encarão ;  
 Mais busco-a, e mais me apraz se a vejo em colera.

XXXVIII

Terra d'Albania ! onde a luz vio Iskander  
— Thema de jovens, e pharol dos sabios —  
E o de igual nome, que aterrou por vezes  
Com façanhas marciaes seus inimigos :  
Terra d'Albania, dá que eu lance os olhos  
A ti, feroz nutriz de barbara gente !  
Descida a cruz, teus minaretos sobem,  
Brilha no valle pallido crescente,  
Por entre os muitos bosques de cyprestes,  
Que em torno das cidades se divisão.

XXXIX

Harold veleja e passa o esteril ponto,  
D'onde espreitava o mar triste Penelope,  
E avante o monte vê, nunca esquecido,  
Do amante asylo, da Lesbiana tumulo.  
Não puderão, ó Sapho, immortaes versos  
Salvar um peito em fogo eterno acceso ?  
Quem deu vida immortal viver não pôde ?  
Se é que aguardar á lyra é permitido  
A immortalidade — esse céu unico,  
A que os filhos da terra aspirar podem.

XI.

Foi de um outomno grego em tarde amena,  
Que ao longe Childe Harold saudou Leucate, <sup>9)</sup>  
Que elle ha muito quer vêr , té sem deixa-lo.  
Muitos d'extinctas guerras vio theatros,  
Accio, Lepanto, Trafalgar funesto ;  
Sem abalo os olhou — que o não deleitão  
— Porque nascêra sob um astro inglorio—  
Contos de guerras, de sangrentas rixas ;  
Repugna-lhe o guerreiro mercenario,  
E de arreganhos militares zomba.

XLI

Mas quando vê da tarde a estrella sobre  
Leucate, d'infortunios promontorio,  
D'infructifero amor final recurso,  
Sente ou julga sentir ardor ignoto.  
Quando altivo baixel lento resvala  
Do antigo monte á sombra, elle observando  
Como saudosas vão correndo as aguas,  
Inda qu'immerso, como estar costuma,  
Em pensamentos, mostra mais serenos  
Os seus olhos, mais lisa a fronte pallida.

XLII

Raja o dia: eis d'Albania os asperos montes,  
De Sûli as rochas e do Pindo o cume,  
Que a nevoa tolda, orvalhão niveas fontes,  
E pardas e purpureas listras ornão.  
Assim que vão-se as nuvens desdobrando,  
Do montanhez descobre-se a morada :  
A aguia aguça o bico, os lobos vagão :  
Aves, feras, e homens de rapina,  
Tempestades em torno se agglomerão,  
Para açoitarem do anno a estação ultima.

XLIII

Acha-se, emfini, Harold ora isolado !  
Diz a idiomas christãos adeos saudoso,  
E aventura-se n'uma praia ignota,  
Que a todos causa pasmo, horror a muitos.  
De pouco elle carece, arrosta o Fado :  
Nunca foge a perigos, nem os busca.  
O espectaculo é selvagem, mas é novo ;  
Suavisa das viagens incessantes  
As fadigas, e faz que elle do inverno  
Os desabridos aquilões rebata,  
E grato seja-lhe o calor do estio.

XLIV

A cruz vermelha alli, — pois inda existe,  
Bem que ultrajada pelos circuncisos—,  
Já de brazão não serve a farto clero ;  
Desprezados seus padres, e devotos.  
Torpe superstição ! Com qualquer mascara,  
Ou symbolo, que adoptes—santo ou idolo,  
Virgem, propheta, a cruz, ou o crescente,  
Só lucra o sacerdocio, os outros perdem.  
Do verdadeiro culto, ah ! quem pudera  
Desentranhar do oiro o lithargyrio !

XLV

Eis o golpho d'Ambracia, onde perdeu-se  
Por uma bella inoffensiva um mundo !  
Suas forças navaes a essa bahia  
Chefes de Roma e d'Asia reis trouxerão  
Para matança certa e dubia luta.  
Alli trophéos ganhou Cesar segundo,  
Ora mirrados, como a mão que ergueu-os.  
Imperiaes anarchistas, que aos humanos  
As penurias augmentão ! Deos, teu globo  
Para jogos de azar lhes confiaste ?

XLVI

Dos alcantis dessa escabrosa terra,  
Até ao centro dos da Illyria valles,  
Sublimes Childe Harold transpóz montanhas,  
E plagas, que recorda a historia apenas ;  
Raro tão lindas, na Attica famosa,  
Varzeas s'encontrão: nem Tempé formoso  
Ostenta encantos taes, mesmo o Parnaso  
Adorado, em chão classico e sagrado,  
Rivalisar não pôde em certos sitios  
Com alguns que jazem nessa encosta occultos.

LXVII

O frio Pindo do lago d'Acherusia,  
Passando, deixa a capital cidade.  
Alongando-se avante, para o chefe <sup>10</sup>  
Saudar d'Albania, cuja voz tremenda  
É lei, sem lei; pois com sangrento braço  
Rege este povo audaz e turbulento.  
Inda assim alguns bandos montanhezes  
Zombão do seu poder, mesmo o provocão  
De cima do rochedo, onde se acoutão,  
E jámais rendem-se, a não ser ao oiro.

LXVIII

Sob a tua sombra, ó Zitza monastica,  
Local pequeno, protegido e santo,  
Se de cima. debaixo, ou em torno olhamos,  
Que côres do Iris, e que enlevos mágicos !  
Rochas abundão, rios, selvas, montes,  
O azul do céu harmonisando o todo :  
E o distante rugido das torrentes  
A cataraeta indica vir rolando.  
A despenhar-se d'iminentes rochas,  
Que nossa alma horrorisáo e deleitáo.

XLIX

Por entre as arvores que copadas c'roáo  
Esse outeiro, que, sem outros mais altos  
Contiguos, que alta cordilheira fórmão,  
Podia só por si ser magestoso,  
Alvas paredes de um mosteiro brilhão,  
Onde habita o caloiro, e que, nem rude,  
Nem mesquinho, em sua mesa acolhe sempre  
Todo o viandante: o qual d'alli sahindo,  
Sem saudades não vai, se se deleita  
De ver brilhar benigna a Natureza.

L

Na quadra mais calmosa aqui repouse ;  
Arvores annosas cobrem fresca a relva,  
Azas brandas do Zéphiro o abanão,  
O ar do mesmo céu livre respira,  
A planicie é lá embaixo; enquanto pôde  
Puras delicias goze. Ahi não penetra,  
Raio, que abrasa, infecto de miasmas.  
Estenda-se a comprido o peregrino,  
Em ocio, e descansado observe como  
A madrugada, o dia e a tarde correm.

LI

Atros, enormes, alargando á vista  
Eis nos dois lados, de Chimera os alpes,  
Da Natura volcanico Amphitheatro.  
Vê-se embaixo agitar-se um vivo valle,  
Saltão rebanhos, arvores baloição,  
Ribeiros correm, na montanha o abeto  
Menêa a coma : ahi 'stá negro Acheronte.  
Out'roro consagrado ao Sepulchrario !  
Se isto é, Plutão, o inferno, que estou vendo,  
Dos Elysios podeis fechar-me as portas,  
Que a nenhuma bater irão meus manes.



LII

Lindo painel não manchão civis torres.  
Não vê-se Yanina, posto que não longe,  
De collinas a esconde um anteparo.  
Poucos homens e aldéas, raras choças ;  
Porém para pastar, de pedra em pedra  
Pula a cabra. Lá está o pastorinho,  
Embuçado no seu capote branco,  
E pensa no rebanho tresmalhado,  
Encostando o pequeno corpo á rocha,  
Ou na caverna espera que a violencia,  
Que pouco dura, da tormenta passe.

LIII

Onde, ó Dodona, está teu bosque antigo?  
A prophetica fonte, o divo oraculo?  
Que valle echôa o que responde Jove?  
Do alcaçar do Tonante onde os vestigios?  
No esquecimento ! Afflige-se inda o homem,  
Que da vida ao fugir quebrem-se os vinculos?  
Nescio ! Dos deoses te console a sorte :  
Sobreviver ao robre e marmor queres,  
Quando devem nações, idiomas, mundos.  
Tudo debaixo succumbir do golpe ?

LIV

Apoz confins do Epiro acabão montes ;  
Cançada a vista de continuo erguer-se,  
Folga poisar n'um valle o mais sereno,  
Que enroupa a primavera em verde relva.  
Na campina ha bellezas não mesquinhas,  
Quando alteroso nella rôda um rio,  
Nas margens suas balançando os bosques.  
Danção as sombras n'agua. em que se espelhão,  
Ou dormitão n'um extasis solemne,  
C'os reflexos da lua á meia noite.

LV

Por trás do Tomerito o sol sumira-se,  
Perto rolando o largo altivo Laos ;  
Da noite accumulavão-se inda as trévas,  
Quando escabrosas, serpeando, as margens,  
Vê Childe Harold, nos céos quaes meteóros,  
Luzir de Tepalem os minaretos,  
Que ao rio sobranceiros tem seus muros ;  
E aproximando-se ouve de guerreiros  
Susurro , confundido com o das auras,  
Que suspirão por todo o extenso valle.

LVI

Passa do Harem sagrado ás mudas torres,  
E debaixo da larga porta arqueada ;  
Vê do Chefe do Estado a residencia,  
Cuja pujança em torno se apregôa.  
Não vulgar pompa o déspota circumda;  
Emquanto agita-se a da côrte azáfama,  
Os escravos, eunuchos, e soldados,  
Os seus convivas, e os santões esperão :  
Dentro é palacio, fóra fortaleza,  
Homens das nações todas lá concorrem.

LVII

Ginetes com magnificas gualdrapas,  
Arnezados em filas, e armas bellicas ,  
Embaixo o saguão vasto circulavão,  
E o corredor em cima ; estranhos grupos.  
Range d'area o portão, sahe delle o Tartaro,  
De gorra alta, ao corcel dando de espóras ,  
O Turco, o Grego, o Albanez, e o Mouro,  
Em variegados trajos confundidos.  
No entanto o rufo do tambor guerreiro,  
Grave, do dia o termo annunciava.

LVIII

De surtum té á curva o Albanez fero ;  
Fuzil lavrado, um xále na cabeça,  
Vistasas roupas d'ouro recamadas ;  
De faixa carmesim o Macedonio ;  
O Delhi com sua gorra, que faz medo,  
E curvo alfange ; o leve e lesto Grego ,  
Da fusca Nubia o filho deslocado.  
E o pouco fallador barbudo Turco,  
Que, dominando quanto em torno o cerca,  
Poder de mais tem para ser affavel,

LIX

Confundem-se : uns, em grupos reclinados,  
A matizada scena em roda observão.  
Curvado está resando um Musulmano ;  
Alli funão alguns, os outros jogão ;  
Soberbão Albanez pizando a terra,  
E em baixa voz o Grego conversando.  
Atenção ! da mesquita o minareto  
Solemnes sons nocturnos repercute :  
« Não ha Deos senão Deos » brada o Muezzino :  
« Olá ! vinde resar, só Deos é grande. » !

LX

Era então Ramadan, e a penitencia  
Do jejum todo o dia se guardava :  
Mas passado o crepusculo vespertino,  
Tornavão a reinar folia e festas.  
Tudo bulicio então, aberta a mesa  
Com profusão a preparavão servos.  
Quasi inutil, deserta a galeria,  
Só dos quartos confuso ruido vinha,  
Quando entrava ou sahia o escravo e o pagem.

LXI

Aqui voz de mulher não se ouve : á parte  
Com guarda , e véo andar mal lhe permittem :  
Coração e pessoa a um só dá ella ;  
Afeita ao carcer, nem gyrar deseja.  
Do amor de seu senhor não desditosa,  
Aprazem-lhe os de mãe ternos desvelos,  
Dever santo ! O melhor dos sentimentos !  
Ella mesma amamenta o seu filhinho,  
Que, nunca de seus seios separado,  
Jámais inclinações terá malignas.

LXII

Dentro de um pavilhão de marmor , onde  
No centro erguida fonte d'agua limpida  
Branda esparzia em borbotões frescura,  
Em coxim fôfo e voluptuoso estava  
Deitado Alli, devastador guerreiro,  
Em cujo idoso, venerando rosto  
Radiava tão serena amenidade,  
Que nas feições ninguem distinguiria  
Os, que ellas cobrem, crimes, que o degradão.

LXIII

Não porque essa comprida barba branca  
Mal c'o as paixões condiz da mocidade ;  
Os annos vence amor—Hafiz o affirma,  
De Theos canta o bardo, e o canto é certo ;  
Mas crimes, surdos da piedade ás vozes,  
Impropios d'homens, inda mais de velhos,  
Com o dente do tigre o tem marcado :  
O sangue pede sangue, e o mortal prazo  
Concluem, pelos actos mais sangrentos,  
Aquelles, que com sangue o começarão. <sup>11)</sup>

LXIV

Querendo vêr e ouvir objectos novos,  
Fatigado aqui pára o peregrino,  
O musulmano luxo contemplando,  
Tê que esta vasta séde da opulencia,  
E da lascivia logo lhe aborrece.  
Retiro, que escolheu farta a grandeza  
Do ruido da cidade — é certo fôra  
Mais aprazivel, sendo mais humilde:  
Rejeita a paz os gozos estudados,  
Mixtos corrompem-se o prazer e o fausto.

LXV

Feros d'Albania os filhos — não lhes faltão  
Virtudes, assim fossem mais maduras.  
Que inimigo jámais lhes vio as costas?  
Quem da guerra os afans tão bem supporta?  
Mais firmeza não tem seus patrios montes,  
Qu'elles em dubios revoltosos tempos.  
Sua colera é lethal, certa a amizade,  
Valor e gratidão; se exigem sangue,  
Lanção-se impavidos onde os guia o chefe.

LXVI

Nos paços deste Childe Harold os víra  
Com brilho e gloria juntos para a guerra ;  
E os vio depois, quando elle mesmo esteve  
Em seu poder, da desventura victima.  
Hora afflicta, em que mais os máos opprimem,  
Mas elles nos seus tectos o abrigarão,  
O que outros menos barbaros não farião,  
E nem olha-lo havião seus patricios.  
Quando se poem os corações á prova,  
Quão poucos sahem puros desse ensaio !

LXVII

De Suli á escarpada costa um dia  
Contrarios ventos seu baixel levando,  
Tudo em redor desolação e trevas ;  
Risco em desembarcar, mais na demóra.  
Vacillando algum tempo os marinheiros,  
De traidora emboscada suspeitosos,  
Aventurão-se, emfim, na cruel duvida,  
De que aquelles, que o Franco e o Turco odêão,  
Outra vez se mostrassem carniceiros.



LXVIII

Vão terror ! Os Suliotas lhes estendem  
Mão bemfazeja, os guião pelas penhas,  
Atravessando os perigosos pantanos,  
Mais, que o polido e brando escravo, affaveis,  
Poem lenha ao fogo, as vestes lhes enxugão,  
Cheia a taça, a candêa alegre atiçãõ,  
Frugal repasto — quanto tem presentão:  
Actos raros de cunho philantropico !  
Dar pousada ao viandante, alivio ao triste  
É liçãõ para os bons, dos mãos vergonha.

LXIX

Acontece, que quando elle pretende  
Este deixar terreno montanhoso,  
Trancão a estrada, em bandos, desertores,  
Que ao longe e perto a ferro e fogo assolão.  
Uma escolta fiel por isso toma  
De aguerridos, tismados de fadigas,  
Por passar d'Arcania a selva immensa,  
Té sandar d'Achelous as brancas aguas,  
E as campinas da Etolia vér ao longe.

LXX

Onde em circ'lo Utraikey fórma enseada,  
A que vem descansar fulgidas vagas,  
Em cujo calmo seio a densa rama  
Debruça á meia noite o verde outeiro,  
E brandos d'oéste, susurrando os ventos,  
O azul sereno mar sem franzir beijão,  
Bem acolhido Harold passar não pôde,  
Sem abalo, por este ameno sitio,  
Pois que muitos folguedos presencia,  
Sob os auspicios da fagueira noite.

LXXI

A lisa praia aclarão as fogueiras.  
Finda a festa, circula o rubro vinho;  
Quem se acha acaso alli — maravilhado,  
Estupefacto, e boquiaberto fica.  
Da noite, antes que as horas mortas passem,  
Começa nacional divertimento:  
As espadas largando os Palikares ; <sup>12)</sup>  
Dando-se as mãos os homens com os homens,  
Ululando medonhas cantarolas,  
Da tribu sua as danças executão.

LXXII

Estava Childe Harold pouco distante,  
Não sem gosto, observando esta galhofa,  
Puro gozo, inda rude, o não enjoja:  
Espectaculo vulgar não é de certo  
O de festança barb'ra, mas decente.  
Nos rostos seus reverberando as chammas,  
Facil meneio, em brasa os pardos olhos,  
Longas soltas guedelhas té á cinta,  
Emquanto em córo entôão esta letra,  
Que uma metade canta e a outra guincha :

1

Tamborim, Tamborim! levão longe tuas notas  
Esperança, e promessa de combate aos valentes,  
Montanhezes despertão os teus rufos cadentes,  
Chimarotas, Illyrios, e morenos Suliótas.

2

Quem é mais que o Sulióta em batalha tremendo,  
Com sua tunica branca e capote felpudo?  
Deixa ao lobo, ao abutre, o rebanho lanudo,  
Qual torrente da rocha, para o campo descendo.

3

Chimarota, que mesmo não perdôa ao amigo  
Leve culpa, consente o inimigo viver?  
Com fuzil, que não erra, sua vingança perder,  
Quando o alvo mais certo tem no peito do imigo!

4

Macedonia se invictas suas hostes mandar,  
Por um tempo os covis deixarão e caçadas,  
Côr de sangue suas faixas ficarão mais roxeadas,  
Antes que a espada larguem da peleja ao cessar.

5

Os de Parga piratas sobre o mar moradores,  
Vão ao pallido Franco ser escravo ensinando,  
Sua barca, seus remos, lá na praia deixando  
Dos cativos em terra vão ser os conductores.

6

Os prazeres não quero, se as riquezas os dão.  
Dá-me a espada o que o fraco só comprando é que alcança,  
Pela espada hei de eu ter noiva de longa trança;  
Muitas virgens das mãis arrancadas serão.

7

De uma joven donzella apraz-me o lindo rosto,  
Terna me ha de affagar, com canções m'embalando,  
A sua lyra afinada á sua camara buscando,  
Para em versos cantar de seu pai o desgosto.

8

Entre os ais dos vencidos, vencedores gritando,  
Do momento lembrai-vos, que a Previsa <sup>13)</sup> deu baque,  
Incendiados os tectos, repartimos o saque,  
E matámos os ricos, as beldades salvando.

9

Medo agora e piedade ninguem discutirá;  
Quem bem serve o Vizir conhecê-los não deve:  
Desde o nosso propheta o Crescente não teve  
Chefe tão glorioso como é Alli Pachá.

10

Ao Danubio enviado foi seu filho Mutchar, <sup>14)</sup>  
Tremão ruivos Giaurs <sup>15)</sup>, quando a cauda avistarem;  
Quando as margens de sangue os Delhis <sup>16)</sup> alagarem,  
Moscovitas bem poucos poderão escapar.

11

Do chefe a cimitarra desnuda, Selictar! <sup>17)</sup>  
Tamborim, os teus rufos guerra estão promettendo,  
Montes, vós, que nos vedes para a praia descendo,  
Ver nos-heis vencedores, ou mais nunca voltar.

LXXIII

De um poder morto és, Grecia, o misero resto!  
Immortal, mas não vives; cahes, e és grande!  
Quem guiar pôde os filhos teus dispersos?  
Á escravidão afeitos, quem livra-los?  
Não d'outr'ora guerreiros voluntarios,  
Sem esperanças, aguardando o exicio,  
No sepulchral estreito das Thermopylas.  
Quem reassumindo a si tão nobre espirito,  
Ha de saltar das margens lá do Eurotas,  
Para vir de teu tumulo chamar-te?

LXXIV

Da liberdade espirito, quando em Phyle  
Com Thrasibulo e sequazes te fartaste,  
Previste esta hora amarga de crestar-se  
A relva de teus bellos campos Atticos?  
Não te agrilhão mais trinta tyrannos;  
Mas qualquer bruto na tua terra impera;  
Nem se erguem filhos teus, com vãos motejos;  
Tremem debaixo do azurrague turco:  
Desde que nascem, té á morte, escravos,  
Nas palavras e acções já não são homens.

LXXV

Salvo a figura, em tudo quão mudados !  
Mas quem seus olhos inda vê faiscando  
Crê de novo em seu seio arder teu raio,  
Não extinto, ó perdida liberdade !  
Sonhão muitos que a hora se aproxima,  
Que de seus pais lhes restitua a herança ;  
Armas, e auxilio anhelão do estrangeiro:  
Sós — não ousão oppôr-se á furia imiga,  
Nem riscar dessa luctuosa pagina  
Da escravidão seus nomes aviltados.

LXXVI

Não sabeis vós, hereditarios servos,  
Que quem livre quer ser dá mesmo o golpe ?  
Que tal conquista é só para o seu braço ?  
Quer vingar-vos o Gallo ou o Moscovita ?  
Subjugar podem vossos oppressores ;  
Mas para vós não hão de arder as aras  
Da liberdade. O' sombra dos Helotes !  
Do inimigo triumphai ! — Senhores, Grecia,  
Podes trocar — tua condição é a mesma ;  
Que os dias teus de gloria são passados ;  
Mas inda não do teu opprobrio os annos.

LXXVII

Cidade de Giaur, para Allah ganha,  
Pôde o Giaur rehver da raça infida ;  
A do serralho impenetravel torre  
Pôde o Franco acolher — hospede antigo ;  
Pôde o Whabita rebél, que audaz roubára  
Do tumulo do propheta o santo espolio,  
Voltar ao oéste seus sangrentos passos ;  
Mas neste sólo malfadado nunca  
Virá mais asylar-se a liberdade ;  
Sempre escravos a escravos succedendo,  
N'um infindo lidar volverão annos.

LXXVIII

E alegre, vêde-os — antes da quaresma,  
Penitencia, que ordenão santos ritos,  
Em confissão de seus mortaes peccados,  
Com diurnos jejuns, nocturnas rezas.  
Antes que o penitente o sacco vista,  
Dá-se alguns dias de folgança a todos,  
Prazer, que, a modo seu, cada um partilha,  
Já dançando com trajos multicôres  
No mascarado baile, já seguindo  
Do brincão carnavaal jocosos bandos.



LXXIX

E aonde mais que em ti, desses folguedos  
Hão reinado, Stamboul? Sob o teu sceptro  
Manchão turbantes de Sophia o templo,  
Para as suas aras olha embalde a Grecia:  
(Ah! que seus ais vem traspassar meus carmes!)  
D'antes seus menestreis, seu povo livre,  
Prazer sentião, que hoje fingir devem;  
Scenas muitas não vi tão seductoras,  
Nem ouvi cantilenas, como aquellas,  
Que pelo Bosphoro todo resoavão.

LXXX

Estrondoso tumulto illuminado!  
Variava sempre, sem cessar a musica,  
Ao compassado do bater dos remos,  
E ao suave côro da corrente lympa.  
Propicia a rainha das marés brilhava,  
E quando as ondas sacudião auras,  
Do seu throno celeste, quaes mandadas,  
Seu clarão reflectia mais fulgente,  
As vagas parecendos scintillantes  
Alumiar as margens, que banhavão.

LXXXI

Leves caiques sobre a espuma brilhão.  
Danção em terra do paiz as filhas.  
Moços e moças casa e somno olvidão,  
Olhares trocão muitos olhos languidos,  
Aos quaes bem poucos corações resistem,  
Ou terno aperto as mãos se retribuem.  
Moço amor, em teu roseo laço envolto,  
Galre, como aprouver-lhe, o sabio ou cynico,  
Estas as horas são, estas sómente,  
Que na vida compensão males de annos.

LXXXII

Mas na turma dos mascarar contentes,  
Com dôr secreta, peitos não se occultão,  
Que mal encobre o mais tapado embuço?...  
Estes do mar no brando murmurio  
Echo encontrão as magoas, que em vão carpem,  
E da jucunda multidão nos brincos  
Causas, para desdem e aborrecimento.  
Quanto os enoja estulta gargalhada!  
Quanto lhes pesa os trajos não poderem  
Já da festa trocar pela mortalha!

LXXXIII

Tal sentirá da Grecia o nato filho,  
Se ella inda um filho patriota ostenta ;  
Não dos que gritão guerra em paz prostrados,  
Paz do escravo, que chora o que perdêra,  
E sorrindo-se chega ao seu tyranno,  
Meneando a servil fouce, não a espada.  
Grecia ! os que menos te amão, mais te devem !  
Seu nascimento, sangue e annaes sublimes  
Dos heróes seus avós, de que se pejão  
Degeneradas hoje as hordas tuas.

LXXXIV

Quando a bravura do Espartano ergner-se,  
Educar Thebas outro Epaminondas,  
Filhos d'Athenas corações tiverem,  
E mãis gregas gerado houverem homens,  
Te has de então restaurar, porém nunca antes.  
Mal se fórma em dez seculos um estado,  
Que se reduz a pô n'uma hora ! Como  
Do esplendor seu depois juntar pedaços,  
Revocar as virtudes já sepultas,  
E do tempo triumphar e do destino ?

LXXXV

Es bella, inda em tua dôr, terra dos deoses,  
Que findarão e d'homens, que os semelhante !  
Verdura perennal, montes de neve,  
Da varia natureza o mimo acclamão-te.  
Fanos e templos a teu chão lançados  
Que do rustico arado quebra a relva,  
Com tua heroica poeira se misturão.  
Monumentos mortaes assim perecem ;  
Assim perece tudo por seu turno,  
Salvo o merito bem rememorado.

LXXXVI

Salvo a columna, qu'isolada chora  
As prostradas irmãs da mesma rocha.  
Salvo onde de Tritonia o aereo alcaçar  
Orna o cabo Colona, e no mar brilha.  
Salvo o tumulo do heróe meio esquecido,  
Cuja lage cinzenta, hervas crescidas,  
Fracas o tempo afrontão, não o olvido,  
Por onde só não paixão desattentos  
Os estrangeiros, que, como eu, detem-se,  
P'ra pasmar, suspirar e dar um ai !

LXXXVII

Tens inda um céu azul, rudes montanhas,  
Aprasiveis lamédas, verdes campos.  
Como quando Minerva te sorria.  
Tens maduro olival, e ainda o Hymeto  
Os seus favos de mel prodigalisa.  
Lá fragrante castello fórma a abelha,  
Livre errando nos ares dos teus montes.  
Teu longo estio doira Apollo, e ainda  
Nos marmores de Mideli resplandece.

LXXXVIII

Todo é santo o teu solo em que pisamos ;  
Por vulgar não se perde um palmo delle,  
De prodigios se expande um vasto imperio ;  
Vero parece quanto as Musas contão,  
Té que o sentido cança-se do assombro  
De vêr as scenas, que sonhou na infancia.  
Cada collina e valle, brenha e campo  
Do poder zombão, que arrasou teus templos.  
De Athenas cidadella abalão seculos,  
Que a encanecida Marathona poupão.

LXXXIX

Teu sol o mesmo, e o solo, não o escravo ;  
O mesmo tudo, excepto o estranho sceptro.  
Tem os mesmos confins, fama infinita  
Teu campo de batalha, onde á primeira  
Horda persana ao gladio teu curvou-se.  
Como nessa jornada gloriosa,  
Que fez de Marathona uma voz magica,  
Que quem a ouve pronunciar, presentes  
Aos olhos logo tem o campo, as hostes,  
O combate, a carreira da Victoria

XC

Foge o Medo sem frechas, rôto o arco,  
De rubra lança ardente Grego o segue,  
Montes em cima, embaixo mar e campo,  
Morte em frente e na retaguarda excidio ;  
Tal fôra o quadro, agora o que alli resta ?  
Que altos trophéos, no santo sitio, attestão  
Da liberdade os risos, d'Asia o pranto ?  
Urnas roubadas, bastiões violados,  
E a poeira, que o teu corcel escarva,  
Rude estrangeiro, em roda escouceando.

XCI

Do 'splendor teu passado ainda aos restos  
Afluirão, sem cançar, tristes romeiros.  
Inda jonios tufões farão viajantes  
Saudar da guerra e poesia os climas.  
Ainda teus annaes e immortal lingua  
Nos jovens influiráõ de varias plagas;  
Brasão p'ra velhos, instrucção p'ra moços.  
Que adorão bardos, que venerão sabios,  
Quando Pallas e as Musas o véo tirão,  
Que cobre da sciencia o sanctuario.

XCII

Pulsa por seu alvergue o peito ausente  
Se ao desejado lar o prendem laços ;  
Aquelle, que fôr só, por aqui divague,  
E a terra congenial contente admire.  
Em gozos sociaes não prima a Grecia ;  
Mas quem ama a tristeza habite nella,  
Que do seu berço mal terá saudades,  
Lento vagando ao pé da sacra Delfos,  
Ou alongando os olhos pelo campo,  
Aonde o Persa e o Grego perecerão.

XCIII

Ao consagrado solo esses vir podem.  
Atravessem em paz o magico ermo,  
Mas poupem-lhe as reliquias ;— não pretendão  
Estragar o painel já desbotado.  
Com tal fim não erguerão-se estas aras.  
Restos se acatem do que honrarão póvos,  
Por que da patria não se infame o nome,  
E possão prosperar, aonde hão visto  
Medrar sua juventude, entre as caricias  
Todas do puro amor, e da existencia.

XCIV

E tu, que tens, em protelladas trovas,  
Inglorias, o teu ocio suavizado,  
Verás tua voz na multidão perder-se  
De mais sonóros menestreis do dia.  
Cede antes os louros, que emmurhecem.  
Essa luta abalar mal pôde um espirito,  
Que nem louvor, nem vituperio movem,  
Des que gelarão corações benevolos,  
Para aplaudi-lo, e que mais não lhe resta,  
Não tendo a quem amar, a quem agrade.



XCV

Acabaste, formoso ente querido,  
A quem a juventude e amor ligarão-me,  
O que mais ninguém fez por mim fizeste,  
Bem que indigno de ti, sem me fugires.  
Qual é meu ser, se tu de ser cessaste ?  
Sem esperar aqui por teu viandante,  
Que só lamenta as horas já passadas,  
Que antes nunca as tivesse, ou inda viessem !  
Antes mais nunca houvesse elle voltado  
Para ter d'emigrar novo motivo.

XCVI

Ah ! meu amor, tu sempre amante e amada !  
Para o passado a dôr pende egoista,  
E abraça idéas, que antes distrahisse !  
Tua sombra o tempo roubar-me-ha por ultimo,  
Já tem quanto de mim teria a morte,  
Mãe e amigo, agora mais que amigo.  
Suas setas p'ra ninguém voão tão rapidas.  
As magôas, sobre as magôas cumuladas,  
A pequena alegria me tirarão,  
Que a emprestar-me tinha ainda a vida.

XCVII

Devo outra vez na turba mergulhar-me,  
Seguindo o que o socego achar desdenha l...  
As festanças, as futeis gargalhadas,  
Que, trêdas constringendo as cávas faces,  
Deixão mais fraco e abatido o espirito.  
Então o rosto á força prasenteiro  
Finge contentamento, ou tedio encobre,  
Fórma o sorriso os sulcos para as lagrimas,  
E o retorcido, arregaçado labio  
O desdenhoso olhar mal dissimula.

XCVIII

Qual dos males o peor aguarda a idade?  
O que é que mais na frente afunda as rugas?  
Vêr do livro da vida, quanto se ama,  
Riscar-se, e ficar só, como eu, na terra.  
Perante o Vingador me prostro humilde,  
Que aperta corações, corta esperanças.  
Descuidosos correi dias inuteis,  
Já que o tempo roubou dest'alma os gostos,  
Tendo alliado aos meus primeiros annos  
As penas proprias só da senectude.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

### NOTAS DO SEGUNDO CANTO

(1) Uma parte da Acropolis foi destruída pela explosão de um paiól de pólvora, durante o cerco de Athenas pelos Venezianos.

(2) Os Gregos nem sempre tiveram o costume de queimar os mortos.

(3) Lord Elgin, Escossez, que transportou para Inglaterra grande numero de fragmentos dos monumentos gregos.

(4) Segundo Zozimo, Minerva e Achilles afastarão com a sua presença Alarico da Acropolis; mas outros dizem que o rei godo fez quasi tanto mal como o Par escossez.

(5) Para impedir que caião sobre a tolda durante o combate pedaços de madeira dos mastros.

(6) Uma das delicias de Lord Byron era sentar-se no cume de um rochedo, á borda do mar, e ahi ficar horas inteiras contemplando o céo e as ondas.

(7) Esta passagem está em contradicção directa com o conteúdo de muitas das suas cartas.

(8) A isto opporemos a declaração que se acha em uma das cartas do poeta em 1821: « Não sou nem José, nem Scipião, mas affirmo, sob a minha honra, que nunca seduzi mulher alguma.

(9) Foi do alto desse promontorio, do rochedo do Amor, que Sapho, segundo a tradição, se lançou ao mar.

(10) O celebre Ali-Pachá,

(11) A sorte de Ali foi precisamente a que o poeta predissera. Sua cabeça foi enviada a Constantinopla, e exposta nas portas do Serralho.

(12) Soldados Albanезes.

(13) Esta cidade, occupada pelos Francezes, foi tomada de assalto.

(14) Nome de um dos filhos de Ali-Pachá.

(15) Giaur significa infiel; giaurs, ruivos, é o epitheto dado aos Russos.

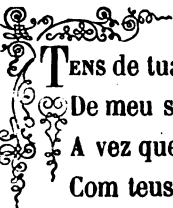
(16) Cavalleiros musulmanos.

(17) Porta-estoque.



## CANTO TERCEIRO

I

 **T**ENS de tua mãe o rosto, Ada querida,  
De meu solar e affecto unica filha!  
A vez que ultima vi-te, ao apartar-nos,  
Com teus olhos azues tu me sorrias,  
E então nos apartámos, não como hoje,  
Porém c'uma esperança.....

Acórdo subito,  
Arfão aguas em torno, e em cima os ventos  
Zunem : vou indo, sem saber p'ra onde ;  
Mas já passou a hora, em que podião  
As costas d'Inglaterra diminuindo  
Fazer penar ou alegrar meus olhos <sup>1)</sup>.

II

Mais uma vez ainda sobre as aguas !  
Qual corcel, que conhece o cavalleiro,  
Dá corcovos o mar. Seu ronco apraz-me,  
P'ra onde quer que fôr veloz me leve !  
Trema, qual vara, embora o tenso mastro,  
E aos tufões se desfralde o roto panno,  
Devo ir avante ; sou como o sargaço  
Do rochedo cahido no oceano,  
P'ra navegar, varrido pelas ondas,  
Onde da tempestade os sopros reinão.

III

Cantei no ardor de minha adolescencia,  
De torvo esp'rito um foragido errante ;  
Reassumo o conto então só começado,  
Comigo o levo, como impelle adiante  
O vento a nuvem. — Nesse thema encontro  
Traços de um pensar longo, e enxutas lagrimas  
Que deixão refluindo esteril páramo,  
No qual pesados proseguindo os annos  
Calcão da vida as ultimas arêas,  
Aonde uma só flôr não desabroxa.

IV

De juvenis paixões desde os meus dias,  
Minha harpa, e coração talvez perdessem  
Uma corda, talvez estejam ambas,  
As do prazer e dôr desafinadas,  
E em vão, como cantei, cantar pretenda.  
Ainda que sombrio o assumpto abraço,  
Se distrair-me do cançado sonho  
De alegrias e mágoas, se rodear-me  
De esquecimento, p'ra mim será sempre,  
Beni que p'ra mais ninguém, thema aprazível.

V

Neste mundo de angustia o que envelhece  
Por obras, não por annos, penetrando  
Profundezas da vida, a quem mais nada  
Póde espantar, nem retalhar-lhe o peito,  
Amor, tristeza, fama, ambição, luta,  
É o huído ferro do pungente e mudo  
Soffrimento : elle a causa dizer póde,  
Porque refugio busca o pensamento  
Nos solitarios antros onde abundão  
Ficções aereas, fórmulas imutaveis,  
Mesmo velhas, que os seios d'alma habitão.

VI

É p'ra crear, e ter uma existencia  
Mais expansiva, que nós damos fôrmas  
Á phantasia, e dando-as alcançamos  
A imaginada vida, que ora vivo.  
O que sou ? Nada ; mas não tu que és a alma  
Do que penso, com quem percorro a terra  
Invisivel ; mas vendo e fulgurando  
De envolta com o teu esp'rito e origem,  
Comtigo as tuas sensações sentindo,  
Já que extinctas as minhas me fallecem.

VII

Deve ter meu pensar menos rudesa :  
Longo e sombrio ha sido, até tornar-se,  
Cançado o cerebro, em borbulhões fervendo,  
Golfo em que chammas e ficções remoinhão :  
Domar meu coração não soube joven.  
Minhas fontes de vida envenenarão :  
E' mui tarde ! E comtudo estou mudado ;  
Bem qu'inda com bastante força o mesmo  
Supporto o que aplacar não pôde o tempo,  
Nem culpo a sorte, e amargos fructos trago.



VIII

Sou um tanto prolixo ; mas passou-se,  
E o sello do silencio o encanto fecha.  
Ausente Harold por fim reaparece,  
Cujo peito sentir já não quizera  
Chagas, que sem matarem, jámais sarão.  
O tempo tudo muda, e o demudára  
N'alma e no aspecto assim como na idade,  
Que rouba o fogo á mente, a força aos membros,  
Quando a encantada taça da existencia  
E' apenas na borda que scintilla .

IX

Depressa elle a sorveu no fundo achando  
A corrosiva lia : enche-a de novo  
N'uma fonte mais pura, em chão sagrado,  
Cuja nascente julga em vão perenne.  
A cadêa não vê que o liga em torno,  
Que o macera, invisivel o agrilhôa,  
Pesada e sem tinir ; mas elle exausto  
Soffre calado a dôr, que cresce aguda  
A cada passo que entra em varias scenas.

X

De uma fria reserva armado, crendo  
Podler a salvo associar-se aos homens,  
Fixa com tal firmeza a mente sua,  
E de um humor se fórra invulneravel,  
Que nem gostos aguarda nem pezares ;  
E assim, como entre muitos um escapa  
Ao reparo, na multidã só busca  
O que observar, como antes elle achára  
Em estrangeira terra maravilhas,  
Obras de Deos, da mão da Natureza.

XI

Mas quem não quer a rosa ao vê-la abrir-se ?  
Quem da belleza vê nitidas faces  
Avelludadas, sem que logo sinta  
Que o coração envelhecer não pôde ?  
Quem entre nuvens vê da gloria o astro  
Raiar sobre o alcantil, sem já subi-lo ?  
Mais uma vez em vortice Harold gyra  
Vertigino circulo. e o tempo gasta,  
Tendo porém mais nobre fim, que teve  
No saudoso arrebol da mocidade.

XII

Porém dos homens breve ser conhece  
O menos proprio p'ra tratar com homens,  
Com quem bem pouco de commum tem elle ;  
A outrem seu pensar curvar não sabe,  
Bem que em moço sua alma sujeitasse  
Às suas proprias idéas ; nada o obriga  
A que avassalle a sua intelligencia  
A essas. contra as quaes soe rebelar-se :  
Soberbo em seu enfado acha em si vida,  
P'ra respirar da especie humana á parte.

XIII

Onde erguião se montes — tinha amigos,  
Onde bramia o mar — seu domicilio,  
Onde azul era o céu e o clima ardente,  
Tinha p'ra divagar paixão e forças.  
Ermos, selvas, covis, espumeas vagas  
Erão sua companhia, e lhe fallavão  
Mutua linguagem, mais p'ra elle clara  
Que o lexico nativo, o qual bem vezes  
Deixa da natureza pelas paginas,  
Que ao reflexo do sol o lago espelha.

XIV

Como o Chaldeo os astros espreitava,  
Té povoa-los de seres tão brilhantes,  
Como os seus raios, esquecendo a terra,  
Seus choques, e as fraquezas dos humanos.  
Se em tal vôo manter pudesse o espirito,  
Julgára-se feliz, mas nossa argila  
A fagulha immortal d'inveja abafa,  
P'ra que não se remonte à luz que almeja,  
Quebrando o estorvo, que retem-nos longe  
Do céo que p'ra mais perto nos acena.

XV

Mas nas moradas de hemens se tornava  
Cançado, inquieto, oppresso. cabisbaixo,  
Qual bravio falcão de azas cortadas,  
Que só nos ares livres pouso encontra.  
Quando o ataca a mania, p'ra vencê-la  
Faz como na gaiola o passaro preso,  
Contra a grade esmagando o peito e o bico,  
Té de sangue tingir-se-lhe a plumagem :  
De sua alma repréza as labaredas :  
Que dentro de seu seio vão lavrando.

XVI

Voluntario exilado Harold vaguêa  
Não com menos ardor, mas sem esp'ranças.  
A propria convicção que em vão vivêra,  
E que tudo acabava áquem do tumulo,  
Ao desespero taes sorrisos dava,  
Que inda que amargos --quaes do nauta insano,  
No naufragio bebendo immoderado,  
Sobre o convés, que afunda, a morte espera—  
Uma certa alegria lhe inspiravão,  
Que elle de reprimir até se abstinha.

XVII

Pára! Tu pisas de um imperio as cinzas!  
Sepulto alli, d'um terremoto o espolio!  
Signalá o sitio colossal estatua!  
Columna de trophéos mostra o triumpho!  
Não: mais singela exprime-se a verdade,  
Deixem o sólo estar, qual antes era.  
Como a seára cresceu com rubras chuvas!  
E eis tudo o que por ti ganhára o mundo,  
Tu o primeiro e o ultimo dos campos,  
Victoria de monarchas creadora!

XVIII

E Harold parou nesse lugar de ossadas :  
Funesto Waterloo, tumulto da França !  
Como o poder n'uma hora annulla quanto  
Deu, transferindo a variavel gloria !  
Soltou sublime o ultimo vôo a aguia,  
Vara-lhe a setta das nações ligadas,  
E o chão rasgou co'a ensanguentada garra :  
Da ambição e da vida vãos esforços !  
Os partidos grilhões leva comsigo  
Da quebrada cadêa do universo.

XIX

Retribuição ! A Gallia morda o freio,  
E espume em ferros; — é mais livre a terra ?  
Combatêrão nações p'ra que um vencessem ;  
Ou se ligárão p'ra que aos reis ensinem  
O que é soberania ? O que ! Pois inda  
Ergue se a escravidão p'ra ser o idolo  
Remendado do seculo das luzes ?  
Nós, que o leão havemos derribado,  
Homenagens render ao lobo iremos ?  
Humilde olhar, servil ajoelhar-se  
Aos thronos ? Não; antes do culto a prova !

XX

Se assim não fôr, então mais não blasonem  
De um déspota cahir — pois vãs serião  
As das beldades lagrimas ardentes  
Pelas flôres da Europa desraigadas  
Ante o conculcador das vinhas suas;  
Não seria soffrer annos de mortes,  
Devastações, escravidão, terrores  
A que milhões se erguêrão, p'ra pôr termo  
A gloria o que mais préza é vêr de myrtos  
C'roado o gladio, qual out'ora Harmodio  
Contra o tyranno levantou d'Athenas.

XXI

Indicavão festivos sons de noite,  
Que a capital da Belgica entretinha  
As suas bellas, e bravos cavalleiros<sup>2</sup>.  
Seus rostos aclarava a luz das lampadas,  
Mil corações batião venturosos,  
Quando ao romper das musicas suaves,  
Alegres, quaes repiques de noivado,  
Com terno olhar de amor fallavão olhos...  
Silencio! Ouvil Um som profundo e lugubre  
Trôa qual dôbre de funerea campa.

XXII

Ouvistes? — Não ; rajada foi de vento,  
Ou de carro o rodar sobre a calçada ;  
Continue-se a dançar, dure a folgança  
Té de manhã, sem somno, quando unidos  
Juventude e prazer as horas matão ;  
Mas escutai — o mesmo som medonho,  
Como se o écho as nuvens lhe repitão  
Mais perto, mais distincto, e mais funesto !  
Armas, ás armas ! O canhão ribomba !

XXIII

Do alto salão no vão de uma janella,  
Fadado chefe, Brunswick, sentado,  
Primeiro no festejo o estrondo ouvindo,  
Por agoiro de morte o tomou logo.  
Rirão-se delle, por julgá-lo perto ;  
Seu coração conhece o som dos tiros,  
Que na tumba sangrenta o pai lançarão <sup>3)</sup>,  
Cuja vingança quer saciar com sangue :  
Impetuoso ao campo se arremessa,  
Combate entre os primeiros, e succumbe.



XXIV.

Que confusão! Uns entrão, outros sahem,  
Juntão-se lagrimas, treme-se do perigo,  
Descórão faces, que, uma hora apenas,  
Aos gabos de belleza enrubecião;  
Exhaurem repentinas despedidas  
A vida a jovens corações; suspiros  
Se abafão, p'ra talvez mais não soarem;  
Quem prevê que encontrar-se ainda possão  
Esses olhos, se após tão meiga noite  
Espantosa manhã vier raiando!

XXV

Apressurados a cavallo montão;  
Formão-se os esquadrões, rodão carretas,  
Que proseguindo á toda desfilada  
Entrão logo nas alas combatentes;  
Detona ao longe estoiro sobre estoiro;  
Perto rufa o tambor alarma, e se ergue  
Antes da estrella d'alva a soldadesca:  
Mudos de medo os cidadãos se apinhão,  
Ou 'stão por entre os labios sussurrando:  
É o inimigo! Ei-lo que vem! que chega!

XXVI

De Cameron estruge o rude canto,  
Hymno de guerra de Lochiel, que ouvirão  
Montes d'Albyn, e seu saxonio imigo.  
Como da gaita o som agreste e agudo  
Aturde á meia noite! O mesmo sopro,  
Que este instrumento das montanhas enche,  
Sopra no montanhez o ardor nativo,  
Que lhe atéa a memoria de mil annos ;  
Cada um membro do clan sente aos ouvidos  
D'Evan, de Donald resoar a fama <sup>4)</sup>.

XXVII

C'o a verde rama acenão as Ardennas <sup>5)</sup>,  
Rociadas das lagrimas da aurora ;  
Chorão, se inanimadas coisas sentem,  
Os bravos, que ahi passam, mas não voltão !  
Que antes da tarde, aos pés vão ser calcados,  
Como a grama, ora embaixo e breve em cima,  
No primeiro verdor, quando lançadas,  
Com coragem vivaz e ardente esp'rança  
Essas massas de fogo sobre o imigo,  
Reduzidas a pó cahirem frias.

XXVIII

Hontem cheios de vida ao meio dia,  
De orgulho e gosto á tarde entre beldades ;  
Dá signal á peleja á meia noite,  
Dispoem-se as forças de manhã, e o dia  
Contempla da refrega o horror sublime,  
E o fechão nuvens de trovões, que quando  
Ferem, se cobre de outra terra a terra,  
Qu'inda em montões a cubrirá, guardando  
Cavalleiro e cavallo, amigo e imigo,  
Na ensanguentada cóva confundidos.

XXIX

Seu louvor cantão harpas mais altisonas ;  
Mas da soberba turma um só escolho ;  
Parte, por ser nossa familia a mesma,  
Parte, porque a seu pai fiz leve offensa,  
E porque um canto illustres nomes sagrão.  
Foi dos mais bravos, pois da morte as balas,  
Quando fataes chovião sobre as filas  
Desbastadas, mais nobre não ferirão,  
Peito, que o teu, valente joven Howard,  
Da pugna onde a procella recrescia !

XXX

Partidos corações te derão lagrimas ;  
Tivesse-as eu p'ra dar-te, erão-te inuteis ;  
Mas quando estive á sombra da verde arvore,  
Que viva baloiçava onde expiraste,  
E o vasto campo vi reverdecer,  
Com grato afan jucunda primavera,  
Fructos e fertil promessa brotando,  
E em suas azas insontes passarinhos,  
Não me voltei p'ra quanto ella trazia,  
Mas só p'ra o que trazer lhe era impossivel.

XXXI

P'ra ti voltei-me e p'ra milhares d'esses,  
Que, todos, e cada um, horrivel vacuo  
Aos seus deixarão, e aos da especie sua,  
Aos quaes fôra obra pia dar-se o olvido.  
Não a da Gloria, sim do Archanjo a trompa  
Esses deve chamar, por quem almeirão ;  
Bem que o brado da Fama, por momentos,  
Possa aplacar, de todo não estingue  
Da vã saudade a febre, porque um nome,  
Assim tão acatado, tem a ella  
Um direito mais forte e mais pungente.

XXXII

Chorão risonhos, riem-se chorosos ;  
Muito antes de cahir murchece a arvore ;  
Segue o casco sem mastro, as vélas rôtas ;  
Abate carcomida a cumieira ;  
Mas na decrepitude inda sustem-se.  
Leva o vento as ameias, e em pé fica  
Aluida a muralha ; sobrevivem  
Ao captivo os ferrolhos ; passa o dia,  
Inda que o sol borrascas afugentem.  
E assim o coração se parte e vive.

XXXIII

Como o espelho partido, cujo vidro  
Multiplicado em todos seus fragmentos  
Faz mil imagens de uma só, e a mesma  
Mais reproduz, se mais inda se quebra,  
Assim o coração, que nunca esquece,  
Vivendo lacerado, mudo, e frio,  
E exangue, dôr soffrendo que não dorme,  
Murcha até que do exterior todo envelhece,  
Sem que nenhuns signaes mostre visiveis,  
Pois dessas coisas são que não se dizem.

XXXIV

No mesmo nosso desespero ha vida,  
Vitalidade do veneno, como  
Viva raiz que nutre os mortos galhos,  
Porque nada seria, se morressemos  
De dôr. Afaz-se a vida aos agros fructos,  
Quaes os pomos das praias do Mar Morto,  
Que a cinzas sabem <sup>6)</sup>. — Se contasse o homem,  
Pelos de gozo, da existencia os annos,  
As horas apartando à vida adversas,  
Poderia chegar a doze lustros ?

XXXV

O Psalmista contava os annos do homem :  
São bastantes ; se é certo o que proclamas,  
Tu, que d'inveja, mais que sufficiente  
Julgaste o prazo, Waterloo funesto !  
Milhões de linguas pregoarãõ teu nome,  
Hão de bradar os filhos repetindo :  
« Juntas a espada aqui nações tirãrão,  
« Nossos pais nesse dia pelejãrão »  
E é muito já, mas não passará disto.

XXXVI

Lá cahio o maior—não peor dos homens,  
Espírito de antithese, que ora emprehende  
Objectos d'alto porte, ora se fixa  
Com a mesma firmeza em ninharias.  
Extremo em tudo ! — O meio se guardáras  
Fôra o throno inda teu ou nunca o fôra ;  
Pois que elevou-te a audacia, e deu-te o baque.  
Tu ainda hoje reassumir pretendes,  
O imperial character, p'ra que o mundo  
De novo abales, teus trovões lançando ?

XXXVII

A terra conquistaste, e és seu captivo,  
E inda a fazes tremer : teu duro nome  
Mais ruido nunca fez entre os humanos  
Do que hoje, que só és da Fama o brinco.  
Ella, vassalla tua, cortejou-te,  
E adulou teu valor, té te julgares  
Tu mesmo um deos, e o não julgarão menos  
Estupefactos e na inercia os reinos,  
Que crêrão, que eras quanto ser quérias.

XXXVIII

Maior ou menos que homem, no alto, ou em baixo  
Dás batalha ás nações, do campo foges ;  
Sobre a cerviz dos reis teus pés descansão,  
E te rendes como infimo soldado.  
Calcar, reger, reconstruir um imperio  
Podes, mas não domar a mais mesquinha  
Das paixões tuas, nem, por mais que sejas,  
Habil em perscrutar o esp'rito humano,  
Sondas o teu, da guerra a gula enfréas,  
Nem sabes, que tentada sendo a sorte,  
A mais sublime estrella ella abandona.

XXXIX

A contraria maré soffreu tua alma  
C'uma philosophia a esmo e innata,  
Que ou prudencia, ou frieza ou alto orgulho  
É para um inimigo fel e absinthio.  
Quando chegarão do rancor as hostes  
P'ra vêr tua quéda e te apupar—sorriste,  
Com olhos fixos supportando tudo.  
Quando a Fortuna o mal acostumado  
Mimoso filho seu desamparára,  
Elle a pé firme não vergou ao peso  
Dos revezes sobr'elle amontoados.



XL

Mais discreto que na prosperidade,  
Quando ambição te fez levar a excesso  
Teu justo habitual desdem por homens  
E por suas idéas, que então fôra  
Cauto senti-lo, e não na frente e labios  
Mostra-lo aos instrumentos de que usavas,  
Té que p'ra derribar-te se voltarão.  
De ganhar-se ou perder-se o mundo é indigno,  
Assim para contigo o tem provado,  
E p'ra outros qu'igual sorte escolherão.

XLI

Se, qual torre no cume de um rochedo,  
Para estar só, ou só cahir, nascesses,  
Com tal desdem o choque arrostarias;  
Porém dos homens forão as idéas  
Os degrãos do teu throno, e o seu assombro,  
Mais luzente arma tua ; a ti cabia  
O papel só do filho de Felipe ;  
Mas não mofar dos homens, como Diogenes,  
Salvo atirando para um lado a purpura ;  
Que a terra para os cynicos de sceptro,  
É tonel de grandeza desmedida !

XLII

Mas quietação p'ra um genio vivo é inferno,  
Foi isso que perdeu-te; ha certo fogo  
Ou movimento d'alma, que não pára  
No estreito ambito seu e só aspira  
Dos desejos transpôr o justo meio ;  
Ateado, uma vez, é inextinguivel,  
Nutrem-no altas emprezas, nada o cança,  
Senão repouso ; é febre que consome  
O coração, fatal p'ra quem a soffre,  
E p'ra quantos a tenham já soffrido.

XLIII

Faz ella os loucos, que outros loucos fazem  
Com seu contagio—reis, conquistadores,  
Fundadores de seitas e systemas,  
E mais—sophistas, bardos, estadistas,  
Todos entes inquietos, que forçando  
Secretas molas d'alma ficão elles  
Logrados por aquelles a quem logrão.  
Invejados ; mas quão pouco invejaveis !  
Que espinhos soffrem ! Fôra um peito aberto  
Escola, p'ra desensinar-se aos homens  
A de brilhar e de reinar cobiça.

XLIV

E seu alento agitação, sua vida  
Tormenta, que os impelle, e que os submerge;  
Tanto os embala e fanatiza a luta,  
Que, se aos passados riscos sobrevivem,  
Quando em calmo crepusculo os dias nublão-se  
De tristeza e langor, assim perecem,  
Qual flamma, que, não tendo em que cevar-se,  
A' força de lavar por si se extingue,  
E qual espada, já de lado posta,  
Que se corrõe sem gloria e se enferruja.

XLV

Quem das montanhas sóbe ao cimo encontra  
Neve e nuvens, cobrindo os altos picos.  
Quem sobrepuja e abate a humanidade  
Olhe o rancor dos que lá 'stão por baixo,  
Inda que em cima brilhe o sol da gloria,  
E muito embaixo a terra e o mar se expandão,  
Rochas de gelo em torno delle se erguem,  
E fragorosas crusão-se as borrascas  
Sobre sua cabeça exposta aos ares :  
As fadigas assim se recompensa,  
Que os elevárão a essas summidades.

XLVI

Deixemo-los ! Na criação da verdadeira  
Sabedoria o mundo della existe,  
E na tua, ó materna Natureza !  
Quem, como tu, ostenta a exuberancia  
Das margens do teu Rheno magestoso ?  
Harold divinas obras lá contempla  
Das bellezas o mixto :— arroios, valles,  
Fructas, folhagem, penhas, bosques, seáras,  
Montes, vinhas, castellos, sem seus chefes,  
Que exhalão mesto adeos dos muros velhos,  
Mas frondosos, nos quaes vecejão ruinas.

XLVII

Erectos, como um animo elevado,  
Gastos ; mas sem curvar-se a baixas turbas,  
Só os habita o vento das seteiras ;  
Sombria communhão fazem c'oas nuvens.  
Forão n'um tempo moços e garbosos,  
Emcima os estandartes ; as batalhas  
Davão-se em baixo ; mas os combatentes  
A sangrenta mortalha envolve, e aquelles  
Que tremolavão são já pó ha muito :  
Não hão de ter suas pallidas ameias  
Ainda de soffrer novos assaltos.

XLVIII

Por baixo dellas, dentro das muralhas  
Residia o poder c'os paixões suas.  
Em seu pomposo Estado cada chefe,  
Bandido, os seus mantinha arsenaes d'armas,  
Fazendo quanto ousavão, altanados  
Quaes possantes herões de eras remotas.  
O que é que falta de conquistadores  
A esses foragidos mais que a historia,  
Paga p'ra os chamar grandes? Vasto espaço  
Para ornado moimento! Esp'ranças tinhão  
D'igual ardor, d'igual bravura as almas.

XLIX

Dos barões os combates singulares,  
Quantas proesas virão não lembradas!  
Amor, que brasões dava aos seus escudos,  
Vaidoso seus emblemas debuxando,  
Atravessava a ferrea malha, indo  
Ao coração, porém suas chammas erão  
Inda ferozes, e ateavão lutas  
Pungentes, sempre a par d'assolamentos,  
E muitas torres, que ganhadas forão  
Por amantes questões, virão, ruínas,  
Correr por baixo descorado o Rheno.

L

Mas tu, soberbo caudaloso rio,  
Cujas ondas correndo lanção bençãos  
Sobre margens de eterna formosura,  
Se o homem respeitasse o que ha d'esplendido  
No que sabes crear, e não ceifasse,  
Ainda em flôr co'a fouce das batalhas  
Tua linda promessa, ah ! quem teu valle  
De brandas aguas víra, então soubera  
Que os tapizes do céo a terra ornavão ;  
E p'ra que, como tal, tu me afigures  
O que óra só te falta ? — Ser o Lethes.

LI

Mil combates tuas margens assaltárão,  
Que hão já passado, e quasi que a sua fama.  
A carnagem no lodo amontoou filas :  
Seus tumulos já nem ha, e o que são elles ?  
Lavou tua corrente o sangue de hontem ;  
Na tua não manchada clara lymphá  
Do sol os raios mirão-se dançando ;  
Mas sobre o sonho crestador da tetra  
Memoria, embalde rolarão tuas ondas,  
Ainda que pareção varrer tudo.

LII

Diz isto Harold comsigo, e passa avante,  
Não insensível ao que alli desperta  
Matutino cantar de alegres passaros,  
Em valles que o exílio tornão doce.  
Bem que em sua fronte austeras linhas hajão  
E uma calma sizuda substitua  
Mais fogoso sentir ; menos severo,  
Do rosto seu nem sempre o prazer foge ;  
Deixão taes scenas entrevê-lo a furto.

LIII

Nem tudo amor fechou-lhe, inda que os dias  
Seus de paixões a pó se reduzissem.  
Debalde olhar tentamos com friesa  
P'ra quem nos sorri ; saltar deve ainda  
Bondoso o coração ao bom que teve,  
Deixasse embora o mundo por desgostos :  
Assim o fez sentir meiga lembrança,  
Grata fiducia de que um peito amante  
Para estreitar ao seu ainda havia,  
E nas horas mais ternas que elle tinha  
Nesse seio poisar ia a sua alma.

LIV

E aprendêra amar (porque? o ignoro ;  
Mas n'um, como elle, estranho isto parece)  
Innoxios gestos da viçosa infancia  
Mesmo ainda no berço. O que dobrára,  
E, como seu, assim mudára um animo  
Tão embuido no desprezo d'homens,  
Pouco importa saber ; mas assim fôra ;  
E ainda que em soidão medrar não possão  
Affectos já mangrados, este ardia  
Nelle quando os mais tinham-se extinguido.

LV

E um peito amante havia, a que o prendião  
Laços mais fortes, que da igreja os vinc'los.  
E, sem ser d'hymenêo, era tão puro  
Esse amor, que, bem longe de fingir-se,  
Por provanças passou de mortaes odios,  
Sempre sem mingua, e mais consolidado  
Pelos perigos que a mulher mais teme ;  
Mas esse era constante. Assim pudesse  
Áquelle coração o seu ausente  
Mandar, de estranha plaga, estas sandades :



1

Eis de Drachenfels castello e montanha 7),  
Que o grão curvo Rheno sobranceiros olhão  
E o seu largo seio com aguas que molhão  
As margens, nas quaes a vinha se amanha.  
As floridas arvores collinas c'roando,  
De trigo e de vinho os campos donosos,  
Esparsas cidades de aspectos garbosos  
Com seus alvos muros, que as cercão, brilhando  
Taes scenas compoem, que contemplaria,  
Se fôras comigo, com dupla alegria.

2

Com olhos azues pastoras contentes  
Matutinas flôres lá vem off'recendo,  
Em tal paraiso risonhas correndo.  
As torres feudaes em cima frequentes,  
Com verde folhagem os muros grisalhos,  
Penhascos a prumo, medonhos surgindo  
E nobres arcadas soberbas cahindo,  
Da vindima observão no valle os trabalhos.  
Nas margens do Rheno que me ha de faltar?  
Tua mão mimosa a minha apertar.

3

Os lírios te mando, que me forão dados.  
Muito antes que possa tua mão os tocar,  
Bem sei, que elles devem por força murchar,  
Por isso, não sejam por ti regeitados,  
Que os tenho prezado quaes se os possuisses,  
Na idea que os olhos teus encontrarião,  
E que aqui tua alma á minha trarião,  
Quando junto a ti seccarem os visses,  
Sabendo, que, ás margens do Rheno colhidos,  
Forão por meu peito ao teu offerecidos.

4

Do rio o escarcéo tem tanta nobreza,  
Do sitio encantado é tal a magia,  
Que, em suas mil voltas, cada uma varia  
Das scenas d'entorno a nova belleza.  
Aqui se limita o espirito altivo,  
Que almeja p'ra vida deleites sem conto;  
Não ha para mim na terra outro ponto,  
Nem p'ra natureza de tanto attractivo;  
Pudessem teus olhos meus olhos seguir  
Melhor este Rheno havia eu fruir.

LVI

Junto a Coblença, sobre um outeirinho  
Uma pyramide ha pequena e simples <sup>8)</sup>,  
Que a verdejante elevação corôa :  
Sob sua base heroicas cinzas jazem  
D'imigo nosso, o que impedir não deve  
A Marceau honras — sobre cujo tumulto  
Prematuro corrêrão grossas lagrimas,  
Dos duros olhos d'asperos soldados,  
Lamentando e invejando a sorte desse,  
Que expirou pela França combatendo,  
Para reivindicar os fóros della.

LVII

Breve seu curso foi, bravo e glorioso ;  
Do amigo e imigo as hostes se enlutárão ;  
O estrangeiro que alli parar, bem pôde  
Pelo repouso orar de alma tão nobre ;  
Da liberdade campeão, e um desses,  
Dos bem poucos, que nunca ultrapassárão  
Os de punir direitos, que ella outorga  
Aos que, como elle, brandem as suas armas ;  
Conservou sempre candida a sua alma,  
E é por isso que os homens o chorárão.

LVIII

Os d'Ehrenbreitstein partidos muros,  
Pela explosão da mina ennegrecidos,  
Mostrão inda o que foi nessa eminencia  
Quando em vão balas, bombas reboavão,  
Sem que a abalassem—torre da victoria,  
D'onde a fuga do imigo derrotado  
Ao longo da planicie era observada ;  
Mas destruiu a paz o que antes nunca  
Poude a guerra crestar, do estio as chuvas  
Os arrogantes tectos descobrindo,  
Onde o bronze choveu annos debalde.

LIX

Formoso Rheno, adeos ! Com que delicias,  
Na sua marcha detens o forasteiro !  
Sitios possues p'r'as almas quando unidas,  
Como p'ra solidão contemplativa ;  
Largar pudesse o incessante abutre  
Dos remorsos um peito — aqui seria  
Onde a Natura, nem de mais sombria,  
Nem risonha de mais, porém sylvestre,  
Não ruê, e magestosa com ser grave,  
Suavisa a terra como o outono o anno.

LX

Inda outra vez adeos ! Vãa despedida !  
Não diz-se adeos a scenas como as tuas ;  
Cada colorido teu matiza o espirito,  
E se contra a vontade os olhos cessão  
De deleitar-se em vêr-te, ó lindo Rheno,  
Um grato olhar de admiração te lanção ;  
Podem scenas haver mais sumptuosas,  
Mais resplendentes; mas nenhuma reúne  
Em si tal variedade de attractivos,  
De belleza, esplendor e amenidade,  
Com a recordação das priscas glorias.

LXI

O simples grandioso; a flôr fructifera  
Da proxima sazão; alva cidade;  
Rolar do rio; o escuro precipicio;  
Copada selva; em meio muros gothicos ;  
Branças penhas em fórma de torrinhas,  
Mofando d'arte humana; a boa gente  
Tão feliz no semblante como os sitios,  
Que a todos ferteis dons prodigalisão,  
Ainda producções das margens suas,  
Se bem que imperios junto dellas cahem.

LXII

Já se apartarão. Tenho em cima os Alpes,  
As enormes paredes dos palacios  
Da Natureza. Somem-se os pinaculos  
Em neve e nuvens, e a Eternidade,  
Sob as de gelo abobadas se enthronisa :  
Dos gelos região onde se fórmão  
As *avalanches*, os trovões de neve !  
Quanto expande o espirito e o aterra  
Junta-se nessa altura, como para  
Mostrar que a terra chegar pôde ao céu,  
E cá embaixo deixar vaidoso o homem.

LXIII

Mas antes d'escrutar taes summida'les,  
Um sitio ha, que passar-se em vão não deve,  
—Morat, altivo campo patriotico,  
Onde horridos trophéos vêr pôde o homem <sup>9</sup>,  
Sem ter de que corar por quem vencêra.  
Borgonha alli deixou sem tumulo as hostes.  
Por muitos se'clos montões d'ossos fórmão  
Seus mesmos monumentos, e insepultas,  
Vagando as sombras pela estygia praia,  
Os gemidos soltavão mais agudos.

LXIV

Waterloo na matança emúla Cannas;  
Marathona e Morat são nomes gemeos,  
Da vera gloria não manchados triumphos  
Por corações sem ambição ganhados,  
D'irmãos e cidadãos por mãos soberbas.  
Não comprados campeões de causas régias  
Pela vil corrupção; a nenhum povo  
Chorar fizeram sobre as leis blasphemias,  
Que, por algumas clausulas de Draco,  
Fazem dos reis divinos os direitos.

LXV

Ao pé de uma muralha solitaria,  
Mais solitaria s'ergue uma columna,  
Vetusta e gasta pela mágoa e os evos;  
Ultimo resto dos destroços de annos!  
Parece o contemplar do estatelado,  
Que em seu assombro se transforma em pedras,  
Mas inda em seus sentidos; lá está ella,  
Maravilhando por não ter cahido,  
Quando de humanas mãos o coevo orgulho  
Aventico arrasou, e as suas ruinas <sup>10)</sup>  
As terras juncão, que antes dominára.

LXVI

Alli, — sagrado seja o doce nome!  
Julia <sup>11</sup> a filha e a devota, a juventude,  
Dando ao céu, sob um jus do céu mais proximo,  
Sobre a campa do pai cahio sem vida.  
Ante a justiça nada valem lagrimas,  
Pedem as suas uma vida, em que ella  
Vivia, e, pois salvar não pôde, morre.  
O tumulto de ambos, simples, sem estatua,  
Dentro da urna sua uma vontade,  
Um coração, uma só cinza encerra.

LXVII

Mas esquecer-se taes acções não devem,  
Nem taes nomes finar-se, embora a terra  
A justa quêda olvide dos imperios,  
Senhor e escravo, a sua morte e o berço.  
A magestade do elevado merito  
Sobreviver ao infortunio deve,  
E então do seio da immortalidade  
Com o rosto do sol encarar firme,  
Como essa neve alpina e terna e pura,  
Quaes não são cá debaixo as outras coisas <sup>12)</sup>.



LXVIII

Com seu crystal me enleva o lago Léman,  
Das estrellas espelho e das montanhas,  
Que reproduz a clara profundeza,  
Firmes em toda altura e matizadas :  
Muitos homens ha aqui, para que en possa  
O sublime sondar do quanto avisto ;  
Mas breve a solidão trar-me-ha de novo  
Sopitadas idéas, mas não menos  
Caras, que outr'ora, quando não me havia  
No redil dessa grei encurralado.

LXIX

Fugir dos homens não é ter-lhes odio,  
Trato nem todos podem ter com elles.  
Não é desgosto conservar nossa alma  
Na fonte sua, p'ra que não referva  
Na ardente multidão, onde tornamo-nos  
Da nossa infecção presa, até, já tarde,  
Deplorarmos, lutando co' alarido,  
De mal por mal na troca miseravel,  
Em o meio de um mundo contencioso,  
Nos esforçando onde ninguem tem forças.

LXX

Lá n'um momento podem nossos annos  
Em fatal penitencia submergir-se,  
Póde a nossa alma na esterilidade  
O nosso sangue transformar em lagrimas,  
E tingir o porvir da côr da noite.  
Da vida o curso é vôo sem esp'rança,  
P'ra quem nas trevas marcha : o mais intrepido,  
No mar faz rumo aos portos que o convidão,  
Porém viajantes ha da eternidade,  
Cuja barca vai sempre andando ávante,  
Sem que possa jámais largar as ancoras.

LXXI

E então não é melhor estar sozinho,  
E amar na terra o que ella tem de terreo ?  
Ao pé do azul impetuoso Rhodano <sup>13)</sup>,  
Ou junto ao puro seio desse lago,  
Que o amamenta, qual a mãe, criando  
Lindo filho raivoso, com seus beijos  
Os choros lhe afugenta ao acordar se ;  
Não é melhor assim gastar a vida  
Que entremear-nos co' a oppressora turba  
P'ra soffrer ou fazer soffrer a outros ?

LXXII

Por mim não vivo então, pois que me torno  
Porção do que me cerca ; altas montanhas,  
Me excitão sensações, mas o bulício  
Das cidades humanas me atormenta.  
Nada na natureza vejo odioso,  
Salvo sêr eu um élo involuntario  
Da cadêa carnal, classificado  
Entre creaturas, quando poderia  
Voar minha alma, e com os céos mesclar-se,  
C'os pincaros, co' a planicie do oceano,  
Ou co' as estrellas, não ficticiamente.

LXXIII

E assim me enlevo e vivo ; os olhos lanço  
Sobre os desertos, que passei, povoados,  
Como p'ra um sitio de agonia e lutas,  
Onde algum meu peccado arremessou-me.  
Para obrar e penar ; mas me remonto  
Com azas novas, que nascerem sinto,  
Inda que jovens, já tão vigorosas,  
Como os tufões, a que resistir querem,  
Despresando os grilhões de fria argilla,  
Que cingem nosso ser e o encadêão.

LXXIV

E quando ficar livre enfim o espirito  
Do que nessa aviltada fôrma odêa,  
Que a carnal vida perca, salvo a parte,  
Que mais feliz viver em verme ou insecto,  
Quando a união houver dos elementos,  
Que o pó seja qual é, sentir não devo,  
Tudo o que vejo, menos deslumbrante,  
Mas mais ardente — idéas incorporeas,  
De cada sitio o genio, de quem, mesmo  
Ora, partilho a immortal sorte ás vezes ?

LXXV

Montes, ondas, e céos não fazem parte  
De mim e da minha alma, como eu delles ?  
Profundo amor, apaixonado e puro  
Não lhes consagro ? E abandonar não devo  
Os mais objectos, se os comparo a esses ?  
Não me hei de expôr dos males á corrente  
Antes do que perder taes sentimentos  
Pela dura e mundana fleuma d'homens,  
Que d'olhos baixos só para o chão olhão,  
Com pensamentos que luzir nem ousão ?

LXXVI

Porém meu thema não é este, eu volto  
Ao que é-lhe immediato, ambicionando  
Que os que á contemplação se dão dos tumulos  
Veirão de um, cujo pó, todo antes fogo,  
Nasceu no solo, em que o ar puro um pouco  
Hoje respiro — passageiro hospede  
Aonde existio esse, cujo anhele  
Foi ganhar e ter gloria : — insano empenho,  
A que elle tudo o mais sacrificára.

LXXVII

Aqui Rousseau, selvatico sophista,  
Dando a si tratos, d'afflicção apostolo,  
Envolvendo a paixão no encantamento,  
Forte eloquencia ás mágoas emprestando,  
Veio á vida, que o fez desventurado ;  
Elle soube á loucura dar bellezas,  
E os mais culpados pensamentos e obras  
Em palavras pintar do céu co' as tintas,  
Como os raios do sol, que quando passam  
Olhos sensiveis deslumbrados chorão.

LXXVIII

Seu amor fôra da paixão essencia.  
Como o raio cahindo o arbusto queima,  
Assim a etherea chamma o abrasava,  
E o consumia, quando amor sentia.  
Não amor de mulher vivente, ou morta,  
Surgindo em sonhos ; mas ideal belleza  
Que chegava a ter nelle uma existencia  
Fecunda, lhe inspirando ardentes paginas,  
Insensatas embora ellas pareção.

LXXIX

Esse amor inspirou em Julia a vida,  
E deu-lhe tudo o que ha de meigo e raro ;  
Sanctificou-o memoravel beijo <sup>14)</sup>,  
Com que cada manhã seus febris labios  
Saudavão essa, que só retribuia  
Com amizade ; mas ao brando toque  
No peito e cerebro ia lavrando o incendio  
Voraz de amor, já penetrando n'alma ;  
No abafar de um suspiro, venturoso  
Talvez mais, que esses corações vulgares  
Quando na posse do que mais procurão.

LXXX

Vida de longa guerra com inimigos,  
Que mesmo fez, e amigos que banira,  
Foi sua mente o santuario da suspeita,  
A quem cruel sacrificava aquelles  
Contra quem cego em furia se enraivava.  
Foi um louco — saber quem póde a causa?  
Ninguem por mais sagaz a descobrira.  
Loucura por molestia ou por desgostos,  
Já a um ponto elevada, o peor de todos,  
Que é quando de rasão dá ella visos.

LXXXI

Era então inspirado, e delle vierão,  
Como outr'ora da Pythia cova mystica,  
Oraculos, que lançárão fogo ao mundo,  
Que cessou, quando imperios acabárão:  
Não fez isto co' a França prosternada  
Ante a plantada tyrannia de annos?  
Do jugo ao peso aquebrantada e timida,  
Té que á voz sua e dos consocios delle  
Se levantou co' a desmedida colera,  
Que sempre segue ao excessivo medo?

LXXXII

De si fizerão monumento horrivel  
Sobre os destroços de opiniões caducas ;  
Coisas, que respirarão e crescêrão  
Desde o nascer do tempo : o véo rasgárão,  
E o que elle cobria expoz-se ao mundo.  
Mas o bom, com o máo, foi derribado,  
Ficando as ruinas p'ra reconstruir-se,  
E renovar-se, sobre as mesmas bases,  
Carceres e thronos, occupados logo,  
Em uma mesma hora, como d'antes,  
Pois que a fera ambição não succumbira.

LXXXIII

Ah! durar não pôde isto, nem soffrer-se;  
Sentio a humanidade a força sua,  
E a fez sentir : melhor podia usa-la,  
Se, embaidos de seu vigor nascente,  
Feros se não mostrassem uns para outros,  
Estanques os influxos da piedade.  
Mas quem viveu oppresso em còva e trévas,  
Não é aguia criada á luz do dia ;  
O que ha pois de admirar, que ellesse houvessem  
Co' a presa algumas vezes enganado ?



LXXXIV

Fechão sem cicatriz profundas chagas?  
São as do coração as que mais sangrão,  
E, se sarão, é p'ra desfigura-lo:  
Quem combate por proprias esperanças,  
E é vencido, emmudece, não se doma.  
Em seu antro a paixão suspende o folego  
Até a hora de a expiarem annos;  
Não desesperem: uma vez vierão,  
Agora vem, e hão de vir—poderes  
De punir ou perdoar; mas do primeiro  
Servir-nos-hemos com mais comedimento.

LXXXV

Claro e tranquillo Léman! se eu comparo  
O lago teu co' este revolto mundo,  
Sua placidez me diz, que eu deixe as aguas  
Turvas da terra por mais puras fontes;  
Desta serena barca são as velas  
As azas em que fujo aos dissabores;  
Outrora amei do cávo mar bramidos;  
Mas é tão doce o teu murmurio brando  
Como a voz de uma irmãa, que me reprova,  
Por tão feros deleites me abalarem.

LXXXVI

Ao pôr do sol as sombras do crepúsculo  
Sobre os montes e ribas se derramão ;  
Porém tudo inda alli se vê distincto,  
Excepto o negro Jura, cuja encosta  
Apresenta empinados precipícios ;  
Perto viva fragancia exhala a praia  
De flôres inda mal desabrochadas ;  
Da surda vaga o salpicar se escuta,  
Ou o grillo chilrando « boas noites. »

LXXXVII

De noite galhofeiro, faz da vida  
Uma infancia, que passa em cantarolas :  
De vez em quando um passaro da balsa  
Solta o canto um momento e já se cala.  
Parece haver no outeiro algum sussurro.  
É illusão, por que o estrellado orvalho  
Em silencio, de amor distilla as lagrimas,  
Que se vão derramando, até que possa  
Bem no fundo do seio da natura  
De seus matizes embeber-se a essencia.

LXXXVIII

Vós estrellas, que sois do céu poesia,  
Se em vossas folhas nitidas queremos  
Ler dos homens o fado e dos imperios,  
Perdoar-nos deveis, por que aspirando  
A grandes ser, nossos destinos saltão  
Da sua mortal orbita, e pretendem  
Comvosco alliar-se; pois belleza tanta  
E mysterio encerraes, e em nós creastes  
Tal reverencia e amor nessa distancia,  
Que a fortuna, o poder, a fama e a vida  
Tem tomado p'ra si de « estrella » o nome.

LXXXIX

Quedos o céu e a terra — mas não dormem ;  
Como quando mais sentimos, não respirão,  
Mudos, como nós quando mais pensamos :  
Quedos o céu e a terra : des das hostes  
D'estrellas té o lago que dormita ,  
E montanhosa encosta, sê concentra  
Em vida intensa tudo, onde um só raio,  
Uma só aura ou folha não se perdem,  
Mas tem parte de vida e um sentimento  
Do Creador e Defensor de tudo.

XC

Mover-se então sentimos o infinito  
Na soidão, quando a sós menos estamos ;  
A verdade, que em nosso ser s'infiltra,  
E em nós se purifica, é som vibrante,  
Alma e fonte da musica, que ensina  
A eternal harmonia, e espalha um encanto  
Qual, na fabula, de Cytherea a zona,  
Cuja belleza vinculava tudo ;  
E havia desarmar da morte o espectro.  
Se seu fatal poder fosse corporeo.

XCI

Não fez em vão na primitiva o Persa  
Seu altar de eminencias e de pincaros  
Dos montes, donde a terra se avistava,  
Bem proprio templo, não murado, aonde  
Se procurava o sp'rito, p'ra quem fraco  
Deve o alçar ser. que erguem mãos de homens.  
Comparem se ás columnas, casas d'idolos  
Godos e Gregos, céos da natureza,  
Vastos reinos do culto, o ar e a terra ;  
E em fixas moradas acanhadas  
Não mais as orações se circumscrevão.

XII

Turvou-se o firmamento. Que mudança!  
Oh! que noite, que trevas, que tormenta!  
Com força de pasmar, mas feiticeira,  
Qual luz de uns olhos pretos femininos.  
Em distancia, de um pico a outro, ás penhas  
O trovão estalando acceso salta,  
Não de uma nuvem só; cada montanha  
Abre a boca, e responde o monte Jura  
Aos Alpes folgazões, que alto lhe bradão

XIII

E reina a noite: a mais gloriosa noite!  
Para o somno mandada tu não foste.  
Partilhar teu deleite e furias quero,  
E ser porção de ti e da tormenta!  
Scintilla acceso o lago, é um mar phosphorico,  
Grossa chuva cahindo a terra inunda:  
Novo bulcão lá rompe ora o concerto  
Das alegres montanhas, que se abalão  
Atroadoras, como festejando.  
De um novo terremoto o nascimento.

XCIV

N'um lugar o veloz Rhodano segue  
Seu curso entre rochedos, que parecem  
Amantes, quando em colera se apartão,  
E que, por mais que soffrão, jámais se unem ;  
Pois fundo abysmo abrio-se em meio delles,  
Bem qu'em suas almas, que assim 'stão chocadas,  
Amor a origem foi do amante arrufo,  
Que os separou, crestando a flôr da vida ;  
A extincta paixão só lhes legou  
Vida invernosa, guerras intestinas.

XCV

Foi alli, onde assim corria o Rhodano,  
Que a mais temivel tempestade armou-se ;  
Não uma, porém muitas lá jogavão,  
De mão a mão trovões arremessando  
Com fuis e relampagos em torno.  
A mais fulgente os raios seus vibrava  
Entre as partidas rochas, comprehendendo  
Que onde a desolação espaço abrira,  
Melhor podião os ardentes dardos  
Destruir quanto alli occulto havia.

XCVI

Céos, montes, rio ventos, lago, e raios, .  
N'uma noite de nuvens e borrascas,  
E c'uma alma que sente e faz que sintão,  
Em vigilia devião conservar-me.  
Já longe o ronco de tua voz se afasta  
Que é o echo de quanto em mim não dorme,  
Se é que durmo. Mas qual, ó tempestade,  
É tua méta? As do peito humano igualas?  
Ou alto ninho em fim, qual aguia. buscas?

XCVII

Se eu do peito arrancasse o que 'stá dentro,  
Desse-lhe fórma, e uma palavra achasse,  
Com que desabafar meus pensamentos,  
Pintando o coração, razão e alma,  
Paixões e sensações, fortes ou fracas,  
Quanto buscar quizera, e quanto busco,  
Soffro, conheço, e sinto, inda vivendo,  
Se a expressão fosse raio eu fallaria ;  
Mas assim... vivo e morro sem me ouvirem,  
Meu pensamento mudo se recolhe,  
Como uma espada, qu'entra na bainha.

XCVIII

Surge nova manhã, manhã rociada,  
De roseas faces, exhalando incensos.  
Com desdem jovial espanca as nuvens,  
Viva, como se a terra não tivesse  
Um tumulto só, vai pelo dia entrando.  
Reassumimos a marcha da existencia,  
E em tuas praias inda acho, ó lindo Léman,  
P'ra meditar lugar e alimento ;  
Quando passo por ti só ter desejo  
Tempo para te olhar como mereces.

XCIX

Doce Clarens — de amor profundo berço,  
Joven paixão c'os ares teus respira !  
Tem as tuas arvores em amor raizes  
E em cima as neves tomão delle as côres.  
Que o sol de rosas tinge em seu occaso,  
Poisando nellas amorosos raios.  
Os immoveis penhascos aqui fallão  
De amor, que busca nelles um refugio  
Contra os choques mundanos, que aguilhoão,  
E agitação em nossa alma as esperanças,  
Que lisongeão p'ra depois zombarem.



C

Clarens, tuas sendas trilhão pés celestes,  
Os do immortal Amor, que sobe a um throno  
Que tem montanhas por degrãos, e aonde  
O Nume é vida e luz. que se diffunde  
Não só nessas alturas, não sómente  
Nos bosques e covis, mas sobre as flôres.  
Os olhos seus faiscão, e seu halito  
E' que assopra do brando estio as auras,  
Cuja doçura tem mais poderio,  
Que os furacões na hora mais tremenda.

CI

Alli é tudo delle : os negros abetos,  
Que em cima o cobrem com sua sombra, e o ruído  
Que das torrentes elle escuta, os pampanos  
Que alastrão verdes té á praia embaixo,  
Onde as aguas se curvão p'ra encontra-lo,  
Em sussurro adora-lo, e os pés beijar-lhe.  
A copada floresta d'arvores velhas,  
De encanecidos troncos, e folhagem  
Joven como o prazer, alli persiste  
E a elle e aos seus offrece ermo habitado.

CII

Povôão a soidão aves e abelhas,  
E mil mágos objectos multi-côres,  
Que, em gorgeios mais doces que palavras,  
Rendem-lhe culto, abrindo alegres azas  
Innoxias sem temor, cheias de vida.  
Fontes em borbulhões e do alto a queda,  
O vergar da ramagem, que se agita,  
E os botões que a belleza logo lembrão,  
Tudo é obra d'Amor, que alli se espalha  
Nesta mistura para um fim grandioso.

CIII

Quem não amou, lições de amor ali toma,  
Onde o seu coração s'esp'ritualisa ;  
Mas o terno mysterio quem conhece  
Mais ha de amar, que este é de amor o asylo,  
P'ra onde o afugentárão os pezares  
De homens vãos e o dissipado mundo ;  
Por que por natureza avança ou morre ;  
Não fica estavel, mas decahe ou cresce  
Na illimitada bemaventurança,  
Que, c'os luzeiros immortaes bem pôde  
Rivalizar em sua eternidade.

CIV

Não p'ra ficção Rousseau buscou tal sitio,  
E o povouou de affectos, elle o achára  
Pela paixão disposto para as scenas  
Dos entes que crisola a phantasia ;  
Esse fôra o lugar, que Amor outr'ora  
Santificou amante, e onde o cinto  
A Psyche desatou : é solitario  
Assombroso e profundo, e quanto se ouve,  
Sente-se e vê-se tem tanta doçura,  
Que ahi formára o Rhodano o seu leito,  
E os Alpes o seu throno alevantarão.

CV

Lausanne e Ferney ! Fostes as moradas  
De nomes, que legarão-vos um nome <sup>13)</sup>,  
Mortaes que por veredas perigosas  
Da immorredoura fama a senda acharão :  
De genios gigantescos, d'escabrosas  
Aspirações, como os Titans, ousarão,  
Amontoando idéas sobre duvidas,  
Desafiar do céu trovões e chammas ;  
Se é que outra vez o céu sendo escalado,  
Em quanto homens a homens investigão,  
Se digna de fazer mais que sorrir-se.

CVI

Um foi fogo e inconstancia, e nos desejos  
Menino o mais mudavel, cujo espirito  
Variado, alegre, serio, sabio, agreste,  
Historiador, philosopho, e poeta,  
Multiplicou-se pela raça humana,  
Proteu em seus talentos ; mas aquelle  
Em que mais excedia era o ridiculo,  
Que, qual vento, zunia onde o lançava  
Pondo tudo a tombar ; ora abatendo  
Algum nescio, ora um throno sacudindo.

CVII

O outro com profundos pensamentos  
Pausados e absorventes, recolhendo  
Sabedoria em cada anno d'estudos.  
Dado á meditação, de um saber vasto,  
De sua arma severa afiando o gume  
Com solemne desdem solemnes crenças  
Solapou, sendo mestre na ironia  
Seu mór condão, com que elle aguça a colera  
Aos inimigos seus, que o medo assanha  
E ao prompto inferno os manda dos fanaticos,  
— Meio eloquente de solver-se a duvida.

CVIII

Paz com as cinzas delles ; pois pagárão,  
Se o merecêrão, todos seus peccados ;  
Não nos cabe julgar, condemnar menos,  
Hora virá em que ha de tudo a todos  
Ser patente, ou no mesmo leito a esp'rança  
Dormirá c'o temor ; mas estaremos,  
O que é mais certo, a pô já reduzidos,  
Que quando reviver, como fé temos,  
Ou será para sermos perdoados,  
Ou p'ra soffrermos o que seja justo

CIX

Porém deixemos essas obras do homem  
Voltando ás do Creador, que me circundão ;  
Suspenda-se esta pagina, que alimentão  
Meus devaneos, que sem fim parecem  
Prolongar-se. Lá vejo em cima nuvens  
Que para os brancos Alpes se dirigem,  
E penetrando-as pesquisar pretendo  
Quanto licito for-me, emquanto galgo  
A maior região, mais elevada.  
Onde a terra compelle as do ar potencias  
A virem receber os seus abraços.

CX

Italia, Italia ! quando te contemplo,  
Em minha alma lampeja a luz dos évos :  
Des que o feroz Carthaginez por pouco  
Te não venceu. até a ultima auréola  
Dos guerreiros e sabios consagrados  
Nos gloriosos teus annaes, tu foste.  
D'imperios throno e tumulo, e ainda hoje a fonte  
Em que o saber, p'ra mitigar sua sede,  
Vai abreviar-se —manancial que corre  
Do oiteiro imperial da eterna Roma.

CXI

Até aqui n'um thema hei proseguido,  
Que sob auspicios renovei não prosperos :  
Sentir que nós não somos o que fomos,  
E crer não sermos o que ser deveramos,  
E de si mesmo o coração furtar-se,  
E occultar com soberba cautelosa  
Amor, odio, paixão, ou quer que seja,  
Sentimento, intenção, pezar ou zelo,  
Da minha idea o espirito tyranno.  
Ardua tarefa é esta p'ra nossa alma ;  
Mas não importa, está já concluida.

CXII

Quanto a estas palavras moduladas  
Um innocente ardil talvez só sejam,  
De pintar scenas, vistas de relance,  
Que passando apanhei para meu peito,  
Ou para o de outros distrahir um tanto.  
De fama a juventude é sequiosa,  
Mas tão joven não sou para que torne  
O vituperio ou o louvor dos homens  
Como da gloria galardão ou baixa :  
'Stive, estou só — lembrado ou esquecido.

CXIII

O mundo não amei, nem elle amou-me,  
Nunca adulei seu halito corrupto.  
Nem a seus idolos ajoelhei submisso.  
Na minha face não cunhei sorrisos,  
Jámais gritei p'ra prestar culto a um echo ;  
Na turba, ninguem della julgar-me hia.  
No meio delles, mas sem ser um delles,  
As minhas opiniões suas não erão,  
E hoje inda fôra assim, se eu não limasse  
Minha razão havendo-a subjugado.

CXIV

O mundo não amei, nem elle amou-me ;  
Mas leaes inimigos separámo-nos,  
Creio, bem que o contrario tenha achado,  
Qu'inda ha palavras que denotão coisas,  
Que ha esperanças, qu'enganar não querem,  
Que ha virtudes piedosas, que não armão  
Laços aos fracos : tambem creio ainda  
Que ha quem sincero sinta os males de outrem,  
Que um ou dois quasi são quanto parecem,  
Que a bondade não é somente um nome,  
E que não é a f'licidade um sonho.

CXV

Minha filha ! este canto abriu teu nome !  
O teu nome tambem deve fecha-lo.  
Não te vejo nem oiço, e ninguem póde  
Mais cheio estar de ti, unica amiga,  
P'ra quem de meu porvir correm as sombras :  
Bem que não tenhas tu de ver meu rosto,  
Minha voz ouvirás nas visões tuas,  
E ella ao coração chegar-te ha quando  
Frio o meu estiver — próva e descante,  
Que te manda teu pai, mesmo da tumba.



CXVI

Ajudar-te a desenvolver o espirito,  
Dos teus dias d'infancia espiar a aurora,  
Ver o teu crescimento, e presidi-lo  
Ver-te apanhar a compreensão das coisas,  
De que pasmavas té então ! Sentar-te  
Em meus joelhos levemente, e um beijo  
Imprimir-te de pai na tenra face,  
Tudo isto porém não me foi dado ;  
E comtudo eu bem sinto, coração  
P'ra taes gozos me deu a natureza.

CXVII

Posto te ensinem por dever a odiar-me,  
Eu sei que me has de amar—inda que occultem  
O meu nome de ti, como um conjuro  
De desolar, e quebrantar direitos : .  
Ainda que entre nós feche-se o tumulto,  
Sei que has de amar-me, e ainda que pretendão  
O meu sangue esgotar das véas tuas,  
E o consigão, inutil será tudo,  
Sempre has de amar-me, e mais que é dado á vida.

CXVIII

Filha do amor, nascida n'amargura,  
Em afflicções creada, os elementos  
Que forão de teu pai, tu tens não menos.  
Elles ainda te cercão—mas teu fogo  
É mais brando, maior tua esperança.  
Possas gozar no berço doce somno  
Do mar e montes, onde ora respiro ;  
A ti venturas taes mandar quizera,  
Quaes, c'um suspiro, creio me darias.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

### NOTAS DO TERCEIRO CANTO

(1) Lord Byron deixou a Inglaterra, pela segunda e ultima vez, a 25 de Abril de 1816.

(2) Dizem que na noite anterior a essa batalha houve um baile em Bruxellas.— *Byron*.

(3) O pai do Duque de Brunswick foi ferido mortalmente na batalha de Iena, e elle morreu na de Waterloo.

(4) Sir Evan Cameron, e o seu descendente Donald, o valente Lochiel de 1743.

(5) Julga-se que o bosque de Soignies é um resto da floresta das Ardenhas, celebrada no Orlando de Boiardo, e immortalisada em uma composição de Shakspeare.— Tacito tambem falla dessa floresta, como de um lugar, onde os Germanos resistirão com vantagem ás invasões dos Romanos.

(6) Dizem que sobre as margens do lago Asphaltite crescem arvores, cujos fructos, lindos por fóra, são de cinzas por dentro.

(7) O castello de Drachenfels domina a mais elevada das sete montanhas das margens do Rheno.

(8) O monumento erigido á memoria do joven e famoso general Marceau, que morreu ferido por uma bala em Alterkirchen, no ultimo dia do anno IV da republica franceza, ainda hoje existe tal qual o descrevi.— *Byron*.

(9) Essa capella já não existe; e a pyramide de ossadas foi grandemente destruida pela legião borgonheza, ao serviço da França, que quiz aniquillar esse monumento commemoratorio da mal succedida invasão de seus antepassados.

(10) Aventicum, perto de Morat, era a capital da Helvecia Romana. No mesmo lugar existe hoje a cidade de Avenches.

(11) Julia Alpinula, joven sacerdotisa de Aventicum, morreu depois de haver embalde tentado salvar a vida de seu pai, condemnado á morte como traidor, por Aulus Cæcina.

(12) Escrevo isto em frente ao Monte Branco (aos 3 de Junho de 1816) que mesmo nesta distancia me offusca os olhos. — *Byron*.

(13) A cor do Rhodano em Genebra é de um azul tão carregado, como nunca vi em agua doce ou salgada, exceptuando o Mediterraneo e o Archipelago.

(14) Allude o poeta á parte das confissões de João Jaques Rousseau, em que este falla da sua paixão pela condessa Houdetot, amante de Saint-Lambert, e nos longos passeios que juntos davão pela manhã, para receber o unico beijo, que ella lhe concedia no momento de o saudar.

(15) Voltaire e Gibbon.



## CANTO QUARTO

---

1



**E**M Veneza, na ponte dos suspiros,  
Parei — entre um palacio e uma masmorra :  
Seus edificios vi surgir das ondas,  
Como que ao toque d'uma vara magica.  
Dez seculos, com suas azas nebulosas,  
Me circundão, sorrindo moribunda  
A gloria dos passados tempos, quando  
Muitas nações submissas contemplavão  
Os do alado Leão marmoreos paços,  
Onde Veneza, Estado no Estado,  
S'enthronisava sobre um cento d'ilhas.

II

Qual Cybele do mar, fresca se erguia,  
Com sua tiára de soberbas torres,  
No horisonte acenando magestosa,  
Regendo o oceano, e às potestades delle.  
Tal foi: dote fazia, para as filhas,  
Do espolio das nações, e o Oriente,  
Inexaurível, sobre seu regaço  
Em luzentes chuveiros espargia  
Preciosidades. — Purpura vestia,  
E do banquete seu reis partilhavão,  
Crendo assim augmentar sua dignidade.

III

Já não se ouve em Veneza o echo do Tasso ;  
Sem cantar, mudo rema o gondoleiro ;  
Sobre a praia os palacios seus desabão ;  
Mais não se escuta a musica incessante :  
Esses tempos lá vão ; mas ha bellezas  
Inda alli. Se os Estados e artes cahem,  
Não morre a natureza, nem se esquece,  
Quanto Veneza um dia lhe foi cara ;  
Ponto jovial de todas as festanças,  
Do mundo união, da Italia mascarada.

IV

Mas para nós tem ella um outro encanto,  
Que não na historia o nome , e a longa pompa  
De seus possantes mortos, cujas sombras  
Pairão sobre a cidade, hoje sem doges,  
Pungindo-os seu imperio aniquilado :  
Jámais se hão de abater os trophéos nossos,  
Pois Rialto. Shylock, o Moiro, e Pierre,  
Nem apagar-se, nem gastar-se podem :  
Chaves d'abobada, embora caia tudo,  
Será para nós povoada a erma plaga.

V

Não são de barro os entes, que ideamos,  
Por essencia immortaes, creão e augmentão  
Em nós luz mais brilhante, e uma existencia  
Mais querida : o que o fado ha prohibido  
Á tosca vida nesse nosso estado  
De mortal servidão, nos dá o espirito,  
Que primeiro afugenta o que odiamos,  
E depois o lugar toma, regando  
O coração, em que as primeiras flôres  
Tendo morrido, vem, com maior viço,  
Outras brotando, para encher o vacuo.

VI

Da juventude, e velhice eis o refugio,  
Quando uma espera, e a outra sente a falta,  
Falta de que nascerão muitas paginas ;  
Talvez mesmo esta, que a meus olhos cresce ;  
Mas ha coisas d'immensa realidade,  
Que eclipsão nossas regiões de fadas,  
Mais formosas, na fôrma e nos matizes,  
Que todos esses céos, que phantasiámos,  
Com astros, que espalhar a Musa sabe  
Pelo seu universo extravagante.

VII

Vi tudo isto e sonhei — mas passe embora —  
Como verdade veio, e foi qual sonho ;  
E é isto o que ora é, fosse qual fosse :  
Substituir podia o, se quizesse :  
Inda minha alma géra muitas fôrmas,  
Que parecem ao certo as que procuro,  
E que acho alguns momentos — porém passem ;  
Porque a razão, ao despertar-se, julga  
Insanas as ficções muito apuradas,  
E outras vozes e scenas, fallão, cercão-me.



VIII

Aprendi outras linguas, e entre estranhos  
Consegui por estranho não ser tido ;  
Não sorprendem mudanças um espirito,  
Que em si vive ; nem duro nem difficil  
É uma patria achar, no meio ou fóra,  
Da humanidade : emtanto eu nasci onde  
Tem os homens razão de ser soberbos ;  
Deixaria eu a ilha inviolavel  
Do sabio, e do homem livre, indo em procura,  
Além, remotos mares, de um alvergue ?

IX

Talvez que amando-a muito, as minhas cinzas,  
Se eu depuzer em terra, que não minha,  
Para lá volva minha alma, se é que pôde  
Incorporea escolher um sanctuario.  
Ligo a esperança de ser commemorado,  
Por minha prole, ao meu patrio idioma :  
Se em taes aspirações, a mim fagueiras,  
Passo os limites, e se a minha fama  
Tiver de ser, qual fóra a minha dita,  
Tão rapida em crescer, como em crestar-se,  
E se impedir o negro esquecimento —

X

Que entre meu nome o templo, aonde os mortos  
As nações honrão — seja assim embora —  
Brilhem os loiros em mais nobre fronte,  
E caiba-me o epitaphio do Espartano —  
« Tem Esparta mais dignos filhos que elle. » <sup>1)</sup>  
Pois sympathias nem precizo, ou quero ;  
Os que hei colhido, espinhos são das arvores,  
Que plantei — elles tem-me lacerado,  
E me sangrão : devêra eu ter sabido,  
Que de sementes taes, taes fructos brotão.

XI

Por seus consortes chora o Adriatico,  
Que as bodas annuaes mais não renova ;  
O Bucentauro ahi jaz, sem que o restaurem,  
Adornos, que a viuvez abandonára !  
Vê São Marcos seu leão inda em seu posto, <sup>2)</sup>  
Irrisão do poder seu decahido,  
Sobre a praça soberba, onde implorára  
Um Imp'rador, e que os Reis contemplavão,  
Esse tempo invejando, em que Veneza.  
Com dote sem igual, era rainha.

XII

O Suévo implorou, reina hoje o Austriaco,  
Calca um Imperador aos pés o solo,  
Em que outro ajoelhou ; reinõs mudados  
Em provincias ; cadêas retinindo  
Sobre cidades, antes soberanas:  
No zenith do poder as nações sentem  
Do sol o brilho, e derretidas cahem,  
Como massas de neve despegadas  
Das montanhas. Quem déra uma só hora  
Do velho cego octogenario Dandolo,  
General na conquista de Bysancio !

XIII

Bronzeos corceis inda em São Marcos brilhão,  
Luzindo ao sol, dourados seus collares;  
Mas de Doria a ameaça não cumprio-se ?  
Nãs estão elles bridados ? — Conquistada,  
E perdida, Veneza se submerge,  
Findos de liberdade treze seculos,  
Como um sargaço, lá donde surgira !  
Mais lhe valêra estar coberta de ondas,  
Da destruição tragada pelo abysmo,  
E ahi mesmo livre do estrangeiro imigo,  
Que em seu jugo lhe dá repouso infame.

XIV

Joven. foi toda gloria — nova Tyro, —  
Da victoria lhe veio o seu conceito :  
« Planta o leão » que, em fogo e sangue, aos mares  
Levou, e terra, que ella conquistára,  
Quando inda livre, escravisava a muitas.  
Baluarte entre a Europa e o Ottomano,  
Attesta-o, Candia, tu, rival de Troia,  
E confessai-o, vós, immortaes ondas,  
Que vistes a batalha de Lepanto ;  
Pois tendes nomes taes, que nem o tempo,  
Nem mesmo a tyrannia extinguir podem.

XV

Como estatuas de vidro — esmigalhada  
Jaz longa serie de seus doges mortos ;  
Mas seu vasto palacio sumptuoso,  
Quebrado o sceptro, e o gladio enferrujado  
Curva-se a estranhos. Edificios vagos,  
Ruas desertas, e estrangeiros rostos,  
Tudo isto a recordar-lhe muitas vezes,  
Como e por quem é hoje escravizada,  
Certas nuvens espalha luctuosas  
Pelas lindas paredes de Veneza.

XVI

Quando cahirão as d'Athenas hostes  
Em Syracusa, e quê da guerra o jugo  
Manietados milhares supportavão,  
Raiou a redempção da Attica Musa,  
E tão longe, sua voz foi seu resgate :  
Vêde-os como entoando o tragico hymno,  
Do vencedor vencido pára o carro,  
Cáem-lhe rédeas da mão, salta ocioso  
O alfange do talim, quebra elle os ferros  
Aos captivos, e diz-lhes, que agradeção  
A liberdade ao Bardo, por seus versos.

XVII

Veneza, assim, se mór jus não tivesses,  
Teus altos feitos se esquecesse a historia.  
Teus córos memorando o divo bardo,  
E o teu amor por Tasso, o nó devião  
Cortar, que tem-te presa a teus tyrannos.  
Tua condição é das nações o opprobrio,  
E mais teu, Albion ! Do mar rainha,  
Abandonar os filhos do Oceano  
Não devias : na quêda de Veneza,  
Na tua pensa bem—mesmo a despeito  
Dessas tuas muralhas fluctuantes.

XVIII

Amo-a desde menino, e tive-a sempre  
Por cidade encantada do meu peito,  
Do mar surdindo, qual columna d'agua,  
Séde dos gozos, feira da opulencia ;  
Otway, Radcliffe, Schiller, Shakspeare, <sup>5)</sup>  
Tanto em mim hão gravado a imagem sua,  
Que inda encontrando-a assim, como ora, nunca  
Mais della me despego; é-me mais cara,  
Talvez mesmo em seus dias d'infortunio,  
Do que ufana, ostentosa, e maravilha.

XIX

Povoar posso o passado, e do presente  
Bastante ha para vista e pensamento,  
E para a reflexão, mais acalmada ;  
Talvez mais do que busco, ou que esperava .  
Dos momentos, que tive entretecidos,  
Mais ditosos, na têa da existencia,  
Linda Veneza, a alguns tu déste as côres :  
São sentimentos, que nem cala o tempo,  
Nem abala o tormento ; — d'outro modo,  
Mudos, e frios hoje os meus serião.

XX

Porém mais altos os pinheiros crescem  
Nos mais altos rochedos descampados,  
Enraisão n'aridez, sem nada, em baixo,  
De terra, sustenta-los contra os choques,  
Dos furacões alpinos, que remoinhão,  
Brotando os troncos, que dos uivos zombão  
Das tempestades, té que, em fórmula e altura,  
São dignos das montanhas. E grisalho,  
Frio o granito, aonde elles nascêrão,  
E medrárão, como arvores gigantes :  
E' assim que o nosso animo vigóra.

XXI

Póde a existencia supportar-se, e póde  
Funda raiz firmar, soffrendo, á vida  
Em resequidos desolados seios :  
Mudo o camelo a mais pesada carga  
Sustenta, e morre o lobo silencioso ;  
Baldio para nós não seja o exemplo :  
Se cousas tão ignobeis e selvagens  
Soffrem sem recuar, nós, que de um barro  
Mais nobre somos feitos, poderemos  
Supportar, que é apenas por um dia.

XXII

Toda a dôr, ou destróe, ou é destruída,  
Mesmo por quem a soffre; e nos dois casos  
Acaba. Alguns, que a esp'rança inda sustenta,  
Com igual fim, p'ra d'onde vierão, voltão,  
E inda tecem sua têa; outros curvados  
E prostrados definhão e encanecem,  
Mirrando antes de tempo, e perecendo,  
Como a vara de vime a que se arrimão;  
Devoção, labor, guerra, o bem, ou o crime,  
Outros buscão, conforme tem as almas,  
A remontar-se, ou a descer, mais aptas.

XXIII

Mas sempre dessas dôres comprimidas  
Lá vem um tóque, igual á ferroada  
Do escorpião, — apenas perceptível,  
Mas de nova amargura hervada—e ao peito,  
Inda que leve, traz um grande peso,  
Que atirar para um lado elle quizera:  
Póde ser — ou um som — um tom de musica—  
Uma tarde d'estio—ou primavera—  
Uma flór—vento—ou mar—que nos molestem,  
Que vem tocar nessa cadêa electrica,  
Onde nos prendem seus sombrios elos.



XXIV

E o como, ou pelo que, nós não sabemos.  
Nem podemos seguir, té ás suas nuvens,  
D'alma o lampejo ; o choque só sentimos  
Se renovar, sem que apagar possamos  
A crêsta e negridão que elle após deixa,  
Chamando, d'entre coisas familiares,  
Do acaso, ou quando menos o pensamos,  
Espectros, que não doma o exorcismo —  
De quem esfriou—mudou—ou morreu mesmo  
Qu'inda se chora, amou-se, e se perdéra —  
Tantos objectos ! Inda assim quão poncos !

XXV

Mas minha alma vaguêa ; eu reconduzo-a  
A meditar no meio de destroços,  
Como ruina entre ruinas—rasteando  
Decahidos estados, e a grandeza,  
Sepulta nessa terra, que já fôra  
A mais potente, em seu antigo imperio,  
E qu'inda a mais formosa será sempre ;  
O molde principal, onde fundidos,  
Pelas mãos divinaes da natureza,  
Forão esses heróes, e homens livres.  
Bellos, bravos da terra e mar senhores.

XXVI

Republica de reis—homens de Roma!  
E desde então, e agora, bella Italia,  
És do mundo o jardim, patria de quanto  
Se acurva á arte, e ordena a natureza.  
Em teu mesmo deserto o que te iguala?  
Lindos teus musgos; teus incultos campos  
Mais produzem, que os d'outros climas fertes,  
Tua decadencia é gloria, e tuas ruinas  
Um certo immaculado encanto adorna,  
Que jámais pôde ser desfigurado.

XXVII

Já brilha a lua, e não ha noite ainda,  
Com ella o sol, ao pôr-se, os céos divide.  
Um mar de gloria inunda o alpino cume  
D'azues montanhas do Friúl; de nuvens  
Limpo o céu, tantas côres o matizão,  
Que parecem formar immenso arco-iris  
Para o poente, onde se prende o dia  
À eternidade do passado— emquanto  
Se vê á léste no ceruleo espaço,  
Meiga, crescendo. fluctuar Diana,—  
Uma ilha de bemaventurados.

XXVIII

Na metade do lindo céu, com ella,  
Reina uma estrella que só tem ao lado.  
Mas inda ondas do sol, crescendo lucidas,  
Rolão do Rhoetio monte sobre o pico.  
Té que a natura exija entrar na ordem,  
Como que o dia e a noite se debatem,  
Suas côres instilando no profundo  
Rio Brenta, que manso se deslisa,  
Tingido de uma purpura odorifera,  
Qual fresca rosa, e então mais radiante  
Se torna, reflectindo na corrente.

XXIX

Do céu se espelha a imagem, que de longe  
As aguas desce; e seus matizes todos,  
Desde o sol posto até nascer a estrella,  
Variedade magica diffundem.  
Mas logo tudo muda, e sobre os montes  
Mais desmaiada sombra o manto estende,  
E esvae-se o dia, qual delphim morrendo,  
Que em cada rasca mostra uma côr nova,  
Ao expirar, e é mais formosa a ultima,  
Até que morto—muda-se em cinzenta.

XXX

Em Arqua existe um tumulo, ao ar erguido  
Sobre pilares ; dentro em seu sarcophago  
Do amante de Laura os ossos jazem :  
Romeiros do seu genio affluem muitos,  
Que seus ais decantados bem conhecem.  
Surgio para elevar um idioma  
E para a patria, vindicar do jugo  
Ignorante de barbaros imigos :  
Regando com seu pranto melodioso  
A arvore, onde entalhado havia o nome  
De sua amada, conquistou a fama.

XXXI

Guarda suas cinzas Arqua, onde morrêra ;  
Aldêa montanhosa, em que dos annos  
Ao valle os dias seus descêrão ultimos.  
E é este o seu orgulho, honroso orgulho !  
Como ser deve o seu maior encomio  
De mostrar aos que paixão forasteiros  
Seu domicilio e tumulo — ambos singelos,  
E de tão veneravel singeleza,  
Que excitão sentimentos mais de accordo  
Com seus carmes, do que se uma pyramide  
Seu mausolêo monumental formasse.

XXXII

E a doce quieta aldéa, em que habitava,  
Tem tal aspecto, que parece feita  
P'ra quem, mortal sentindo-se, um refugio  
Busca em suas frustradas esperanças,  
De uma verde collina á escura sombra,  
D'onde em distancia avista-se o bulicio  
Das cidades que agora em vão se mostrão  
Aquelles, a quem mais tentar não podem,  
E a quem só basta um raio de sol claro,  
Para santificar a qualquer dia.

XXXIII

Sol que montes e folhas aclarando  
Resplandece no arroio sussurrante,  
Junto do qual tão claras, como a lympha,  
Se vão as horas vagas deslizando,  
E c'um calmo langor, que, bem que aos olhos  
Ocio pareça, em si moral encer ra :  
Se se aprende a viver na sociedade.  
A bem morrer a solidão ensina !  
Não existem ahi os lisongeiros,  
Nem a vaidade dá-lhes fôfo auxilio —  
Só com seu Deos o homem tem de haver-se.

XXXIV

Ou talvez com demonios, que, abatendo  
A força dos melhores pensamentos,  
Se apossão desses seios merencorios,  
Que por caracter, desde a sua infancia,  
Amão habitações tristes e escuras,  
Predestinados julgão-se a um tormento;  
Não desses que padecem transitorios,  
Fazem sangue do sol, tumulto da terra,  
Do tumulto inferno, e a este inda mais lobrego.

XXXV

Ferrara ! dessas tuas largas ruas,  
Que a crescente herva estraga, a symetria  
Não foi para a soidão ! Pazar parece  
Uma tal maldição sobre a morada  
Dos primeiros sob'ranos, sobre a antiga  
Casa d'Este, que, dentro de teus muros,  
Com vigor dominou por muitos seculos,  
Dando dantes patronos, ou tyrannos,  
Conforme o humor dessas potencias fracas,  
Que se cingirão com o diadema,  
Que de Dante adornára a fronte outr'ora.

XXXVI

Fôra Tasso sua gloria e seu opprobrio :  
Ouve-lhe o canto, e observa-lhe o cubiculo<sup>o</sup> !  
Vê quão cara comprou Torquato a fama,  
E onde Alfonso habitar fez seu poeta.  
O miseravel despota não poude  
Abater seu espirito insultado,  
Qu'extinguir procurava, confundindo-o  
C'os loucos, que o cercavão, nesse inferno  
Aonde o submergio. Infinda gloria  
As nuvens espancou, e é esse um nome,

XXXVII

Que em todo o tempo terá culto e lagrimas,  
Emquanto o teu, no olvido apodrecendo,  
Se some no vil pó dessa vaidosa  
Raça tua, que ao nada está desfeita.  
Mas o élo, que fôrmas na cadêa  
Do seu destino, é que inda faz lembrar-nos  
Tua perversidade, e com desprezo  
Nomear-te, Alfonso ! Ah ! como de ti foge  
Todo o ducal prestígio ! Se nascesses  
Em outra condição, mal poderias  
Ser escravo de quem gemer fizeste.

XXXVIII

Nasceste para seres desprezado,  
E cevar-te, e morrer, como outros brutos,  
Tendo só uma pia mais esplendida,  
E um estabulo mais largo. Elle ! da fronte  
Sua enrugada um resplendor de gloria,  
Radiante então, ainda hoje deslumbra,  
Dos inimigos seus em frente, o côro  
De Crusca com Boileau, que, arrebatado  
D'inveja, não consente que outros plectros  
Vexem da patria a lyra crepitante,  
Dos dentes afiador, latão monotono !

XXXIX

Paz de Torquato aos manes ultrajados !  
Na vida e morte foi por sina o alvo,  
A que a affronta apontou hervadas settas ;  
Mas não certeiras. No moderno canto,  
Ah ! foste o vencedor, nunca vencido.  
Traz cada anno milhões; mas quanto tempo  
Hão de rolar das gerações as ondas,  
Sem combinar-se nessa turba innumera  
Um composto, que iguale o teu engenho?  
Inda que todos em um só condensem  
Dispersos raios seus, um sol não formão .



XL

Grande, como és estão-te em paralelo  
Teus conterraneos, que nascêrão antes  
Para brilharem—bardos do inferno,  
E da cavallaria! Alçou primeiro  
A Divina Comedia o Pai Toscano ;  
Depois, não desigual ao Florentino,  
O menestrel, do Sul o Scott, um mundo  
Novo creou em suas linhas magicas,  
Que, assim como do Norte o Ariosto,  
As guerras decantou, o amor das damas,  
Romancees, e o valor dos cavalleiros.

XLI

Tirou um raio do busto de Ariosto  
A ferrea c'róa de fingidos louros ;  
O presago elemento razão teve ;  
Pois quando a tece a gloria é só das folhas  
D'arvore do louro, que não ferem raios,  
E a ficção deslustrava uma tal fronte ;  
Mas se a superstição se dôe ainda,  
Saiba, que aqui na terra santifica-se  
Tudo em que cahe o raio—e duplamente  
Consagrada está hoje essa cabeça.

XLII

Italia, Italia ! fatal dom tiveste  
De belleza, que para ti tornou-se  
Funesto dote dos presentes males,  
E dos passados !—Sobre o teu semblante  
Abrio vergonha os sulcos do desgosto,  
Gravando teus annaes de fogo em letras.  
Se menos bella fôras, ou mais forte,  
Vindicar poderias teus direitos,  
Para longe aterrando os salteadores,  
Que se arremessão a verter teu sangue,  
E no infortunio teu beber-te as lagrimas.

XLIII

Mais temivel, ou menos cobiçada,  
Na rudez, mas em paz, não lamentáras  
Teus damnosos encantos ; nem dos Alpes  
Despenhar-se incançaveis hordas viras  
De bandidos armados, que sedenotos,  
Nas aguas de teu Pó, sangrentas sempre,  
Vem á larga beber ; nem gladio estranho,  
Fôra tua arma infausta de defesa,  
Para séres vencida ou vencedora—  
Sempre escrava, do amigo ou do inimigo.

XLIV

Quando moço viajei, segui a róta  
Do Romano, que amigo foi de Tullio,  
Desse de Roma o menos mortal genio.  
Com vento fresco meu baixel sulcando  
As ondas azues claras, tive em frente  
Megara, Ægina atrás, Pirêo á dextra  
E á esquerda Corintho: eu debruçado  
Sobre a prôa vi tudo reunir-se  
Em ruinas, desolado, qual vio elle.

XLV

Que o tempo as não reconstruiu; mas barbaros  
Erguem moradas sobre seus destroços,  
O que faz qu'inda mais se ame e lamente  
Seus poucos raios ultimos, que lanção  
Luz de longe, bem como as esmagadas  
Reliquias do poder seu decahido.  
O Romano em sua vida vio taes tumulos,  
Das cidades sepulchros, que um assombro  
Triste excitirão nelle, como as paginas  
De lições de moral, que o sobrevivem,  
Na peregrinação sua traçadas.

XLVI

Tenho adiante de mim ora essas paginas,  
Na minha ajunto da sua patria as ruinas.  
A massa dos estados definhados,  
De que elle lastimára a decadencia,  
Eu a desolação : tudo o que havia  
Então de estrago é o mesmo, e hoje Roma —  
Ah ! Roma imperial, na mesma poeira,  
E negrume, se curva á tempestade ;  
Vemos nella, passando, um esqueleto  
De titanicas fórmas e fragmentos  
D'um outro mundo, e as cinzas inda quentes.

XLVII

No entanto Italia, pela terra toda,  
De um lado a outro, echoar devem teus males ;  
D'artes mãe, qual das armas foste outr'ora.  
Então nos protegeste. inda nos guias  
Da nossa religião progenitora,  
A quem vastas nações ajoelharão  
Pelas chaves do céu ! Arrependida  
Do parricidio seu, ha de inda a Europa  
Resgatar-te, quando haja refluído  
Dos barbaros a maré, perdão pedir-te.

XLVIII

O Arno nos leva aos bellos alvos muros,  
Onde Athenas d'Etruria impressão terna  
Mais nos faz, com seus paços encantados.  
Dentro de seu theatro de collinas  
Salta cheia de vida a abundancia  
Com seu corno, e pão colhe, vinho, e azeite.  
Nas margens, do risonho e doce Arno,  
Nasceu moderno o luxo do commercio,  
E o sepulto saber, ressucitado,  
Vio para si raiarem novos dias.

XLIX

Lá tambem ama em pedra a Deosa, enchendo  
De ambrosia e belleza o ar, que a cerca;  
Respira o quem a vê, pois seu aspecto  
Infunde parte de immortalidade.  
Está meio abaixado o véo celeste,  
E nós vemos naquelle rosto e fórmas  
O que pôde fazer o genio, quando  
A natureza mesma falharia;  
Aos antigos idolatras invejamos  
A innata chamma, que deu vida á pedra.

L

Olhamos, sem saber a que voltar-nos,  
Ebrios e deslumbrados de belleza,  
Té que de cheio o coração vacilla.  
Alli — e para sempre alli — jungidos  
Ao carro triumphal d'arte, ficamos,  
Como captivo, sem querer partir.  
Longe de nós palavras, termos proprios.  
Misera giria, com que vendem marmores,  
Na qual o pedantismo engoda a inepecia;  
Temos olhos e sangue, e pulso e peito,  
Que do pastor Dardano o premio approvão.

LI

Não foi assim que appareceste a Páris,  
Ou inda ao mais afortunado Anchises?  
Ou, com tudo o que tens de mais divino,  
Da guerra ao Deos, vencido e a ti prostrado,  
Como se um astro foras, te fitando  
Reclinado em teu seio, e na tua face  
Mimosa aos olhos seus pascendo — emquanto  
Lava ardente de beijos derretidos.  
Dos labios teus lhe corre sobre a testa.  
Boca, e palpebras como de uma urna!

LII

Em mudo amor immersos e abrasados,  
Sem poder toda a sua divindade  
Exprimir, e apurar o quanto sentem,  
Mortaes tornão-se os Numes, e os humanos  
Tem, como elles, momentos os mais lucidos;  
Mas em nós pesa logo a terra — embora !  
Evocar taes visões, e crear podemos,  
E, do que ha sido, ou possa ser, objecto  
Que as fórmãs tomem dessa estatua tua,  
E cá embaixo assemelhem-se a deidades.

LIII

Deixo a dedos expertos, e a mãos déstras,  
Dos artistas e seus macaqueadores,  
Ensinar e mostrar-nos — pois entendem  
Da materia — o contorno gracioso,  
E a voluptuosa elevação ; — descrevão  
O que é indescriptivel ; mas não quero  
Que o sopro impuro seu revolva a lympha,  
Em que ha de reflectir sempre essa imagem :  
Calmo espelho dos sonhos mais formosos,  
Que hão feito os céos luzir no fundo d'alma.

LIV

Jazem de Santa Cruz no ambito sacro  
Cinzas, qu'inda mais santo o fazem — poeira,  
Que bem que nada em si, salvo o passado,  
Uma immortalidade constitue,  
E é particula do que de mais sublime  
Recahira no chaos: ahi repousão  
D'Angelo os ossos, d'Alfieri, e os desse  
Luminar, Galileu, com suas desditas,  
Aqui tambem de Machiavelli o barro  
Para a terra voltou, d'onde surgira.

LV

Quatro genios, que, como os elementos,  
Davão com que crear-se um mundo: — Italia!  
O tempo, que rasgára em mil pedaços  
O teu imperial manto, oh! ha negado  
E ha de negar a todos os mais céos,  
Espiritos, que de ruinas se remontão:  
Impregnou-se em tua quéda a divindade,  
Que a doira com seu raio reanimante;  
Como os grandes d'outr'ora, hoje ha Canova.



LVI

Porém onde os Etruscos tres repousão ? →  
Dante, Petrarca, e apenas menor que elles,  
Da prosa o bardo, o creador espirito  
Dos Cem Contos de Amor — aonde jazem  
Seus ossos, que do nosso commum barro  
Na morte, como em vida, se distinguão ?  
Reduzidos a pó : da patria os marmores  
Nada tem que dizer ? Nem lhes puderão  
Suas canteiras fornecer um busto ?  
Com amor filial ao seio della  
Confiar os seus restos não quizerão ?

LVII

Florença ingrata ! dorme ao longe o Dante.  
Qual Scipião, negou-te as suas cinzas !  
Tuas facções em cruas civis guerras  
O bardo proscrevêrão, cujo nome  
Cada vez mais os filhos de teus filhos  
Com secular remorso em vão adorão.  
Os loiros da corôa, que a suprema  
Fronte cingira de Petrarca, havião  
Longe crescido, em plagas estrangeiras,  
A sua vida, a sua fama, o seu sepulchro ;  
Mesmo violado, nada te pertence.

LVIII

Deixou Boccacio á patria as cinzas suas ?  
Estavão entre os outros Grandes della ?  
Solemne doce *requiem* lá se entôa  
Por quem formára a lingua das serêas,  
A toscana, que só por si é musica,  
Cantos seus sons, sua falla poesia ?  
Não ;—mesmo o tumulo despedaçado  
Ultrajára do fanatismo a hyena :  
Lugar já nem concedem-lhe entre os mortos  
Mais miseraveis ; nem um só suspiro  
Dos que passão se diz que foi por elle.

LIX

Faltão em Santa Cruz as nobres cinzas  
Desses tres, e esta falta mais os lembra,  
Como d'antes de Cesar o cortejo,  
Sem o busto de Bruto, mais fazia  
Do melhor filho seu lembrar-se Roma.  
Ravenna, és mais feliz ! nessa tua praia,  
Fortaleza do imperio decadente,  
O proscripto immortal honrado dorme :  
Defende e guarda ufana Arqua as reliquias  
De seus cantores, quando em vão Florença  
Pede chorando os mortos, que baníra.

LX

O que é de ricas pedras a pyramide  
D'agatas, jaspes, per'las, marmores, porphyros,  
Das côres todas, onde se enrustarão  
Os ossos de seus Duques—Mercadores?  
No momentaneo orvalho, que luzindo  
Ao reflexo dos astros do crepusculo,  
Molha a relva dos tumulos dos mortos,  
Cujos nomes são mausoléos da Musa,  
Mais de manso, com mais acatamento  
Se piza, do que nunca sobre a lousa,  
Que por baixo cabeças tem de principes.

LXI

Tem mais que ao coração apraza e aos olhos,  
Junto ao Arno, o pomposo templo d'Arte,  
Onde está em porfias a Esculptura  
Co' a Irnãa iriante ; ha maravilhas  
Ainda mais — não para mim, que afeito  
Estou a entretecer meus pensamentos,  
Antes nos campos com a natureza,  
Do que nas galerias com as artes.  
Bem que a obras divinas meu espirito  
Preste homenagem—menos rende se elle  
Do que sente , porquanto brande uma arma.

LXII

D'outra tempera, e, de accordo mais comigo.  
Vagueio junto ao lago Trasimeno  
Pelos desfiladeiros, tão funestos  
Ao arrojo Romano, e alli figuro  
As do Carthaginez ciladas bellicas,  
Quando habil attrahio ao meio as hostes,  
Dos montes e das aguas, fallecendo  
A coragem nas filas, que esmorecem,  
E as torrentes, que o sangue augmenta em rios,  
Indo co' as legiões, que se dispersão,  
Alagar as planicies abrazadas.

LXIII

Cahem as hostes, como cahe a selva  
Prostrada pelo vento da montanha ;  
E com tal frenesi, com tal ardor  
Se atirão os soldados á matança  
Que a baixo de seus pés, imperceptivel  
Passou estremecendo um terremoto !  
Ninguem então sentio a natureza  
Abalar-se feroz, e abrir sepulchros  
Aos que jazião, tendo seus escudos  
Por mortalha.— Tanto a raiva domina  
As nações que s'encontrão na peleja !

LXIV

Para elles, a terra foi qual barca,  
Que rolando os levava á eternidade ;  
Vião em torno o mar, mas sem ter tempo  
De marcar do baixel o movimento.  
Nelles suspensa a lei da natureza,  
Nem se lembrão do horror, que sempre reina,  
Quando tremem os montes, quando os passaros  
Dos altos ninhos seus escapão, e entrão  
Nas nuvens, um refugio procurando ;  
Muge o gado, e no movel prado tomba ;  
Em seu terror os homens emmudecem.

LXV

Tem ora o Trasimeno outra apparencia,  
É seu lago um lençol de prata, e o campo  
Nada revolve, salvo o brando arado.  
Tão bastas s'erguem suas velhas arvores,  
Como outr'ora os cadaveres jazendo  
Onde ellas tem raizes ; mas tomando  
Pequeno arroio, de acanhado leito,  
Do dia, em que choveu sangue, o seu nome,  
Indica Sanguinetto, aonde os mortos  
A terra humedecêrão, e escarlates  
Máo grado seu, tornárão-se as suas aguas.

LXVI

Mas tu, Clitumno, em cujas mansas aguas  
Do mais claro crystal, que hão frequentado  
As Nymphas fluviaes, para mirar-se,  
E seus membros banhar, sem que os escondão,  
Tu preparas gramineas margens, onde  
Vem pastar o novillo côr de leite ;  
Nume o mais puro das suaves lymphas,  
No aspecto o mais sereno e transparente :  
De certo que as matanças profanado  
Não tem tua corrente — espelho e banho  
Para as filhas mais moças da Belleza.

LXVII

Na tua praia feliz ainda um Templo,  
Pequeno em proporções e delicado,  
Guarda em facil declivio da collina  
Tua memoria. Embaixo delle corre  
Teu manso rio, d'onde as vezes fôra  
Salta o peixe de lucidas escamas,  
Que mora e folga no teu vitreo fundo,  
Emquanto uma nymphêa destacada  
Lá vai corrente abaixo até aonde  
Rosnã em baixa-mar bolhantes vagas.

LXVIII

Não passeis sem louvar do sitio o Genio ;  
Se pelo ar um zephyro mais brando  
À vossa frente chega; o sopro é delle ;  
Se andando achais verdor por essas margens  
Se do lugar a fresquidão derrama  
Dentro em teu coração seu refrigerio ;  
Se a secca poeira da cançada vida  
N'um momento se lava no baptismo  
Da natureza— só deveis a elle  
Dar graças por taes tregoaos aos desgostos

LXIX

Ouvis esse fragor d'aguas que cahem ?  
É o Velino que mugindo tomba  
No fundo do abysmo que cavára !  
Imponente cascata ! Como o raio  
Fuzila em massa, espuma, abala a terra.  
Inferno d'agua, onde sibilla e uiva  
A onda que referve atormentada.  
O suor d'agonia que se exhala  
Do novo Phlegetonte, em frocos prende-se  
Nas rochas d'azeviche, que circundão  
O golfo, e sem piedade horridas se erguem !

LXX

E aos céos sôbe espumando, e d'alli volta  
N'um chuveiro incessante, que, co' a nuvem  
De brandas chuvas inexhausta, em roda  
Faz um Abril eterno para o solo,  
Que fica todo sendo uma esmeralda.  
Que profundo golphão! Como pulando  
De rocha em rocha, em delirantes saltos,  
O gigante elemento, os arrecifes  
Esmaga, que, partidos e já gastos  
Pelas duras pancadas, não resistem  
Dando nas fendas um esgoto horrivel.

LXXI

A que rolando vai columna immensa,  
Que antes parece infante mar, que nasce  
Arrancado do seio das montanhas  
Nas dôres, com que um novo mundo parem,  
Do que sômente ser a mãe dos rios,  
Que com muitos rodeios pelo valle  
Correm em gorgulhões: —olhai e vêde!  
Ella que vem, como uma eternidade,  
Para tudo ir varrendo na sua marcha,  
Cataracta sem par, medonha e bella.



LXXII

Horrivelmente bella! Mas no alto,  
Sob a fulgente aurora, a um lado e a outro,  
Entre essas ondas infernaes, um Iris,  
Como a esperança em leito moribundo,  
Fixas as tintas suas conservando,  
Em quanto em torno assolão doidas aguas,  
Mostra sereno os lucidos matizes,  
Com seus reflexos todos, parecendo,  
No meio desta scena tormentosa,  
Ver loucuras Amor, sem se assustar .

LXXIII

Eis-me de novo aqui nos Appeninos,  
Dos Alpes filhos, que eu mais adorára,  
Se os grandes pais não visse, onde o pinheiro  
Medra nos mais estereis picos, e onde  
Tombão as *avalanches* trovejando ;  
Mas sublimado vi Jungfrau coberta  
De neve não pisada, e as cãas geladas  
Do pallido Mont Blanc , e ouvi os roncões,  
No de Chimari, de trovões horriveis.

LXXIV

Os montes avistei Acroceraunios  
E vi sobre o Parnaso aguias voarem,  
Quaes genios do lugar, como p'ra gloria,  
A uma altura indizivel sublimadas :  
Com olhos de Troiano olhei o Ida ;  
Ao pé d'Athos, d'Olympto, Ætna e Atlas,  
Tem menor magestade essas collinas ;  
Todas, á excepção das eminencias  
Do isolado Soracte, ora sem neve,  
Que pede auxilio ao lyrico Romano,

LXXV

Para lembrado ser, e que se eleva  
Na planicie, qual vaga que se encrespa  
Ao longe, e vem quebrar-se e pára erguida.  
Quem quizer pôde em classicos transportes  
Esgravatar recordações e textos,  
E com échos do Lacio atroar montes :  
Demais me aborreci de haver, por honra  
Do poeta, decórado a lição arida  
E cançada, palavra por palavra,  
Forçando minha joven repugnancia,  
Para lembrar-me com prazer agora,

LXXVI

D'algum sabor da diaria beberagem,  
Que nauseava a memoria, e bem que o tempo,  
A meditar, minh'alma haja ensinado,  
No que então aprendi, tal o desgosto,  
Que nella inveterou a impaciencia  
De meus primeiros annos, tal o viço,  
Que perdeu, antes que saboreasse  
Daquillo, que ella mesma buscaria,  
Se livre fôra então; mas eu agora  
Mais não posso o vigor restituir-lhe,  
E o que então detestei, inda aborreço.

LXXVII

Portanto, Horacio, adeos! Não por tua culpa  
Mas por minha te odiei: é desventura  
Entender sem sentir teu estro lyrico.  
Compreender-te, mas sem amar teus versos.  
Inda que mais profundo moralista  
Nunca entrára na nossa curta vida,  
Nem vate algum sua arte prescrevêra,  
Nem mais vivo satyrico varára  
A consciencia, e o coração tocando  
O despertára sem feri-lo — Adeos!  
No cimo do Soracte despedimo-nos.

LXXVIII

Oh! Roma! Oh! meu paiz! cidade d'alma!  
E desolada mãe d'imperios mortos!  
Orphãos de coração a ti se voltem,  
E as pequenas miserias em seus peitos  
Aprendão a fechar. O que são mágoas  
E soffrimentos nossos? Venhão, vejão  
Cyprestes, oição môchos, e caminho  
Abrão sobre os degrãos despedaçados  
De thronos e de templos. — Vós, que os males  
Auceião, de um sô dia, aos pés um mundo  
Tendes tão fragil, como o barro nosso.

LXXIX

Niobe das nações — alli 'stá ella  
Sem corôa, sem prole, em muda angustia.  
Urna vasia tem nas mãos mirradas,  
Cujo pó santo dispersou-se ha muito:  
O tumulo dos Scipiões já não tem cinzas,  
E as mesmas sepulturas estão vagas  
De seus herôes de outr'ora! Tu corres,  
Velho Tibre, por esse ermo de marmore?  
Alevanta-te, e sobre taes destroços  
Vem estender as tuas fulvas ondas.

LXXX

Os Godos, os Christãos, o tempo, a guerra,  
Os diluvios e as çhammas aggredirão  
Dos sete montes a cidade altiva.  
Das glorias suas vio ella expirarem  
Os astros um por um, e dos reis barbaros  
Os carros ir subindo pelo ingreme  
Que leva ao capitolio; templos, torres,  
Por terra e sem lugares : cháos de ruinas !  
Traçar quem pôde o vacuo, e á luz da lua,  
Dizer, vendo os fragmentos denegridos,  
« Ahi foi ou é » — se reina dupla noite ?

LXXXI

Dupla noite, a dos seculos, e a da filha  
Da noite, — a ignorancia, — que ha envolto  
E envolve quanto cerca-nos ; pois vemos  
Só caminhos p'ra errar. Tem o oceano  
A sua carta, e os astros o seu mappa,  
Que abre a sciencia em seu amplo regaço ;  
Mas Roma é qual deserto, onde marchamos  
Sobre reminiscencias tropeçando.  
Quando palmas batemos, e gritámos  
« Eureka » por acharmos visos claros,  
Perto falsa ruina bruxolêa.

LXXXII

Ai ! sublime cidade ! Ai ! cem triumphos, <sup>6)</sup>  
Triplicados ! Ai ! dia, em que fez Bruto  
Que o gume do punhal seu excedesse  
Em fama do conquistador á espada !  
Ai ! voz de Tullio, e cantos de Virgilio,  
E pittorescas paginas de Livio !  
É nesses que ella ainda resuscita,  
Que, em tudo o mais além, é morta — Ai ! terra,  
Mais o brilho em teus olhos não veremos,  
Que tinham, quando Roma fôra livre.

LXXXIII

Tu, cujo carro, Sylla, triumphante,  
Rodára sobre as rodas da Fortuna,  
Que da patria os inimigos subjugaste,  
Antes que acceso em raiva por offensas,  
Fizesses de vingança ampla colheita,  
Tuas aguias voando á Asia prostrada ;  
Tu, que enrugando a fronte anniquilaste  
Senados, e com todos os teus vicios,  
Inda foste Romano — por haveres  
Deposto c'um sorriso expiatorio  
Um mais do que terrestre diadema —

LXXXIV

A c'róa dictatoria — poderias  
Prever té onde havia de mingoar-se  
Quem mais de que mortal te fez? — Que Roma  
Havia de jazer curvada a outros,  
Que não Romanos? — Ella appellidada  
A Eterna, — que os guerreiros nunca armava,  
Senão para vencer! — Ella que a terra  
Cobria com suas sombras arrogantes,  
E, as azas despregando impetuosas,  
Tudo abarcava até os horizontes,  
Sendo saudada como a Omnipotente!

LXXXV

Sylla o primeiro foi dos vencedores;  
Mas dos usurpadores o mais sabio  
Foi um nosso, Cromwell. Tambem senados  
Varreu, enquanto desmanchava o throno  
Em patibulo: — immortal rebelde! — Vêde  
Quantos crimes nos custa um só momento  
De ser livres, e obter um nome eterno!  
Mas no destino seu moral se encerra;  
O dia, em que victoria dupla teve,  
Foi de sua morte, e o vio ganhar dois reinos,  
E mais feliz soltar o ultimo alento <sup>6)</sup>.

LXXXVI

O dia tres do mesmo mez, que outr'ora  
Tudo por elle fez, menos c'roa-lo.  
Brando o tirou de seu throno de força  
E na terra depoz a sua argilla.  
Não mostrou a Fortuna assim que a gloria,  
O mando, e tudo quanto nos deleita,  
Que por caminhos arduos nossas almas  
Procurão alcançar, são a seus olhos  
Menos felizes, do que a sepultura!  
Deste modo pensar podendo o homem,  
Quão differente fôra o seu destino!

LXXXVII

E tu, soberba estatua, qu'inda existes  
De nudez magestosa em fórma austera;  
Entre o alarido de assassinos viste  
Sangue banhar tua base, cahir Cesar,  
Envolver-se em seu manto, e morrer digno,  
Offrenda em teu altar da grande Nemesis,  
Dos Deoses e dos homens a rainha!  
Morreu elle? Tambem, Pompêo, morreste?  
Fostes de reis sem conta os vencedores,  
Ou manequins sómente de um theatro?



LXXXVIII

E tu, ferida pelo raio, ó Loba,  
Nutriz de Roma, cujas bronzeas tétas  
Da victoria inda o leite communicão  
No tempo, onde és padrão antigo d'arte!  
Mãi de coração forte, que ha sugado  
O grande fundador nas tétas tuas;  
O ethereo dardo do Romano Jove  
Queimou-te, e o raio denegrio teus membros;  
Teus immortaes filhinhos inda guardas,  
Sem do teu terno encargo te esqueceres?

LXXXIX

Sim; mas morrerão teus collaços todos  
Homens de ferro, e o mundo ha construido  
Dos sepulchros cidades: — tem havido,  
Imitando-se o que mais se temia,  
Sangue esparso, combates e conquistas,  
Tal qual tudo, em distancia de arremedo;  
Porém inda ninguem chegou ou pode  
Aproximar-se a igual supremacia,  
Salvo um homem vaidoso, que está inda  
Insepulto — vencido por si mesmo,  
E, dos proprios escravos seus, escravo.

XC

Fatuo de falso mando, e certa especie  
Foi de Cesar bastardo, a quem de ha muito  
Com passos desiguaes ia seguindo,  
Por que fundida a alma do Romano  
Em molde menos terreo, as paixões tinha  
Mais altivas, mais frio o seu juizo,  
E um instincto immortal, que o absolvía  
Das fraquezas de um peito terno e affeito;  
Ora, Alcides de massa aos pés de Cleopatra,  
Ora, mesmo qual era, fulgurando.

XCI

Vinha, via e vencia; — mas esse homem,  
Que amansar desejára as aguias suas  
Quaes falcões ensinados a voarem  
Na vanguarda gauleza, que elle, é certo,  
Muito tempo á victoria conduzira,  
C'um coração, ás suas vozes, surdo,  
Fôra singularmente organizado;  
Tendo uma só fraqueza, — a mais mesquinha  
Vaidade; em suas ambições voluvel,  
Inda aspirava — ao que? Póde affirma-lo?  
Ou responder o que é que pretendia?

XCI

Tudo ou nada quiz ser, nem pelo tumulto  
Poude esperar, que viesse nivela-lo,  
Pois poucos annos igual fim dar-lhe-hião  
Ao dos Cesares, sobre quem pizamos ;  
Para isto é que os arcos de triumpho  
Ergue o conquistador ! Lagrimas, sangue  
Para isto da terra tem corrido ;  
Diluvio universal, cuja vasante  
Traz logo após a enchente, sem que tenha  
Para abrigar-se uma arca o infeliz homem ?  
O teu iris de novo, ó Deos, nos manda !

XCII

De nosso esteril ser que colligimos ?  
Sensações acanhadas, razão fragil —  
Vida curta — a verdade, per'la achada  
Nas profundezas — tudo o mais pesado  
Na mais falsa balança, — a do costume.  
Omnipotente a opinião, que a terra  
Cobre de trévas com seu véo — acasos  
Vindo a ser o direito ou o torto — e os homens  
Com medo que os juizos seus se aclarem,  
Que suas livres idéas sejam crimes,  
E que venha a ter luz de mais a terra.

XCV

N'uma misera inercia assim labutão,  
De pais a filhos, e de seculo em seculo,  
Apodrecendo, ufanos de calcada  
Verem sua natureza, e assim perecem ;  
Legando seu furor hereditario  
A de natos escravos nova raça,  
Que por suas cadéas travão guerra.  
E como gladiadores antes querem  
Seu sangue derramar, do que ser livres,  
Na mesma arena, onde antes cahir virão  
Seus irmãos, como folhas da mesma arvore.

XCV

Eu não fallo de crenças—entre o homem  
E o seu Creador ficção — mas de cousas  
Concedidas, provadas, manifestas,  
E vistas cada dia e hora— ; o jugo  
Que em dobro pesa sobre nós—o intento  
Da tyrannia confessado—o edicto  
Dos reis da terra, que se tem tornado  
Imitadores desse, que já pode  
Humilha-los soberbos, e acorda-los,  
Seus thronos sacudindo. Oh! quão glorioso!  
Fizesse o forte braço seu só isto!

XCVI

Só por tyrannos podem os tyrannos  
Ser vencidos? Não acha a liberdade  
Um filho ou campeão, qual vio Columbia  
Nascer, quando ella ergueu-se, como Pallas,  
Incolume e armada? Ou só no fundo  
D'incultas brenhas crião-se taes animos,  
Entre o rugir das cataractas, onde  
Sorrio-se a creadora natureza  
Para o infante Washington? Taes sementes  
Mais a terra não tem dentro em seu seio,  
Ou já não ha na Europa dessas plagas?

XCVII

Crimes lançou a França, ebria de sangue ;  
Funestas, em qualquer paiz ou tempo,  
Suas saturnaes da liberdade á causa,  
Porque os dias mortiferos que vimos,  
E o muro adamantino levantado,  
Entre o homem, e as suas esperanças,  
Pela vil ambição, co' a ignobil pompa  
Ultimamente em scena, se hão tornado  
Pretextos de uma escravidão eterna,  
Que, crestando da vida a arvore, o homem  
Condemna ao peor — a uma segunda quéda.

xcviii

Mas inda o teu pendão, ó liberdade,  
Rôto, mas fluctuante —, contra o vento  
Avança, como o raio: da tua trompa  
Ora quebrada e moribunda as vozes  
Sôão mais alto após a tempestade;  
Perdeu suas flôres a tua arvore. e a casca  
Que o machado cortou parece rude,  
E sem valor, porém ficou-lhe a seiva,  
E a semente plantada bem no seio  
Mesmo do norte, que ha de em primavera  
Mais propicia dar fructos menos acres.

xcix

Uma torre ha redonda alli, severa,  
De priscos tempos, firme como um forte,  
Com baluarte de pedra, que podia  
Demorar, e frustrar a força a um exercito ;  
Está só, co' a metade das ameias,  
Que cinge hera, crescida ha dois mil annos,  
E que a grinalda faz da eternidade,  
Ondeando as verdes folhas sobre tudo  
Quanto o tempo arrasou. Que foi tal torre,  
Que thesouro em sua cáva tão occulto  
Guardado está? De uma mulher é túmulo. 7)

C

Mas quem foi Ella, a Dama dos finados,  
N'um palácio sepulta? Casta e bella,  
Fôra, e digna do leito de um monarcha,  
Ou mais, do de um Romano? Qual a prole  
Dada de generaes e heróes por ella?  
Que filha foi de sua belleza a herdeira?  
Como viven, e amou, como morrêra?  
Não teve alli conspicuo acatamento,  
Posta alli para memorar um obito,  
Mais que mortal, aonde corromper-se  
Não pôde a mais mesquinha sua reliquia?

CI

Foi como aquellas, que amão seus maridos?  
Ou como essas, que gostão dos das outras?  
D'antes as houve, annaes de Roma o dizem.  
Foi matrona do porte de Cornelia?  
Ou da graciosa Egypcia rainha  
A ligeireza teve, e nos prazeres  
A profusão? — ou antes fez-lhes guerra  
Inveterada na virtude? Ao lado  
Terno do coração mais s'inclinára,  
Ou discreta o amor afastou ella  
De suas mágoas, pois taes são os affectos?

CII

Talvez joven morreu, talvez vergada  
Sob afflicções de mór peso, que a lousa  
Que sobre os brandos restos seus pesára,  
Uma nuvem turvasse-lhe a belleza,  
E sombras de tristura os negros olhos,  
Profetizando a sina, que o céu marca  
Aos escolhidos seus, morte precoce ;  
Emquanto que cercando-a dos encantos  
De um occaso, aclarasse as faces suas  
Seccas e rubras, quaes d'outomno as folhas,  
Hectica luz, o héspero dos mortos.

CIII

Talvez morresse idosa— a tudo, a encantos  
Sobrevivendo e a filhos, e a parentes,  
Com grisalhas prateadas longas tranças  
Que inda podião recordar o dia,  
Em que forão toucadas, quando Roma  
Seu magnifico traje e lindas fórmãs  
Contemplava, louvava e tinha inveja ;  
Mas onde nos desvião conjecturas !  
Isto sabemos sô: — morreu Metella,  
Do Romano mais rico foi consorte,  
Eis aqui seu amor, ou seu orgulho.



CV

Não sei porque, ó tumulto, estando ao lado  
De ti, eu julgo haver bem conhecido  
Quem te habita, e voltarem-me outros dias  
D'envolta c'uma musica lembrada,  
Ou tenha o tom mudado, ou mais solemne,  
Qual gemido nublado que de longe  
Nos traz o vento do trovão, que morre.  
Dessa pedra alastrada d'hera junto  
Inda ficar podia, até dar corpo  
Ás ficções, que meu cerebro escaldado  
Faz dos destroços que a ruina deixa

CV

E dos pranchões dispersos pelas rochas  
Para mim construir pequena barca  
D'esperança, com que guerrear de novo  
O mar, os escarcéos acapellados,  
E o mugido incessante que se arroja  
Sobre a praia isolada, onde jaz tudo,  
Abatido, quanto houve de mais caro:  
Mas pudesse eu colher inda bastante  
Para o batel de que hão desfeito as ondas,  
Qual meu rumo — se salvo o que ahi existe,  
Não me seduzem patria, esp'rança, ou vida?

CVI

Zunão os ventos, pois! Sua harmonia  
Minha musica seja, e os sons da noite  
Temperar venha o guincho das corujas,  
Que ora ouço, quando a luz se extingue e o poiso  
Dessas aves das trévas se obscurece,  
No Palatino respondendo-se ellas,  
Luzindo os grandes olhos seus cinzentos,  
E abertas tendo as azas. Neste sitio  
Nossas mesquinhas mágoas o qu'importão?  
Nem mesmo quero enumerar as minhas.

CVII

Cyprestes, hera, musgo, goivos juntos  
Trançados, com montões de terra cobrem  
Camaras, arcos partidos, os fragmentos  
Esparsos de columnas, as abobadas  
Derrocadas, e os frescos enterrados  
Em subterraneos humidos, aonde  
Espião o môcho crê ser meia-noite.  
Quem dirá se são templos, banhos, atrios?  
Porque apenas, a sciencia, das pesquisas,  
Colligio serem muros: — vêde o Monte  
Imp'rial — Assim cahem potestades? <sup>8)</sup>

CVIII

Eis a moral de toda a humana historia ;  
Repete-se o passado : vem primeiro  
Liberdade, após gloria, e se cabe esta,  
Riqueza, corrupção—por fim barbarie.  
E da historia os volumes todos cifrão-se  
N'uma pagina só — melhor escripta  
Aqui, onde pomposa a tyrannia  
Thesouros todos cumulou e gozos,  
Que olhos, ouvidos, corações. e almas  
Dezejassem, ou que pedissem bocas....  
Longe de nós palavras, aproxima-te,

CIX

Pasma, exulta, despreza , ri, e chora,  
Tens para todo o sentimento objectos,  
Homem! que és entre o riso e o pranto o pendulo;  
Sec'los e reinos neste espaço apinhão-se.  
Eis ahi a montanha, ora aluida,  
Pinaculo da pyramide d'imperios,  
Luzindo em frente os ouropeis da gloria,  
Que do sol davão maior flamma aos raios.  
Onde estão seus dourados edificios?  
Onde aquelles, que ousarão construi-los?

CX

Como tu eloquente não foi Tullio,  
Tu, columna sem nome, que enterrada,  
Tens a base! O que são laureis de Cesar?  
Do seu jazigo me coroa a hera.  
Que arcadas ou pillares tenho em frente?  
São de Tito ou Trajano? São do Tempo,  
Que dos trophéos, arcadas e pilares  
Zombando arrancou tudo para serem  
Erigidas estatuas apostolicas <sup>9)</sup>,  
Esmagando dest'arte a imperial urna  
Cujas cinzas dormião sublimadas,

CXI

Sepultas no ar — no céu azul de Roma,  
E olhando para os astros, onde achára  
Morada aquelle espirito, que animou-as,  
Ultimo, que reinou em toda a terra  
Do orbe Romano; porque, depois delle,  
Um só não conservou, antes largarão  
As conquistas os outros. Maior fôra  
Do que um mero Alexandre, sem manchar-se  
De sangue, nem de vinho; mas sereno,  
Praticando virtudes soberanas,  
E o nome de Trajano inda adoramos.

CXII

Que é da rocha do Triumpho, essa eminencia  
Aonde seus heróes Roma abraçava?  
Que é do Tarpeio precipicio— a méta  
Ao curso da traição, mais ajustada?  
Promontorio de d'onde o traidor vinha  
Curar-se d'ambição toda n'um salto?  
Cumulavão alli os vencedores  
Seus despojos? Sim lá no campo embaixo  
Dormem dez seculos de facções caladas—  
No Fôro qu'immortaés vozes resplendem,  
No ar eloquente, qu'inda abrasa, Cicero.

CXIII

Da liberdade, das facções, da fama,  
E do sangue eis o campo, aonde um povo  
Soberbo as paixões suas exhalava,  
Desde a hora prima do embrião do imperio,  
Até faltarem á conquista mundos;  
Mas havia antes disto a Liberdade  
C'um véo coberto o rosto, e os attribulos  
Lhe usurpava a Anarchia, quando vinha  
Um soldado, sem lei, pisar por cima  
D'escravos mudos n'um senado tremulo,  
E obter votos venaes dos mais indignos.

CXIV

De seus dez mil tyrannos nos voltemos  
Para o teu nome — tu o derradeiro  
Dos Tribunos de Roma, que o opprobrio  
Dos turvos seculos resgataste! Amigo  
De Petrarca, e de Italia uma esperanza,  
Rienzi, que dos Romanos foste o ultimo!  
Da liberdade emquanto o tronco d'arvore  
Uma folha brotar, teu tumulto ennastre,  
Do Fôro o campeão, do povo o chefe,  
E novo Numa seu — mas, (oh desgraça!)  
Curto de mais ha sido o teu reinado.

CXV

Egeria, creação tu és de um homem  
Que, como o collo teu, nada encontrou  
Em que a fronte cançada reclinasse.  
O que és ou foste? Do ar joven Aurora?  
Nympholepsia de amante desespero?  
Ou talvez que terrestre formosura,  
Que achaste alli mais que vulgar devoto,  
Extremo em te adorar? Qualquer que ha sido  
A origem tua, foste um pensamento  
Lindo, que meigamente tomou corpo.

CXVI

Os musgos da tua fonte inda borrião  
Tuas elysias gottas, e na face,  
Que não rugarão annos, da tua lympha  
Guardada pela gruta, os ternos olhos  
Se reflectem do Genio desse sitio,  
Cujas agrestes verdes margens hoje  
A arte não estraga; nem mais dormem  
Suas brandas aguas em prisões de marmore;  
Da base dessa estatua lacerada  
Borbulhando o ribeiro em leve salto  
Corre por entre as flôres, fetos e hera,

CXVII

Que phantasticamente se entrelação.  
Os verdes montes novas flôres vestem;  
Na relva agita-se o subtil lagarto,  
Abrem seus bicos do verão as aves,  
Que cantando saúdão a quem passa.  
Viçosas flôres de diversas castas  
Pedem pausado o passo, e matizadas  
Danção á viração n'um mago enleio!  
Da violeta azul os ternos olhos  
Parece que o céu beija, e, com seu sopro,  
Que lhes infunde a côr do firmamento.

CXVIII

Neste encantado asylo te abrigavas  
Pulsando em teu celeste seio, Egeria,  
De teu mortal amante ao longe os passos;  
A doce Meia-noite o encontro mystico  
Cobria c'ò docel seu estrellado,  
E ao pé de teu adorador sentada,  
O que havia?— Talhada fôra ao certo  
Para abraços de Deosa namorada  
Essa caverna, e a gruta visitára  
Santo Amor— o primeiro dos oraculos!

LXIX

E ao seu teu seio uniste, respondendo  
Um coração celeste ao de um humano?  
E amor, que morre e nasce c'um suspiro  
Com immortaes transportes partilhaste?  
Poude immortaes fazê-los a tua arte.  
E do céu infiltrar toda a pureza  
Em prazeres terrestres, expellido  
Sem a setta embotar essa peçonha,  
Corrosiva de tudo — a sociedade,  
E d'alma desraigar hervas mortíferas?



CXX

Correm a um ermo os juvenis affectos  
Ou fecundão apenas um deserto,  
Onde brotão só urzes, parasitas  
Corruptos joios, bellos n'apparencia,  
Flôres, cujos selvaticos aromas  
Recendem agonias, e umas arvores  
Que distillão veneno: eis quaes as plantas  
Que debaixo dos pés da paixão nascem  
Quando vóa do mundo pelos ermos,  
E em vão almeja algum celeste fructo  
Que seja ás nossas precisões vedado.

CXXI

Habitante não és, Amor, da terra,  
Seraphim invisivel em ti cremos ;  
Da tua fé são martyres os partidos  
Corações, porém nunca olhos te virão,  
Ou verão? Como são as fórmãs tuas?  
Creou-te a mente, como o céu povoára,  
Aos desejos da sua phantasia,  
A uma idéa dando a fórmula e imagem,  
Que perseguem uma alma insaciavel,  
Cançada, ardente, afflicta, e lacerada.

CXXII

Da sua propria belleza adoece o espirito,  
Com falsas creações febricitando :  
Onde a alma do esculptor apanha as fórmãs ?  
Em si só. Póde ser a natureza  
Tão bella? Onde os encantos, e as virtudes,  
Que ousamos conceber, quando meninos,  
E em homens perseguimos — paraiso,  
Que de alcançar desesperamos, quando  
Penna e pincel de mais sobrecarregão  
A pagina, em que florido o quizeramos?

CXXIII

Enlouquece quem ama — é um delirio  
Da mocidade, porém mais amarga  
Sua cura, quando nossos idolos despem  
Um a um os encantos, que os vestião,  
E mais valor não vemos, nem belleza,  
Fôra do que ideamos: mas ainda  
Esse fatal condão nos prende e impelle,  
— Semeando ventos e tufões colhendo.  
O tenaz coração, sua alchymia  
Começada, mais perto julga o premio  
E ter mais ganho, quando perdeu tudo.

CXXIV

Moços nos consumimos, definhamos  
N'um continuo langor, sem nosso intento  
Conseguir, sem que a sêde mitiguemos  
Bem que no fim, quando imos já cahindo  
Nos attráia um phantasma como outr'ora :  
É tarde—maldição tivemos dupla.  
Amor, fama, ambição e avareza,  
É tudo o mesmo — um mal, tudo illusorio,  
Igualmente, pois tudo são meteóros  
Com diferentes nomes, e é a morte  
O negro fumo, em que se esvai a flamma.

CXXV

Poucos encontrão, ou ninguém, o que amão,  
Ou que amar poderião, posto que hajão,  
Um acaso, um contacto cego, e a forte  
De amar necessidade removido  
Antipathias — que a voltar não tardão  
C'o veneno de irrevogaveis damnos.  
E a Circumstancia, nume sem espirito,  
Que só desmancha, ajuda e faz chegarem  
Nossos males, guiando-os com sua vara,  
Cujo toque a esperança em pó transforma;  
Pó em que temos todos nós pizado.

CXXVI

A nossa vida é falsa natureza;  
Não pôde entrar das coisas na harmonia,  
A dura lei ; a mácula indelevel  
Do peccado, esse upás desmesurado,  
Arvore, cujo veneno destróe tudo,  
Cuja raiz é a terra, cujas folhas  
E ramos são os ares, d'onde chovem  
Sobre os homens a peste, em vez de orvalho,  
Molestias, morte, escravidão, e os males  
Todos, que vemos, e o peor não visto,  
Que o esp'rito e o coração punge sem tregoa.

CXXVII

Affeitos meditemos — é bem baixo  
Da razão abandono o resignarmos  
Nosso direito de pensar — nosso ultimo  
E só refugio -- meu seja elle ao menos :  
Bem que do berço a diva faculdade  
Se agrilhõe, torture, açame, e prenda,  
E nas trévas eduquem-nos, tenendo,  
Que de mais a verdade reverbère  
Na mente, que não fôra preparada,  
Afinal um só raio seu reflecte,  
Vem curar a cegueira a sciencia e o tempo.

CXXVII

Arcos sobre arcos! — Como se quizesse  
Os principaes trophéos reunir Roma  
Da prole sua, para seus triumphos  
Em um só monumento erigir todos,  
Ergue-se o collisêo! Da lua os raios  
São seus naturaes cirios, pois divina  
Deve a luz ser, que alli se esparsê e aclara  
A da contempção mina explorada  
Ha muito, mas ainda inexgotavel,  
E as sombras azuladas de uma noite,  
Da Italia, cujo céu cobrem matizes,

CXXIX

Que tem palavras, que de céu nos fallão;  
Luz em torrentes, que sua gloria espalha  
Por cima dessa vasta marayilha  
Um certo influxo espirital foi dado  
Da terra ás coisas, que acurvâra o tempo,  
Que onde elle poz a mão, quebrando a foice  
Um tal poder existe, uma magia,  
Que fazem que ás ameias, mesmo em ruiças,  
Os palacios modernos, com sua pompa,  
Humilhados se prostrem, e dos seculos  
Esperem pelo que elles possuem dar-lhes.

CXXX

Oh Tempo! Tu que os mortos formosêas,  
Que adornas as ruínas, que confortas,  
E só dos corações sáras as chagas—  
Tempo! tu que corriges nossos erros,  
Com quem só a verdade e o amor se prova,  
Tu, philosopho só — porque o mais tudo  
São sophismas — que a occasião não perdes  
Bem que a demores—para ti, ó Tempo,  
Meus olhos, mãos e coração levanto,  
E a ti que és vingador peço uma coisa.

CXXXI

Nestes destroços, onde um teu alçar,  
E templo alçaste em solidão divina,  
Entre as offrendas tuas as mais nobres  
Trago as minhas—as ruínas de meus annos,  
Que, inda que poucos, tem do fado os trances.  
Se alguma vez me viste presumido  
Não me attendas; mas se eu sereno tenho  
Encarado a fortuna e reservado  
O meu orgulho ao odio, que nunca ha de  
Dobrar-me, não consintas que em vão fosse  
Meu peito d'aço — Hão de elles prantear-me?

CXXXII

E tu, que humanas faltas jámais deixas  
De pesar na balança, ó grande Nemesis !  
Tu que chamaste lá do abysmo as Furias,  
Por que em terno de Orestes sibilassem,  
Por uma punição desnaturada,  
Que fôra justa, se de um outro braço  
Partira menos proximo — aqui onde  
Homenagem renderão-te os antigos,  
E imperaste, evoco-te das cinzas.  
Ouves meu coração... Despertar deves !

CXXXIII

Não que por culpas de meus ascendentes  
E mesmo minhas d'incorrer deixasse  
Nas feridas, que sangrão-me no intimo,  
Das quaes, se feitas por uma arma justa,  
Corrêra sem limites o meu sangue,  
Que no chão não irá cahir agora,  
Pois t'o consagro, és tu quem tomar deves  
Vingança, que inda buscão, e hão de acha-la,  
Que eu não tomei por causa... — porém passe —  
Durmo - mas tu desperta estarás sempre.

CXXXIV

E se a minha voz sóto, não é que hoje  
Eu recue ante aquillo, que hei soffrido ;  
Falle quem vio meu rosto ir-se abatendo  
E agitada a razão a enfraquecer-se.  
Só deixar quiz de mim uma lembrança.  
Dispersas pelo ar estas palavras  
Não hão de ser, quando eu me torne em poeira,  
Hora virá que realise em cheio  
Do meu verso a profunda prophécia,  
Em que sobre as cabeças de alguns homens  
Pezem de minhas maldições montanhas.

CXXXV

A maldição será eu perdoar-lhes,  
Ouvi me, ó madre Terra ! E véde-o, ó Céos !  
Não tive eu de lutar com meu destino ?  
Não soffri coisas de se perdoarem ?  
Não queimárão-me o cerebro, não rasgárão  
Meu coração, frustrárão-me esperanças,  
Infamárão meu nome, e sodapárão  
Da minha vida a vida ? Ao desespero  
Só escapando, por não ser de todo  
Formado desse barro, que apodrece  
Com as almas a que eu sou sobranceiro.



CXXXVI

Não sei de que capazes são os homens,  
De offensas graves, de traições pequenas?  
Des do bramir das ondas da calúnnia,  
Ao baixinho rosnar da vil pandilha,  
E ao veneno subtil desses insectos,  
Com significativo olhar de Jano,  
Que mentem com silencio, parecendo  
Dizerem a verdade, sem fallarem,  
Só suspirando, ou encolhendo os hombros,  
E que n'um circulo de felizes mescoios  
Desacreditão, sem que dêem palavra?

CXXXVII

Mas eu tenho vivido, e não de balde:  
Póde minha razão perder sua força,  
Meu sangue seu ardor, póde meu corpo  
Perecer, mesmo subjugando as dôres;  
Mas dentro em mim alguma coisa existe,  
Que ha de os tormentos fatigar e o tempo,  
E comigo expirar: é certa coiza,  
Não terrestre, de que elles nem presumem,  
Como o lembrado som de muda lyra,  
Que, entrando em seus 'spiritos apacados,  
Irá em corações, ora de pedra,  
Mover de amor um último remorso.

CXXXVIII

'Stá posto o sello. Agora te saúdo  
Tremenda potestade ! Tu sem nome,  
Mas inda omnipotente, aqui vaguêas,  
Da meia-noite á sombra, com profundo  
Recolhimento, do terror bem longe ;  
Os sitios buscas sempre onde as muralhas  
Mortas levantão-se em seus mantos d'hera,  
E tudo o que é solemne alli deriva  
De ti character tão profundo e claro,  
Que porção nos tornamos do passado,  
E do local, não visto, e tudo vendo.

CXXXIX

Muitas nações aqui hão murmurado,  
Compaixão implorando dando applausos  
Quando um homem a outro mutilava.  
E porque o mutilava? Por ser isto  
Das leis geniaes do circo sanguinario,  
E do agrado imp'rial. - Porque o não fôra?  
Qu'importa, quando os vermes vão tragar-nos,  
Se cahimos no campo da batalha,  
Se n'arena? Ambos são theatros, onde  
Mesmo os primeiros actores apodrecem.

CXL

Lá vejo adiante o gladiador prostrado.  
Sobre a mão se sostem ; a viril fronte  
Cede á morte ; mas vence as agonias :  
Vai a cabeça aos poucos declinando,  
Do peito cáem-lhe uma a uma as ultimas  
Gottas da rubra chaga, e tão pesadas,  
Como os primeiros pingos do aguaceiro,  
Que vem com trovoada: — á roda delle  
Vira-se a arena ; de existir já cessa,  
Antes que cesse o deshumano estrepido,  
Que ao miseravel vencedor festeja.

CXLI

Ouvio, nem s'importou — tinha elle os olhos  
Juntos ao coração, d'alli bem longe :  
Não pensava na vida, nem no premio ;  
Mas só na rude choça do Danubio.  
Lá seus pequenos barbaros brincavão,  
Lá estava a Dacia mãe — o pai era elle,  
Para a festa Romana trucidado—  
Bolhavão com seu sangue estas idéas.  
Mas deve elle expirar, sem ser vingado ?  
Erguei-vos, Godos e cevai as iras !

CXLII

Onde o homicídio seu vapor de sangue  
Exhalou, e em tropel nações encherão  
As entradas, bramindo, ou sussurrando,  
Como as aguas do monte, que ou despeñão-se,  
Ou seguem da torrente os extravios...  
Onde o louvor ou a censura davão  
De milhões de Romanos vida ou morte,  
Brinco das turbas. . minha vez resôa,  
Froixos radião na erua liça os astros .  
Nas bancadas, paredes, galerias  
Onde o echo despertão só meus passos.

CXLIII

Ruinãs; que ruinas ! com as quaes se erguerão  
Muros, palacios, meias cidadellas ;  
Quem passa adiante do esqueleto enorme,  
De qual seria seu despojo assombra-se.  
Mas foi saqueado ou só desobstruido ?  
Oh ! dôr ! a destruição se patentêa  
Perto desse colosso d'estructura ,  
Que nem supportar pôde a luz do dia ;  
Que reflecte demais em tudo quanto  
Tem os homens e os annos arraucado.

CXLIV

Mas quando a lua vai subindo, e chega  
Dos arcos ao mais alto, e meiga ahi pára ;  
Quando por entre as frestas dos estragos  
Scintillão as estrellas, e a nocturna  
Branda brisa balança no ar o bosque  
De grinaldas, que os velhos muros cobrem,  
Quaes de Cesar na calva fronte os loiros <sup>10)</sup> ;  
Quando serena a luz brilha sem fachos,  
Nesse magico circulo os mortos surgem:  
Herões pisarão neste sitio, e agora  
Sobre o pó delles vós estais pizando.

CXLV

« Enquanto houver o Colisséo ha Roma ;  
• Se o Colisséo cabir, Roma baquêa ;  
« E se Roma baquear, baquêa o Mundo.»  
Assim da nossa terra os peregrinos  
Fallarão desses paredões immensos,  
Nesses tempos Saxonios, que é costume  
Chamar antigos ; e esses tres objectos  
Mortaes sobre as suas bases inda existem ;  
Roma, e esta sua ruina duradoura,  
O Mundo, sempre a mesma vasta cova  
De ladrões, ou daquillo que quizerem.

CXLVI

Simples, sublime, grave austero, erecto,  
Altar dos Santos, e dos deoses templo,  
Desde Jove a Jesus, poupa-te o tempo,  
E te abençoã; vês tranquillo tudo  
Em torno a ti pender ou desabar-se  
Arcos, imperio, e o homem seu caminho  
Entre espinhos lavrando até ás cinzas.  
Monumento glorioso! em ti se quebrão  
Do tempo a foice e a vara do tyranno,  
Es d'arte, e da piedade. o sanctuario,  
E a patria, ó Pantheon. de Roma orgulho.

CXLVII

Reliquia de mais nobres dias e artes,  
Despida; mas perfeita: em teu recinto  
Nas almas todas devoção infundes,  
Tu dás á arte um modêlo, e em quem a Roma  
Levou o amor do antigo a gloria esparze  
A sua luz por teu unico espiraculo;  
Lá o devoto altar tem para as preces,  
E aquelles, que sensiveis são ao genio  
Pousar podem seus olhos nas imagens  
Veneradas dos bustos que os circundão.

CXLVIII

Eis um carcer, á luz lugubre e baça  
Delle o que enxergo? Nada: outra vez olho!  
Diviso em sombras de vagar dois entes,  
Isolados phantasmas de meu cerebro?  
Isso não, claramente vê-los posso:  
Um velho, e uma mulher moça e formosa <sup>11</sup>;  
Pura, como uma mãe quando amamenta,  
Em cujas véas todo o sangue é nectar.  
Mas que faz com seu collo descuberto  
Alli, deixando nós seus alvos seios?

CXLIX

Da vida se enche a pura fonte, aonde  
Tiramos, sobre o coração, e delle  
Nosso primeiro e mais doce alimento,  
Quando as benções de mãe alcança a esposa,  
E no innocente olhar, e debil grito  
De labios, que não dizem dôr nem pressa,  
Sente ella gozos, que o homem desconhece,  
Seu pequeno botão vendo no berço  
Brotar em folhas. — Qual ser pôde ainda  
O fructo? Ignoro. — Foi Caim o de Eva.

CL

Mas aqui dá sustento a juventude  
A velhice no leite, que esta deu-lhe.  
É a filha que paga ao pai a divida  
De sangue, que nascendo contrahira.  
Não ha de elle expirar, enquanto nessas  
Ardentes lindas véas houver fogo  
De saude, e de santo sentimento,  
Que dê á grande natureza um Nilo,  
Com mais alta nascente, que o do Egypto :  
Do meigo seio bebe, ó velho, e vive ,  
O céu mesmo não tem fonte como essa.

CLI

A fabula da estrellada Via Lactea  
A candura não tem da tua historia;  
Constellação de mais meigos reflexos.  
Mais triumphá a sagrada Natureza  
Nesse avesso ao preceito seu, que mesmo  
No abysmo onde remotos mundos brilhão :  
O' nutriz a mais santa! uma só gotta  
Dessa limpida fonte não se perde,  
Vai de teu pai ao coração direito,  
O seu manancial encher de vida,  
Como almas santas, que em seu Deos reúnem-se.



CLII

Voltai-vos para essa immensa móle <sup>12)</sup>,  
Que no alto ergueu Adriano, em arremedo  
Imp'rial das pyramides do Egypto.  
Copista colossal do que é disforme,  
Sua phantasia viajando ao Nilo  
Traz o enorme modelo, e ordena ao artista  
Construa p'ra gigantes, e alevante  
Mausoléo ás vaidosas cinzas suas.  
Como com philosophica alegria,  
O observador sorri, vendo qu'essa obra  
Surgio tão vasta de uma tal origem!

CLIII

Mas vêde o immenso portentoso domo <sup>13)</sup>!  
Fôra cella ao pé delle o de Diana.  
Mansão sublime, magestoso templo  
De Christo sobre o tumulo de seu martyr!  
Vi de Epheso o prodigio, e suas columnas  
Dispersas no deserto; e se abrigando  
Á sombra dellas o chacal e a hyena;  
Vi de Sophia na brilhante cupola  
O sol reverberar resplandecente,  
E o sanctuario examinei, no emtanto  
Que o Musulmano usurpador resava.

CLIV

Mas entre os templos velhos, e aras novas,  
Estás só, sem que nada te assemelhe,  
Do verdadeiro Deos sendo o mais digno.  
Desde as desgraças de Sião, quando Elle  
Sua cidade primeira abandonára,  
Qual das terrestres construcções, erguidas  
Em honra sua, mais sublime aspecto  
Ter poderia? Magestade, gloria,  
Força, poder, belleza, tudo abrange  
Essa arca eterna do mais puro culto.

CLV

Entra : a grandeza sua não te abate.  
Porque? não decresceu; mas teu espirito,  
Pelo genio do sitio s'expandindo,  
Avultou colossal, e achar só pôde  
Estancia para si, onde em altares  
Vês da immortalidade as esperanças;  
E um dia, quando tu fores julgado  
Digno, verás teu Deos de face a face,  
Como o Santo dos Santos vês agora,  
Sem que ao aspecto seu te aterrorizes.

CLVI

Vais indo ; mas crescendo a cada passo,  
Como galgando uns Alpes eminentes,  
Que cada vez se elevão mais, e enganão  
Pela sua elegancia gigantesca.  
Vastidão, que se augmenta e se harmonisa,  
Em sua musical immensidade :  
Marmor, paineis, altares alumbrados  
Por lampadarios d'oiro, e uma alta cupola,  
Que nos ares porfia c'os primeiros  
Monumentos da terra ; bem que a base  
Tenhão no chão, quando ella a tem nas nuvens.

CLVII

Não podes tudo vêr, sem que dividas  
O grande todo em partes, separando-as  
Para a contemplação. e como a vista  
Varias bahias no oceano attrahem,  
Restringe assim tua alma aqui a objectos  
Dos mais immediatos, submettendo  
Teus pensamentos, lé de cór gravares  
Suas eloquentes proporções na mente,  
E até que em gradações possas por partes  
Desdobrar o conjuncto glorioso,  
Que logo de uma vez não te ferira.

CLVIII

Não por sua culpa—pela tua. Apenas  
Nossos sentidos exteriores podem  
Gradualmente apanhar, e como sempre  
O que sentimos mais d'intenso, excede  
A' nossa expressão fraca. Esse edificio,  
Mais que esplendido, mais que grandioso.  
Nos deslumbra, e maior entre os maiores.  
A pequenez de nossa natureza  
Desafia a principio, até crescermos  
Com a sua grandeza, e nosso espirito  
Dilatar-se ao tamanho do que observa.

CLIX

Portanto pára e te esclarece : encontras  
Mais nesse exame, do que no deleite,  
Com que maravilhado os olhos fartas,  
Ou no recolhimento, com que adoras  
O culto do lugar. ou nos louvores  
D'arte e dos grandes mestres, que puderão  
Levantar o que nem antigos tempos,  
Nem a sciencia em projectar pensarão :  
Lá mostra a fonte do sublime o fundo ;  
D'alli tire a razão arcas de oiro,  
E do genio o poder pasmada veja.

CLX

Ao Vaticano vai, vé, de Lacoonte  
Nas torturas, da dôr a dignidade—  
O amor de pai, as agonias de homem,  
De um immortal á paciencia se unem :  
Baldada luta contra o enroscamento,  
Compressão, e profundas mordeduras  
Da serpente! Envolvido fica o velho  
Na comprida cadêa venenosa,  
Que aperta os vivos élos seus, e a enorme  
Vibora duplica dôres sobre dôres,  
Té suffocar de todo os seus arrancos.

CLXI

Ali está com seu arco que não erra,  
O Deus da luz, da vida, e poesia,  
O sol com fôrma humana, cuja fronte  
Resplandece no meio dos triumphos  
Do certame: atirado tem a sétta,  
Essa arma, que refulge na vingança  
De um immortal: nos olhos e narinas  
Desdem encantador deixa entrever;  
No seu porte, no gesto e magestade  
Um Nume poderoso se revela.

CLXII

Mas nas suas fôrmas delicadas—sonho  
De amor, que teve em solidão a nympha,  
Que um amante immortal do céu espera,  
Co' a visão delirando—vê-se expresso  
Tudo que imaginar a mente pode  
De belleza ideal, a um outro mundo  
Enlevando a razão, quando as imagens  
Mandadas pelo céu ella acolhia.  
Raios divinaes da immortalidade  
Que, quaes estrellas, tendo-a circundado  
S'agglomerão até um Deos formarem.

CLXIII

Se Prometheu roubou do céu o fogo  
Que em nós temos, já foi-lhe isto bem pago  
Por aquelle que pode infundir vida  
Nesse marmor soberbo ; maravilha  
Que a mão d'homem traçou ; mas que de certo  
Inspiração não foi de humana idéa.  
O tempo mesmo a tem sanctificado ;  
Nem dos cabellos seus ha reduzido  
A pó um só anel, nem tem dos annos  
A denegrída côr, porém respira  
A chamma, com que fôra trabalhada.

CLXIV

Mas qu'è do Peregrino dos meus cantos,  
Herôe, que os sustentou até agora?  
Em se mostrar moroso me parece  
Já não vive; exhalou o ultimo alento;  
Findou seu vaguear, estão desfeitas  
As visões, e elle ao nada reduzido;  
Se mais do que ficção foi elle um dia.  
Não mais fallemos nelle; a sua sombra  
Esvaiu-se de todo, se entranhando  
No da Destruição ingente abysmo

CLXV

Ella que em seu sudario tudo envolve,  
Sombra, substancia, vida e quanto herdamos,  
E o negro panno universal estende  
Através do qual tudo são phantasmas.  
Desce entre nós a nuvem; quanto havia  
Antes brilhado, até a mesma gloria,  
Em crepusculo se torna, e um rubro circulo  
Melancolico apenas se balança  
Das trévas nos confins, lançando raios  
Mais sombrios, que a mais sombria noite;  
Pois servem só de perturbar a vista.

CLXVI

E esquadrinhar nos mandão os abysmos,  
 Para colhermos o que ser devemos,  
 Quando esta fórma reduzir-se a menos  
 Do que essa sua essencia miseravel;  
 E para que sonhemos com a gloria  
 E a poesia limpemos de um vão nome,  
 Que mais nunca ouviremos. Porém nunca,  
 Voltaremos a ser o que já fomos  
 Feliz idéa! que é bastante haver-se  
 O coração um dia carregado,  
 Pesado fardo que tressua sangue.

CLXVII

Ouvi! Fóra do abysmo uma voz surde!  
 Baixo murmurio ao longe de um som lugubre,  
 Qual se ouve, quando de algum povo corre  
 Por profunda incuravel chaga o sangue <sup>14)</sup>  
 Rasga-se o chão com tempestade e trévas;  
 Espectros na voragem se accumulão,  
 Porém o principal régio se ostenta,  
 Bem que a corôa não lhe oinja a fronte:  
 Pállida já, porém formosa ainda,  
 Ella com dôr materna abraça a infante,  
 A quem seu seio dar não pôde alivio.



CLXVIII

Aonde estás de reis, ó prole augusta?  
Morreste, ó tu dos povos a esperança?  
Não podia esquecer-te a tumba, e em terra  
Prostrar cabeça menos magestosa,  
Menos amada? Nessa triste noite,  
Em que o teu coração inda sangrava  
Sobre teu filho, mãe um só momento,  
Fez a morte calar tua dôr para sempre:  
Voou contigo a ventura do presente,  
E o alegre porvir, que as régias ilhas  
Enchia de esperanças infinitas.

CLXIX

À luz dá sem perigo a mulher rustica.  
Tu tão feliz, tão adorada que eras...!  
Aquelles, que não chorão por monarchas,  
Por ti hão de chorar; da Liberdade  
Oppresso o coração despreza os muitos  
Males seus por um só; e tendo exausto  
Por ti as suas preces, o Iris via  
Sobre a tua cabeça.—E tu afflicto,  
Isolado consorte — em vão te uniste  
Em laços conjugaes! Apenas foste  
Esposo por um anno, e pai de um morto!

CLXX

Foi cilicio o teu traço de noivado,  
Forão cinzas do teu consorcio o fructo.  
Destas ilhas a loira filha amavão  
Milhões; mas hoje é pó! Nós que lhe havíamos  
O porvir confiado, bem que certos,  
Que em nossos ossos não reflectiria.  
Com prazer nossos filhos ideavamos  
Obedecendo aos seus, e bendizíamos  
A ella, e a prole sua promettida,  
Promissão que era qual estrella aos olhos  
Do pastor: — mas foi só um meteoro.

CLXXI

Tristes de nós! não della, que em paz dorme:  
Da popularidade o sopro vario,  
Dos conselheiros a linguagem tréda,  
Falsos oráculos, que hão sempre aturdido,  
Desde o berço da monarchia. os principes,  
Té que as nações, de mais aguilhoadas,  
Com furia se armão, e um estranho acaso  
Derriba os mais possantes soberanos,  
E contra a sua cega omnipotencia  
Tem um peso lançado na outra concha  
Da balança, que cedo ou tarde esmaga...

CLXXII

Tal pudera ter sido o seu destino;  
Mas não, que os nossos corações o negão.  
Moça bella, e bondosa sem esforço  
Tão grande, sem ter tido um inimigo,  
Noiva e mãe inda agora — alli está ella!  
Quantos laços cortou esta hora acerba!  
Do peito de teu pai ao de seus ultimos  
Subditos prende-se a cadêa electrica  
Do desespero, cujo choque ha sido  
De um terremoto, que opprimio a terra,  
Que amou-te, como mais não pôde amar-se.

CLXXIII

Lá 'stás, ó Nemi <sup>15</sup>, entre sebreros montes!  
Tão distante, que os furacões, que partem  
Os róbres, arrancando-os com raizes,  
E fóra dos limites do Oceano  
Lanção suas aguas, elevando às nuvens  
As espumas, máo grado seu nem tocão  
No oval espelho de teu vitreo lago,  
Que calmo, como o odio concentrado,  
Da superficie sua o frio e fixo  
Aspecto nada agita; mas contrae-se  
Em roda, e todo em si, qual dorme a cobra.

CLXXIV

E perto, em valle irmão, de Albano as ondas,  
Apenas separadas, resplandecem ;  
Serpéa ao longe o Tibre, o largo Oceano  
Lava as costas do Lacio, onde surgirão  
« Das Armas do Varão » as guerras epicas,  
Cuja estrella, depois de remontar-se  
Raiou sobre um imperio. Em baixo, á dextra,  
Tullio de Roma descansava, e aonde  
De montes nesse cerro esbarra a vista  
Era a Sabina herdade cultivada,  
O recreio do Bardo afadigado.

CLXXV

Porém m'esqueço. — Já meu Perégrino  
Alcançou a rotagem, nós devemos  
Um do outro despedir-nos — assim seja ; —  
Pois quasi finda está nossa tarefa ;  
Mas ainda um olhar lançar podemos  
Sobre o Mediterraneo, que do alto  
Aqui do Monte Albano estamos vendo.  
Da juventude o amigo, cujas aguas,  
A vez que ultima vimos, foi correndo  
Da Rocha-Calpe, tendo-as nós seguido  
Té onde rolão as do escuro Euxino ;

CLXXVI

Sobre as azues Symplegades. Compridos  
Annos, bem que não muitos completarão  
Em ambos a sua obra: soffrimentos,  
E lagrimas nos tem quasi deixado  
Mesmo aonde nós déramos começo.  
Mas não foi vãa nossa mortal carreira,  
Tivemos recompensa, — e aqui está ella:  
Estando ao sol sentimos tanto gosto,  
Da terra e mar colhemos taes deleites,  
Que os mesmos homens perturbar não podem.

CLXXVII

Ah! fôra o domicilio meu um ermo,  
C'um genio feminil por meu ministro,  
Que eu pudesse esquecer o genero humano,  
E a ninguem odiando, amar só ella!...  
Vós, elementos! cuja acção sublime  
Faz que me enleve, não podeis acaso  
Um desses entes conceder-me? Ou erro,  
Julgando, que taes possam encontrar-se  
Em muitos sitios, bem que raras vezes  
Nos caiba em sorte praticar com ellas?

CLXXVIII

Ha prazeres nos bosques não trilhados,  
Transportes ha nas praias solitarias,  
Sociedade, onde alguém não se entremette,  
Junto ao mar; e nos roncões seus ha musica:  
Não amo menos o homem, mas eu amo  
A natureza mais, por essas praticas,  
Em que eu abstraio o que ser posso, ou quanto  
Tinha antes sido, para confundir-me  
N'universo, e sentir o que não posso  
Expressar, sem poder occultar tudo.

CLXXIX

Rôla, ó fundo azul, fusco Oceano—rôla!...  
Dez mil esquadras varrem-te debalde.  
Signala a terra o homem com estragos;  
Mas á beira do mar seu poder cessa.  
São tua obra, na liquida planicie,  
Os naufragios; nem nella permanece  
A menor sombra dos destroços do homem,  
Salvo a sua propria, quando por momento  
Como um pingão de chuva, em ti se afunda  
Murmurando um gemido, sem sepulchro,  
Sem feretro, sem dobres, ignorado!

CLXXX

Em tuas sendas não ha pizadas d'elle.  
Não são d'elle despojos os teus campos.  
Empinas-te, e do dorso teu o arrojas;  
Essa vil força, que elle vibrar sabe  
Na destruição da terra, tu desprezas.  
Do seio teu ás nuvens o escoucêas,  
Tu atiras com elle liritando  
E em gritos, nesses teus jógos d'espuma,  
Aos Deoses seus, em quem feliz ha posto,  
Fraca esperança de algum porto proximo,  
E o lanças inda á terra:—ahi o deixas.

CLXXXI

Vasos armados, que fulminão muros  
De cidades fundadas sobre rochas,  
E a cujo aceno reis e nações tremem,  
Leviathans construidos de madeiros,  
Cujas costellas desmedidas fazem,  
Que o barro, que os creou, tenha o vão titulo  
De teu senhor, e de arbitro da guerra,  
São brincos teus: de neve como flócos,  
Na espuma se derretem das tuas ondas,  
Que acabárão d'Armada co'a soberba,  
Bem como em Trafalgar com seus despojos.

CLXXXII

Tuas praias são imperios ; porém tudo  
Mudou se, menos tu. — O que é d'Assyria,  
Grecia, Roma e Carthago? As aguas tuas  
As lavarão no tempo, em que erão livres,  
E tambem por tyrannos quando oppressas.  
Ao estrangeiro estão hoje curvadas  
Na escuridão, na barbaria immersas :  
Baqueando os reinos seus tornárão-se  
Em desertos: — só tu, sempre immutavel,  
Salvo nos mãos brinquedos das tuas vagas,  
Rugas na fronte azul não tens do tempo :  
Como o albor da creação te vio, tu rólas.

CLXXXIII

Radiante espelho, em ti do Omnipotente.  
Nas tempestades se reflecte o aspecto ;  
Em qualquer tempo, ou calmo, ou agitado —  
Com auras, com tufões, ou com borrascas, —  
Nos pólos regelado, em clima torrido,  
Tumido e escuro — infindo, illimitado  
E sublime — da eternidade a imagem —  
Do invisivel o throno. É do teu limo,  
Que os monstros dos abysmos são formados ;  
A ti as zonas todas obedecem  
Terrivel, insondavel, só, avanças.



CLXXXIV

Sempre te amei, Oceano. O maior gosto,  
Que, em meus folguedos juvenis sentia,  
Era andar a teu collo carregado,  
Como uma bolha tua: desde a infancia  
Afeito a teus marulhos, taes deleites,  
Achava nelles, que se o mar mais forte  
Fazia-os mais terriveis — eu só tinha  
Certo medo agradável, pois eu era  
Como um teu filho, e tendo confiança  
Nas tuas ondas de perto e longe, eu punha  
Nas tuas crinas a mão, como ora o faço.

CLXXXV

A tarefa acabei, cessou meu canto ;  
Eis do meu thema o écho moribundo ;  
Cumpre quebrar-se o encanto deste sonho  
Tão demorado. Já se apaga o facho,  
Que á meia noite me accendia a lampada ;  
Fique escripto o que está, oxalá fosse  
Coisa de mór valia ; mas eu hoje  
Não sou quem d'antes era, as visões minhas,  
Menos palpaveis ante mim voltêão,  
E a chamma que lavrava em meu espirito,  
Tornou-se vacillante, e frouxa, e fraca.

CLXXXVI

Adeos!... palavra é esta que ser deve,  
E que tem sido um som, que mais nos punge ;  
Mas assim mesmo, adeos ! O' vós que tendes  
Seguido o Peregrino até as scenas  
Ultimas suas, se um só pensamento,  
Que fosse seu ficou-vos na memoria,  
Se guardais uma unica lembrança,  
Em vão não arrastou elle as sandalias,  
Nem trouxe concha estriada. Adeos ! com elle  
Somente as dôres fiquem, se é que as houve,  
E comvosco a moral destes seus cantos.

FIM DO QUARTO E ULTIMO CANTO.



**NOTAS DO QUARTO CANTO.**

---

(1) Foi a resposta da mãe de Brasidas, general Lacedemonio, áquelles que louvavão perante ella a memoria de seu filho.

(2) O Leão de S. Marcos, estandarte da Republica. De Planta Leone ilzerão Pantaleão, nome de uma personagem grotesca da Comedia italiana.

(3) Veneza Salva, os Mystérios de Udolpho, o Armenio, o Mercador de Veneza e Othello.

(4) Em Abril de 1817 lord Byron visitou Ferrara, percorreu o castello, o calabouço, etc., e escreveu alguns dias depois as Lamentações do Tasso.

(5) Orosius calcula em trezentos e vinte o numero dos triumphos. Com esta opinião concordão Pauvinius, Gibbon e outros.

(6) A 3 de Setembro, Cromwell ganhou a victoria de Dunbar; no anno seguinte ganhou a celebre batalha de Worcester, e, alguns annos depois, nesse mesmo dia, que elle encarava como o mais feliz para elle, falleceu.

(7) Allusão ao tumulo de Cecilia Metella, chamado *Capo di Bove*.

(8) O monte Palatino não é mais do que um montão de ruinas, sobretudo em frente do circo Maximino.

(9) A estatua de S. Pedro está collocada em cima da columna Trajana; a de S. Paulo sobre a Aureliana.

(10) Segundo Suetonio, Cesar ficou muito lisongeadó com o decreto do Senado, que o autorisava a usar sem-

pre de uma corôa de louros. Ficou encantado, não por mostrar-se como vencedor do mundo; mas porque podia esconder a calva.

(11) Esta estancia e as tres seguintes fazem allusão á historia da mulher romana, que amamentou o pai.

(12) O Castello de Sant'Angelo.

(13) A igreja de S. Pedro.

(14) A morte da princeza Carlota foi sentida mesmo aqui (Veneza); a Inglaterra devia ter-se sentido profundamente abalada. — *Byron*.

(15) A aldêa de Nemi está collocada junto do retiro Aricianno de Egeria. Conservou até aos nossos dias o nome de bosque, por causa das arvores que sombrêo o templo de Diana.



# SARDANAPALO

**Tragedia de Lord Byron,**

**ADAPTADA Á SCENA.**





**O** PRESIDENTE do Conservatorio Dramatico Brasileiro concedendo licença, nos termos da lei, para que esta admiravel tragedia se possa representar em qualquer theatro desta côrte, julga dever consignar neste acto, o juizo da commissão do Conservatorio a que foi commettida a sua censura; juizo com o qual se conformou inteiramente o mesmo Presidente.

« A traducção da Tragedia — Sardanapalo — de Lord Byron, pelo Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães, de ha muito conhecido pelos litteratos do Rio de Janeiro, manifesta o talento e bom gosto do seu autor, e a rara felicidade com que se tirou das difficuldades do original, adaptando-o ao theatro Brasileiro. »

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1852.

D. BIVAN, presidente.



## PERSONAGENS

### HOMENS.

**SARDANAPALO**, Rei de Ninive e d'Assyria.  
**ARBACES**, Satrapa da Média.  
**BELESES**, Chaldeo e Agoureiro.  
**SALAMENES**, cunhado do Rei, chefe das tropas.  
**ALTADA**, official Assyrio do Palacio.  
**PANIAS**, empregado na casa real e militar.  
**ZAS**.  
**ESFERO**.  
**BALIAS**.

### DAMAS.

**ZARINA**, a Rainha, mulher de Sardanapalo.  
**MYRRA**, escrava Grega, favorita do Rei.  
**MULHERES**, que compoem o harem de Sardanapalo ; Guardas,  
Domesticos, Soldados, Chaldeos, Medas, etc., etc.

A scena passa-se no Palacio de Ninive. Em duas salas.





## ACTO PRIMEIRO.

### SCENA I.

SALAMENES, só.

Uma sala do Palacio.

Elle, a rainha, sim, tem offendido ;  
Mas inda é seu esposo, e se eu conheço,  
Que é ella minha irmãa, tambem me lembro  
Que os mesmos laços fraternaes me prendem.  
Bem sei que o povo seu tem aggravado ;  
Mas qu'inda é seu Monarcha, e qu'eu ser devo  
Não só vassallo, mas amigo delle.  
Morrer não ha de assim !... Ah ! vêr não posso  
O sangue de Nemrod e de Semiramis  
Sorver a terra, e acabar um Imperio  
De treze seculos, como sóe findar-se  
Um conto de pastor. Cumpre acorda-lo.  
Dentro em seu coração affeminado  
Ha um certo valor em apathia,  
Qu'inda apagar a corrupção não pode,  
E uma occulta energia, reprimida  
Por circumstancias, não de toda extincta.  
No fundo mar da voluptuosidade  
Mergulhado elle está, não afogado ;  
Nascesse na cabana, que pudéra  
Ter-se a um throno elevado : ahi nascido,  
Nada mais deixará além de um nome,  
Cuja herança prezar não hão de os filhos.

De todo inda porém não está perdido  
Sua indolencia e opprobrio ainda pôde  
Fazer que esqueção, por acções, que o mostrem  
Tal qual ser deve, e que é tão facil sê-lo,  
Como ser o que é, qual ser não deve.  
E' mais difficil governar um povo,  
Que assim a vida sua ir consumindo ?  
Exercitos mandar é mais penoso  
Que reger um serralho ?... Esboforido  
Em insulsos prazeres, que a alma embotão,  
Seu natural vigor vai solapando  
Em fadigas, que nem lhe dão saude,  
Como a caça, nem gloria como a guerra :  
Despertado ser deve, e não ha brados,  
Excepto os do trovão, que o mover possão.

(Ouve-se dentro uma musica mui terna que vem se  
aproximando.)

Mas que oiço ? A lyra, o alaúde, e o adufe,  
E desses instrumentos ninadores  
O lascivo tanger, e as brandas vozes  
De mulheres, e de outras creaturas,  
Que ainda menos são do que mulheres !  
Como harmonisão de uma orgia o écho,  
Emquanto o grande Rei de toda terra,  
C'uma c'róa de rosas, titubando,  
Seu diadema larga negligente,  
Para ser presa do varão primeiro,  
Cuja atrevida mão tente arrancar-lh'o.  
Dirigem se p'ra aqui ; sinto os perfumes,  
Em que o cortejo seu vem rescendendo ;

Naquella galeria já devo  
O lampear das pedras preciosas,  
Enfeites das luzidas raparigas,  
Que seus soldados são e conselheiros :  
Em trajos feminis lá vem entre ellas,  
Menos mulher apenas, o Rei-femea,  
De Semiramis neto ! Hei de espera-lo !  
Sim, encara-lo, e até contar-lhe quanto  
Delle falla, e dos seus, a melhor gente !  
Ei-los chegão, escravos conduzidos  
Por um Rei, dos escravos seus, vassallo.

SCENA II.

(Entra SARDANAPALO, afeminadamente vestido, com a cabeça coroadada de flôres, com uma tunica fluctuante, seguido de um sequito de mulheres e de escravos moços.)

SARDANAPALO, *fallando a seu sequito.*

Para um banquete especial preparem,  
Decórem com grinaldas, e illuminem  
O barracão do Euphrates. Lá céamos  
Nós hoje á meia noite. Nada falte ;  
A minha galeota esteja prompta.  
Havemos de gozar da fresca briza,  
Que encrespa o largo crystallino rio ;  
Embarcaremos logo ; e as bellas nymphas,  
Que com Sardanapalo instantes dôces  
Quizerem partilhar, vêr-me-hão de novo  
Nessa hora ditosa, quando unidas,  
Como as estrellas, que no céu se ajuntão,

Um tão brilhante céu farão como ellas.  
Té então cada uma do seu tempo  
Como quizer disponha : e tu, ó Myrra,  
O' minha bella Grega, escolhe... queres  
Acompanha-las, ou ficar comigo ?

MYRRA.

Meu senhor !...

SARDANAPALO.

Meu senhor ! Ah ! minha vida !  
Porque tão friamente assim respondes ?  
Eis a praga dos Reis, que desta sorte  
São sempre respondidos ! Tu governas  
As horas tuas, como as minhas. Dize,  
Queres acompanhar nossos convivas,  
Ou que em delicias meus momentos võem ?

MYRRA.

A escolha do Rei tambem é minha.

SARDANAPALO.

Não, isso não ; o meu maior deleite  
E' concorrer p'ra teu menor desejo ;  
Nem ousa respirar minha vontade,  
Com temor que talvez se opponha á tua ;  
Pois tão prompta tu sempre condescendes.

MYRRA.

Eu quizera ficar... minha ventura  
Só consiste em olhar-te , mas comtudo...

SARDANAPALO.

Comtudo ! o que comtudo ? Só teu gosto  
Póde a barreira ser que entre nós haja.

MYRRA.

Creio ser esta a hora costumada  
Do conselho : melhor é retirar-me...

SALAMENES, *avançando.*

Tem razão no que diz a escrava grega ;  
Deixai-a retirar-se...

SARDANAPALO, *virando-se.*

E quem me falla ?

Ah ! meu irmão !

SALAMENES.

Irmão é da Rainha ;  
De vós, real Senhor, fiel vassallo.

SARDANAPALO, *dirigindo-se ao seu sequito.*

Disponhão como disse, do seu tempo  
Té meia noite, e então vireis de novo.  
(O cortejo vai-se retirando).

SARDANAPALO, *dirigindo-se a Myrra, que tambem quer retirar-se.*

Myrra, julgava que ficar querias.

MYRRA.

Meu Rei, tal não dissestes :

SARDANAPALO.

Mas mostraste-o

Por cada lanço destes olhos gregos,  
Que dizem, que deixar me não quizeras.

MYRRA.

Senhor o vosso irmão...

SALAMENES.

Irmão da esposa :  
E como sem córar em mim tu fallas ?

SARDANAPALO.

Sem córar !... Coração não tens, nem olhos,  
Que vejas o carmim das faces della,  
Qual, de tarde no Caucaso imminente,  
O dia, quando morre, e o sol, ao pôr-se,  
De roseas sombras vem tingir a neve !  
Tua fria cegueira a ella imputas ;  
Porque não queres vêr... Que !... choras Myrra !

SALAMENES.

Chore embora... chorar deve por outros ;  
Ella é causa de mais amargos prantos.

SARDANAPALO.

Maldito quem taes chôros causar veio !

SALAMENES.

Sim : maldições p'ra ti não são precisas ;  
Já de homens um milhão te amaldiçoa.

SARDANAPALO.

Tu te esqueces de ti : mas não me faças  
Lembrar que sou monarcha...

SALAMENES.

Ao Céu provérea!...

MYRRA.

Permitti, meu senhor que eu me retire.

SARDANAPALO.

Como assim queres, como este homem rude  
Teu fraco coração tem opprimido,  
Vai-te; mas deves-te lembrar que em breve  
Havemos de encontrar-nos: antes quero  
Perder um throno, que a presença tua.

(Sahe Myrra).

SALAMENES.

Talvez que percas ambos, para sempre!...

SARDANAPALO.

Salamenes, tu vês, que sei conter-me,  
Escutando o que dizes. Mas por isso  
O meu bom genio provocar não venhas.

SALAMENES.

E' mesmo ao que eu aspiro. O teu bom genio,  
Demasiado bom, genio indolente.  
Só desejo excitar! Assim pudesse  
Inda contra mim proprio despertar-te.

SARDANAPALO.

O homem, por Baal, quer-me um tyranno!

SALAMENES.

Certo que o és. Tu crês, que a tyrannia

Em cadéas e sangue só consista ?  
Do vicio o despotismo, o mal do luxo,  
A apathia, a fraqueza, a negligencia,  
E certa sensual ociosidade  
Fazem dez mil tyrannos, que supérão,  
Em sua delegada crueldade,  
De um senhor forte os actos mais atrozes,  
Por mais que o jugo seu seja insoffrivel.  
Os exemplos que dás de incontinencia,  
Por falsos e enganosos, não corrompem  
Menos, que opprimem. Vão ao mesmo tempo  
Minando teu poder apparatuso,  
E aquelles, que devião sustenta-lo :  
Se estrangeiro invasor nos accommette,  
Ou se motim civil vem dividir-nos,  
Tanto um, como outro, tem de ser funestos ;  
Quanto ao primeiro, falta a teus vassallos  
Valor para combater ; mas quanto ao outro  
Antes ao que vencer, darão auxilio.

SARDANAPALO.

E quem te fez interprete do povo ?

SALAMENES.

O perdão, que te dou pelos ultrages,  
Feitos á minha irmã ; um amor terno,  
Que consagro aos infantes meus sobrinhos ;  
Fidelidade ao Rei.... fidelidade,  
Que, mais do que em palavras, elle em breve  
Necessite talvez ; respeito a raça  
De Nemrod, e mais inda um outro objecto...



SARDANAPALO.

Qual é elle ?

SALAMENES.

Seu nome desconheces.

SARDANAPALO.

Comtudo dize-o, sempre saber quero.

SALAMENES.

A virtude !

SARDANAPALO.

Seu nome desconheço !  
Nunca outro nome tem os meus ouvidos  
Aturdido, como este ; mais odioso,  
Que os gritos da canalha, ou da trombeta ;  
Tua irmãa nunca falla d'outra cousa.

SALAMENES.

Deste enfadonho thema mudaremos,  
E do vicio ouvirás...

SARDANAPALO.

A quem ?

SALAMENES.

Aos ventos !

Oxalá da nação ouças as vozes,  
Que em écho elles te trazem...

SARDANAPALO.

Tu bem sabes

Quão indulgente sou. tens exp'riencia  
Que sei soffrer, declara, o que te move?

SALAMENES.

O teu perigo.

SARDANAPALO.

Continúa.

SALAMENES.

Os povos,  
Por teu pai, em herança, a ti deixados,  
Às claras contra ti se pronunciação.

SARDANAPALO.

Contra mim ! que desejo taes escravos ?

SALAMENES.

Um Rei.

SARDANAPALO.

O que sou eu ?

SALAMENES.

Tu és um nada  
Aos olhos delles, mas aos meus um homem,  
Que pôde ainda ser alguma cousa.

SARDANAPALO.

Que loucos insolentes ! Que lhes falta ?  
Pois não vivem na paz e n'abundancia ?

SALAMENES.

▲ paz é muito mais que ingloriosa,  
▲ abundancia menor de que o Rei pensa.

SARDANAPALO.

Por culpa só dos satrapas dolosos,  
Os quaes, melhor as provisões não fazem.

SALAMENES.

E por culpa do Rei, que jámais olha  
Além dos paredões de seu palacio,  
D'onde, se ás vezes sahe, sómente em busca  
Vai de algum palacete montanhoso,  
Té que os ardores do verão abrandem.  
Glorioso Baal, tu que fundaste  
Tão vasto imperio, e que endeosado foste,  
Ou, ao menos, como um Deos resplandeceste,  
Por longos seculos de renome, sabe,  
Que este teu presumptivo descendente  
Nunca olhou, como Rei, para estes reinos,  
Que, como heróe, deixaste, e que ganhados  
Forão com tempo, esforço, e luta e sangue ;  
Para hoje, de impostos carregados,  
Sustentarem festins, e as repetidas  
Extorsões para uma favorita.

SARDANAPALO.

Bem sei... conquistador quizéras vêr-me :  
Ah ! pelos Astros, que os Chaldeos traduzem,  
Juro, que esses escravos turbulentos  
Merecem, que os cond. mne a vêr cumpridos  
Seus desejos, á gloria os conduzindo.

SALAMENES.

E porque não ? Mulher houve já uma,

Semiramis, que ás praias foi do Ganges,  
Berço do sol, á testã dos Assyrios.

SARDANAPALO.

E' verdade : mas como voltou ella ?

SALAMENES.

Como heróe, como homem ; mallograda,  
Mas não vencida. Só com vinte guardas  
Chegou em retirada á Bactriana.

SARDANAPALO.

Sim !... E quantos deixou ella na India,  
Para pasto de abutres ?

SALAMENES.

Não nos dizem

Nossos annaes.

SARDANAPALO.

Pois eu direi por elles,  
Que melhor fôra qu'ella em seu palacio  
Se empregasse em tecer vinte brocados,  
Do que com vinte guardas retirar-se  
Á Bactriana, tendo abandonado  
Ás aves de rapina, aos lobos, e homens,  
(E estes, d'entre os tres, os mais ferozes)  
Myriadas de seus fieis vassallos.  
E' isto gloria ? Então viver me deixem  
Na ignominia sempre.

SALAMENES.

A mesma sorte

Não acompanha a todos os guerreiros ;  
A gloriosa Avó de cem monarchas,  
Semiramis, fahou na India, é certo ;  
Mas trouxe a Persia, a Média, e a Bactriana  
Ao reino, que regeu, que reger pôdes.

SARDANAPALO.

Eu vejo, ella só os subjugára.

SALAMENES.

Talvez que em breve necessite o imperio  
Da espada sua mais que do teu sceptro.

SARDANAPALO.

Emfim que queres ?

SALAMENES.

Que antes despertado  
Sejas por mim, que pela rebeldia.

SARDANAPALO.

Rebeldia ! Porque ? Com que pretexto ?...  
Sou legitimo Rei, e o descendente  
De uma raça de Reis, que jámais teve  
Predecessores... O que a ti hei feito,  
Ou ao povo, p'ra vires arguir-me,  
E elle contra mim pôr-se em levante ?

SALAMENES.

Eu não fallo daquillo, que me has feito.

SARDANAPALO.

Mas julgas que a Rainha eu offendêra !...

Não é isto ?

SALAMENES.

E' bem certo. . .

SARDANAPALO.

Então escuta :

Ella no gozo está de toda a pompa ;  
Do poder, e respeitos inherentes  
À sua dignidade. Ella é tutora  
Dos herdeiros d'Assyria ; as homenagens,  
E o apanagio tem de soberana.  
Com ella me casei, como os monarchas  
Casão, sómente por amor do Estado ;  
E, como a maior parte dos maridos  
Amão suas mulheres, sempre amei-a ;  
Mas se ella, e tu presumem, que eu pudesse,  
Qual rude camponez, agrilhoar-me  
À consorte. então ambos não conhecem  
Os monarchas, a mim, ou o genero humano.

SALAMENES.

Eu teu rogo, fallemos de outro objecto :  
Indigna do meu sangue é toda a queixa.  
De Salamenes a irmã não busca  
Do Monarcha d'Assyria o amor forçado ;  
Ella desdenha affectos partilhados  
Por cortezãas, e escravas estrangeiras :  
A Rainha se cala...

SARDANAPALO.

E porque o mesmo

**Não faz o seu irmão ?**

SALAMENES.

**Para contigo**

Sou écho só das vozes deste Imperio :  
E quem por muito tempo despreza-las,  
Não ha de muito tempo governa-lo.

SARDANAPALO.

Ah !... escravos ingratos, que murmurão,  
Por eu não ter-lhes derramado o sangue !  
Porque não fiz morrer milhares delles  
Entre o pó dos desertos ! porque as margens  
Do Ganges com seus ossos não alveião !  
Porque com leis crueis não decimei-os ;  
E porque com suores não erguêrão  
Pyramides, ou muralhas Babylonicas ?

SALAMENES.

Inda assim são trophéos estes mais dignos  
De um povo, e de seu Rei, que as cançonetas,  
Banquetes, alaúdes, concubinas,  
O erario exausto, e a virtude em terra.  
Senhor, vossos avós tem como deoses  
Sido adorados...

SARDANAPALO.

Sim, no pó, na morte,  
Aonde nem são deoses, nem são homens ;  
Mas só pasto de vermes. De taes deoses  
Em mim tu pôdes vêr o descendente :

Muitas cousas mortaes em miim conheço ;  
Mas nada de divino : só se fôra  
Certa disposição. que tu condemnas,  
De amor e piedade, que me fazem  
Perdoar de meu proximo as fraquezas,  
E desculpar as minhas.

SALAMENES.

Céos é certa

A desgraça d'Assyria !

SARDANAPALO.

Então que temes ?

SALAMENES.

Por inimigos teus estás guardado ;  
Talvez que em poucas horas arrebente  
A tempestade, que ha de derribar-te,  
E os teus !... e os meus !...

SARDANAPALO.

De quem temer devemos ?

SALAMENES.

Da ambição, da perfidia, cujos laços  
Já te cercão... Mas resta inda um recurso :  
Com teu real annel, tu, me autorisa,  
Que eu prometto a suas tramas ir pôr termo,  
E a teus pés as cabeças dos caudilhos. . . .

SARDANAPALO.

As cabeças, e quantas ?



SALAMENES.

Que te importa  
O numero saber, quando a tua mesma  
Segura não está? Partir me deixa,  
Dá-me o sinete, o resto a mim confia.

SARDANAPALO.

Não confio a ninguém vidas sem conta;  
Quando nós as tiramos, nem sabemos  
O que vamos tirar, nem o que damos.

SALAMENES.

E as vidas dos que tentão contra a tua?

SARDANAPALO.

É difficil questão; mas eu respondo:  
Um outro meio não ha mais do que este?  
Quem suspeitas? Quem são?... Que sejam presos.

SALAMENES.

Se eu desse á tal pergunta uma resposta,  
Circularia já, de boca em boca,  
Pelo dos cortezãos parleiro bando;  
Do palacio á cidade voaria,  
Os meus planos frustrando. Em mim confia.

SARDANAPALO.

Sabes, que sempre o fiz. Toma o sinete.  
(Vai tirando um anel do dedo, e o dá a Salamenes.)

SALAMENES, recebendo o anel e pondo-o no dedo.

Tenho mais que pedir-te...

SARDANAPALO.

O que mais queres ?

SALAMENES.

Que o banquete suspendas esta noite  
No barracão do Euphrates.

SARDANAPALO.

Que eu suspenda...

O banquete!... Não ha conspiradores,  
Que me obriguem a tanto. Venhão elles,  
Não heide recuar ; todo o mal fação,  
Não me erguerei mais cedo ; e nem da taça  
Me privarei por isso. Uma só rosa  
De menos não terá minha corôa ;  
Não perco de prazer uma só hora ;  
Não os temo.

SALAMENES.

Mas tu não te armarias,  
Se assim fosse preciso ?

SARDANAPALO.

Certamente :

Empunharia a espada, pois não menos  
Querem esses escravos insensatos,  
Para serem governados.

SALAMENES.

Tu já sentes ?

SARDANAPALO.

E uma ingratição ha quem não sinta ?

SALAMENES.

Bem ; basta de palavras, hajão obras :  
Essa tua energia, que por vezes  
Dormir parece, e que de todo extincta  
Não está em tua alma, põe alerta,  
Qu'inda has de gloria dar a teu reinado,  
E ao imperio poder. Adeos !

SARDANAPALO (só).

Adeos !....

(Depois d'alguma pausa.)

Lá vai. No dedo leva o meu sinete,  
Que n'elle vale um sceptro! É tão austero,  
Quanto inerte sou eu.... Esses escravos  
O braço de um senhor sentir merecem....  
Eu não sei o perigo, qual ser possa ;  
Mas elle o descobrio, elle o suffoque.  
Deverei consumir a curta vida,  
Premunindo-me contra o que pudesse  
Mais encurta-la ? Tanto ella não vale.  
Esquadrinhar revoltas, viver sempre  
Entre sustos da morte, suspeitando  
Dos que me cercão, por estarem perto,  
Dos que ausentes estão, porque estão longe,  
Fôra para mim morrer antes da hora !  
Mas se assim tem de ser, se elles ainda  
Tem da terra e do imperio, de arrancar-me.  
O que é a terra? O que é da terra o imperio?  
Já vivi, já amei, já minha imagem

Multipliquei. P'ra mim a morte é acto  
Natural deste barro. É bem verdade  
Qu'inda não fiz correr, como pudera,  
Mares de sangue, até que este meu nome  
Se tornasse em synonymo de morte,  
De terror, e trophéos! Mas disto ainda  
Não me arrependo. Amor é minha vida,  
Se eu sangue derramar serei forçado.  
De uma só veia assyria uma só gota  
Até hoje por mim não tem corrido;  
Nem um só obolo tem-se dissipado  
Dos immensos thesouros de Ninive,  
Para objectos, que custem a seus filhos  
Uma lagrima só. Elles me odeião,  
Por eu não odiar, e se revoltão,  
Por eu não opprimir! Vós sois, ó homens,  
Feitos só para serdes governados  
Com foices, não com sceptros. Como a herva  
Ceifados deveis ser, p'ra que não haja  
De se fazer colheita ampla e corrupta  
De descontentes, que infectando o solo,  
De bello e fertil, n'um deserto o tornão.

(Olhando e vendo Myrra que chega.)

Mas.... nem pensar mais nisto, aqui vem Myrra!

(Dirige-se a Myrra.)

Tu prevines, formosa creatura,  
Meu coração, pois chegas mesmo quando  
Palpitava por ti. Eu crêr só quero,  
Que uma ignota influencia, um doce oraculo  
Fazem que, sem nos vermos, mesmo ausentes,

Nós nos communicemos, e atraíamos  
Um ao outro. Porém escuta, ó Myrra:  
Salamenes, ha pouco, declarou-me  
O meu throno em perigo....

MYRRA.

Razões teve.

SARDANAPALO.

Tu o apoias, tu, qu'elle asperamente  
Insultára, atrevendo-se a expellir-te  
De minha companhia, e te obrigando  
A chorar e corar de seus motejos?

MYRRA.

Eu devia fazer isto mais vezes ;  
Bem fez elle em chamar-me a meus deveres.  
Mas fallaste em perigo....

SARDANAPALO.

Negras tramas....

Conspirações de povos, e de tropas...  
Nem mesmo sei o que... um labyrintho...  
Um montão de ameaças, de mysterios....  
Conheces o homem, seu costume é este ;  
Ainda que é honrado.... Não pensemos  
Mais nisto, sim na festa, á meia noite.

MYRRA.

É tempo de pensar n'outros objectos,  
Que não sejam festins. Tu desprezaste  
O seu prudente aviso?

SARDANAPALO.

E tu tens medo?

MYRRA.

Póde uma Grega recear a morte?  
E uma escrava temer a liberdade?

SARDANAPALO.

E porque empallideces?

MYRRA.

Porque te amo.

SARDANAPALO.

Não amo-te eu tambem, e mais que a vida,  
E mais que o meu imperio ameaçado?  
Mas não me assusto....

MYRRA.

Não! Porque não amas,  
Nem a mim, nem a ti! É grande insania  
Deixar assim perder reinos e vidas.

SARDANAPALO.

Perder? Porque? E quem o chefe ousado  
Que aspira a despojar-me?

MYRRA.

E de tenta-lo  
Quem havia tremer? Se o rei se esquece  
De si, hão de lembrar-se os outros delle?  
(Entra Panias.)

PANIAS.

Saúdo-te, meu rei !

SARDANAPALO.

Sê breve Panias...

PANIAS.

Salamenes, senhor, encarregou-me  
De te pedir de novo, que hoje, ao menos,  
Não saias do palacio....

SARDANAPALO.

Pois captivo  
Já me querem reter? E nem consentem  
Que o ar do céu respire? A Salamenes  
Dize, que inda que eu visse amotinada,  
Assaltando as muralhas deste paço,  
A Assyria em peso, aqui não ficaria.

PANIAS.

Obedeço; porém....

MYRRA.

Meu rei attende-o !

Quantos dias e mezes reclinado  
Passas neste palacio, em molles sedas,  
Sem que aos vassallos teus, que almeirão ver-te,  
Appareças, deixando-os descontentes.  
Os satrapas sem lei, sem culto os deoses,  
E, á excepção do mal, tudo em lethargo,  
Na anarchia da inercia !! E, tu, recusas  
Só hoje aqui ficar, quando este dia

Talvez salvar-te possa? Não merecem  
Os que ainda fieis se te conservão,  
Que algumas horas poucas sacrifiques  
Por ti, por elles, e por teus maiores,  
E pela herança de teus filhos?....

PANIAS.

Certo!...

Ah! consente, senhor, que as minhas vozes  
Ajunte a estas preces....

SARDANAPALO.

Não consinto :

Não ha perigo, é mera fantasia,  
Estoli-la invenção de Salamenes,  
P'ra zeloso mostrar-se e necessario.

MYRRA.

Meu Rei, já que um motivo só não achas,  
Entre os que tem imperio em regios peitos,  
P'ra desistires de festim tão frivolo,  
Por meu amor, ao menos, condescende.

SARDANAPALO.

Por teu amor?

MYRRA.

É esta a vez primeira  
Que uma graça supplico ao Rei d'Assyria.

SARDANAPALO.

Sim, e tudo te dou, mesmo este imperio ;  
Só por amor de ti eu me conformo :  
Ouviste Panias? Retirar-te podes.



PANIAS.

Obedeço.

(Sahe.)

SARDANAPALO, dirigindo-se a Myrra.

De ti me maravilho !  
Qual o motivo que te impelle a tanto ?

MYRRA.

A tua salvação, e a consciencia,  
Que imminente perigo só podia  
Um principe obrigar, e teu parente,  
A contigo empenhar-se com tal força....

SARDANAPALO.

Instantes preciosos não percamos  
Com vãos discursos, com mais vãos temores ;  
Vou já mandar que á noite se prepare  
A salla de Nemrod para o festojo.  
Onde ao menos não estou ameaçado.  
Se meu palacio em carcere se torna,  
Quero alegre arrastar minhas cadéas.

(Sahe.)

MYRRA, só.

Porque amo este homem? São somente amados  
Os herões pelas minhas conterraneas !  
Mas patria já não tenho! .. Sim eu amo-o!  
E o mais pesado annel dessa cadêa  
É eu amar a quem prezar não posso.  
Mas, venha o que vier, já se approxima  
A hora, em que talvez elle careça

De todo amor, e que nenhum encontre  
Fôra p'ra mim tão vil deixa-lo agora  
Quanto na minha patria fôra nobre  
No throno e na fortuna apunhala-lo !  
P'ra nenhum destes actos fui nascida ;  
Salva-lo é para mim necessidade ;  
Já que da propria estima hei decahido,  
Amando este estrangeiro voluptuoso,  
A quem amo inda mais, porque conheço,  
Que é detestado por seus proprios barbaros,  
Esses do sangue grego imigos natos !  
Pudesse eu despertar dentro em seu peito  
Um sentimento só dos que influirão  
Nos mesmos Phrygios, quando pelejavão  
Entre Ilion e o mar, elle de rôjo  
Essas barbaras turbas levaria,  
E havia triumphar ! Eu sou a escrava,  
Que, seu senhor amando, só deseja  
Do peso de seus vicios liberta-lo !  
Se eu o não conseguir, inda me restão  
Meios de liberdade, e se ensina-lo  
A reinar não puder, hei de mostrar-lhe  
Como só pôde um rei largar o throno !...  
Devo da minha vista não perdê-lo.

(Sahe).

FIM DO ACTO PRIMEIRO.

## ACTO II.

### SCENA I.

(A mesma sala).

BELESES, só.

Declina o sol ! parece que mais lento,  
Pela ultima vez. lançando a vista  
Sobre o imperio Assyrio ! D'entre as nuvens  
Como fulgura seu clarão vermelho,  
Igual ao sangue que prediz ! Se embalde  
Não vos tenho estudado, ó sol, que descas,  
E estrellas, que nasceis, em cada um raio  
Lendo vossos decretos, que amedrontão  
O tempo mesmo, quando aprende a sorte,  
Qu'elle ás Nações trará.... eis se avezinha  
Já dos seculos da Assyria a hora extrema.  
Mas quanto ainda calma ! Um terremoto  
Tão grande baque annunciar devia,  
Mas um sol de verão é que o revela.  
Para o Chaldeo, que ler nos Astros sabe,  
Aquelle disco, escripto em caracteres,  
Traz na pagina eterna o fim daquillo  
Que eterno parecia ! O' sol brilhante !

(Ajoelha-se ao sol.)

De tudo quanto vive ardente oraculo !  
Fonte de vida, e symbolo d'Aquelle,  
Que só no-la concede ! Teus presagios  
Só a calamidades se limitão ?

Porque motivo não agoiras dias,  
De ti mais dignos, quando do Oceano  
Com gloria surges? Porque não dardejas  
Sobre o futuro um raio de esperança,  
Como de colera? Escuta; quem te falla  
É teu adorador, ministro e servo;  
Quando nascees, ou morres, te contemplo;  
A fronte inclino sempre ante teus raios.  
Ao meio-dia, mas então nem ousão  
Meus olhos encontrar-te! Muitas vezes  
Por ti velei, a ti hei supplicado,  
Te offereci sacrificios, consultei-te,  
Tenho-te interrogado, mas tu sempre  
(Some-se o sol, elle levanta-se)  
Me respondes o mesmo!... Ah! já sumio-se...  
Mas deixando um reflexo de belleza,  
(Não de sua sciencia) ao occidente,  
Deleitado nas côres de uma gloria,  
Que vai morrendo. A morte gloriosa  
É do sol um occaso. Os mortaes devem  
Felizes se julgar, se só aos Deoses  
Na sua decadencia se assemelhão!

SCENA II.

(Entra Arbaces.)

ARBACES.

Em tuas devoções tão elevado!  
Tu, amigo, que observas os vestigios,  
Que em seu declinio vai teu deos deixando.

Poderás duvidar, como propheta,  
À quem os Astros a victoria outorgão ?

BELESES.

Acerca da victoria não vacillo  
Só sim do vencedor.

ARRACES.

Tua sciencia  
Porá tudo d'accordo. Eu entretanto  
Preparei tantas lanças refulgentes,  
Quantas só bastão p'ra que o brilho offusquem  
Dos nossos alliados, teus planetas.  
Nada se nos oppõe ; esse rei-femea,  
Ainda menos que mulher, de certo  
Já deve estar agora sobre as ondas  
Com suas companheiras, tudo prompto  
Os chama ao barracão para o banquete.  
Mas a primeira taça, que alli sorva,  
Essa ha de ser a ultima esgotada  
De Nemrod pela prole....

BELESES.

Que foi brava....

ARRACES.

Mas hoje fraca, e estragada. Havemos  
Nós corrigi-la.

BELESES.

D'isto estás bem certo?...

ARBACES.

Era só caçador o que a fundára,  
Sou soldado, o que pois ha de temer-se ?

BELESES.

Do soldado.

ARBACES.

Talvez do sacerdote !

Mas se assim tens julgado, ou se assim julgas,  
O teu devasso rei, porque o não guardas ?  
Porque tens-me excitado a esta empreza,  
Não menos tua do que minha ?

BELESES.

Espera....

Levanta os olhos teus ao firmamento,  
O que vês ?

ARBACES.

Do verão bello crepusculo  
E multidão de estrellas.

BELESES.

Pois repara

Naquella mais brilhante, e que tremúla,  
Parecendo querer no azul espaço  
Perder o seu lugar, eis o planeta,  
O signo, em que nasceste, e que te segue.

ARBACES, *pondo a mão na espada.*

A minha estrella está nesta bainha ;  
Quando luzir, offuscará planetas.

Cuide agora só do que faremos,  
Para esses astros teus justificarmos,  
E seus prodígios. Quando nós vencermos,  
Elles templos terão, e sacerdotes,  
Pontifice has de ser daquelles deoses,  
Que te aprouverem mais, pois eu observo,  
Que justos sempre são, e reconhecem  
Por mais devotos os que são mais bravos.

BELESES.

E por mais bravos os que mais devotos.  
Já me viste dar costas nos combates?

ARBACES.

Não. Tu és capitão na Babilonia,  
Como és habil no culto da Chaldéa ;  
Mas convém esquecer que és sacerdote  
E que ora só te lembres, que és guerreiro.

BELESES.

E porque não guerreiro e sacerdote ?

ARBACES.

Tanto melhor.... mas sempre te confesso,  
Que me envergonha ter tão pouco obstaculo  
Com que lutar.... Se um despota atrevido,  
E sanguinario do alto de seu throno  
Eu fosse derribar, e corpo a corpo,  
Nossos ferros batendo retinisses,  
Ou vencer ou morrer fôra heroismo ;  
Mas ter de levantar a minha espada

Contra um pequeno insecto, e talvez vê-lo  
Cahir chorando....

BELESES.

Disto não te assustes :  
Só por si inda pôde rebater-te ;  
Mas inda que elle fosse o que presumes,  
Seus guardas tem valor, e á frente delles  
O rigido e impassivel Salamenes....

ARBACES.

Não se opporão.

BELESES.

Porque? Não são soldados?

ARBACES.

Mas não têm um soldado, que os commande.

BELESES.

Tem.Salamenes .

ARBACES.

Não é seu monarcha ;  
E este mesmo, por causa da Rainha,  
Sua irmã, aborrece o fraco verme,  
Que nos governa. Não tens tu notado  
Que de suas orgias sempre foge?

BELESES.

Mas nunca do conselho, onde é constante .



SCENA III.

(Entra Balias.)

BALIAS.

Satrapas, manda o Rei, que compareção  
Esta noite ao banquete.

BELESES.

Eu lhe obedeço....

No barracão?

BALIAS.

Aqui neste palacio.

ARBACES.

Como! Em palacio? Não foi esta a ordem.

BALIAS.

Foi nova ordem.

ARBACES.

Porque causa?

BALIAS.

Ignoro.

BELESES.

Balias, da nossa parte lhe agradece ;  
Do manto imperial beija-lhe a orla,  
E lhe diz que seus feis escravos  
Irão aproveitar essas migalhas,  
Que elle deixa cahir da régia mesa.  
Mas o lugar e a hora não disseste....

BALIAS.

Na sala de Nemrod, à meia noite.  
Eu me humilho ante vós, e me retiro.  
(sahe Balias.)

ARBACES.

Tão subita mudança não me agrada....  
Porque havia mudar? Nisto ha mysterio.

BELESES.

Não muda elle mil vezes cada dia?  
Não é o ocio a fonte dos caprichos?  
Porque estás pensativo !

ARBACES.

Considero,  
Que aquelle lindo barracão foi sempre  
No verão seu lugar mais favorito ;  
Mas já que elle mudou, mudar devemos.  
Esse sitio isolado, onde estarião  
Somente cortezãos, e guardas ebrios,  
Mais facil tornaria a nossa empreza,  
Porém na sala de Nemrod....

BELESES.

Que é isto!

Quem não julgára que o soldado altivo  
Só temia que o throno lhe offerecesse  
Um tão facil accesso? E já se afflige,  
Por um só passo, ou dous ter encontrado  
Mais escorregadiços, que cuidava?....  
Mas p'ra aqui se encaminha Salamenes.

SCENA IV.

(Entra Salamenes.)

SALAMENES.

Eu ambos procurava, e me surprehende  
Achar-vos neste paço ?

ARBACES.

A causa disto?

SALAMENES.

Inda a hora não é.

ARBACES.

De que hora fallas ?

SALAMENES.

Da meia noite.

BELESES.

O que ha á meia noite ?

SALAMENES.

Pois então vós não fostes convidados ?

BELESES.

Tinhamos esquecido, ah ! sim, nós fomos.

SALAMENES.

O convite de um Rei quem ha qu'esqueça !

ARBACES.

Recebemo-lo agora.

SALAMENES.

E que motivo

Aqui vos prende?

ARBACES.

Estamos em serviço.

SALAMENES.

Vós estaes em serviço! E qual é elle!

BELESES.

É serviço de estado. Nós podemos  
Á pessoa do Rei approximar-nos;  
Mas ausente elle está.

SALAMENES.

Eu tambem ando

Em uma diligencia.

ARBACES.

Dizer pôdes?

SALAMENES.

De prender dous traidores! Vinde, ó guardas.  
(Entrão os guardas.)

SALAMENES, *continuando.*

Vossas espadas, Satrapas.

BELESES, *entregando a sua espada.*

Recebe,

Senhor, a cimitarra.

*ARBACES, desembainhando a sua espada e ameaçando.*

A minha queres !  
Só se em teu peito a lamina embeber-te,  
Que do punho não largo.

SALAMENES.

Ah ! tu resistes !  
Queres assim poupar um julgamento,  
E a falsa misericordia. Este rebelde  
Cortai-o já, soldados !

ARBACES.

Sim, soldados,  
Que só, tu não te atreves.

SALAMENES.

Só, tu dizes !...  
Nescio escravo ! Quem és para julgares,  
Que, cara a cara. um principe intimidas ?  
Póde tua traição causar receios,  
A tua força não. Sem a peçonha,  
Teu dente nada vale, é só da cobra,  
Mas não é do leão. Matai-o.

(Dirigindo-se aos guardas.)

*BELESSES, intromettendo-se.*

Arbaces !  
Tens perdido a razão ! A minha espada  
Render já não me viste ? Tu, comigo,  
Do nosso Rei confia na justiça.

ARBACES.

Não. Confiar só quero nas estrellas,  
De que me tens fallado, e neste braço ;  
Quero morrer senhor deste meu corpo;  
Mas nunca consentir que a mão lhe ponhão.

*SALAMENES, para os guardas.*

Não o prendais, matai-o...

*(Nisto os guardas atacam Arbaces, que se defende valente e dextramente, até que elles recuão.)*

Então que é isto?

Quereis que eu do algoz exerça o officio?  
Como acaba um traidor, vereis, cobardes.  
*(Salamenes ataca Arbaces.)*

SCENA V.

*(Os mesmos e Sardanapalo que entra com algum sequito.)*

SARDANAPALO.

Suspendei, suspendei !... Por vossas vidas !  
Estais surdos ou ebrios? Minha espada!...

*(Pondo a mão no lugar onde devia ter a espada.)*

Como estou distraído ! Eu nunca a trago.

Dá-me a tua, soldado !... Em meu palacio !

*(Nisto toma a espada da mão do guarda a quem se dirige, os dois parão.)*

Não sei porque tolero, e já não puno.

Destes dous atrevidos a insolencia.

*BELESES, dirigindo-se a Sardanapalo.*

Tua justiça imploro....

SALAMENES.

Antes fraqueza.

SARDANAPALO, *levantando a espada.*

Como ?

SALAMENES, *mostrando o peito.*

Pódes ferir ; porém teu golpe  
Sobre aquelle traidor depois desfecha.

SARDANAPALO, *apontando para Arbaces.*

Quem ? Arbaces ?... Quem é que ousa ataca-lo...

SALAMENES, *com arrogancia.*

Eu.

SARDANAPALO.

Tu? De certo estás hallucinado;  
Mas quem te autorisou?

SALAMENES, *mostrando o anel.*

Foste tu mesmo.

ARBACES, *mostrando confusdo.*

O Rei l...

SALAMENES.

Sim. Elle mesmo que o confirme.

SARDANAPALO, *como vacillante.*

Para isto não dei-te o meu sinete.

SALAMENES, *com segurança.*

Por tua salvação m'o confiaste,  
Usei quando cumpria. Tu, agora,

Pronuncia em pessoa. Neste instante  
Só teu vassallo sou, mas inda ha pouco  
O teu representante.

SALAMENES.

Essas espadas  
Embainhai já.  
(Arbaces e Salamenes embainhão as espadas.)

SALAMENES.

Senhor, a minha espada  
Á bainha voltou ; mas eu te peço  
Que não largues a tua, unico sceptro  
Que ora pôde servir-te.

SARDANAPALO.

E como pesa !  
E como o punho minha mão molesta !  
Aqui tens a tua arma. camarada.  
(Olhando para a palma da mão, que suppõe machucada,  
depois que o soldado recebe a espada.)  
Vós, senhores, dizei-me o que isto seja.

BELESES.

Ao principe, senhor, responder toca.

SALAMENES.

Fidelidade em mim, perfidia nelles.

SARDANAPALO.

Atraioar-me Arbaces com Beleses !...  
Crér em tal união.... não, eu não posso.



BELESES, *para Salamenes.*

Onde as provas?

SALAMENES.

Por ellas só respondo,  
Se de teu socio o Rei tirar a espada.

ARBACES.

Desembainhada ha sido tantas vezes  
Contra seus inimigos, como a tua.

SALAMENES.

Ha pouco contra mim foi levantada;  
Breve o será talvez contra elle proprio.

SARDANAPALO.

Não é possivel que se atreva a tanto:  
Nem disto quero ouvir. São vãos embustes,  
Que nas côrtes propaga a baixa intriga  
Por orgãos mercenarios, que especulão  
Em vis calumnias contra a probidade.

SALAMENES, *ao Rei.*

Faze primeiro que elle o ferro entregue,  
Mostre-se assim submisso, e teu vassallo,  
Que eu a tudo respondo.

SARDANAPALO, *duvidoso.*

Se eu o cresse!...

(Com esperança e emphase.)

Mas não.... não pôde ser.... eu não ultrajo  
Arbaces. meu soldado verdadeiro,  
Leal e franco, o capitão mais digno,

Que meus povos governa, constringendo-o  
A que me entregue aquella cimitarra,  
Que aos inimigos meus jámais rendêra.  
Tua arma, general, conservar podes.

SALAMENES, *entregando o sinete a Sardanapalo* :

Teu sinete, senhor, torno a entregar-te.

SARDANAPALO.

Guarda-o ; mas em usa-lo sê mais parco.

SALAMENES.

Delle usei por tua honra, e o restituo,  
Porque me impede a minha que o retenha.  
A Arbaces confia.

SARDANAPALO.

E quem me impede?  
Mas nunca m'o pedio.

BELESES.

Saber não posso,  
Porque tão acremente prevenido  
Vejo o principe contra dous vassallos,  
Dos mais zelosos pelo bem d'Assyria.

SALAMENES.

Guerreiro infido, tredo sacerdote,  
Que reunes os vicios mais atrozes  
Das classes mais temiveis n'um Estado,  
Tuas doces palavras e homilias  
P'r'aquelles guarda que te não conhecem.

De teu cumplice o crime é franco ; ao menos  
Co'as manhas da Chaldéa o não disfarça.

BEIESES, *para Sardanapalo.*

Não o ouves, senhor, como blasphema  
Do culto do paiz, que de joelhos  
Os teus avós adora?

SARDANAPALO.

Lá por isso  
Te peço que o absolvas. Eu dispenso  
Taes cultos a defuntos, pois me sinto  
Mortal e descendente de uma raça,  
Hoje a cinzas somente reduzida.

BEIESES.

Tal não julgues, senhor. Os teus maiores  
Entre os astros estão.

SARDANAPALO.

Se continúas  
Desta sorte a prégar-me, talvez breve  
Eu te mande fazer-lhes companhia.  
(Mostra querer sahir.)

SALAMENES.

Meu Rei, espera....

SARDANAPALO.

Queres que eu aprenda  
Como d'Assyria os idolos se adorão?  
Entrega-lhe a espada, e em paz o manda.

SALAMENES.

Irmão, senhor, monarcha, só te peço  
Que reflectas um pouco....

SARDANAPALO.

E que suporte,  
Que atroem meus ouvidos aturdidos  
Taes sermões de Baal, e de outros mortos,  
E mysterios chaldaicos sobre estrellas?

BELESES.

Porém respeita-as.

SARDANAPALO.

Sim, e mesmo apraz-me  
Contempla-las n'abobada azulada;  
Com os olhos de Myrra compara-las;  
E vêr como seus raios se redobram  
Nas tremulas aguas do argentino Euphrates,  
Quando da meia-noite as brandas auras  
O largo rio encrespão, suspirando  
Por entre as cannas que as ribeiras franjem.  
Mas sejam deoses, ou moradas delles,  
Mundos, fochos de mundos; ou da noite  
Simplesmente luzeiros, como tudo  
Ha quem sustente, mas que não me importa....  
É-me doce a incerteza, e não a troco  
Por tudo que a Chaldéa te ensinára;  
Pois quanto lá de cima, ou cá de baixo,  
Saber-se póde, sei.... e isto é nada.  
Seu fulgor e belleza reconheço.

Quando sobre meu tumulto refulgirem,  
Não verei mais nenhuma destas cousas.

BELESES.

Melhor as has de vêr.

SARDANAPALO.

Pois bem ; se queres  
Por isto esperarei. Tu entretanto  
Recebe a tua espada, e sabe sempre  
Que teu serviço militar prefiro  
Ao teu sacerdotal, sem gostar de ambos.

SALAMENES, *á parte.*

Suas devassidões o fazem doudo ;  
Mesmo a despeito seu salva-lo devo.

SARDANAPALO.

Satrapas, escutai-me, e tu, primeiro,  
Sacerdote, pois mais de ti suspeito  
Que do soldado — em paz nos separemos.  
Não profiro perdão, que concedido  
Só deve ser ao crime. A vossa vida  
D'um sopro meu depende, e mais funesto,  
Se eu vos temesse mais, elle vos fôra ;  
Mas não vos assusteis, eu sou clemente,  
E nenhum medo tenho. Ide vivendo....  
Se eu fosse o que alguns pensão mesmo agora,  
Dessas vossas cabeças suspendidas  
Nas grades deste paço, gôtta a gôtta,  
Estaria cahindo o sangue infecto

Na terra, que faz parte deste imperio,  
Onde a reinar c'roados aspiravão.  
Não mais tratemos disto... Eu já vos disse  
Que vos não considero criminosos ;  
Mas que sois innocentes não decido.  
Homens, de que nós tres, talvez mais dignos  
A accusar-vos se prestão. Eu pudera  
A severos juizes entregar-vos,  
E a todas as provas ; mas não quero  
Ir dous homens expôr pelo que possão  
Agora ser, tendo antes sido honrados.  
Livres estais.

ARBACES.

Senhor, esta clemencia. . . .

BELESES.

De ti é digna, e ainda que innocentes  
Nós graças te rendemos. . . .

SARDANAPALO.

Tuas graças

Para Baal reserva, sacerdote :  
Dellas seu descendente não precisa.

BELESES.

Porém sendo innocentes. . . .

SARDANAPALO.

Mais não digas,

Alarido fazer só cumpre ao crime,  
Quando o innocente foi calumniado  
Não tem que agradecer, só s'entristece.

BELESES.

Assim seria, se justiça sempre  
Fizessem todos, que fazê-la podem;  
Mas recebe a innocencia muitas vezes,  
Como um mero favor, os seus direitos.

SARDANAPALO.

Eis para uma homilia um bom conceito,  
Não para agora. Satrapas, eu deixo  
Livres vossas espadas e pessoas.  
D'ambas podeis usar como quizerdes;  
Mas desde agora posso dispensa-las.  
Salamenes, segui-me.

(Sahem Sardanapalo, Salamenes e o sequito, deixando  
Arbaces e Beleses.)

ARBACES, *depois que todos desaparecem.*

Então, Beleses!

BELESES.

Que pensas?

ARBACES.

Que perdidos nós estamos!

BELESES.

Que ganhámos o reino!

ARBACES.

Assim suspeitos?

E o gladio por um fio de cabello  
Suspenso sobre nós, e ainda incerto,  
Seu sopro imperial só esperando

P'ra de todo cahir! Como poupou-nos!  
Nem mesmo sei porque.

BELESES.

Nem saber busques,  
Só convem que o intervallo se aproveite.  
Nossa a hora ainda é, a força a mesma,  
E a noite a mesma que marcada fôra;  
Nada alterou-se, excepto que ignorantes  
De que nos suspeitavão, hoje temos  
Cabal certeza. Demorar é erro.

ARBACES.

Mas comtudo?

BELESES.

Pois que! Vacillas inda?

ARBACES.

Nossas vidas poupou. Fez mais: salvou-as  
De Salamenes.

BELESES, *com um sorriso sardonico.*

Quanto tempo ainda  
Crês tu que ha de poupar-nos? Té o instante  
Em que ebrio se tornar.

ARBACES.

Dize antes sobrio.

Mas elle nobremente concedeu-nos  
Quanto para tirar-nos razão tinha  
Pela nossa perfidia.



BELESES.

Antes bravura.

ARBACES.

Talvez de ambas um pouco. Elle poupou-me!...  
Haja o que houver; não dou mais um só passo.

BELESES.

E o mundo perder queres?

ARBACES.

Tudo embora....  
Comtanta que eu não perca a propria estima.

BELESES.

Eu me pejo que a vida nós devamos  
A um Rei mulheril.

ARBACES.

Mas nem por isso  
Nós menos lhe devemos. Mais vergonha  
Fôra arranca-la a quem no-la doára.

BELESES.

Soffre quanto puderes; mas os astros  
De outra sorte decretão.

ARBACES.

Desção elles,  
Com todo seu fulgor mostrem-me a estrada,  
Que eu os não acompanho.

BELESES.

Isto é fraqueza,

Peior que a da mulher terrorisada,  
Que com mortos sonhou, e acorda em trévas.

ARBACES.

Eu fallar o ouvia, e acreditava  
Estar vendo Nemrod, tal qual avulta  
Sua soberba imperial estatua  
Entre as d'outros monarchas, que o circumdão,  
E dos quaes Rei parece, e que só reina,  
Emquanto os outros são do templo ornato.

BELESES, *com um sorriso.*

Melhor. Um inimigo tens mais nobre !

ARBACES.

Que pelo seu perdão mais vis tornou-nos.

BELESES.

Tu querias já ser sacrificado !

ARBACES.

Não ; mas antes quizera ter morrido,  
Do que ingrato viver.

BELESES.

Tens concluido ?

ARBACES.

Tenho contigo.

BELESES.

E como ; assim me deixas ?  
Tu não me irás trahir ?

ARBACES.

Tal pensamento  
Só sacerdotes tem, não um soldado.

BELESES.

Pois bem, seja o que fôr, um pouco cessem  
Estas altercações, sómente escuta....

ARBACES.

Não ; que mais temo as tuas subtilezas,  
Que uma inteira phalange.

BELESES.

Irei só. Então se é isto,

ARBACES.

Só ?

BELESES.

No throno um só se assenta.

ARBACES.

Este occupa o Rei.

BELESES.

Rei desprezível....

Antes vago estivesse. Attende, Arbaces,  
Deu-te minha amizade auxilio e força,  
Eu quiz servir-te, cheio de esperanças,  
De que servia a Assyria, e que a salvava,  
O concenso do céu em tudo eu via,  
Forão propicios todos os successos  
Tê o ultimo instante, em que has cahido  
Nesse torpe langôr ; mas desde agora

Antes de vêr o imperio desabar-se,  
Quero enfim ser o salvador da patria,  
Ou a victima ser de seu tyranno,  
Ou ambos juntamente, como ás vezes  
A alguns acontece. Mas vencendo,  
Tu meu servo serás.... então Arbaces?....

ARBACES.

Teu servo?

BELESES.

Porque não? Mais vale sê-lo,  
Que ser escravo, e escravo perdoado  
Desse ser feminil, Sardanapalo.

SCENA VI.

(Entra Panias.)

PANIAS.

Uma ordem do Rei trago, senhores.

ARBACES.

Seja ella qual fôr, já lhe obedeço.

BELESES.

Mas sempre oiçamos.

PANIAS.

Que esta mesma noite  
Deveis seguir p'ras vossas salrapias  
Da Média e Babylonia.

BELESES.

E as nossas tropas?

PANIAS.

Aos satrapas a ordem se limita,  
E ás suas comitivas.

ARBACES.

Mas....

BELESEN.

Devemos

Obedecer; dizei que partiremos.

PANIAS.

Ordem tenho de vêr vossa partida;  
Porém não de levar vossa resposta.

BELESES, *admirado.*

Ah! pois bem; nós daqui contigo iremos.

PANIAS.

Já passo a convocar a guarda de honra,  
A que tem jus a vossa dignidade.  
Tendes só uma hora. Eu vos espero.  
(Sahe Panias.)

BELESES, *para Arbaces.*

Tu, obedece agora.

ARBACES.

Certamente.

BELESEN.

Até ás portas que o palacio fechão,  
Que ora é nossa prisão, mas não mais longe.

ARBACES.

Has tocado na tecla verdadeira :  
Em sua vastidão todo este imperio  
Nos abre, a cada passo, uma masmorra.

BELESES.

Sepulturas!

ARBACES.

Se assim pensado houvera,  
Uma outra abriria a minha espada.

BELESES.

Bastante que fazer ella tem inda.  
Julgo que agora estás mais aclarado....  
Pelo modo melhor daqui saiamos!  
Mas tu concordas em tomar comigo  
Por sentença esta ordem?

ARBACES.

Como pôde  
Ser ella de outra sorte interpretada?  
O perdão e o veneno; a graça e a espada;  
Uma viagem longa e um somno eterno,  
Dos Reis orientaes eis a politica!  
No tempo de seu pai, quantos os satrapas....  
Mas este nunca foi de sangue amigo.

BELESES.

Mas pôde agora sê-lo.

ARBACES.

E quem o sabe!

Muitos satrapas vi dantes partirem  
Para o governo de provincias ricas,  
Que em caminho encontravão seus sepulchros.  
Não sei como, mas todos na viagem  
Adoecião sempre.... tão penosa  
E tão interminavel era a estrada !

BELESES.

Da cidade o ar livre recobremos,  
Que havemos de encurtar nossa jornada.

ARBACES.

Junto ás portas talvez de todo a encurtem.

BELESES.

Não, a tal não se arriscão, só pretendem  
Dar-nos morte secreta, não no paço,  
Nem dentro das muralhas da cidade,  
Aonde nos conhecem, e é provavel,  
Nós termos partidarios. Se quizessem  
Aqui matar-nos, nós ha muito tempo  
Não teriamos vida.... Eia saiamos.

ARBACES.

Se eu cresse que contra mim elle não tenta !

BELESES.

Insensato! Saiamos! Que mais pôde  
Assombrado tentar o despotismo?  
Vamo-nos reunir ás nossas tropas.  
Marchemos.

ARBACES.

Para as nossas Satrapias ?

BELESES.

Não ; para o vosso reino. Inda amplamente  
Suas meias medidas nos deixarão  
Tempo, esperança, meios e coragem.

ARBACES.

Mas eu apenas inda arrependido  
Já no crime cahir de novo devo? !...

BELESES.

É virtude a defesa, e o baluarte  
De todos os direitos. Já saíamos  
Destes lugares, onde o ar se torna  
Espesso e suffocante, onde as paredes  
Um cheiro exhalão de prisão, de morte.  
Partamos antes que elles tomar possão  
Novas medidas. Nosso civil zelo,  
Nossa prompta partida provar deve,  
E impedir que a escolta, e o digno Panias  
A execução das ordens antecipem :  
Não ha mais que escolher, d'aqui corramos !  
(Saem Arbaces e Beleses.)

FIM DO ACTO SEGUNDO.



### ACTO III.

A grande sala do palacio está illuminada. Sardanapalo e seus convivas assentados á mesa. Ouve-se de vez em quando o ruido de uma tempestade, e o ronco do trovão durante o banquete.

SARDANAPALO, ZAMES, ALTADA, MYRRA, DAMAS, ETC.

SARDANAPALO.

Enchei até acima! Oh! que delicias!  
Eis-me aqui no meu reino verdadeiro,  
No meio destes olhos, destes rostos,  
Que tão felizes são, quanto formosos:  
Os pezares aqui chegar não podem.

ZAMES.

Onde está nosso Rei brilha a alegria!

SARDANAPALO.

Não é isto melhor do que as caçadas  
Do velho rei Nemrod, e que as fadigas  
De minha avó Semiramis, em busca  
De reinos conquistar, sem que pudesse,  
Depois de conquistados, conserva-los?

ALTADA.

Por mais que fossem vossos ascendentes,  
Como todos o forão, poderosos,  
Nenhum pôde igualar Sardanapalo,  
Cuja ventura só na paz consiste:  
Essa a unica gloria, a verdadeira!

SARDANAPALO.

Só aos prazeres nos conduz a gloria :  
O que buscamos nós? Não são só gozos?  
Para alcança-los abrevio a estrada,  
Sem marchar através de humanas cinzas,  
A cada passo meu abrindo um tumulo.

ZAMES.

Todos os corações se felicitão :  
Unem-se as vozes todas, e abençoão  
O Rei de Paz, que em jubileo constante  
Conserva o mundo.

SARDANAPALO.

Disto estás bem certo?  
O contrario ha quem diga; e que ha traidores.

ZAMES.

Traidores serão esses, que tal dizem.  
Traidores! Porque causa? É impossivel.

SARDANAPALO.

Sim, por que causa? Enchei a minha taça,  
Mais nelles não se pense, não existem,  
E se jámais os houve, já se forão.

ALTADA.

Convivas! attenção dai ao meu brinde!  
Primeiro ajoelhai, hebei comigo  
A saude do Rei. sim, do Monarcha,  
Do Deos Sardanapalo!

*ZAMES, e outros convivas, depois de ajoelharem.*

**Poderoso,**

**Mais que Baal, o Deos Sardanapalo !**

(Nesta occasião treveja, e alguns em confusão erguem-se atterrados.)

ZAMES, *para os que se erguerão.*

Porque vos levantaes? Aquelle estrondo  
O consenso dos Deoses annuncia.

MYRRA.

É antes ameaça : meu Monarcha !  
Tão louca impiedade não consintas.

SARDANAPALO.

Impiedade!... Se os meus predecessores  
Deoses puderão ser, eu não deshonro  
Sua linhagem.... Mas erguei-vos todos,  
Rendei adoração ao Deos tonante ;  
Só quero vosso amor, não vossos cultos.

ALTADA.

Tudo te devem teus fieis vassallos.

SARDANAPALO.

Parece que os trovões vão redobrando....  
Que horrivel noite !

MYRRA.

Sim ; mas só p'ra aquelle  
Que um palacio não tem p'ra os que o adorão.

SARDANAPALO.

Tens razão. Se eu pudesse, estes meus reinos  
Em um vasto recinto convertêra,  
Para servir de abrigo aos infelizes.

MYRRA.

Já vês que não és Deos; pois que não podes  
Realizados vêr os teus desejos.

SARDANAPALO.

Como podem teus Deoses, mas não fazem!

MYRRA.

Não fallemos assim, que os provocamos.

SARDANAPALO, *com um sorriso.*

É verdade: não gostão de censuras,  
Assim como os mortaes.... Um pensamento  
Me occorre agora, amigos; quero ouvir-vos.  
Crêdes vós, que se témplos não houvesse,  
Haveria do ar adoradores,  
Quando apresenta-se elle carrancudo,  
E mesmo, como agora, embravecido?

MYRRA.

Sobre a montanha o Persa Deos invoca.

SARDANAPALO.

Sim, quando brilha o sol.

MYRRA.

Se este palacio  
Estivesse sem tecto, e desolado,  
Julgas tu que terias lisongeiros,  
Que heijassem o pó, onde estendido  
Vissem o seu Monarcha.

ALTADA.

A bella Grega  
Ultraja uma nação, que não conhece :  
A ventura do Rei só faz a nossa ;  
Pois que o unico orgulho dos Assyrios  
É render-lhe homenagens...

SARDANAPALO.

Meus amigos !  
Esse ardor desculpai da bella Grega  
Tão prompta em responder...

ALTADA.

Que a desculpemos  
Quando depois de vós nossos respeitos  
A ella tributamos ! Mas que é isto ?  
(Ouve-se bulha.)

ZAMES.

Aquillo !... Nada mais de que o rangido  
De algumas portas, que sacode o vento.

ALTADA.

Sôa como o clangor... ouvi attentos !

ZAMES.

A grossa chuva, que no tecto bate.

SARDANAPALO.

Myrra, não tens a lyra preparada?  
Quero que uma canção a Sapho entões;

Sabes que em teu paiz ella lançou-se...

(Entra Panias com a espada desembainhada, com as vestes ensanguentadas e em desordem. Os convivas levantão--e da mesa em confusão, e a ouvirem Panias, com os domesticos pegão na mesa, e a retirão da scena.)

PANIAS, aos guardas.

Uns as portas guardai, outros velozes  
Correi para as muralhas exteriores !  
Às armas ! sim, às armas ! Em perigo  
Está nosso Monarcha... perdoai-me  
(Fallando ao rei.)  
Tal precipitação... é lealdade.

SARDANAPALO.

Falla.

PANIAS.

Senhor, é como Salamenes  
Tinha previsto... Os satrapas traidores...

SARDANAPALO, reparando nelle.

Que vejo ! estás ferido ? dê-m-lhe vinho.  
Bom Panias, cobra alento, e continúa.

PANIAS.

É nada ; só a pelle está ferida.  
Mais inanido estou pela carreira,  
Com que avisar-vos vim, que pelos golpes.  
Que meu Rei defendendo, hei recebido.

MYRRA.

Os rebeldes quem são !

PANIAS.

Assim que Arbaces  
E Beleses chegarão à cidade,  
Recusarão marchar : quando eu usava  
Do poder que me fôra delegado,  
Em seu soccorro chamão seus soldados,  
E estes atrozmente se sublevão.

MYRRA.

Todos?

PANIAS.

Muitos. Sómente a minha guarda  
Pequena, foi fiel, e se conservão  
Assim os que inda restão.

MYRRA.

Mas são elles  
Sós os fieis?

PANIAS.

Tambem os Bactrianos,  
Ora por Salamenes commandados,  
Tem grande numero, e batem os rebeldes,  
Com bravura o terreno disputando ,  
E palmo a palmo, até centralisarem  
Todas as forças, p'ra que um circulo formem  
Em torno do palacio, e melhor possão  
Nosso Rei defender. Sou incumbido....

(Hesita.)

MYRRA.

De hesitar não é tempo.

PANIAS.

Salamenes

Pede, que ainda só por um momento  
O Rei trate de armar-se, e que se mostre  
Aos soldados ; pois só sua presença  
Agora fará mais que as hostes todas,  
Que pelejão por elle.

SARDANAPALO.

Olá ! Esfero !

As minhas armas já !

MYRRA.

E tu pretendes? ...

SARDANAPALO.

Porque não? Sem demora ide buscar-me,  
Não meu escudo, que é demais pesado :  
Uma leve couraça e minha espada.  
Onde estão os rebeldes ?

PANIAS.

Na distancia

Apenas de um estadio é onde ferve  
Da pugna o maior fogo.

SARDANAPALO.

Então eu posso

Pelejar a cavallo. Olá Esfero !  
Prepara o meu ginete , o espaço sobra,  
Mesmo dentro dos pátios do palacio,  
Junto da porta externa, p'ra que possa



A larga manobrar uma metade  
Dos cavalleiros Arabes. Trazei-me  
Minha lança tambem... E Salamenes,  
Onde acha-lo?

PANIAS.

No fôco do combate,  
Aonde deve estar todo o soldado.

SARDANAPALO.

Correi para elle, e se ainda aberta achardes  
A passagem, dizei-lhe, que por ora  
Poupe sua pessoa, que eu a minha  
Não pouparei; com elle hei de estar breve.

PANIAS.

Agora, sim, nossa victoria é certa.  
(Sahe.)

SARDANAPALO.

Armai-vos, todos já, Altada, Zames!  
Promptas nos arsenaes achareis armas;  
Fazei que nos remotos aposentos  
Em segurança estejam as mulheres;  
Que uma guarda, por Zames commandada,  
As proteja, e seus postos abandone  
Sómente com a vida. Tu, Altada,  
Arma-te e volta aqui; pois, é teu posto  
Junto á real pessoa.

(Sahem Zames, Altada, e todos, menos Myrra).

ESFERO, *trazendo as armas do Rei, vem com outros.*

Eis vossas armas.

SARDANAPALO, *armando-se.*

Dá-me a couraça, o boldrié, a espada...

(A cada palavra faz uma pausa, até receber o objecto e  
o pôr no corpo.)

Do elmo me esqueci, onde está elle.

Este está bom... mas não... é mui pesado;

Foi engano; não era o que eu queria,

Sim o que tem em torno um diadema.

ESFERO.

Julguei, senhor, que as pedras preciosas

Talvez que, mais conspicuo vos tornando,

Vossa sagrada fronte arriscarião.

Inda que menos rico, o metal deste

É de tempera melhor, acreditai-me.

SARDANAPALO.

Tu julgaste? Tambem serás rebelde?

Mancebo, só te cumpre obedecer-me....

Volta.... mas não, é tarde, irei sem elmo.

ESFERO.

Senhor, ao menos este...

SARDANAPALO.

Sim, o Caucaso....

Uma montanha sobre a minha frente !

ESFERO.

O ultimo soldado, assim exposto,

Para a guerra não vai: reconhecido

Haveis de ser. que a tempestade amaina,

E a lua fulgurante vem nascendo.

SARDANAPALO.

Vou mesmo para ser reconhecido.

É melhor : dá-me a lança.... estou armado!

(Vai indo, pára de repente, voltando-se para Esfero).

Eu me esquecia. traze-me um espelho!

Aquelle mais polido, que viêra

Nos despojos da India; vai, não tardes.

(Sahê Esfero.)

Myrra busca um lugar de segurança;

(Para Myrra.)

Porque motivo os outros não seguiste?

MYRRA.

Meu lugar é aqui.

SARDANAPALO.

Mas eu sahindo?...

MYRRA.

Acompanhar-vos-hei:

SARDANAPALO.

Tu ao combate?

MYRRA.

Eu a Grega primeira não seria,

Que essa estrada trilhasse; mas espero

Aqui por vossa volta.

(Aqui Esfero entra com um espelho e o apresenta ao rei).

SARDANAPALO, *mirando-se no espelho.*

Esta couraça....

Como me assenta bem! Melhor ainda

Está o boldrié!... Porém o elmo....

(Atira-o ao chão depois de experimenta-lo).

De todo não me agrada. Assim armado  
Creio que fico bem.... Resta prova-lo.  
Altada, aonde estás?

ESFERO.

Fôra esperando,  
E tem o vosso escudo.

SARDANAPALO.

Ah! é verdade :  
Nem me lembrava, que é meu escudeiro  
Por herança de seus antepassados....  
Agora, Myrra, adeos! dá-me um abraço,  
Haja o que houver, dê amar-me nunca deixes.  
(Abraça Myrra e sahe com Esfero.)

MYRRA.

Ide e vencei!... Agora eis-me isolada!  
Partirão todos: mas não poucos desses  
Tem de voltar?... Só quero que elle vença,  
Ainda qua eu pereça, pois é certa  
A minha morte, se elle fôr vencido.  
Sobrevivê-lo? ah! não!... Tem de tal modo  
Meu coração ao seu encadeado....  
Não sei como, ou porque.... É Rei... Que importa?  
Se sob o thrôno seu vejo seu reino  
Como está vacillante! A terra apenas  
Abre-se a elle só p'ra dar-lhe um tumulto.  
Oh! e mesmo por isso inda o mais amo!  
Omnipotente Jove, eu te supplico,  
(Ajoelha)

Tão louco amor perdões por um barbaro,  
Que o Olympo desconhece!... Ah! muito o amo....  
Agora, sim, agora mais que nunca....

(Levanta-se de repente.)

Porém eu dos soldados ouço gritos!...

(Para para escutar.)

Parece que mais perto.... Oh! se assim fosse...

(Tirando um vidrinho do selo.)

Este subtil veneno da Colchida

Havia libertar-me Meu pai fôra

Quem me ensinára o uso, que aprendêra

Nas praias do Euxino! Eu já pudera

Tê-lo sorvido.... ah! não tivesse o amado,

A ponto de esquecer-me que era escrava!

Quando de adorno servem as cadêas,

Facilmente se esquece o que as arrasta,

Que ainda são cadêas.... Novos gritos!

(Ouvem-se gritos e ruído de armas dentro e ella muda de voz.)

E estrepito d'armas! Sim agora....

*ALTADA, entra gritando, e chamando Esfero.*

Esfero! Esfero!

MYRRA.

Não está aqui. Que queres?

Como vai a batalha?

ALTADA.

Duyidosa

E sanguinaria.

MYRRA.

O Rei como se porta?

ALTADA.

Como um Rei ! Mas d'Esfero venho em busca  
Para levar-lhe o elmo e nova lança.  
Combate até agora descoberto,  
Demais exposto : todos o conhecem :  
Seus soldados, e mesmo o inimigo.  
O lindo rosto seu, os seus cabellos  
Fluctuantes, e o broche, que os segura,  
A tiára de seda, tudo serve  
Só para fazer delle um alvo certo,  
A que apontadas são as settas todas.

MYRRA.

Deoses da minha patria ! protejei-o !  
Foi o Rei quem mandou-te ?

ALTADA.

Salamenes

Foi desta commissão quem incumbio-me,  
Sem que o soubesse o Rei, que sem cuidados  
Está na guerra, como n'uma orgia.  
Olá, Esfero ! Traze o elmo e a lança....  
Elle deve alli estar, vou mesmo em busca....  
(Sahe correndo.)

MYRRA.

Já deshonra não é amar tal homem !  
Elle, educado sempre na molleza....  
Que de um banquete corre para a guerra....  
E com impeto igual, como se fôra  
Para um leito de amor !... Ah ! bem merece

Ser de uma Grega amado.... que seus feitos  
Possa contar um Menestrel da Grecia ;  
E ter por monumento um tumulo Grego !  
Como vai o combate ?

(A um official que entra.)

OFFICIAL.

Está perdido  
E quasi sem remedio ! Onde está Zames ?

MYRRA.

Á frente dos soldados, que têm ordem  
De guardar das mulheres o aposento.

(Sabe o official.)

MYRRA.

Partio ! e só me disse, que perdido  
Tudo estava. Que mais saber pretendo !  
Estas poucas palavras quanto encerrão !  
O destino de um reino, e de um monarcha ;  
De treze seculos uma descendencia ;  
As fortunas, e as vidas de milhares !...  
Entre os grandes da terra anniquilada  
Eu tambem ficarei, qual bolha d'agua,  
Que sob as ondas se desfaz com ellas !  
Tenho na mão, ao menos, meu destino,  
E nenhum vencedor, por mais soberbo,  
Entre os despojos seus ha de contar-me.

PANIAS, *entra e dirige-se logo a Myrra.*

Myrra, comigo vinde, sem demora !  
Só nos resta um momento, não percamos.

MYRRA, *assustada pergunta.*

O Rei ?

PANIAS.

Mandou-me aqui para levar-vos  
Por secreto caminho além do rio

MYRRA.

Elle vive?

PANIAS.

Incumbio-me que segure  
A vossa vida, e que vós peça mesmo,  
Que a conserveis por elle, até que possa  
Comvosco reunir-se.

MYRRA.

E tenta elle

Abandonar a causa ?

PANIAS.

Não. senhora,  
Defende-a té o extremo, e agora mesmo  
Faz quanto o desespero fazer pôde,  
Palmo a palmo o palacio disputando.  
(Ouve-se bulha.)

MYRRA.

Elles estão aqui.... oiço o alarido  
Nestes antigos paredões troando,  
Que nunca profanados fôrão antes  
Desta noite fatal, pelos ruidosos  
Echos da rebeldia!... Adeos, Assyria!



O' raça de Nemrod, Adeos!... teu nome  
Vai de todo extinguir-se!

PANIAS.

Vamos, vamos!...

MYRRA.

Não... morrer quero aqui... vai ao Rei dize,  
Que o amei té á hora derradeira...

(De repente entrão Sardanapalo, Salamenes e soldados;  
Panias deixa Myrra e mette-se no meio delles.)

SARDANAPALO, *com força.*

Já que assim tem de ser. morrer desejo  
Nesta mesma mansão, onde nascêra!  
Vossas filhas cerrai. tende firmeza:  
Um satrapa fiel mandei que fosse  
Buscar a guarda confiada a Zames,  
Que tem estado em descanso; tu, ó Panias,  
Tem cuidado de Myrra.

(Panias volta dos companheiros para Myrra.)

SALAMENES.

Elles que chegão!

(Entrão Beleses e Arbaces com as forças rebeldes.)

ARBACES, *vem gritando para os soldados.*

Avançai! avançai! Elles são nossos!

BELESES.

Avançai, que por nós o céu combate.

(Ambos com suas tropas atacão o Rei e Salamenes, os  
quaes se defendem, até á chegada de Zames com a guar-

da acima mencionada. Os rebeldes são expulsos e perseguidos por Salamenes, que sahe da scena. Mas quando o Rei Sardanapalo vai a unir-se ás suas tropas, Beleses antepõe-se-lhe.)

BELESES.

Pára, tyranno, quero de um só golpe  
Terminar esta guerra.

SARDANAPALO.

Inda assim mesmo  
Eu te exhorto, guerreiro sacerdote,  
Meu subdito fiel e agradecido,  
(Com um sorriso ironico.)  
Que te entregues. Destino differente,  
Mais proprio para ti, eu te reservo ;  
Com teu sangue manchar as mãos não quero.

BELESES.

A tua hora chegou.

SARDANAPALO.

Não, é a tua.  
Ainda sendo astrologo noviço  
Os astros consultei, e percorrendo  
O Zodiaco vi o teu destino  
No signo Escorpião ; elle decreta  
Que esmagado has de ser agora mesmo.

BELESES.

Não por ti.

(Sardanapalo e Beleses batem-se. Beleses é ferido e desarmado.)

SARDANAPALO, *levantando a espada para mata-lo.*

**Chama agora os teus planetas !  
Talvez desção do céo, para que possão  
Seu credito salvar, e seu propheta.**

(Entra uma partida de rebeldes e salva Beleses. Depois assaltão o Rei, o qual por sua vez é salvo por seus soldados, que a final batem os rebeldes e os rechação.)

**Cahi sobre elles, a victoria é certa !**

(Sahe Sardanapalo perseguindo-os.)

MYRRA, *a Panias.*

**Segue-os ! Ficas aqui ? Não te envergonhas,  
Que os camaradas teus sem ti combatão ?**

PANIAS.

**Que vos não abandone o Rei me ordena.**

MYRRA.

**Em mim não penses, de um soldado o braço  
Faltar não deve. Guardas não preciso.  
Quando imminente p'rigo ameaça o mundo,  
Guarda-se uma mulher ? Corre, eu t'ordeno,  
Ou ficas infamado. Eu mesma corro,  
Fraca mulher apenas, a lançar-me  
No meio dessa luta encarniçada :  
Lá tu me has de guardar, porém ao menos  
Teu Rei defenderás com teu escudo.**

(Corre para o lado do combate.)

PANIAS, *indeciso se ha de segui-la ou não.*

**Senhora !... lá se foi ! Se alguma cousa**

Lhe acontecesse.... então melhor me fôra  
Perder a vida ; ao Rei ella é mais cara  
Que mesmo o seu imperio.... mas que digo ?  
Com tanto ardor por elle não combate ?  
Deverei eu fazer menos do que elle,  
Que pela vez primeira espada empunha !  
Eu te obedeço, Myrra, eu te acompanho.

SALAMENES, *entrando alegre.*

Triumpho lisongeiro !... Rechacados  
De todo do palacio, aberto temos  
Facil accesso para as nossas tropas,  
Que estão além do Euphrates destacadas.  
Elles fieis tem sido, e hão de inda sê-lo,  
Talvez mais, quando saibão da victoria.  
Mas onde está o vencedor monarcha ?

SARDANAPALO, *entrando.*

Aqui.

SALAMENES.

Porém ferido ?

SARDANAPALO.

Levemente.

Muito cansado estou ; quero um assento.

SALAMENES.

Tendes o throno alli.

SARDANAPALO.

Para repouso

Não é lugar que sirva á alma e ao corpo.  
Tragão-me uma almofada, um escabello,  
Seja o que fór.... Assim, ah ! já respiro.  
(Trazem-lhe um assento, e elle senta-se.)

SALAMENES.

Esta hora, senhor, da vossa vida  
Foi a mais gloriosa e mais brilhante !

SARDANAPALO.

E a de mais fadiga !... O' lá copeiro !  
Traz-me agua.

SALAMENES, *sorrindo, á parte.*

É de certo a vez primeira  
Que uma tal ordem dá.... Senhor, agora  
Eu, que tão austero sou, aconselhára  
Bebida mais purpurea.

SARDANAPALO.

Talvez sangue ;  
Já muito derramou-se ; quanto ao vinho....  
Esta noite aprendi como se deve  
Ao elemento puro dar apreço.  
Tres vezes bebi agua, então tres vezes  
Eu senti renascêrem minhas forças  
Contra os rebeldes, como nunca d'antes  
Com o succo da uva ! Achar quizera  
O soldado que, mesmo no seu elmo,  
Agua me veio dar.

UM OFFICIAL.

Senhor, é morto.

Uma setta a cabeça atravessou-lhe,  
Quando acabava de enxugar o elmo!

SARDANAPALO.

Morreu?!... Sem recompensa! Elle foi morto  
Minha sede extinguindo? Ah! que injustiça!  
Pobre escravo! Se agora elle vivesse  
Eu de ouro o cubriria e não ha ouro  
Que pudesse pagar o grande allivio,  
Que então senti, pois tinha, como agora,  
A boca resequida!... Ah! còbro alento!

(Trazem-lhe agua - elle bebe.)

SALAMENES, reparando no braço.

Que é isto? Uma atadura tem no braço?

MYRRA, assustada.

Foi ferido?

SARDANAPALO.

Arranhado fui sómente  
Pelo bravo Beleses. Pouco vale,  
Só sinto o braço preso e molestado.

MYRRA.

Ligastes?

SARDANAPALO.

Com a fita do diadema;  
Adorno, que servio-me a vez primeira,  
Que até hoje p'ra mim tem sido um peso.

MYRRA, *para os circumstantes.*

Ide chamar depressa um habil physico  
Podeis vos retirar: eu entretanto  
Pensarei a ferida.

SARDANAPALO.

Isto só quero,  
Pois sinto latejar. Tu de feridas  
Aprendeste a tratar? Irmão, tu sabes  
Onde, ha pouco, encontrei esta beldade?

SALAMENES.

Como timida corça em meio de outras?

SARDANAPALO.

Não; mas como a leôa, cujos filhos  
Astuto caçador tendo roubado,  
Avança embravecida, assim furiosa,  
Solto o cabello, os olhos chammejantes,  
Á peleja os soldados impellia  
Com gestos e palavras! Esta noite  
Não me fez só guerreiro: eu contemplava  
Seu rosto acceso, os grandes olhos negros  
Flammejando através do véo formado  
Por seus longos cabellos! Realçava,  
No meio do tumulto do combate,  
Sua sonora voz, qual doce lyra,  
Entre o disorde chocalhar dos cymbalos!  
Erguidos os seus braços torneados,  
Cuja alvura cegava mais que o brilho  
Do ferro, que empunhava, e que arrancára

Da mão mirrada de um soldado morto !  
Tudo fazia crer ás nossas tropas,  
Ser ella a prophetisa da victoria,  
Ou a mesma Victoria, que as saudava !

SALAMENES, *á parte.*

É demais ! Outra vez ei-lo assaltado  
Do delirio amoroso, e se não posso  
Delle afasta-lo, tudo está perdido !  
Cuidai antes, senhor, desta ferida  
(Dirigindo-se a Sardanapalo.)  
Que inda ha pouco dissestes vos doia.

SARDANAPALO.

Sim ; mas não quero agora pensar nella.

SALAMENES.

Bem ; agora vos deixo : a saber corro  
O que mais se ha passado, e que progresso  
Tem tido as nossas forças. Logo volto,  
Myrra !

MYRRA.

Senhor !

SALAMENES.

Mostrastes esta noite  
Uma alma possuir, que se não fôra  
Minha irmã a consorte do monarcha....  
Amas o Rei ?

MYRRA.

Sardanapalo amo.



SALAMENES.

E não queres que Rei seja elle sempre!

MYRRA.

Não o quero menor do que ser deve.

SALAMENES.

Pois faze que de novo não se engolphe  
Na voluptuosidade! Em seu espirito  
Tens bastante influencia, não consintas  
Que se desvaire.

MYRRA.

Não: nem eu preciso  
Tal recommendação. Contai com tudo  
Quanto uma mulher fraca fazer pôde.  
(Sahe Salamenes.)

SARDANAPALO, *vendo sahir o cunhado.*

Myrra quantos segredos conversaste!  
Quasi tenho ciumes.

MYRRA, *sorrindo.*

Na verdade  
Razão podieis ter: pois não conheço  
Outro mortal, que mais o amor mereça  
De uma mulher; que os subditos mais honrem;  
Em quem mais confiança tenha a tropa;  
Que o Rei mais preze, e mais admire o mundo!

SARDANAPALO.

Louva-lo pôdes, não com ardor tanto;

Ouvir não quero de teus doces labios  
Sobre outro objecto vozes eloquentes,  
Que em sombras a minha alma envolver possão.

MYRRA.

Cumpre, senhor, agora recolher-vos.  
Encostai-vos em mim : vossa ferida  
Carece ser pensada.

SARDANAPALO.

Sim por gosto  
Me encostarei em ti... mas não por dôres.  
(Saem ambos, desce o panno.)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

## ACTO IV.

A mesma sala do primeiro e segundo acto.

(Sardanapalo está deitado em um leito, dormindo um somno que ás vezes parece agitado. Myrra está ao pé d'elle velando.)

MYRRA.

Quero observa-lo, emquanto elle repousa,  
Se é repouso a madorna convulsiva.  
Deverei desperta-lo? Não: mais calmo  
Parece estar agora. O' Deos do somno!  
Que imperas sobre as palpebras cerradas,  
E sobre os meigos sonhos, tão tranquillo  
Como a morte, irmã tua... eu te supplico,  
Que o cubras com teu manto, e que sobre elle  
O teu suave balsamo derrames!

(Muda de voz sobresaltada.)

De novo elle se move, e no seu rosto  
Vejo signaes de dôr!... Assim dormindo  
Placido lago á sombra da montanha,  
Vem subito tufão turbar-lhe as aguas.  
Devo accorda-lo? Ainda não. Quem sabe  
Do que priva-lo vou? Soffrer parece....  
E talvez soffra mais, quando acordado!  
A febre desta noite de tumultos,  
Sua ferida, ainda que ligeira,  
De tal agitação podem ser causa,  
Que ao vêr tanto me afflijo! Antes entregue

Da natureza aos maternas cuidados,  
Devo ajuda-la só, não perturba-la !

SARDANAPALO, *acordando perturbado.*

Inda que os astros vós multiplicasseis,  
P'ra reinardes sobre elles, partilhando  
Comigo o vosso sceptro, por tal preço  
Da eternidade o imperio não quizera.  
Aparta-te d'aqui, caçador velho  
Dos antigos selvagens, e vós outros  
Que atiraveis aos vossos semelhantes,  
Como se fossem animaes ferozes !  
Sanguinarios mortaes, que d'antes fostes,  
Idolos hoje ainda mais sangrentos,  
Se os vossos sacerdotes não nos mentem.  
E tu, de minha avó visão sinistra,  
Que vejo gottejando escuro sangue,  
O cadaver da India aos pés calcando,  
Foge tambem daqui, vai-te p'ra longe....  
Porém onde estou eu ? Onde os espectros ?  
Onde ?... Não me enganei, não foi phantasma ;  
Reconhecê-los posso, se inda os vira,  
Entre tudo que os mortos se atrevessem  
A evocar do golphão tenebroso  
De mais horrivel p'ra aterrar os vivos.  
Myrra !

MYRRA.

Pallido estaes, tendes o rosto  
De bagas de suor todo coberto !

Não falleis, meu amor, tranquillisai-vos....  
A vossa voz parece do outro mundo,  
Entretanto sois deste soberano.

SARDANAPALO.

Dá-me a tua mão, ah ! sim, é esta a tua...  
É uma viva mão, — aperta a minha,  
Aperta ainda mais, té que me sinta  
Restituído áquillo que antes era !

(Apertão-se as mãos.)

MYRRA.

Reconhecei-me ao menos. — Eu sou sempre,  
E serei sempre a mesma, a vossa Myrra.

SARDANAPALO.

Já vou voltando a mim, a vida cóbro !  
Estive, ó Myrra, lá onde estaremos !...

MYRRA.

Senhor !

SARDANAPALO.

Estive dentro dos sepulchros,  
Aonde os vermes são reis e senhores.  
Nunca julguei que a morte, qual é, fosse.  
Julguei que nada era.

MYRRA.

E certo é nada,  
Excepto para os tímidos, que antolhão  
Um futuro talvez que nunca exista.

SARDANAPALO.

Se taes cousas o somno patentêa,  
O que não deve a morte revelar-nos !

MYRRA.

Não sei que males mostrar possa a morte,  
Que já não tenha a vida revelado  
Aquelles que mais tempo tem vivido.  
Se existe com effeito a extensa plaga  
Onde dizem que a alma sobrevive,  
É como uma alina só viver devêra,  
Sempre incorporea ; e se lhe restão sombras  
Deste pesado involucro de barro,  
Que do céu a separa, e a prende á terra ;  
Nosso phantasma então se alguma coisa  
Deve temer, não ha de ser a morte.

SARDANAPALO.

Eu não a temo, não — mas eu senti-a ;  
De mortos pude vêr uma phalange !

MYRRA.

Se a narração de tudo quanto vistes  
Pôde servir de allivio ou desabafo  
A vosso espirito em sombras inda envolto,  
Então contai-me tudo.

SARDANAPALO.

Pareceu-me....

MYRRA.

Mas não : estais cançado, soffreis dôres,

Tão inanido estais — talvez ainda  
Mais se enfraqueção vosso corpo e alma.  
Exp'rimentai, senhor, um novo somno.

SARDANAPALO.

Não agora : sonhar mais não desejo.  
(Depois de uma pausa.)  
Apezar de saber que só foi sonho  
Poderás tu soffrer que eu t'o relate?

MYRRA.

Ou de vida, ou de morte os vossos sonhos,  
Se os partilhar comvosco, soffrer posso,  
Sejão elles reaes ou imaginados.

SARDANAPALO.

Parecia-me, ou antes eu sonhava,  
Que estava aqui, aqui mesmo onde estamos,  
Sentados n'um banquete, onde eu não era  
Mais que um conviva em meio dos convivas,  
A quem por igualar eu me esforçava  
Na liberdade social da mesa.  
Á minha esquerda, no lugar de Zames,  
Medonho espectro estava, cujo rusto  
Sombrio e horrendo conhecer não pude,  
Mas que já tinha visto não sei onde.  
Erão suas feições as de um gigante;  
Parados tinha os olhos ; mas luzentes ;  
Longos cabellos crespos da cabeça  
Cahião soltos sobre o immenso busto ;  
Dos hombros lhe pendia enorme aljava,

Carregada de setas, empenadas  
Com pennas de agnia. — Convidei-o logo  
Que enchesse a taça que entre nós ficava;  
Mas nada respondendo, eu mesmo enchi-a.  
Elle nem a tocou, porém seus olhòs  
Continuárão sobre mim fitados,  
E tão immoveis que tremi de medo.  
Como Rei carreguei-lhe as sobrelhas,  
Não enrugou as suas, mas olhou-me  
Sempre quedo, augmentando meus terrores.  
Em mais meigas feições então querendo  
Um refugio buscar para os meus olhos,  
De subito os volvi á minha dextra,  
Aonde estar costumás, mas....

MYRRA.

Que vistes?

SARDANAPALO.

No teu mesmo lugar, nessa cadeira,  
Que occupas no banquete, eu procurava  
Teu rosto encantador: ahi sentada  
Pavorosa visão se me apresenta.  
Conheci ser mulher pelos vestidos,  
Mirrada, encanecida, tendo os olhos  
E as mãos ensanguentadas. Uma c'róa  
A encarquilhada fronte lhe cingia,  
Nos labios um sorriso de vingança,  
Mas o olhar lascivo. Então nas véas  
Senti coalhar-me o sangue....



MYRRA.

E mais não vistes ?

SARDANAPALO.

Tinha na descarnada mão direita,  
Uma taça em que sangue borbulhava,  
E outra na esquerda, trasbordando ...  
Não sei mesmo de que, pois nem quiz vê-la.  
Longa serie de espectros se assentava  
Da mesa em derredor, coroados todos,  
De uma só expressão, de aspecto vario.

MYRRA.

Que era tudo visão não conhecestes ?

SARDANAPALO.

Palpaveis erão todos, eu podia  
Tê-los tocado ; mas de cada um delles  
A vista desviando, na esperança  
De achar quem conhecesse, vi que todos  
Sem comer ou beber, estatelados  
Tão somente me olhavam, té que em pedra  
Eu me senti tornar, assim como elles :  
Mas n'uma pedra viva. porque havia  
Vida nelles e em mim. Tão horrorosa  
Sympathia entre nós se declarava,  
Que parecião ter deixado a morte  
P'ra virem ter comigo, e eu a vida  
Para a elles unir-me. Que existencia,  
Quer do céu, quer da terra tão remota !  
Antes que assim viver morrer desejo.

MYRRA.

O que mais se seguiu?

SARDANAPALO.

Eu finalmente

Petrificado estava, quando ergueu-se  
O caçador com sua comitiva....  
O feminino espectro fez o mesmo,  
E sorrirão-se todos! Dos meus membros  
Se apossou tal valor de desespero,  
Que mais não os temendo já me ria  
Nas phantasticas faces delles todos!  
Então o caçador a mão me estende,  
Que recebo e aperto, até que sinto  
Na minha derreter-se, assim como elle  
De todo se esvaêce, e só me deixa  
A lembrança do heróe.

MYRRA.

Que tal foi sempre,  
E é de outros heróes o throno illustre.

SARDANAPALO.

Mas a mulher, ó Myrra, a mim lançou-se  
Queimou-me os labios com ascosos beijos,  
E largando das mãos ambas as taças,  
Eu julgava vêr ondas de veneno  
Em torno a mim, formando um rio hediondo.  
Não queria de mim desapegar-se,  
Emquanto os mais phantasmas, quaes estatuas,

Ficarão firmes, como em nossos templos.  
Inda quiz-me abraçar, como se eu fosse,  
Em vez de seu remoto descendente,  
O proprio filho que lhe dera a morte,  
Punindo o atroz incesto. Finalmente  
Com mil esforços della desprendi-me.  
Foi então que me achei n'um cháos medonho,  
Espesso e informe. O resto mais não pude  
Fixar na minha mente, só me lembro,  
Que por ti suspirava, e te buscava  
No meio dessas minhas agonias,  
Té que acordando ao lado meu achei-te.

MYRRA.

Onde me achareis sempre a toda a hora,  
Inda que seja a vossa derradeira....  
Mas nisso não penseis, que é resultado  
Dos ultimos successos, que laborão  
N'um corpo a taes fadigas não afeito,  
E fadigas além de humanas forças.

(Entra Salamenes.)

SALAMENES.

Já tão cedo, meu Rei, tu acordado ?

SARDANAPALO.

É verdade; oxalá eu não dormisse....

SALAMENES.

Antes de amanhecer nova sortida  
Nós devemos fazer contra os rebeldes,

Que apenas rechaçados, não vencidos,  
Ainda continuão a juntar-se.

SARDANAPALO.

Da noite em que hora estamos ?

SALAMENES.

Inda restão

De escuridão algumas, tu podias  
Para repouso teu aproveita-las.

SARDANAPALO.

Não quero mais, passei já muitas horas  
No meio de visões.

MYRRA.

Uma somente,  
Em que velando estive, vós dormistes.

SARDANAPALO.

Um conselho convem que convoquemos  
Antes que chegue a hora da sortida.

SALAMENES.

Mas antes disto tenho que pedir-te  
Uma graça....

SARDANAPALO.

Concedo.

SALAMENES.

Ouve primeiro,  
Antes de responder com tal presteza.

Mas é segredo, que a ti só confio.

MYRRA.

Com vossa permissão eu me retiro.

(Sahe Myrra.)

SALAMENES.

Esta escrava merece a liberdade.

SARDANAPALO.

A liberdade só?... Merece um throno.

SALAMENES.

Mas inda não está vago. Eu mesmo venho  
P'ra fallar-te daquella que o comparte.

SARDANAPALO.

Da rainha?

SALAMENES.

Sim, della. Julguei proprio  
Para salva-la que antes da alvorada  
P'ra a Paphlagonia fosse com seus filhos,  
Onde governa Cotta, nosso primo.  
Alli melhor podemos suas vidas,  
E seus jus segurar, se por acaso...

SARDANAPALO.

Eu venha a perecer, como é provavel.  
Lembras bem, acompanhe-os uma escolta.

SALAMENES.

Tudo já preveni, a galeota

Espera-os no Euphrates ; mas não queres  
Vê-los antes que partão ?

SARDANAPALO.

Vêr meus filhos ?

Coragem não terei. Pobres meninos !  
Mas como hão de chorar, e sem que eu possa,  
Ao menos consola-los, tendo apenas  
Para lhes dar fallazes esperanças,  
E sorrisos forçados. Tu bem sabes  
Que não posso fingir.

SALAMENES.

Mas sentir podes.

Ao menos penso assim —N'uma palavra,  
Quer a Rainha vêr-te, antes que deixe  
De uma vez estes paços.

SARDANAPALO.

Que desejo !

Com que fim ? E p'ra que ? Tudo concedo  
Quanto exigir de mim, mas tal encontro....

SALAMENES.

As mulheres assaz conhecer deves —  
Bem estudado as tens — quando desejão  
Cousas que ao coração tocão de perto,  
Aos olhos seus o mundo todo é nada.  
Como tu considero um tal desejo,  
Mas ella é minha irmã, tu seu esposo,  
Ella t'o pede, queres conceder-lh'o ?

SARDANAPALO.

Será inutil, mas dizei que venha.

SALAMENES.

Passo já a busca-la.

(Sabe Salamenes.)

SARDANAPALO.

Oh! quanto tempo....

Separados vivemos para agora  
Encontrar-nos de novo! E não bastava,  
Que supportasse eu só os meus pezares?  
Porque deve comigo partilha-los  
Quem já comigo partilhou amores?

(Entrão Salamenes e Zarina tremendo.)

SALAMENES.

Coragem, minha irmã, não envergonhes  
A tua geração com taes tremores.  
Lembra-te só quem são teus ascendentes.  
A Rainha aqui está, senhor.

ZARINA.

Eu peço,  
Meu irmão, que nos deixes.

SALAMENES.

Como ordenas.

(Sabe Salamenes.)

ZARINA.

A sós com elle aqui! Inda que jovens

Quantos annos corrêrão desde o instante,  
Que pela derradeira vez nos vimos !  
Ralada de saudades, mal no peito  
Pude conter um coração viuvo ;  
Nunca me teve amor ! Ah ! como agora  
Parece tão mudado ! Oxalá fosse  
Reciproca a mudança ! Não me falla ;  
Apenas me contempla ; e que meiguice  
Havia em suas vozes e seus olhos !  
Só era indifferente, não severo.  
Senhor !

SARDANAPALO, *com ternura.*

Zarina !

ZARINA.

Mais não continues  
Nesse tom, que anniquila os longos annos,  
E a lembrança, que os faz inda mais longos.

SARDANAPALO.

É tarde p'ra pensar sobre o passado :  
Neste adeos derradeiro não me exprobres.

ZARINA.

Seria a vez primeira, tu bem sabes,  
Que jámais te exprobrei.

SARDANAPALO.

Isto é verdade :  
É o que mais minha alma penalisa ;  
Mas nossos corações não governamos....



Disse-me teu irmão, que tu querias  
Vêr-me antes que partisses de Ninive  
Na companhia....

(Elle hesita.)

ZARINA.

Dos nossos filhinhos,  
É certo. Desejava agradecer-te  
Não teres separado de meu peito,  
Tudo quanto de amor inda lhe resta,  
Aquelles, que pertencem a nós ambos,  
Que a ti se assemelhando ainda me olhão,  
Como me olhavas d'antes.—Porém elles,  
Como tu, não mudarão !...

SARDANAPALO.

Nem permitta  
O Céu que mudem ! Amem-te elles sempre !

ZARINA.

Estes meninos amo, não somente  
Com ternura de mãe, mas de uma amante :  
Unicas cordas são de nossas almas.

SARDANAPALO.

Sei fazer-te justiça, eu t'os entrego.  
Antes quero que sigão teus exemplos,  
Que os de seu pai ; educa-os para um throno,  
E se a sorte negar-lh'o.... Nada ouviste  
Acerca dos tumultos desta noite ?

ZARINA.

Quasi os tinha esquecido. Os males todos,  
Menos teus, que fizessem. que meus olhos  
Te tornassem a vêr, eu bemdiria.

SARDANAPALO.

Vejo o throno em perigo; tu não creias  
Que tenho disto medo. Talvez nunca  
Subir a elle possão; mas não devem  
Das vistas o perder. — Para legar-lh'o  
Hei de tudo affrontar. Se por acaso  
Fôr malogrado, então a elles cumpre  
Com firmeza e valor reivindica-lo,  
E depois occupar a realeza.  
Não como eu que a estraguei, porém com gloria.

ZARINA.

De mim não saberão mais do que aquillo,  
Que de seu pai honrar possa a memoria.

SARDANAPALO.

Antes de ti aprendão a verdade,  
Que do mundo fallaz... É na desgraça,  
Que hão de sentir das turbas o desprezo,  
Aos desthronados principes votado;  
As culpas de meus filhos são só minhas,  
Não as tivera eu, soffrêra menos!

ZARINA.

Não prosigas, senhor, não envenenes

Meu unico prazer com tal desejo  
De não teres taes filhos. Se reinares,  
Hão de reinar, e sempre honrar aquelle,  
Que p'ra elles salvára um grande imperio,  
Que em guarda-lo p'ra si cuidou tão pouco.  
Mas se....

SARDANAPALO.

Perdido fôr, o mundo inteiro  
Lhes dirá: Vosso pai só foi culpado!...  
E elles o meu nome maldizendo  
O écho engrossaráõ....

ZARINA.

Nunca. Estou certa,  
Que hão de o nome honrar sempre do monarcha  
Que morrendo, em seus ultimos instantes  
Fez mais que muitos Reis em longos annos,  
Que sem fazer annaes só marcão tempo.

SARDANAPALO.

Tocão nossos annaes talvez seu termo....  
E que importa o passado? O fim, ao menos,  
Será, qual seu começo, memoravel !

ZARINA.

Mesmo assim os teus dias nunca exponhas....  
Vive ao menos p'ra aquelles que inda te amão.

SARDANAPALO.

Quem são esses? Meus filhos ! Uma esposa !

ZARINA.

Que te ama.

SARDANAPALO.

E me perdôa ?

ZARINA.

Em tal não penses;  
Não tem que perdoar quem não condemna.

SARDANAPALO.

Minha querida esposa....

ZARINA.

Abençoado  
Sejas tu pelo Céu por taes palavras,  
Que nunca mais julguei ouvir na terra.  
(Entra Salamenes.)

SALAMENES.

É mister separar-vos, não mais devem  
Deixar passar instantes preciosos.

ZARINA.

Cruel irmão, porque encurtar intentas  
Momentos tão felizes ?

SALAMENES.

Tão felizes ?

ZARINA.

Mostrou-se p'ra comigo tão benevolo,  
Que não posso cuidar mais em deixa-lo.

SALAMENES.

Assim termina-se esta despedida,  
Em vos não separar, como terminão  
Quasi sempre os adeoses femininos ?  
Já o tinha previsto ; a teus desejos  
Anui contra meus pressentimentos ;  
Mas não deves....

ZARINA.

Não devo ?

SALAMENES.

Fica e morre !

ZARINA.

De meu esposo ao lado.

SALAMENES.

E de teus filhos ?...

ZARINA, *chorando*.

Oh céos !

SALAMENES.

Querida irmã, presta-me ouvidos,  
Tudo está preparado p'ra salvar-te,  
E mais aos filhos teus, que são da patria  
Unicas derradeiras esperanças :  
Não prevaleção ás razões de Estado  
Do coração innatos sentimentos ;  
O fito principal é dos rebeldes  
Poderem-se apossar da régia prole,  
P'ra de todo a esmagarem sem piedade.

ZARINA.

Partes-me o coração....

SALAMENES.

Pois bem, decide.

SARDANAPALO, *dirigindo-se a Zarina.*

É toda de razão sua linguagem,  
Cumpre a ella ceder por algum tempo,  
E da necessidade ás leis curvar-nos.  
Pôdes tudo perder, se aqui ficares,  
Partindo salvarás quanto te resta  
De mais caro p'ra nós, e mais precioso  
Aos corações fieis, que inda ha no imperio.

SALAMENES.

Urge o tempo.

SARDANAPALO, *sempre a Zarina.*

Não tardes: se algum dia  
Nos tornarmos a vêr, talvez mais digno  
De ti me encontrarás; mas caso seja  
Esta a ultima vez, lembra-te sempre,  
Que as minhas faltas hoje hão terminado.  
Só teus choros me occulta; eu não te peço.  
Que deixes de chorar, mais facil fôra  
Fazer parar o Euphrates no seu berço,  
Do que impedir de um coração sensível,  
Que uma lagryma corra.—Vai, Zarina....  
Forças preciso, tira-m'as teu pranto.  
Conduze-a, Salamenes....

ZARINA.

Oh Céos mais nunca vê-lo?

SALAMENES.

Vem comigo.

ZARINA.

Vai-te, com elle fico, não me obrigues  
Queres que elle só morra e só eu viva?

SALAMENES.

Não ha de morrer só : mas muitos annos  
Só viveste....

ZARINA.

Isto é falso ; elle vivia,  
E sua imagem me retinha á vida.

SALAMENES, *pegando-lhe no braço.*

Perdôa, minha irmãa, devo obrigar-te.

ZARINA.

Não. — Soccorro ! — Ai de mim ! Sardanapalo,  
Assim consentes que de ti me arranquem ?

SALAMENES.

Um só momento mais, tudo se perde.

ZARINA.

Sinto minha cabeça andar de roda....  
E escurecer-me a vista.... Onde está elle ?

(Desmaia nos braços de Salamenes.)

SARDANAPALO, *avançando.*

Vamos deita-la aqui. Ella está morta !  
Foste tu que a mataste.

SALAMENES.

É só fraqueza  
Filha dessa paixão que a consumia.  
Convém deste desmaio aproveitar-me,  
P'ra conduzi-la ao rio, aonde a esperão  
Seus filhos já na régia galeota.

(Salamenes a conduz para fóra.)

SARDANAPALO.

Só restava esta dôr a mim, que nunca  
A um peito humano pude um só tormento  
Por vontade causar. — Amor funesto !  
Porque em dous corações quando te atéas,  
Ao mesmo tempo em ambos não te extingues ?  
Com que custo supporto as penas todas,  
Minha Zarina, que por mim supportas !  
Se só te houvesse amado, hoje me viras  
Monarcha de meus povos respeitado !  
A que abysmo um só passo em nossa vida,  
Desviado do trilho dos deveres,  
Conduz aquelles mesmos que mais podem  
Ter direito do mundo ás homenagens !

(Entra Myrra.)

SARDANAPALO, *olhando para Myrra.*

Myrra ! Quem te chamou ?



MYRRA.

Ninguém. De longe  
Vozes de dôr ouvi, tristes lamentos ...  
Pensei...

SARDANAPALO.

Sem ser chamada não devias  
Nesta camara entrar.

MYRRA.

Será possível,  
Que assim vos agasteis, vós que exprobraveis  
O receio que em mim sempre notastes,  
De approximar-me a vós, sem vossa ordem ?  
Porém já me retiro.

SARDANAPALO.

Fica, Myrra.  
Tantos são os successos uns sobre outros,  
Que a mim proprio aborreço ! — Não te ausentes.  
Perdôa que não tardo a ser o mesmo.

MYRRA.

Com paciencia espero esta ventura.

SARDANAPALO.

Apenas um momento antes de entrares,  
De sahir acabava d'aqui mesmo  
A Rainha da Assyria.

MYRRA, *sobresaltada.*

Ah !...

SARDANAPALO.

Que te assusta?

MYRRA.

Assustei-me?

SARDANAPALO.

Foi bom por outra porta  
Teres vindo. De certo a encontrarias;  
Este desgosto ao menos lhe poupámos.

MYRRA.

Por ella sei sentir.

SARDANAPALO.

Ah! isto é muito;  
E nem é natural, nem é possível.  
Lastima-la não pôdes, nem tão pouco  
Ella pôde deixar....

MYRRA.

De desprezar-me.  
Mas não pôde fazê-lo mais que eu propria.

SARDANAPALO.

Tu! Que do sexo teu fazes a inveja,  
Que na alma imperas do senhor do mundo?!...

MYRRA.

Inda sendo senhor de dez mil mundos,  
Como deste ainda sois (talvez por pouco)  
Tanto me avilto em ser a vossa amante,  
Como se fôra de um plebêo da Grecia.

SARDANAPALO, *com ironia.*

Fallas bem !...

MYRRA.

A verdade.

SARDANAPALO.

É no infortunio,  
Que mais cresce a ousadia em quem nos cerca ;  
Mas como ainda não cahi de todo,  
Nem para reprehensões estou disposto,  
Mesmo talvez por tê-las merecido,  
Quero que em boa paz nos separemos.

MYRRA.

Separar-nos! P'ra que?

SARDANAPALO.

P'ra que te salves.  
Ha de uma escolta conduzir-te á patria ;  
Dadivas tantas levarás contigo,  
Que posto que rainha tu não sejas,  
Um reino valerá teu patrimonio.

MYRRA.

Não falleis deste modo, eu vos supplico.

SARDANAPALO.

A Rainha partio, córar não podes  
De imitar seu exemplo. Só eu morra,  
Que só busco em prazeres companheira.

MYRRA.

E meu prazer consiste em não deixar-vos ;  
Não me haveis de obrigar.

SARDANAPALO.

Pensa bem nisso....  
Póde ser que depois já seja tarde.

MYRRA.

Seja embora, de vós não me separo.

SARDANAPALO.

Nem quero ; mas julguei que o desejavas.

MYRRA.

Eu ?

SARDANAPALO.

Fallaste do teu aviltamento....

MYRRA.

Que vivamente sinto.

SARDANAPALO.

Então evita-o.

MYRRA.

Não é dest'arte que o passado apago.  
Que o coração recubro, e a minha honra:  
Aqui devo ficar, ou morrer devo.  
Alegre viverei, se triumphardes ;  
Mas se sorte diversa vos aguarda.  
Não a hei de chorar, mas partilha-la.

Inda ha pouco de mim não duvidaveis.

SARDANAPALO.

Porém tuas palavras....

MYRRA.

São palavras.

Já de minhas acções provas tivestes,  
Que esta noite louvastes. No futuro,  
E no mais que o destino vos reserva,  
Outras provas tereis p'ra me julgardes.

SARDANAPALO.

Quanto folgo de ouvir-te! — Em minha causa  
Mais confiança tenho. Agora espero,  
Que vencedor a paz desfructaremos,  
Essa a victoria só a que eu aspiro.  
Não desejo consista a minha gloria  
Na guerra, e minha fama nas conquistas;  
Sustentar pela força os meus direitos  
N'alma me pesa mais que todo o opprobrio  
A que os homens podião sujeitar-me.  
Pensei que minha vida inoffensiva,  
Entre os annaes de sangue, marcaria  
Uma éra de paz, que no deserto  
De longos seculos ponto verdejante  
Seria, em que os vindouros c'um sorriso  
Fitarião os olhos, suspirando  
Por não poderem de Sardanapalo  
Reviver o aurifero reinado.

Pensei fazer de meu Imperio um Eden,  
De cada lua uma estação de gozos;  
Porém da plebe os vivos estrondosos  
Por puro amor tomei, dos meus amigos  
O sussurro escutei pela verdade,  
E uns labios de mulher tive por premio.  
Sim, meu premio elles são; beija-me, ó Myrra.  
Roubem-me agora tudo, o sceptro, a vida,  
Gozem de tudo embora, de ti nunca.

MYRRA.

Póde o homem roubar ao homem tudo,  
Que tenha de maior, de mais brilhante;  
Cahem thronos, exercitos se rendem;  
Falhão amigos; fogem os escravos;  
Tudo atraíçõa; e mais que tudo aquelles,  
Que mais devem... Fiel só se conserva  
O amante coração desinteressado,  
Qual em mim tendes, podeis pô-lo á prova.

(Entra Salamenes.)

SALAMENES, *para Sardanapalo.*

Venho buscar-te. — Como! Outra vez ella.

SARDANAPALO.

Não me arguas: denota o teu semblante  
Um successo maior do que a presença  
D'uma mulher....

SALAMENES.

Aquella, que no mundo

Me interessa, partio, fóra de périgo  
Julgo estar a rainha.

SARDANAPALO.

Bem foi ella?

SALAMENES.

Depois de recobrar os seus sentidos  
Conservou-se em silencio; mas sem lagrimas,  
E contemplando os filhos que dormião,  
Pallido o rosto. e os olhos scintillantes,  
Sobre as torres fixou deste palacio,  
Emquanto sobre rapida corrente  
O ligeiro baixel se deslisava,  
Ao clarão das estrellas!

SARDANAPALO.

Quanto sinto!

SALAMENES.

É tarde p'ra sentir. Teus sentimentos  
Uma só dôr não curão. Sabe agora,  
Que estão de novo em armas commandados  
Os Medas e Chaldeos por seus dous chefes,  
Que as fileiras formando se preparão  
P'ra de novo atacar-nos. Ha quem diga  
Que a elles outros Satrapas se unirão.

SARDANAPALO.

Novos rebeldes! Vamos já sobre elles!

SALAMENES.

Não é prudente. Se amanhã chegarem  
As forças que eu espero, poderemos

Um ataque arriscar; mas por enquanto  
Convem se espere o assalto.

SARDANAPALO.

Em tal demora  
Não posso concordar.

SALAMENES.

Essa linguagem  
É d'um soldado novo.

SARDANAPALO.

Ouvir não quero  
Que me chamem soldado, mas sim homem.  
Detesto a expressão, detesto mesmo  
Quem se ufana de sê-lo; vem meus passos  
Dirigir ao combate.

SALAMENES.

Tu não deves  
A tua vida expôr; não a equipares  
Á minha ou de qualquer outro vassallo.  
A ella toda a guerra se dirige ;  
Só ella a cria, acende e extinguir pôde,  
Ella só a prolonga ou a termina.

SARDANAPALO.

Pois quero terminar a guerra e a vida,  
Que é de certo melhor que prolonga-las.  
D'uma já me enojei, ou talvez d'ambas.

*(Toca dentro uma trombeta)*

SALAMENES.

Escuta !



SARDANAPALO.

D'escutar mais não é tempo . . .  
Corramos á chamada. . . .

SALAMENES, *olhando para a ferida.*

Essa ferida. . . .

SARDANAPALO.

Ligada está; sarou, nem mais me lembro;  
Mais funda penetrára uma lanceta.  
Devia envergonhar-se o vil escravo  
Que deu golpe tão fraco.

SALAMENES.

Aos céos apraza  
Que outro não faça agora melhor alvo,  
Que mais seguro dê. . . .

SARDANAPALO.

Assim succeda:  
Se eu vencer. . . . quando não antes me poupem  
D'uma vez uma obra mais cruenta.  
Vamos cahir sobre elles.

(Toca outra vez a trombeta.)

SALAMENES.

Eu vos sigo!

SARDANAPALO.

Tragão já minhas armas, minhas armas !...

FIM DO 4º ACTO.

ACTO V.

A mesma sala do 3º acto, sem estar illuminada.

MYRRA.

Eis finalmente vem raiando o dia !  
Que noite o precedeu no céu tão linda !  
A mesma passageira tempestade  
Mais variada a fez, e mais sublime.  
Mas que horrivel na terra, onde esperanças,  
Paz, alegria, amor, n'uma só hora,  
Por humanas paixões se convertêrão  
N'um cháos humano, cujos elementos  
Ainda agglomerados se debatem.  
Vai a guerra durando ! Emtanto nasce  
O sol brilhante afugentando as nuvens,  
Cujos vapores representão scenas  
Mais risonhas que o mesmo firmamento,  
Quando limpo e sereno. Aureos pinaculos,  
Montes de neve e ondas mais formosas  
Que as do proprio oceano, no céu formão  
Da terra um arremedo tão exacto,  
Que tudo permanente nos parece.  
Mas logo pela abobada sempiterna  
O transitorio quadro se dissipa,  
E de tal sorte as partes se destacão,  
Que uma visão apenas o julgamos.

Entretanto se apossa de nossa alma  
Este espectáculo, que a consola e enleva,  
E o nascer do sol ou seu occaso  
Do amor ou da dôr fixão as horas,  
Que não distingue só quem não observa  
As regiões onde esses dous genios  
Fundarão seus alcaceres, para nelles  
Os espiritos de seus adoradores  
Irem pousar e respirar um instante:  
Instante de suavissimo socego,  
Em que lhes dá o céo bastante alento,  
P'ra supportarem, como em brando sonho,  
As horas mais penosas desta vida.

(Entra Balias.)

MYRRA E BALIAS.

BALIAS.

Meditas tão tranquilla! Observar podes  
Como nasce este sol, que talvez seja  
O ultimo p'ra nós?

MYRRA.

Por isso mesmo  
O contemplo, e condemno estes meus olhos  
(Que, talvez, nunca mais possam mira-lo)  
Por terem observado tantas vezes,  
Sem o devido culto, sem transportes,  
O astro que sustenta toda a terra,  
E a impede de ser, como eu, tão fragil.  
Para o Deos da Chaldéa ergue teus olhos!

Quando eu o observo, quasi me converto  
A esse Deos Baal....

BALIAS.

Que hoje lá em cima  
Reina, como na terra antes reinára.

MYRRA.

Na terra mais que nunca reina agora.  
Nunca encerrára em si um rei terrestre  
Tanta paz, tanta gloria, quaes se encerrão  
Em um só raio seu.

BALIAS.

Um Deos é elle!

MYRRA.

Assim tambem os Gregos acreditão ;  
Porém julgo que esse orbe magestoso  
Não representa um immortal monarcha ;  
Mas dos numes somente é a morada :  
Olha! como elle as nuvens vem fendendo,  
E como enche de luz os nossos olhos,  
Inhibindo-os de vêr do mundo o resto !  
Ah ! mais não posso olha-lo....

BALIAS.

E nada escutas ?

MYRRA.

Nada: é tudo illusão, não se combate,  
Como a passada noite nestas salas,  
Mas sim dos muros fóra. Este palacio

Desde então transformou-se em fortaleza.  
Nestes reaes e vastos aposentos  
Tanto estamos nós livres de perigo,  
Quanto a gloria nos é inacessivel.

BALIAS.

Mas aqui já chegarão.

MYRRA.

Por surpresa ;  
Mas forão com denodo repellidos.  
Coragem, vigilancia, hoje nos guardão.

BALIAS.

Possão felizes ser!

MYRRA.

Anhelão muitos ;  
Mas duvida a môr parte. É esta a hora  
De grande anciedade. . . . Eu só me esforço  
Em mais não pensar nella. Ah! é de balde.

BALIAS.

Com tanta galhardia se portára  
O nosso Rei nesse ultimo combate,  
Que não causou a seus fieis vassallos  
Menos assombro, que aos rebeldes, medo.

MYRRA.

Uma horda de barbaros escravos  
Facilmente se assombra ou se intimida ;  
Mas de certo portou-se com bravura.

BALIAS.

Não matou a Beleses? Dos soldados  
Ouvi que elle por terra o derribára.

MYRRA.

Mas da morte escapou o miseravel,  
Talvez p'ra triumphar daquelle mesmo,  
Que o vencêra e poupára por clemencia,  
Pondo em perigo assim sua corôa.

BALIAS.

Escuta agora!

MYRRA.

É certo; eu sinto passos  
De alguém, que vagaroso se aproxima.

(Aqui principião a entrar soldados de vagar, trazendo  
em seus braços Salamenes ferido por um dardo, que  
tendo-se quebrado, parte delle ficou preso na ferida.)

MYRRA.

Valei-nos, grande Jupiter!

BALIAS.

Que vejo!

Tudo perdido está!

SALAMENES, tendo ouvido Balias, grita indignado:

Cobarde! é falso.

Matem já este escravo, se é soldado.

MYRRA.

Não o é, perdoai-lhe. É tão somente

Uma das borboletas que esvoação  
Fazendo parte do real cortejo.

SALAMENES.

Então poupem-lhe a vida.

MYRRA.

E vós a vossa

Não quereis conservar!

SALAMENES.

Eu só quizera

Viver mais uma hora, até que visse  
O fim desta peleja; mas duvido.  
Por que causa p'ra'qui me conduzirão?

UM SOLDADO.

Por ordem do Monarcha. Assim que o dardo  
Vos ferio e cahistes desmaiado,  
Mandou para esta sala conduzir-vos.

SALAMENES.

Foi bem pensado: morto me julgavão.  
Esse afflictivo transe poderia  
Descoroçoar as tropas; entretanto  
Me sinto ir acabando....

MYRRA.

Ah! concedei-me

Que examine a ferida. — Em minha patria  
Ás mulheres tambem sóe ensinar-se  
A arte de as curar, e como a guerra

É constante, acostumão-se a taes scenas...  
Tambem nella não sou de todo inhabil.

SALAMENES.

Melhor fôra que o dardo se extrahisse.

MYRRA.

Isso não, — não convem.

SALAMENES.

Então eu morro!

MYRRA.

O sangue em borbotões que se soltasse  
Me faria temer por vossa vida.

SALAMENES.

E eu não temo a morte. Onde deixarão  
O Rei quando p'ra'qui me conduzirão?

UM SOLDADO.

Elle estava onde vós fostes ferido.  
Com palavras e gestos animando  
As tropas assustadas, que vos tendo  
Visto cahir, já ião recuando. . . .

SALAMENES.

Sabem quem no commando succedeu-me?

DOUS SOLDADOS.

Não sabemos, senhor.

SALAMENES.

Pois ao Rei corrão,



E lhe digão que meus ultimos rógos  
São que confie a Zames o meu posto,  
Até que chegue o Satrapa de Suza,  
Ofratanes, que espero, e que já tarda.  
Deixem-me aqui ; não são tão numerosas  
Nossas tropas que possam dispensar-vos.

UM SOLDADO.

Mas senhor. . . .

SALAMENES.

Obedeção. Aqui ficão  
Uma mulher e um cortesão. São estes  
A melhor companhia de um enfermo.  
Como não consentirão que eu morresse  
No campo da batalha, assim não quero  
Que me venhão cercar da morte o leito  
Soldados ociosos. Marchem, corraõ !  
(Os soldados sahem.)

MYRRA.

Alma toda de gloria e de bravura,  
Deves tão cedo assim deixar a terra ?

SALAMENES.

Mimosa Myrra, é este o fim que mesmo  
Eu houvera escolhido, se por elle  
Salvar pudesse o Rei e a Monarchia.  
Folgo ao menos por não sobreviver-lhes.

MYRRA.

Vós mais pallido estais....

SALAMENES.

Dá-me a mão tua :

Só augmenta este dardo minhas dôres  
Sem sustentar-me a vida! Ah! se eu soubesse  
Como vai o combate, o arrancaria,  
E com elle a existencia.

(Entra Sardanapalo com soldados.)

SARDANAPALO.

Irmão querido!

SALAMENES.

A batalha perdeu-se?

SARDANAPALO, *com voz desanimada.*

Aqui tu vêes-me.

SALAMENES.

Antes te vira assim.

(Arranca o dardo e expira.)

SARDANAPALO.

Assim de certo,

Hão de todos me vêr, se não nos chega  
De Ofratanes o auxilio, que esperamos.

MYRRA.

Não pedio Salamenes moribundo  
Que confiásseis o commando a Zames?

SARDANAPALO.

Sim.

MYRRA.

Mas onde está Zames?

SARDANAPALO.

Morto.

MYRRA.

Altada?

SARDANAPALO.

Morrendo....

MYRRA.

Esfero e Panias?

SARDANAPALO.

Panias vive;

Mas Esfero, ou fugio, ou foi captivo.

Acho-me só.

MYRRA.

Já tudo está perdido?

SARDANAPALO.

Nossas muralhas, sendo defendidas  
Por nossas poucas forças, inda podem  
Resistir aos rebeldes, não contando  
Com alguma traição; porém no campo....

MYRRA.

Julguei que Salamenes não queria  
Arriscar a sortida, sem as forças  
Do auxilio esperado.

SARDANAPALO.

Eu constrangi-o.

MYRRA.

Culpada foi então vossa bravura.

SARDANAPALO, dirigindo-se para o cadaver de Salamenes.

E quão fatal!... Querido irmão eu déra  
Este imperio, de que eras ornamento,  
Para chamar-te á vida! Eu não te choro,  
Que chorado has de ser, como meíeces.  
Só lamento que a vida tu deixasses,  
Talvez acreditando que eu pudesse  
Sobreviver á realza antiga,  
Pela qual tu morreste! Mas se um dia  
Puder reivindica-la, hei de a teus manes  
Fazer um sacrificio expiatorio  
De lagrimas e sangue de milhares  
(Que as lagrimas dos bons por ti já correm),  
Quando não, breve havemos encontrar-nos,  
Se nosso espirito vive além da morte.  
Tua mão inda quente apertar quero,  
E unir meu coração, que bate afflicto,  
Ao teu, que já parou. — Levem seu corpo.  
(Chora, abraça seu corpo e dá ordem aos soldados para  
que o levem.)

UM SOLDADO.

Onde, Senhor?

SARDANAPALO.

Ao meu proprio aposento.  
Emhaixo do docel o depositem.  
Como se fôra Rei, té novas ordens  
Sobre as honras devidas a taes cinzas.  
(Saem os soldados carregando o corpo de Salamenes).  
(Entra Panias.)

SARDANAPALO.

Nos seus postos estão as sentinellas?  
As ordens deste?

PANIAS.

Obedecido fostes.

SARDANAPALO.

Com valor os soldados se conservão?

PANIAS, *hesitando.*

Senhor ! ..

SARDANAPALO.

Não digas mais; assaz comprehendo  
Em tua hesitação qual a resposta.

PANIAS.

O desastrado fim de Salamenes,  
E os gritos d'alegria dos rebeldes. . . .

SARDANAPALO.

Nelles só produzir devião raiva ;  
Porém não desalento. — Hei de achar meios  
Para os reanimar.

PANIAS.

Uma tal perda  
Havia de enlutar mesmo a victoria !

SARDANAPALO.

E quem póde senti-la quanto eu sinto !  
(Entra um official apressadamente.)

SARDANAPALO.

De máo agouro é teu semblante: falla.

OFFICIAL.

Não me atrevo, senhor.

SARDANAPALO.

Pois tu receias?

Quando milhões de subditos se atrevem  
Armados contra mim a rebellar-se?  
Rompe o fiel silencio, cujo fito  
É só não affligir teu soberano,  
Disposto a tudo ouvir que peor digas.

PANIAS.

Falla, que o Rei t'o ordena.

OFFICIAL.

O rio Eufrates,

Crescendo nas montanhas, onde nasce,  
Engrossado por chuvas que cahirão  
Lá nessas regiões tempestuosas,  
Por uma inundação inesperada,  
Tudo alagou, ganhou as ribanceiras,  
Derribando a muralha, que o cercava,  
E de todo as trincheiras demolindo.

PANIAS.

Funesta predicção de muitos seculos !  
Nunca a cidade se rendêra ao homem,  
Emquanto hostile o rio não lhe fosse !

SARDANAPALO.

Desculpo a predicção, não os estragos.  
Que porção de muralha destruiu-se?

OFFICIAL.

Perlo de vinte estadios.

SARDANAPALO.

Accessivel

Fica todo este espaço aos aggressores?

OFFICIAL.

Das ondas o furor por ora impede  
Qualquer assalto. Logo que em seu leito  
Torne o rio a entrar, e o cruzem barcos,  
Este palacio é delles.

SARDANAPALO.

Nunca! Embora

Homens, denses, presagios, elementos,  
Juntos se conspirassem contra aquelle  
Que nunca os provocára, esta morada  
De meus avòs não ha de converter-se  
Em covil onde os lobos urrar venhão.

PANIAS.

Se permittis, senhor, ao sitio corro,  
E farei tudo por fortifica-lo,  
Conforme o pouco tempo e os poucos meios.

SARDANAPALO.

Ide, apressai o exame, indagai tudo,  
E exacta informação vinde trazer-me  
Do estado certo da irrupção das aguas.

(Sahem Panias e o official.)

MYRRA.

Contra vós se rebella o mesmo rio!

SARDANAPALO.

Não é vassallo meu. Como não posso  
Puni-lo, ao menos perdoar-lhe devo.

MYRRA.

Folgo que estes presagios não vos movão.

SARDANAPALO.

Não me aterrão prodigios. Nada podem  
Mais dizer-me que aquillo que a mim mesmo  
Já fez antecipar o desespero,  
Depois da meia noite.

MYRRA.

O desespero?

SARDANAPALO.

Não é esta a expressão. Quando sabemos  
Resignar-nos a tudo o que esperamos,  
Deve um nome mais nobre então caber-nos.  
Porém que são palavras? Perto estamos  
De deixa-las assim como o mais tudo.

MYRRA.

Excepto uma só cousa — a derradeira,  
A maior dos mortaes, que põe um termo  
Ao passado, ao presente e ao futuro,  
E que é commum a todo o genero humano,  
Tão diverso em origens, sexos, climas,



Naturezas, feições, côres e linguas,  
Que neste ponto só se identifica,  
Para o qual nós nascemos e tendemos,  
Trilhando o mysterioso labyrintho  
A que se chama vida.

(Entra Panias.)

PANIAS.

É tudo exacto  
Quanto vos foi contado. Eu já dei ordens,  
P'ra que um novo reforço vá postar-se  
Junto ao lugar que foi desmoronado.

SARDANAPALO.

Teu dever preenchesto fielmente,  
Digno Panias, os laços de amizade,  
Que nos unem, vão prestes desatar-se.  
Esta chave recebe. . . abre uma porta  
Que fica por detrás do regio leito,  
E que dá n'uma camara secreta,  
Onde achar deves um thesouro immenso,  
Que, entre teus companheiros repartido,  
Cada um delles terá sobeja carga.  
Por muitos que elles sejam. Tambem quero  
Que se dê liberdade a todo o escravo,  
E que os mais habitantes de palacio,  
De qualquer sexo, n'uma hora o deixem.  
As minhas régias barcas, até'gora  
Ao prazer destinadas, sirvão hoje  
Para todos salvar, embarquem nellas,

Fujão, sejam felizes, que inda o rio  
É largo, e o inimigo o não domina.

PANIAS.

Protegei-nos, senhor; vinde comnosco,  
Vossa guarda fiel vos acompanha.

SARDANAPALO.

Não pôde isso assim ser, meu caro Panias;  
Vai-te e deixa-me entregue ao meu destino.

PANIAS.

Pela primeira vez desobedeço.

SARDANAPALO.

Ousão todos oppôr-se ás minhas ordens?!...  
Assim quer a domestica insolencia  
Ser da externa traição a fiel cópia?  
Contrariar não deves meus projectos.

PANIAS.

Não, senhor, mas por ora....

SARDANAPALO.

Bem, pois jura,  
Quando eu der o signal, de obedecer-me!

PANIAS.

Com grande peso n'alma vos prometto.

SARDANAPALO.

Basta: agora p'ra'qui faze que tragão  
Feixes de lenha, pinhas, folhas seccas,  
E outros combustiveis, que se inflammem

Com uma só faisca. Venha o cedro,  
Especiarias, drogas preciosas,  
Grossos pranchões, que alentem a fogueira ;  
Traze-me incenso e mirra : é esta pyra  
P'ra grande sacrificio, e levantada  
A quero em derredor daquelle throno.

PANIAS.

Meu senhor....

SARDANAPALO.

Já t'o disse, e tu juraste.

PANIAS.

Posso inda ser fiel, sem juramento.

(Sahe.)

MYRRA.

O que intentas, senhor?

SARDANAPALO.

Saberás cedo,

O que o mundo jámais esquecer deve.

(Entra um official com um arauto e soldados.)

OFFICIAL.

Mandou-me Panias que á presença vossa,

Conduzisse este arauto, que pedia

Uma audiencia.

SARDANAPALO, *para o arauto.*

Falla.

ARAUTO.

O Rei Arbaces....

SARDANAPALO.

Pois que! já foi c'roadó!... Continúa.

ARAUTO.

Beleses, summo sacerdote ungido....

SARDANAPALO.

De que Deos ou demonio? Altares novos  
Com reis novos se erigem.—Continúa.

ARAUTO.

E o satrapa Ofratanes....

SARDANAPALO.

Esse é nosso.

ARAUTO.

Elle no campo está dos vencedores,  
Eis aqui seu anel e seu sinete.

*SARDANAPALO, olhando e reconhecendo.*

Na verdade são seus! Ah! Salamenes,  
Morreste bem a tempo, p'ra não veres  
Esta traição de mais.—Era esse homem  
Teu amigo fiel, meu adherente.

ARAUTO.

Elles te off'recem vida e liberdade,  
E que escolhas p'ra tua residencia  
Uma d'entre as provincias mais remotas,  
Onde em socego passarás teus dias,  
Guardado e vigiado, mas não preso,

Com condição somente de lhes dares  
Em refens os tres principes meninos.

SARDANAPALO, *ironicamente.*

Quão generosos são taes vencedores !

ARAUTO.

Resposta espero.

SARDANAPALO.

Que resposta, escravo ?

Desde quando decidem os escravos  
Da sorte do senhor ?

ARAUTO.

Des que são livres.

SARDANAPALO, *fallando primeiro ao Arauto e depois ao Official  
que o trouxe.*

Orgão da rebeldia, tu, ao menos  
(Inda que sejas só seu delegado)  
Qual da perfidia a pena aprender deves.  
Ouvi, soldados, das muralhas nossas,  
Seja sua cabeça arremessada  
Ás linhas dos rebeldes, e seu corpo  
Lançado ao rio... Conduzi-lo podem.

OFFICIAL.

Nunca tanto folguei de obedecer-vos.  
Para fóra, soldados, conduzi-o :  
Estas régias paredes pollnidas  
Não devem ser com sangue de traidores.

ARAUTO.

É sagrado, senhor, meu ministerio.

SARDANAPALO.

O que será o meu, que ha pouco ousaste  
Vir fallar-me em depô-lo?

ARAUTO.

Eu incorrêra,  
Se recusasse executar as ordens,  
Na mesma pena, que ora executando.

SARDANAPALO.

Assim pois os monarchas de uma hora  
Tão despoticos são, como os que forão  
Enfaixados na purpura, e que nascendo  
Sobre o throno crescêrão soberanos!....

ARAUTO.

De um sopro teu depende a vida minha,  
Tens imminente á tua igual perigo,  
Será digno da illustre descendencia  
De Nemrod, em seus ultimos instantes,  
Um Arauto matar, fraco, sem armas,  
Não só violando o que ha de mais sagrado,  
Entre todos os homens, mas quebrando  
O nó mais santo que nos prende aos deoses?

SARDANAPALO.

Tens razão : seja solto. — Ser não deve  
De minha vida o acto derradeiro  
Um acto de rancor. — Esta aurea taça

Leva, e quando beberes em mim pensa  
Ou antes pensa em seu valor e peso.

ARAUTO.

Duas vezes, senhor, eu te agradeço  
Pela vida e por este dom grandioso.  
Mas resposta não levo ?

SARDANAPALO.

Uma só hora  
Para deliberar quero de tregoa.

ARAUTO.

Mas depois de uma hora ?

SARDANAPALO.

Findo o prazo,  
Se de mim não tiverem teus senhores  
Noticia alguma, contar podem logo,  
Que rejeito a proposta que me fazem,  
Podendo obrar em tal conformidade.

ARAUTO.

Cumprirei fielmente as ordens tuas.  
(Sahe o Arauto.)

SARDANAPALO.

(Fallando a Panias que vê vir entrando com soldados.)  
Panias, agora apresta o que incumbi-te.

PANIAS.

Os soldados que vêdes vir entrando  
Encarregados forão....

(Entrão os soldados, e formão uma fogueira á roda  
do throno.)

SARDANAPALO.

Bons soldados !

Fazei bem alta e cheia esta fogueira,  
E tão solida seja a base sua,  
Que de subito as chammas não se extinguão,  
Inda que hajão esforços. Fique o throno  
No centro, porque só deixa-lo quero  
Aos novos possuidores abrasado  
Em fogo inextinguivel ! — De tal sorte  
Construida ella seja qual seria  
Para uma forte torre incendiarmos  
De nossos inimigos ! — Bella vista !  
Que dizes Panias ? Não será bastante  
Esta pyra de um Rei para as exequias ?

PANIAS.

Para as de um reino ! Agora vos comprehendo !

SARDANAPALO.

Mas tu me inculpas !

PANIAS.

Não, eu só desejo  
Accendê-la e comvosco partilha-la.

MYRRA.

A mim compete.

PANIAS.

A uma mulher ?

MYRRA.

Se deve



O soldado morrer por seu monarcha,  
Porque não a mulher por seu amante ?

PANIAS.

Que cousa singular !

MYRRA.

Mas não tão rara  
Como julgas talvez. — Viver tu podes,  
A fogueira está prompta, adeos, ó Panias !

PANIAS.

Que vergonha deixar que ao meu monarcha,  
Só uma fraca mulher à morte siga !

SARDANAPALO.

Muitos ao tumulto já me precedêrão !  
Vai-te, vive opulento.

PANIAS.

E miseravel.

SARDANAPALO.

Sagrada jura déste irrevogavel.

PANIAS.

Como é forçoso. adeos, meu soberano !

SARDANAPALO.

Com cuidado procura em minha camara  
Os meus thesouros, sem remorso os leva.  
Lembra-te só que quanto alli deixares  
Será d'aquelles que me dão a morte.

E quando tendo tudo já seguro  
Dentro das barcas, saias do palacio,  
Faze soar nos ares a trombeta  
Um tanto longe estão do rio as margens,  
E assaz ruidosas são as aguas suas.  
Para que chegue aqui distincto o écho.  
Foge pois, e o rosto teu voltando,  
A corrente do Euphrates vai seguindo,  
Até que á Paphlagonia se chegares,  
Onde a Rainha está com meus tres filhos,  
Em a côrte de Cotta ... a ella conta  
Quanto has presenciado, e só lhe pede  
Se recorde de tudo o que eu lhe disse  
Em nossa amargurada despedida!

PANIAS.

Mais uma vez, senhor, esta mão régia  
Consenti que meus labios inda toquem,  
E mais estes soldados que vos cercão,  
E que por vós contentes morrerião.

(Os soldados e Panias ajuntão-se ao pé de Sardana-  
palo, e beijão-lhe a mão e a orla do manto.)

SARDANAPALO.

Meus melhores, meus ultimos amigos!  
Nosso valor assim não afraquemos :  
Quando são para sempre as despedidas,  
Devem subitas ser, se não quizermos  
Fazer de instantes uma eternidade,  
E ensopar com lagrimas sem conta  
As dolorosas ultimas aréas

Da ampulheta da vida ! Acreditai-me :  
Não é de lamentar-se o meu presente,  
O meu passado sim, quanto ao futuro ...  
Entregue está nas mãos das divindades,  
Se é que existem, como hei de saber breve.  
Adeos, adeos, adeos, sêde felizes !  
(Sahe Panias com os soldados, depois do Rei abraça-los.)

MYRRA.

Forão sempre fieis : consola ao menos,  
Que esses rostos, que vimos dêrradeiros,  
Fossem de amigos.

SARDANAPALO.

Sim, formosa Myrra !...  
Mas tu não sentes sobresalto interno,  
De te lançares através das chammas,  
A um futuro estado ? É tempo, dize :  
Menos não hei de amar-te, ou talvez mesmo  
Mais, por vêr-te rendida á natureza.  
Falla, é tempo, escapar pôdes ainda.

MYRRA.

Uma tocha accender posso na lampada.  
Que no altar de Baal arde incessante ?

SARDANAPALO.

Tal é tua resposta ?

MYRRA.

Haveis de vê-la.  
(Sahe apressadamente.)

SARDANAPALO, 36.

Firme ella está!... Meus pais, o vosso filho,  
Que vai unir-se a vós purificado  
De algumas manchas de seu ser mundano,  
Não podia deixar a vossa antiga,  
E primeira mansão, exposta á affronta  
De ser presa de escravos rebellados.  
Se não guardei tal qual vós me legastes,  
A vossa herança, a parte mais brilhante,  
A vossa habitação, vossos thesouros,  
Vossas sacras reliquias, vossas armas,  
Archivos, monumentos e despojos,  
Com que o conquistador folgar devêra ...  
Hoje tudo comigo vou levar-vos,  
Nesse elemento tragador que é da alma  
Viva imagem, pois, como ella, não deixa  
Vestigio algum daquillo que abrazára.  
Não ha de a luz funerea desta pyra  
Ephemero pharol ser no horizonte;  
Columna de vapores e de chammas,  
E apenas depois montão de cinzas;  
Mas sim luzeiro p'ra lição dos seculos,  
Das rebeldes nações. dos reis lascivos!  
Ha de o tempo apagar annaes de povos,  
E façanhas de heróes; ha de os imperios  
Aniquilar, como este, o maior delles;  
Porém ha de levar meu ultimo acto  
Como em problema, ás gerações vindouras.  
Poucos talvez se atrevão a imita-lo,

Nenhum a despreza-lo, emtanto podem  
Uma vida evitar, que tal fim teve!

(Entra Myrra com uma tocha accesa n'uma mão e  
uma taça na outra.)

MYRRA.

O facho que guiar nos deve aos astros....  
Ei-lo acceso!

SARDANAPALO.

Esta taça?!

MYRRA.

Em minha patria  
Fazer aos deoses libações é de uso.

SARDANAPALO.

Meu costume é fazê-las entre os homens,  
E posto esteja só quero em memoria  
Dos alegres banquetes já passados,  
Esvasiar a taça...

(Sardanapalo toma a taça, e depois de beber vira o  
fundo para cima, e vendo cahir uma gotta, exclama:)

Ao bom Beleses

Faço esta libação!

MYRRA.

Porque labora  
Mais em vossa lembrança o nome deste,  
Que o de seu criminoso companheiro?

SARDANAPALO.

Esse é soldado, e apenas instrumento,

De que se serve aquelle, que á vontade  
O move como automato de guerra.  
Porém delles não quero mais lembrar-me.  
Escuta, Myrra, dize, é livremente,  
E sem temor, que á morte me acompanhas?

MYRRA.

Julgais vós que uma Grega não se atreva  
A fazer por amor, quanto pratica  
Uma viuva indiana por costume?

SARDANAPALO.

Pois espera o signal....

MYRRA.

Quanto já tarda!

SARDANAPALO.

Agora dá-me o teu ultimo abraço.

MYRRA.

Ultimo não, um outro inda nos resta!

SARDANAPALO.

Sim, que o fogo ha de unir as nossas cinzas.

MYRRA.

Só me afflige uma idéa.....

SARDANAPALO.

Qual é ella?

MYRRA.

Que uma só mão amiga não teremos,

Que as ajunte e recolha em uma urna.

SARDANAPALO.

Tanto melhor! Levadas pelos ventos  
E no ar espalhadas antes sejam,  
Que profanadas mais por mãos humanas  
De escravos ou traidores. — Nós deixamos,  
Aqui neste palacio incendiado,  
E fumegantes ruínas de seus muros,  
Mais nobre monumento, do que o Egypto  
Levantára em montanhas de tijolos  
A reis ou rezes, que hoje ninguem sabe  
Se as soberbas pyramides memorão  
Os seus monarchas, ou seu deus, Boi-Apis.  
Quão pouco valem pois os monumentos,  
Quando se olvida aquillo que recordão!

MYRRA.

Adeos, ó mundo, e tu, tu que és do mundo  
O ponto mais formoso, adeos, ó Grecia!  
Possas sempre ser livre, e sempre bella!  
Possas sempre affastar-te do infortunio.  
Minhas ultimas preces por ti forão,  
E em ti meus derradeiros pensamentos,  
Á excepção de um só.

SARDANAPALO.

Em quem foi este?

MYRRA.

Em vós!

(Ouve-se o som da trombeta de Panias que toca dentro.)

SARDANAPALO.

Escuta !...

MYRRA.

Agora....

SARDANAPALO.

Adeos, Assyria !

Terra querida de meus pais e minha !  
Patria, que sempre amei mais como patria,  
Que como imperio meu !—Paz e prazeres  
Em abundancia te dei, e a recompensa  
É esta, que ora vês ! Nada te devo,  
Nem mesmo um tumulto !

(Sobe para a fogueira e grita:)

O' Myrra !....

MYRRA.

Estais já prompto ?

SARDANAPALO, *de cima da fogueira.*

Como essa tocha que na mão sustentas....

(Myrra vai accender a fogueira, depois de a vèr arder  
um pouco diz:)

MYRRA.

De todo accesa está, e a vós já corro !

(No momento em que vai a precipitar-se nas chammãs  
desce o panno.)

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.



O ROUBO

DA MADEIXA

Poema heroi-comico de Alexandre Pope



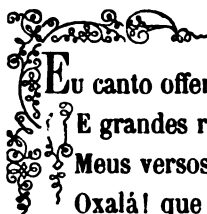


# O ROUBO DA MADEIXA

Nolueram Belinda tuos violare capillos  
Sed juvat, hoc precibus me tribuisse tuis

---

## CANTO PRIMEIRO

 **E**u canto offensas só de amor nascidas,  
E grandes rixas por pequenas cousas :  
Meus versos a Caryl dedico, ó Musa,  
Oxalá! que tambem Belinda os veja;  
De um tão frivolo objecto hei de ter gloria,  
Se ella o canto inspirar, se elle approva-lo.

Dize-me, ó Deosa, que motivo estranho  
Fez, que um barão polido assaltar fosse  
Uma fraca beldade, e que motivo  
Inda mais singular, e nunca visto,  
Fez qu'ella recusasse um barão nobre.  
Arduas emprezas são para pequenos?  
Cabe tanto rancor n'um brando peito?

De um leito pelos alvos cortinados  
Do sol timidos raios vem abrindo  
Uns olhos, que do dia o brilho eclipsão.  
Já se tem sacudido os doguesinhos,  
É meio dia, acordão tresnoitados  
Amantes, que as chinelas arrastando  
Tres vezes tem tocado a campainha,  
E do relógio tem calcado a mola,  
Que em argentino som repete a hora.  
No molle travesseiro inda repousa  
Belinda a face. Um sylpho, que aguardava  
Seu balsamito somno prolongando,  
Tinha chamado um sonho matutino,  
Que do leito tranquillo em torno adeja.  
Um joven, mais luzido que outros jovens  
Em noites festivaes de natalicios,  
Em sonhos mesmo lhe afoguêa as faces.  
Une aos ouvidos della ardentes labios,

E diz-lhe assim, ou lhe dizer parece; —  
« Mais bella das mortaes, nobre cuidado  
De claros entes mil, que o ar habitão,  
Se te fez impressão na tua infancia  
O que os padres e as amas te contárão  
De visões e de espiritos aereos  
Pela sombra da lua divulgados;  
De circulos verdes, de signaes de prata.  
Ou de virgens que os anjos visitavão  
Com corôas de ouro, e com grinaldas  
Tecidas com as flôres que o céu gera,  
Ouve, acredita e sabe o quanto — vales.  
Tuas vistas á terra não limites;  
Verdades ha secretas que se occultão  
Do orgulhoso sabio, e reveladas.  
São comtudo ás donzellas e creanças.  
Credito não lhe dão genios incredulos,  
Que as bellas devem dar e os innocentes.  
De ti em roda innumerous espiritos,  
Que são dos ares a milicia leve,  
Sem que possão ser vistos, voão sempre,  
Quer no theatro estejas, quer no circo.  
Julga que comitiva tens nos ares,  
Não faças caso da berlinda e pagens.  
Dantes qual tua é foi nossa essencia,  
Pois tendo de mulher a bella fórma

Por transformação branda nós subimos  
Aos vehiculos do ar, desses terrestres.  
Não penses da mulher, que o final sopro  
Faz que morrão tambem suas vaidades,  
Ella sempre as observa successivas,  
E posto que não jogue olha p'ras cartas.  
Se gosto e paixão teve quando viva  
Pelo jogo e por aureas carruagens,  
Este gosto e paixão lhe sobrevivem ;  
Pois quando as bellas morrem, suas almas  
Aos seus primeiros elementos voltão.  
As de genio feroso, altercadoras  
Salamandras vão ser, subindo em chammas.  
As que tem genio brando e condescendem  
Com as nymphas morar vão entre as aguas,  
As que são graves passão a ser gnomos,  
Que buscão males p'ra trazer á terra.  
Acima elevão-se as namoradeiras,  
Tornão-se em sylphos que, batendo as azas,  
Nas campinãs do ar, brinquedos fazem.  
Sabe inda mais quando uma dama casta  
Regeita os homens algum sylpho a abraça ;  
Porque os espiritos com facilidade  
De leis mortaes isentos, quando apraz-lhes,  
Tomão o sexo e fórma que bem querem.  
Quem a pureza guarda das donzellas

Nos bailes e nocturnas mascaradas?  
Quem as defende da traidora amiga,  
E do audaz taful que, emquanto é dia,  
Pisca os olhos, e á noite diz segredos,  
Quando benigna occasião parece  
Proteger seus desejos mais ardentes?  
Quando a musica abranda e a danza abrasa?  
São os seus sylphos sós, os deoses sabem,  
Inda que o mundo dê tal gloria á honra.

Algumas ha que, estando convencidas  
Da sua formosura, destinadas  
Dos gnomos aos abraços são em vida,  
Que as enchem de philaucia, as enfatuão,  
As fazem desprezar amor e offertas,  
E de gratas idéas enchem logo  
Suas ocas cabeças, quando os duques,  
Pares, grãa-cruzes, commendadores  
Com suas comitivas apparecem,  
E quando em doce som uma excellencia  
Vem impressão fazer em seus ouvidos.  
São taes os gnomos, que do bello sexo  
Os corações corrompem desde a infancia.  
Elles ensinão ás namoradeiras  
Com os olhos volver, corar as faces,  
E palpar de um bello moço á vista.

Quando ás vezes se julgão desgarradas  
As mulheres, os sylphos as conduzem  
Entre os mysteriosos labyrinthos,  
Neste voluvel circulo em que ellas andão.  
Elles novas loucuras lhes suggerem,  
Porque das velhas percão a lembrança.  
Qual a terna donzella que sensivel  
Não seria ao festim que um homem dêsse,  
Se logo um outro não lhe dêsse um baile?  
Qual poderia resistir a Florio  
Quando elle falla, se Damon formoso  
A mão não lhe apertasse ao mesmo tempo?  
Elles com varios gostos sempre mudão  
Os moveis corações do bello sexo,  
Que são quaes lojas de quincalharias.  
Entre laços d'espada e cabelleiras,  
Entre amantes tafues, entre berlindas.  
Quaes hão de preferir ellas não sabem.  
Chamão leviandade a isto os homens  
Que não sabem que é tudo obra dos sylphos.  
Um destes sou e Ariel me chamo,  
E sempre vigilante eu te protejo.  
Nas planicies do ar correndo ha pouco  
Da tua estrella vi no claro espelho  
Sobre ti imminente um caso horrendo,  
Que ha de te sobrevir antes da noite,



Qual seja, como, ou onde, o céu não disse :  
Este aviso recebe do teu sylpho,  
Teu defensor, é quanto fazer pôde.  
De tudo te acautela, ó casta virgem,  
Mas, sobretudo guarda-te dos homens.

Disse, e então pensando o felpudinho,  
Que de sua ama o somno era mui longo,  
Subio, e acordou-a com a lingua.  
Então, Belinda, como é fama, logo  
N'um bilhete de amor tu pões os olhos  
E apenas lês, ardor, encantos, chagas,  
Da tua mente a visão já se esvaece.

Aberto o toucador, vasos de prata  
Em ordem, com mysterio, alli estão postos.  
Em um branco roupão primeiramente,  
Descoberta a cabeça, a nympha attenta  
Perfumados cosmeticos adora.  
Um rosto divinal lhe mostra o espelho,  
Ao qual ella se curva e lança os olhos.  
Eis uma inferior sacerdotisa,  
Que ao lado do altar, toda tremendo,  
Começa o sacro culto da vaidade  
Innumerous thesouros apparecem,  
Achão-se alli do mundo offrendas varias,

Qu'ella escolhendo com esmero e mimo  
Com todo o esplendor a deosa adorna.  
Esta caixinha tem perlas da India,  
Os perfumes da Arabia aquella exhala,  
Aqui a tartaruga, e o elephante  
Juntos estão em pentes transformados,  
Alli longas fileiras de alfinetes,  
Borlas, biblia e signaes, e bilhetinhos.

Assim armando-se a beldade altiva  
Realça mais e mais seus attractivos.  
Fôrma os sorrisos seus, desperta as graças,  
E do seu rosto as maravilhas todas,  
Um mais puro rubor vem pouco a pouco.  
Lanção seus olhos raios mais agudos,  
Sollicitos os sylphos rodeando  
De seus desvellos o querido objecto,  
Um lhe enfeita a cabeça, emquanto outro  
Reparte as tranças; este as mangas dobra,  
Emquanto est'outro prega-lhe o vestido,  
Entretanto Betty recebe applausos  
Por obras de outrem, que não forão della.



## CANTO SEGUNDO

Sobre o ceruleo mar o sol não nasce  
Nas ethereas planicies com mais gloria,  
Do que sua rival vindo entregar-se  
Ao seio do Tamisa prateado :  
Vem bellas nymphas, moços bem vestidos  
Em torno della, mas só ella é vista.  
Traz no seu niveo collo cruz brilhante,  
Que um judeo beijaria, e que de certo  
Os mesmos infieis adorarião.  
Mostrão seus olhos vivos pensar vivo,  
Apressado e voluvel como elles.  
Favorece a ninguem, sorri-se a todos,  
Muitas vezes regeita e nunca offende.  
Brilhantes como o sol seus olhos ferem  
A todos que a contemplão, e como elle  
Reflectem elles igualmente em todos.  
A graça que ella tem não affectada,  
E a sua doçura sem orgulho,  
Encobrem suas culpas, se é que as bellas  
Podem ter culpas que encobrir precisem.  
E se teve alguns erros femininos,

Quem o seu rosto vê s'esquece delles.  
Tinha esta nympha para o mal dos homens  
Duas madeixas, que com graça soltas  
Em anneis semelhantes pelas costas,  
Com ondeados e lustrosos crespos,  
Ornavão seu macio eburneo collo.  
Erão estes de amor os labyrinthos  
Em que os captivos seus ella detinha.  
Prendem grilhões mais brandos almas grandes,  
Com redes de cabellos aves se apanhão,  
E os peixes tambem ; a linda trança  
Enlaça a soberana especie humana,  
Da belleza um cabelo só nos prende.

As formosas madeixas vendo admira  
Barão audacioso, e já deseja  
Presa sua fazer, mas resolvido  
A consegui-las, só medita como  
À força, ou á traição ha de rouba-las :  
Que os amantes só querem ter successo,  
Se foi força ou traição ninguém pergunta.  
Por isso antes que o sol apparecesse,  
Invoca o céu propicio, e os deoses todos ;  
Porém principalmente amor invoca.  
Doze novellas grandes, e francezas,  
Encadernadas primorosamente,

Eis o altar que a amor elle levanta,  
Onde tres ligas deita, e uma luva,  
E mais trophéos d'amores seus passados.  
Um bilhete amoroso a pyra accende,  
Com tres ternos suspiros sopra o fogo.  
Então se prostra e com ardentes olhos  
Pede que se lhe dê posse da presa.  
Os deoses o attendem, e a melade  
Da supplica concedem, quanto ao resto  
Pelos ares os ventos espallhárão.

O dourado batel já vai seguro  
Correndo sobre as ondas fluctuantes,  
Onde do sol os raios se reflectem,  
Subindo aos ares musica suave,  
Cujos sons vem morrer dentro das aguas.  
O rio brando corre, os ventos brincão,  
Belinda se sorri, já todo o muudo  
Alegria respira, excepto o sylpho.  
Que, cheio de cuidados pressurosos,  
Na desgraça imminente meditando  
Do ar convoca a si os habitantes.  
Já o lucido esquadrão acode prompto,  
E vem tomar seus postos sobre os mastros,  
Onde aereos sussurros exhalando,  
Por zephyro os toma a gente em baixo.

Suas azas d'insecto ao sol abrindo  
Pairão nos ares, ou em nuvens d'ouro  
Com fórmãs transparentes s'introduzem.  
Vistos não podem ser por mortaes olhos  
Seus corpos fluidos quasi em luz desfeitos.  
Soltas ao vento as vestes refulgentes  
Cujos finos tecidos são de orvalho,  
Tintos do céu nas côres mais formosas,  
Que reunidas lanção varias luzes,  
De cujos raios sempre novas côres  
Sahem á proporção que as azas movem.

No meio delles, mais que todos alto,  
Sobre o dourado mastro, Ariel posto,  
Suas azas de purpura ao sol abrindo,  
Ergue seu sceptro azul, e assim começa:  
« Sylphos, sylphidas, genios e demonios,  
Fadas, trasgos, duendes dai ouvidos  
A vosso chefe. Conheceis a esphera  
E mais varios empregos destinados  
Por leis eternas aos aereos seres.  
Do ar mais puro uns brincão nas campinas,  
Outros juntos do sol brilhão com elle,  
Dos errantes cometas a carreira  
Uns guião, ou dirigem os planetas  
Por essas regiões interminaveis.

Outros, que são d'essencia menos pura,  
Pela pallida luz da lua seguem  
As estrellas, que a noite nos envia.  
Ou n'uma região mais baixa e densa  
Nevoas absorvem, ou as azas molhão  
Nas tintas do arco-iris, ou derramão  
Sobre o mar as tremendas tempestades,  
Ou as benignas chuvas sobre a terra.  
No mundo á raça humana outros presidem,  
Guião suas acções, velão seus passos;  
Mas o cuidado das nações pertence  
Destes ao chefe, que o britanno throno  
Defende sempre com divinas armas,  
Nós prestamos serviço mais humilde,  
De menos gloria, não de menos gosto,  
As bellas presidindo, defendemos  
De um grande vento os pós de seus cabellos.  
Não consentimos, que as essencias presas  
Nos arrolhados vidros se evaporem.  
Vamos da primavera entre as florinhas  
Para ellas buscar as vivas côres.  
Das gottas que distilla o arco-iris,  
Para a tez lhes lavar nós nos servimos,  
Riçamos seus cabellos ondeados,  
As fazemos corar, lhes inspiramos  
Todos os gestos seus, e mesmo em sonhos

Frequentes invenções lhes suggerimos,  
Para mudar ou pôr mais alguns folhos.  
Mais bella hoje a dama, que os desvelos  
Nossos tem merecido, ameaçada  
De mãos agouros, ha de sobrevir-lhe,  
Á força ou á traição, negro desastre:  
Mas como ou onde os fados nos occultão.  
Se de Diana as leis infringir deve,  
Ou se rachar da India um fino jarro,  
Se manchar sua honra, ou seu brocado,  
Não rezar ou faltar á mascarada,  
Coração ou collar perder n'um baile,  
Ou se o céu quer que morra o felpudinho.

Ide ó genios tomar já vossos postos,  
Do leque inquieto zephyreta cuide,  
A ti Brillhante os brincos eu entrego,  
Toca o relógio a ti, ó Momentilla,  
A formosa madeixa a ti Crespina,  
E a mim mesmo, Ariel, o felpudinho.  
Uns bons cincoenta sylphos escolhidos  
Tomem já conta da importante saia;  
Pois sabido nós temos muitas vezes.  
Que por sete anteparos resguardada,  
Por barbas de balêa e por anquinhas,  
Sem poder resistir se tem rendido.



Uma linha formai, que reforçada  
Guarde a circumferencia da cintura.  
O que se descuidar do seu emprego,  
Deixar seu posto, abandonando a bella,  
Ha de o seu crime ter aspero castigo.  
Bem arrolhado ficará nos frascos,  
Ou será d'alfinetes traspassado,  
Ou submergido em aguas d'amargura,  
Ou no fundo entalado de uma agulha ;  
Ou se quizer voar, embaraçado,  
Suas azas de seda em vão batendo  
Serão grudadas de pommada e gomma.  
Ou então a adstringente pedra hume  
Ha de encolher a sua leve essencia,  
Ficando qual a flôr enxovalhada.  
Como Ixião talvez que o triste soffra  
O veloz movimento de um moinho,  
E talvez que abrazado entre os vapores  
De um chocolate ardente, elle estremeça  
Á vista deste mar, que em baixo espuma. »

Disse ! e dos mastros descem os espiritos.  
Alguns se estendem circulando a nymphã ;  
Alguns nos seus cabellos se introduzem  
Pelos anneis confusos, outros logo  
Nos brincos das orelhas se pendurão.

Batem seus corações, tremem anciosos  
O successo infeliz só esperando,  
Que nascer deve, porque ordena o fado.

## CANTO TERCEIRO

Junto dos prados, que cingidos sempre  
Estão de flôres, onde com orgulho  
Tamisa observa as elevadas torres,  
De architectura magestosa, existe  
Um edificio grande, que o seu nome  
Deriva de Hampton, vizinha villa ;  
Aonde d'Albion os estadistas  
Frequentemente a queda prognosticão  
Dos reis estranhos e das nymphas suas.  
De tres reinos senhora, ó tu grande Anna,  
Alli chá e conselho ás vezes tomas.

Alli affluem os heróes e as bellas,  
Para os prazeres desfructar da côrte.  
As instructivas horas elles passam  
Sobre varios assumptos conversando ;  
Fallão sobre quem tem dado algum baile,  
Ou quem pagou por ultimo a visita ;  
Um da rainha ingleza a gloria exalta,  
Da India um lindo biombo outro descreve,  
Outro olhares e gestos interpreta ;

Cada palavra um credito derriba.  
No intervallo vem tabaco e leque,  
Com cantoria, riso e o mais que é uso.

Já do meridiano o sol declina,  
Obliquamente os raios dardejando.  
Já com fome os juizes assignado  
Tem a sentença; enforcão-se os culpados,  
E já é tempo que os jurados jantem.  
Em plena paz da Praça do Commercio  
Já os negociantes vem voltando;  
Do toucador findarão-se os trabalhos.

Belinda, a quem da fama a sede impelle,  
Arde por encontrar dous cavalheiros,  
Para no voltarete a sorte d'ambos  
Ella só decidir, e já se enfuna  
Com as conquistas que fazer pretende.

Já para acção os tres preparão armas  
Em o numero iguaes às sacras musas.  
Assim que ella abre a mão um guarda aereo  
Desce, e nas grandes cartas vem sentar-se.  
Vem sobre um matador Ariel primeiro,  
E mais sylphos conforme as dignidades;  
Pois lembrados de sua antiga raça  
Gostão de distincções, como as mulheres.

Eis quatro réis de grave magestade,  
Com densa barba, e com bigodes brancos,  
Quatro bellas rainhas, que sustentão  
Entre as mãos uma flôr, mimoso emblema  
Expressivo do seu poder mais brando,  
Pouco adornados. quatro bons valetes  
Vem de barretes, trazem alabardas,  
E as mais tropas brilhantes coloridas  
Vem pelejar n'um campo de velludo.

Passando com cuidado a sagaz nympha  
Revista ás forças suas já declara  
Ser triumpho espadas, que são triumphos logo.

Move a combate os braços matadores,  
Iguaes aos capitães dos fuscos Mouros.  
Primeiro a espadilha inconquistavel  
Leva da mesa dous captivos triumphos.  
Outros tantos se rendem á Manilha,  
Que vencedora sahe do verde campo.  
Segue-se o Basto, que mais desgraçado  
Só ganha um triumpho, e uma carta pobre.  
Com seu alfange largo eis apparece  
O velho encanecido rei d'espadas,  
Com uma perna musculosa á vista,  
A capa multicôr cobrindo o resto.

O rebelde valete, que se atreve  
Com seu rei a medir-se, cahe por terra,  
Victima do real resentimento.  
De páos mesmo o valete, que potente  
Em o jogo do lú cortava em postas  
Exercitos inteiros, reis e damas,  
(Quanto da guerra a sorte é caprichosa !)  
Sem distincção agora, e sem soccorro,  
Aos golpes cahe do vencedor monarcha.

Até aqui Belinda os dous vencêra ;  
Mas o fado ao barão já cede o campo.  
Elle solta a belligera amazona,  
A consorte real do rei d'espadas:  
A despeito de seu altivo porte,  
E barbara soberba, cahe primeiro  
De páos o negro rei victima della.  
De que lhe serve ter um diadema,  
E tão pesados membros de gigante ?  
Arrastando pomposa longa capa,  
Sendo dos reis quem só carrega um globo ?  
Deita agora o barão depressa ouros  
Cujo rei, que só mostra meio rosto,  
Seu poder une á dama, e facilmente  
Ambos vencem as tropas derrotadas.  
Páos, ouros, copas todos em desordem

Juncão o verde campo uns sobre outros.  
Assim correm dispersas em derrota  
As tropas d'Asia e d'Africanos negros,  
Com igual confusão nações diversas  
Diferentes na côr, no vestuario,  
Cem batalhões feridos, separados  
Tem uma mesma sorte, aos montões cahem.  
Sahe d'ouros o valete e sorrateiro  
Vence a dama de copas, que vergonha!  
Então da nympha o sangue deixa as faces,  
Livida pallidez cobre o seu rosto.  
Tremendo observa a proxima desgraça,  
Quasi a cahir na boca de um codilho.  
Mas, como n'alguns casos mal parados  
Depende a sorte ás vezes de uma vasa,  
Sahindo o az de copas, o rei dellas,  
Qu'ella occulta na mão inda magoado  
De ter a dama sido prisioneira,  
A vingança correndo impetuoso  
Cahe como um raio sobre az prostrado.  
Ella exulta, e o ar enche de gritos :  
Paredes, rios, bosques os repetem.

Imprudentes mortaes do fado ignaros,  
Abatidos agora já se elevão,  
Estas honras vão ser breve arrancadas,

Será maldito o dia da victoria !  
Cobrem a mesa chicanas e colheres  
Sobre bandejas de xarão lustroso.  
No inquieto moinho o café móe-se,  
Combustiveis esp'ritos s'incendião  
N'uma lampada argentea, e já fervendo  
De prata as cafeteiras logo entornão  
Este grato licor, que fumegando  
Cahe em torrentes nas chinezas taças,  
E a um tempo encanta paladar, e olfato.  
Este bello regalo é prolongado  
Pelas frequentes chicanas repetidas.  
De Bella em torno adeja o bando aereo,  
O seu quente café alguns lhe soprão,  
Outros sobre o seu collo abrindo as azas  
Tremendo cuidão na bordada saia :  
Mas o café, que faz que o estadista  
Mais perspicaz se torne, e qu'inda mesmo  
D'olhos semi-fechados tudo veja.  
Á mente do barão manda em vapores  
De alcançar a madeixa meios novos.  
Ah ! desiste mancebo temerario,  
Emquanto ainda é tempo, os justos deoses  
Teme, e teme o funesto fim de Scylla,  
Condemnada a voar mudada em ave,  
Porque um cabello injuriou de Niso.



Porém quando os mortaes ao mal s'inclinão,  
Proprios delle instrumentos logo encontrão;  
Pois de uma linda caixa então Clarisse  
Com graça tentadora uma arma tira  
De dous gumes: bem como nos romances  
As damas, que assistindo aos cavalheiros  
Lhes dão a espora, e p'ra o combate os armão.  
Elle submisso, a dadiva aceitando,  
Nos anneis da tesoura encaixa os dedos,  
Abrindo-a junto á nuca de Belinda  
Sobre a fragrante chavana curvada.  
Mil ligeiros espiritos acodem,  
E com as azas seu cabello abanão.  
Pelos brilhantes brincos das orelhas  
Tres vezes puxão, ella vira o rosto  
Tres vezes; mas tres vezes o inimigo  
Tambem avança. Neste mesmo instante  
Ancioso Ariel saber procura  
Da virgem os secretos pensamentos,  
E sobre o peito della reclinado,  
Como de flôres sobre um ramallete,  
Observando as idéas que s'excitão  
Na mente sua, subito descobre,  
A despeito das artes qu'ella emprega,  
Terrestre amante no seu peito occulto.  
Confuso e espavorido elle então vendo

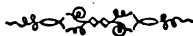
Que expirou seu poder, já resignado  
Às leis da sorte, suspirando parte.

A luzente tesoura o barão abre  
P'ra prender a madeixa, e p'ra corta-la  
Ajunta-a logo, e antes que fechada  
Fosse essa arma fatal, um triste sylpho  
Vindo por zelo se metter no meio,  
O fado apressa o golpe, e em dous o corta.  
Mas substancias aereas logo se unem,  
E finalmente as pontas se encontrando  
Da formosa cabeça assim separão  
Os divinos cabellos para sempre.

Vibrão então seus olhos raios vivos,  
Gritos de horror os astros amedrontão,  
Ao piedoso céu não são levadas  
Exclamações mais fortes, quando morre  
Um cãozinho de collo, ou um marido,  
Ou quando cahe da China um rico vaso,  
E fica reduzido a pó dourado.

« Ornão-me a frente as cr'ôas do triumpho,  
O vencedor exclama, a presa é minha.  
Emquanto os peixes n'agua acharem gosto,  
No ar as aves, e as beldades nossas

Inglezas em um carro a seis cavallos,  
Emquanto lido fôr Atlantes sempre,  
Emquanto os travesseiros pequeninos  
Adornarem os leitos das senhoras,  
E enquanto visitas se fizerem  
Em dias festivaes, quando se accendem  
As bugias em ordem numerosas.  
Emquanto as damas aceitarem bailes,  
Hora certa, e lugar derem a amantes,  
Honra, nome e louvor eu terei sempre.  
O que o tempo conserva, o ferro abate.  
Assim como os humanos, se sujeitão  
A elle os monumentos. Pôde o ferro  
O trabalho dos deoses destruindo  
De Troia derribar as regias torres.  
Confunde as obras da vaidade humana,  
Lança por terra os arcos triumphantes,  
Que te admiras pois, ó bella nympha,  
Que o teu cabelo houvesse experimentado  
Do ferro a grande força irresistivel?



## CANTO QUARTO

Anciosos cuidados opprimião  
A pensativa nympha, e laboravão  
Dentro do peito seu paixões secretas.  
As desdenhosas virgens que aos encantos  
Seus sobrevivem ; os amantes ternos  
Que de suas venturas são privados ;  
Uma velha a que um beijo se recusa ;  
Um tyranno que morre impenitente :  
Nise tendo o seu chale mal pregado ;  
Estes todos jámais sentirão raiva,  
E tanto desespero, como agora  
Tu tens, ó triste nympha, e só por causa  
De uns teus cabellos que roubados forão.

Quando então mesmo os sylphos se apartarão,  
E chorando Ariel deixou Belinda,  
O mais sombrio e enfadonho espirito  
Que a luz do claro dia tem manchado,  
E que Umbrélo se chama, vem descendo  
Da terra ao centro, digna estancia delle,  
Da magoa procurando a cova escura

Voando o gnomo sobre as negras azas  
Chega á triste morada envolto em fumo,  
Onde suaves auras não bafejão,  
E onde venta só medonho leste.  
N'uma gruta onde o ar não acha entrada,  
E onde se aborrece a luz do dia,  
Sem cessar sobre um leito pensativa  
Suspira a deosa, tendo a dôr a um lado,  
E tendo a Enchaqueca á cabeceira.  
Duas donzellas tem ao pé do throno  
Iguaes em dignidade; mas são ambas  
Diferentes no rosto e na figura.  
Uma é a Maldade, antiga virgem  
Que, tendo o corpo seu todo enrugado,  
Está de vestuario branco e preto,  
Carregando nas mãos orações proprias  
Das tardes, das manhãs, do meio dia,  
E tendo o seio cheio de censuras.  
Outra é a Affectação que, adoentada,  
Nas faces mostra as rosas dos dezoito,  
Mal profere as palavras, reclinando  
Para um lado a cabeça. Por vaidade  
Desmaia, desfallece, e com tristeza  
Propria dos males seus logo se deita  
Na cama em cima de uma colcha rica,  
Com roupão de doença e de aparato.

Assim as bellas tem enfermidades,  
Que as roupas de dormir sempre renovão.

Girando sem cessar sobre o palacio  
Um constante vapor, nevoas se elevão,  
E com ellas phantasmas singulares,  
Terriveis como os sonhos de eremitas  
Nos sombrios lugares, ou brilhantes  
Como as visões de virgens moribundas:  
Umaz vezes demonios desmarcados,  
Fogos vermelhos, cobras enroscadas,  
Tumulos se abrindo, pallidos spectros:  
Outras vezes porém lagôas de ouro,  
Palacios de crystal, Campos Elysios,  
E alguns anjos em machinas mettidos.  
Vê-se de cada lado muitos corpos,  
Que pela magoa forão transformados.  
O que em bule virou-se levantando  
Um dos seus braços e curvando o outro,  
A aza fôrma este, o bico aquelle.  
Passei aqui tambem uma panella,  
Como de Homero as tripodes andavão.  
Alli suspira um jarro, um pastel falla.  
Da imaginação por grande força.  
Alli parem os homens, e mudadas  
As donzellas em frascos pedem rollas.

Por meio deste bando imaginario  
A salvo passa o gnomo, na mão tendo  
Ramo medicinal de scolopendra,  
E assim falla á senhora desses sitios :  
« Deos te salve rainha rabugenta,  
Mãi da sagacidade feminina,  
Que dos quinze aos cincoenta o sexo reges,  
Que hystericos lhe dás, lhe inspiras estro,  
Que influes em seus temperamentos varios.  
Fazes que umas remedios tomem sempre,  
E que comedias outras mal componhão.  
Fazes que por soberba uma demore  
As visitas que deve, e que uma outra  
Devota vá rezar mesmo enfadada.  
Uma nympha que o teu poder desdenha  
Tem mil outras comsigo sempre alegres.  
Mas se algum dia já pôde o teu gnomo  
Fazer perder a graça a quem a tinha,  
N'um lindo rosto pôr uma borbulha,  
Amarellar as faces das matronas.  
Mudar feições de quem no jogo perde,  
Armar testas com grandes pontas duras,  
Saias amarrotar, remexer camas,  
Causar suspeitas, quando nada houve.  
Desmanchar de uma grave o penteado,  
Um cãozinho de collo pôr doente,

Sem que o possam curar da dona os choros.  
Attende-me — a Belinda o pezar manda,  
Isto só dará magoa a meio mundo.

Primeiro a deosa um pouco descontente  
Parece recusar, mas cede aos rogos.  
Com ambas as mãos ata um grande sacco,  
Como aquelle em que Ulysses tinha os ventos,  
E nelle guarda os gritos das mulheres,  
Altercações, suspiros e soluços,  
E depois enche um frasco de temores  
De tristezas, de pranto e de pezares.  
Alegre o gnomo a dadiva carrega  
As negras azas bate e mansamente  
Já vai subindo á região do dia.

Entre os braços de Tirce a nympha encontra,  
Desatado o cabelo, os olhos baixos,  
E sobre ambas abrindo o cheio sacco,  
Logo se soltão delle as furias todas.  
N'uma raiva mortal Belinda ardendo,  
A inhumana Tirce atéa as chammas,  
E as mãos estende e grita • Infeliz nympha!  
(Grito que repercute em Hampton todo)  
Era p'ra isto, que com tal cuidado  
Ganchos, pentes e essencias empregavas?



Preso o cabello em duros papelotes  
Que aperta e torce um ferro cruelmente?  
Para isto os trançados supportavas,  
Comprimindo a cabeça delicada,  
E soffrias do chumbo o enorme peso?  
Ha de elle, ó céos, mostrar os teus cabellos?  
Inveja dos tafues, pasmo das damas?  
Não queira a honra, em cujas aras santas  
Deve sacrificar o sexo nosso  
O socego, os prazeres e a virtude!  
Já me parece ver correr teu pranto,  
Ouvir as cousas más que de ti dizem,  
Nas mesas te fazerem brinde infame,  
Teu credito perder-se n'um susurro.  
Como hei de defender a honra tua?  
Sérá vil parecer ser tua amiga.  
E sempre brilhará nas mãos traidoras  
Essa preciosidade inestimavel,  
N'um vidro exposta aos olhos curiosos  
Circulado de pedras radiantes?  
Antes de matto cubrão-se os passeios,  
E volte ao cháos o mar, o ar e a terra,  
E antes morrão já todos os homens,  
Macacos, cães de collo e papagaios.

Disse: e com raiva corre a lord Prismo,

Para rogar-lhe que os cabellos peça.  
Este era seu amante que vaidoso  
Linda caixa mostrando de tabaco,  
E uma rica bengala jaspeada,  
Com uma cara estúpida e redonda  
De olhos fitos na caixa, abre-a primeiro,  
Ouve o caso e prorompe nestes termos :  
« Senhor Barão, qu'è isto? que diabo...  
Apage l.... Leve o demo a tal madeixa....  
Por Deos sede civil, isto já passa....  
Basta de graças, dai-lhe seus cabellos....  
E percorrendo assim bate na caixa.

« Muito sinto, o barão logo replica,  
Que quem falla tão bem falle de balde,  
Mas por esta madeixa, que mais nunca  
Ha de aos outros cabellos ajuntar-se,  
E que jámais terá as mesmas honras  
Que na linda cabeça onde crescêra,  
Por ella, sim, eu juro, enquanto vivo,  
Nesta mão que a ganhou, trazê-la sempre.  
Com soberba assim falla e triumphante  
Mostra a madeixa dantes tão louvada.

Não pára Umbrelq aqui, maligno gnomo,  
O frasco quebra, e soltão-se os pezares.

Logo apparece a linda nympha triste,  
Languidos olhos, debulhada em pranto,  
E tendo sobre o seio palpitante  
A cabeça inclinada, que levanta  
C'um suspiro depois, e assim se explica :  
« Seja amaldiçoado para sempre  
O detestavel dia que arrancou-me  
Meu cabelo melhor, mais estimado.  
Feliz, feliz dez vezes se os meus olhos  
Nunca a côrte de Hampton tivessem visto ;  
Todavia não sou eu a primeira  
Illudida donzella, atraçoada,  
Que soffre males por amor das côrtes.  
Antes sem ter eu sido admirada  
Vivesse n'uma ilha solitaria,  
Ou n'um paiz remoto lá do norte,  
Onde não deixão rastos pelas ruas  
Aureas berlindas, e onde o voltarete  
Ninguem joga, e ninguem o café prova.  
Esconderia alli os meus encantos  
Dos mortaes olhos, como nos desertos,  
As rosas que em botão nascem e morrem.  
Quem me mandou andar com fidalgotes ?  
Era melhor ficar rezando em casa.  
De manhã eu bem tive mãos presagios,  
De minha tremula mão cahio tres vezes

A caixinha dos meus signaes postiços.  
Vi sem vento mover-se a porcelana.  
Mudo esteve o gatinho, o cão raivoso.  
Do fado os ameaços relatou-me  
Um sylpho por visões mysteriosas,  
Que eu agora acredito; mas já tarde.  
Destes cabellos ultrajados vêde  
Os tristes restos que poupára o roubo,  
E que serão por mim mesma arrancados.  
Duas negras madeixas realçavão  
Dantes o meu formoso e niveo collo.  
Só e sem graça agora a companheira  
Vê, na sorte da outra, a que lhe espera.  
Desencrespada agora, e toda solta  
A funesta tesoura só deseja,  
Tentando ainda suas mãos profanas.  
Antes cruel cortasses satisfeito  
Alguns cabellos mais fóra da vista,  
Ou quaesquer outros que não fossem esses.



## CANTO QUINTO

Assim fallou a nympha, e os circumstantes  
Lagrimas derramarão condoidos.  
Porém o fado e Jupiter fecharão  
Do Barão os ouvidos, que debalde  
Com vãs reprehensões Tirce acommette.  
Quem poderá mover, quando não pôde  
A formosa Belinda. O mesmo Eneas  
Tão resolutu nunca se mostrara  
Vendo Anna pedir Dido enraivada.

Clarisse então com graça o leque move,  
E, todos em silencio, assim começa :  
« De que servem louvores á belleza ?  
De que lhe serve ser paixão dos sabios ?  
De que lhe serve ser brinde dos tolos ?  
De que lhe serve estar ataviada  
Com tudo quanto o mar e a terra gerão ?  
Qu'importa que lhe dem o nome d'anjo ?  
E mesmo como tal seja adorada ?  
Qu'importa que, cercando-lhe a berlinda,  
Façam alas tafues de luvas brancas ?

Fação ao camarote cortezias?  
São todos estes bens, ou estes males,  
Cousas vãs, se o juizo não conserva  
Tudo quanto a belleza tem ganhado.  
Digão os homens, quando nós estamos  
Do camarote embelezando a frente,  
Eis no rosto a primeira e na virtude.  
Se alguém levando a noite toda em dansas,  
E só em se vestir gastando o dia,  
Dêsse graça ás bexigas, e podesse  
A velhice de si lançar p'ra longe,  
Ninguem mais s'empregava nos cuidados  
De uma dona de casa, nem queria  
Cá no mundo aprender as cousas d'uso.  
Quem puzesse signaes, quem namorasse,  
E quem pintasse com carmim o rosto,  
Em lugar de peccar ficára santa.  
Mas já que deve a fragil formosura  
Por força decahir, já que as madeixas  
Devem crespas ou não embranquecer-se,  
Já que a dama pintada ou não pintada  
Acaba finalmente, e que, de certo,  
As que os homens desprezão morrem virgens,  
Sendo então tudo assim, que mais nos resta  
Do que bem empregar nossos recursos?  
Tudo embora perdendo conservemos

Sempre mui bom humor, que só consegue  
O que não podem gestos, gritos, ralhos.  
Volve a belleza em vão seus lindos olhos,  
Ella pôde encantar somente a vista,  
Mas o merito é só quem vence as almas.

Assim a dama falla sem applausos.  
Belinda enruga a testa, e d'impostora  
A chama logo a masculina Tirce,  
Que cheia de bravura ás armas grita,  
A combater correndo como um raio.  
Já para a acção dividem-se os partidos,  
Batem-se os leques, fazem bulha as sedas,  
Estallão as flexiveis barbatanas.  
Já dos heróes, e já das heroínas  
Ouvem-se immensos gritos confundidos.  
Vozes de baixo e tiple aos ares sobem.  
De armas vulgares não estão armados.  
Batem-se como Deoses, como elles  
As feridas mortaes não os aterrão.

Como os deoses que Homero poz em guerra  
Por humanas paixões enraivecidos,  
Armando contra Pallas, o deos Marte,  
Batendo-se Mercurio com Latona:  
Altos gritos resôão lá no Olympto.

Brama o trovão de Jove o céu tremendo,  
Solta no mar Neptuno as tempestades,  
Nos profundos abysmos retumbando.  
Abre-se o chão, a terra abala as torres,  
E della surgem pallidos espectros.

Sobre um lustre sentado estava Umbrelo,  
Alegre e triumphante vendo a briga,  
E em pontas de agulhas espetados  
Os outros gnomos assistindo á guerra.

Pelo meio da turba se mettendo  
Enfurecida Tirce, e de seus olhos,  
Lançando a morte em todos que a rodeão,  
Um petimetre morre, e um pedante,  
Um em metaphora, outro em cantoria.  
Cruel nympha, na morte encontro a vida,  
Grita Daperto e cahe sobre a cadeira.  
Lugubre olhar lançando lord Fople ;  
Eis a ultima cousa que profere :  
« Estes teus olhos são tão matadores !  
Sobre as floridas margens do Meandro  
Assim o cysne canta e vai morrendo.  
Mesmo então quando afouto lord Prismo  
Subjugava Clarisse, Cloé entrando  
A testa só enruga, e assim o mata,



E vendo morto o heróe ella sorri-se ;  
Mas seu mesmo sorriso o resuscita.

Suspende Jove agora aurea balança  
Para pesar dos homens o juizo  
E da bella o cabello ; mas incerta,  
Vacillando a balança muito tempo,  
Sóbe por fim a concha do juizo,  
Ficando em baixo a concha do cabello.

Logo avança ao Barão brava Belinda ;  
Sahem dos olhos seus maiores raios,  
E nada teme o desigual combate.  
Elle, apesar das forças masculinas,  
Só querendo morrer sobre a inimiga,  
É derribado por dous dedos della,  
Que um punhado lhe atira de tabaco,  
Mesmo nas ventas quando respiravão.  
Os gnomos dirigirão as particulas  
Do titilante pó, as mais activas.  
De ambos os olhos seus lagrimas saltão,  
Seus espirros retumbão pela sala.  
Encontra agora a morte, assim lhe grita  
Belinda furiosa, e do seu lado  
Tira um grande alfinete p'ra mata-lo ;  
O mesmo que uma antiga personagem,  
Seu bisavô, pregava no seu peito,

E que, morrendo este, a viuva delle  
Mandou, que derretido, fosse feito  
N'uma grande fivella para a saia,  
E depois n'um chocalho e assobio  
Para a avó de Belinda em sua infancia.  
E que outra vez mudado em alfinete  
Muito tempo a mãe trouxe no cabello,  
E traz Belinda agora tendo herdado.

« Da minha quéda não te vanglories,  
Insultante inimiga, o Barão grita,  
Ha de tambem um outro derribar-te.  
Minha alma altiva não abate a morte,  
É somente deixar-te o que me assusta,  
E para assim não ser viver me deixa  
Que arda em chammas d'amor, mas arda vivo.

« Restitue-me a madeixa, ella gritava  
(Da sala o écho repetia o mesmo)  
Nunca bradando tanto o féro Othello  
Pedia o lenço de sens males causa.  
Mas eis como a ambição sempre se frustra!  
Como, perdida a presa, se combate!  
A madeixa que o crime obtivera,  
Que com difficuldade era guardada,  
Debalde é procurada em toda parte.  
Com tal presa mortal nenhum se benze ;

Assim decreta o céu. Ha quem resista?  
Alguns julgáráo que á lunar esfera  
Ella tinha subido, porque as cousas  
Que na terra se perdem lá se guardão,  
Alli em vasos grandes se conservão  
Dos herões o juizo, o dos çasquilhos  
Em estojos ou caixas de tabaco.  
Alli estão nossos votos violados,  
As esmolas que deixão os que morrem,  
Amantes corações presos por fitas,  
As rezas dos doentes, as promessas  
Dos cortezãos, o pranto dos herdeiros,  
Os sorrisos das moças paphianas,  
Gaiólas p'ra mosquitos e pr'a moscas,  
Duras correntes, seccas borboletas,  
E livros proprios só de casuistas.

Acreditai na musa que a madeixa  
Vio ir subindo, bem que só a visse  
Pelos da poesia agudos olhos.  
Como Romulo, que ao céu tendo subido,  
Estando Proculo só, só este o vira,  
E no delgado ar subitamente  
Vio uma estrella, que após si levava  
De cabelo uma cauda radiante.  
Nunca de Berenice as tranças soltas

Tantos raios de luz do céu lançarão.  
Os sylphos vendo seu brilhante curso  
Com gosto a seguem pelo firmamento.

Do publico passeio ha de avista-la  
A gente de bom gosto, que com hymnos  
Ha de saudar os seus propicios raios.  
Hão de toma-la pela mesma Venus  
Os felizes amantes, que do lago  
De Rosamonda enviarão seus votos.  
Breve a verá Patridge no céu liinpo  
Pelos de Galileo opticos vidros,  
E predirá então o brusco egregio  
A morte de Luiz, de Roma a quéda.

Cessa pois de chorar, ó bella nympha,  
Pela madeixa que te foi roubada,  
Que foi mais augmentar da esfera o brilho.  
Essas tranças que dão orgulho ás bellas  
Jamais hão merecido tanta inveja,  
Porque depois que tenham os teus olhos  
Dado morte a milhões, e que tu mesma  
Morras, tambem a pó se reduzindo  
Estes outros cabellos ; ha de a musa  
À fama consagrar tua madeixa,  
Pondo entre os astros de Belinda o nome.

# **HERNANI**

OU

## **A HONRA DOS CASTELHANOS**

**Drama de Victor Hugo**



## PERSONAGENS

**HERNANI.**

**D. CARLOS.**

**D. RUY GOMES DA SILVA.**

**DONA SOL DA SILVA.**

**O REI DA BOHEMIA.**

**O DUQUE DE BAVIERA.**

**O DUQUE DE GOTHA.**

**O BARÃO DE HOHENBURGO.**

**O DUQUE DE LUTZELBURGO.**

**UM PAGEM DE SILVA.**

**D. SANCHO.**

**D. MATHIAS.**

**D. RICARDO.**

**D. GARCIA.**

**D. FRANCISCO.**

**D. JOÃO DE HARO.**

**D. GUSMÃO DE LARA.**

**D. GIL TELLES GIRÃO.**

**UM MONTANHEZ.**

**D. JOSEPHA DUARTE, aia de D. Sol.**

**UMA DAMA.**

**1º CONJURADO.**

**2º CONJURADO.**

**3º CONJURADO.**

Conjurados da liga sacrosanta, Allemães e Hespanhões.  
Montanhezes, Fidalgos, Soldados, Pagens, Povo, etc.

1519.

A scena passa-se em Saragoça no 1º, 2º e 3º actos; nos arredores  
de Saragoça no 3º, e em Aix-la-Chapelle no 4.º



## ACTO PRIMEIRO.

Uma camara de dormir. É noite; uma alampada sobre a mesa.

### SCENA I.

D. JOSEPHA DUARTE, *vestida de preto; seu vestuario é recamado de canotilhos de azeriche, á moda do tempo de Isabel-a-Catholica.* Depois D. CARLOS.

(D. Josepha, só. Fecha os cortinados carmesins da janella e arranja algumas poltronas. Batem a uma pequena porta secreta á esquerda. Ella escuta. Batem segunda vez, e á terceira ella falla.)

D. JOSEPHA.

Será já elle? De certo.

Batem na escada secreta.

Depressa abramos.

(Ella abre a pequena porta secreta. Entra D. Carlos, embuçado n'um capote, com o chapéo sobre os olhos e passa adiante della, que fecha a porta.)

Bem vindo

Sejais, gentil cavalheiro.

(Elle desembuça-se e apresenta-se com um rico vestuario de velludo e seda, á moda castelhana de 1519. Ella o encara bem de perto e recúa.)

Ui! não sois o senhor Hernani!

Acudão!

(Gritando.)

Soccorro! ha fogo!

D. CARLOS, pegando-lhe no braço direito, a retém.

Dize mais duas palavras,  
Que aqui morres....

(Ella o olha fixamente, e aterrada se cala.)

Não é esta

A casa de Dona Sol,  
Contractada para esposa  
Do bom duque de Mendosa,  
Senhor caduco, seu tio,  
Venerando e ciumento ?  
Não ama a bella menina  
Um formoso cavalheiro,  
Que ainda não tem bigodes ?  
E, a despeito de invejosos,  
Não recebe ás noites todas  
O namorado sem barbas  
Ás barbas mesmo do velho ?  
Será isto, ou não, verdade ?...

(D. Josepha cala-se. Elle a sacode pelo braço.)

Oh ! não queres responder ?...

D. JOSEPHA.

Vós mesmo me prohibistes  
De dizer duas palavras.

D. CARLOS.

Quero uma só :—sim ou não.  
Dize, é Dona Sol da Silva  
Tua ama ?



D. JOSEPHA.

Sim ; porque é isso ?

D. CARLOS.

Por nada. Seu velho esposo  
Ausente está ?

D. JOSEPHA.

Sim.

D. CARLOS.

De certo  
Ella espera o moço amante ?

D. JOSEPHA.

Sim.

D. CARLOS.

Que raiva !

D. JOSEPHA.

Sim.

D. CARLOS.

É este  
O lugar onde se encontram ?

D. JOSEPHA.

Sim.

D. CARLOS.

Pois quero que me escondas.

D. JOSEPHA.

Quem ?

D. CARLOS.

A mim.

D. JOSEPHA.

P'ra que ?

D. CARLOS.

P'ra nada.

D. JOSEPHA.

Esconder-vos ?

D. CARLOS.

Aqui.

D. JOSEPHA.

Nunca.

D. CARLOS, *tirando da cinta um punhal e uma bolsa.*

Escolhe o punhal ou bolsa.

D. JOSEPHA, *aceitando a bolsa.*

Sois o diabo !

D. CARLOS.

Sou mesmo.

D. JOSEPHA, *abrindo um armario estreito na parede.*

Entrai aqui neste armario.

D. CARLOS, *examinando o armario.*

Neste caixão !

D. JOSEPHA, *tornando a fechar.*

Não ha outro.

Se o não quereis podeis ir-vos.

D. CARLOS, *tornando a abrir o armario.*

Guardas aqui, feiticeira,  
O teu cabo de vassoura,  
Em que montada costumás  
Ir fallar com Satanaz ?

(Entra no armario.)

D. JOSEPHA, *unindo as mãos como escandalizada e admirada.*

Um homem aqui !

D. CARLOS, *de dentro do armario, que ficou aberto, com ironia.*

Tua ama  
Uma mulher esperava,  
Não é assim ?

D. JOSEPHA.

Sinto passos  
De Dona Sol.... Senhor meu,  
Fechai depressa esta porta.

(Ella empurra a porta do armario, que D. Carlos fecha por dentro.)

D. CARLOS, *do interior do armario.*

Se fallas, mulher, tu morres !

D. JOSEPHA, *só.*

Jesus meu Deos ! que homem este !  
Se eu grito, ninguem me acode :  
Afôra minha ama e eu,  
Todos dormem nesta casa.  
Não tarda o outro ; traz sempre  
Sua espada. Lá se avenhão,

Que eu ao céu somente peço  
Livre a nossa alma do inferno.

(Tomando o peso á bolsa.)

Ladrão não é, será tudo.

(Entra D. Sol vestida de branco. D. Josepha esconde a bolsa.)

## SCENA II.

OS MESMOS, D. SOL. DEPOIS HERNANI.

D. SOL.

Josepha !

D. JOSEPHA.

Senhora !

D. SOL.

Eu temo

Que houvesse alguma desgraça.

Já devêra ter chegado

Hernani....

(Ouve-se bulha de pisadas.)

É elle que sobe.

Abre já antes que bata.

(D. Josepha abre a pequena porta. Entra Hernani com um grande capote e chapéo desabado. Por baixo do capote um vestuario cinzento de montanhez do Aragoão, com uma couraça de couro, uma espada, um punhal e uma bozina de chifre á cintura.)

D. SOL, *continuando.*

Hernani !

HERNANI.

Querida amiga !

Emfim te vejo e te escuto !  
Porque tão longe da tua  
Poz a sorte a minha vida ?  
Para esquecer-me do mundo  
Não preciso mais que ver-te.

D. SOL., *apalpando-lhe os vestidos.*

Jesus ! Hernani, a tua capa  
Como está toda molhada !  
Chove muito ?

HERNANI.

Nem sei mesmo.

D. SOL.

Deves ter frio....

HERNANI.

Não sinto.

D. SOL.

Larga esta capa.

HERNANI.

O' querida

Dona Sol, dize-me, quando  
Durante a noite tranquilla  
Dormes innocente e pura,  
E que um meigo somno entr'abre  
Tua boca e cerra teus olhos,  
Não ouves dizer-te um anjo  
Quanto és benevola e terna  
Para um infeliz, que todos  
Abandonão e desprezão ?

D. SOL.

Meu amor, muito tardaste...  
Mas dize, não sentes frio?

HERNANI.

Junto a ti ardo, meu bem.  
Quando nas nossas cabeças  
Ferve amor, ferve o ciúme,  
Quando horrível tempestade  
Nossos corações agita,  
O que são chuvas e raios,  
Que uma nuvem passageira  
Do ar sobre nós despeja?

D. SOL., *tirando-lhe o capote, e estendendo-lhe a mão para receber a espada.*

Larga pois a capa e a espada....

HERNANI, *pondo a mão na espada.*

Não largo esta, é minha amiga,  
Fiel qual tu. e innocente.  
Dona Sol, o velho duque,  
Teu tio e futuro esposo,  
Ausente está do palacio?

D. SOL.

E nossa toda esta hora.

HERNANI.

Somente uma hora, meu anjo!...  
E depois olvido ou morte?  
Ter contigo uma só hora

Quem contigo desejára  
Ter a vida e a eternidade !

D. SOL.

Hernani !...

HERNANI, *com amargura.*

Sou venturoso  
Só quando o duque se ausenta ;  
Então, qual ladrão tremendo,  
Fôrço a porta, entro apressado,  
E, n'uma hora fugitiva,  
Apenas te vejo e te ouço.  
Inda assim sou bem ditoso !...  
Alguem de certo me odeia,  
Porque lhe roubo uma hora,  
Quando elle me rouba a vida.

D. SOL.

Socega.... Josepha leva  
(Entregando-lhe o capote.)

Para enxugar seu capote.  
(D. Josepha sahe, e D. Sol, assentando-se e fazendo  
signal a Hernani que se chegue.)

Vem p'ra aqui.

HERNANI, *sem ouvi-la.*

Então o duque  
Está do castello ausente ?

D. SOL, *sorrindo-se.*

Como és formoso !

HERNANI.

Elle ausente !

D. SOL.

Não pensemos mais no duque.

HERNANI.

Não pensar nelle, senhora ?  
No velho que tanto te ama !  
Não vai elle desposar-te ?  
Não deu te ha dias um beijo ?...  
Como queres que eu não pense ?

D. SOL, *sorrindo-se.*

Por isso tu te exasperas ?  
Beijo de um tio na fronte  
Como de um pai em sua filha !

HERNANI.

Não, não, de amante, de esposo  
Que respira amor e zelos !  
Não pensas que has de ser delle ?...  
Velho insensato que, a fronte  
Inclinando, só procura  
Chegar ao fim da jornada,  
E p'ra isso necessita  
Tomar mulher, escolhendo,  
Gelado espectro ! uma joven....  
Velho insensato, não sabe  
Que, enquanto uma mão te entrega  
Para firmar seu consorcio,



Co'a outra a morte desposa,  
E assim nosso amor perturba ?  
Antes, ó velho, ao coveiro  
Teu sepulchro encommendasses !  
Quem faz este casamento?...  
Quero suppôr que te obrigão.

D. SOL.

Dizem que o rei o exige.

HERNANI.

O rei ! O rei ! N'um patibulo  
Meu pai morreu condemnado  
Pelo seu ... Ha já bem annos !...  
Mas cada vez minha raiva  
Mais se accende contra os manes  
Do rei morto, contra o filho,  
Contra a viuva e contra os seus.  
Inda criança jurei  
Vingar meu pai em seu filho.  
Por toda a parte busquei-te  
O' Carlos, rei de Castella !  
Um rancor eterno anima  
As nossas duas familias.  
Sem remorsos, sem piedade,  
Os pais lutarão trinta annos ;  
Ambos morrerão, que importa ?  
Vivem os filhos e o odio ;  
Continúa a mesma luta.  
Ah ! foste tu que exigiste

Este hymeneu execravel?...  
Melhor : eu te procurava,  
Tu vens mesmo ao meu encontro.

D. SOL.

Tu me alerras !

HERNANI.

Aterrado

Devo eu estar, que incumbido  
Sou de uma missão de anathema....  
Porém escuta : é esse homem,  
A quem joven te destinão,  
Teu tio, D. Ruy da Silva,  
Velho duque de Mendosa,  
Rico homem de Aragão,  
Conde e Grande de Castella,  
Que, em falta de juventude,  
Ouro, joias, pedrarias,  
Tantas te trará, que em l rilho,  
No meio de régias frontes,  
A tua fronte sobresaia.  
Nome, pompa, fausto e gloria  
Terás, duqueza, e quem sabe  
Se te invejarão rainhas !...  
Eis com elle o que te espera ;  
Mas eu sou pobre, e na infancia,  
Só tive os bosques por onde  
Com pé descalço fugia.  
Talvez que brazões illustres

Tenha, que, hoje deslustrados,  
Manchas de sangue enferrujão.  
Fóros tenho, em sombra envoltos ;  
Cobertos por mortuario  
Negro panno de patibulo,  
E que um dia, se illudida  
Não fôr a minha esperança,  
Juntos com a minha espada  
Desta bainha inda saião.  
Entretanto um céo zeloso  
Só me deu ar, luz e agua,  
Que a todos prodigalisa...  
Do duque ou de mim te livra,  
Entre os dous escolher deves:  
Ou desposa-lo ou seguir-me.

D. SOL.

Ah! eu te sigo.

HERNANI.

Entre os rudes

Meus companheiros proscriptos,  
Cujos nomes já de ha muito  
Do carrasco estão na lista l...  
Que tem corações e espadas  
Que nada ha que embotar possa,  
Tendo todos que vingar  
Algum sangue derramado. ..  
Commandarás, como chamão,  
Minha quadrilha ; pois sabe  
Que não sou mais que um bandido.

Quando todas as Hespanhas  
Me perseguião. .. nos bosques,  
Nas suas altas montanhas  
E rochedos onde apenas  
Os olhos da aguia dominão,  
Só a velha Catalunha  
Como mãe me ha recebido.  
Foi entre os seus montanhezes,  
Livres, rigidos e pobres,  
Que eu cresci. Se amanhã mesmo  
Troar nas suas montanhas  
Da minha buzina o écho,  
Virão tres mil de seus bravos....  
Tu te arripias?... Reflecte  
Que has de acompanhar-me ás selvas,  
Montes e praias, vivendo  
Entre homens que só igualão  
Demonios que vês em sonhos.  
Desconfiarás de tudo,  
De olhos, vozes, passos, ruidos ;  
Beberás agua na fonte,  
E sobre a relva estendida  
Dormirás. e se estiveres  
N'alta noite amamentando  
O filhinho que acordára,  
Zuniráo a teus ouvidos  
Balas de mosquetaria.  
Comigo errante e proscripta,  
Terás talvez de seguir-me  
Té onde eu deva seguir

A meu pai, — ao cadafalso !

D. SOL.

Eu te sigo.

HERNANI.

O duque é rico,  
Grande, feliz, poderoso,  
De seu pai o nome é illeso.  
Com sua mão elle te offrece  
Thesouros, tit'los, venturas.

D. SOL.

Amanhã nós partiremos.  
Não estranhes minha audacia,  
Hernani, pois nem sei mesmo  
Se és meu anjo ou meu demonio ;  
Só sei que sou tua escrava :  
Parte ou fica, eis-me a teu lado.  
Desejo só te estar vendo ;  
Nunca estou farta de olhar-te.  
Quando me deixas, que cesso  
De ouvir as tuas pisadas,  
Meu coração não palpita.  
Se me faltas, me parece  
Que de mim mesma me ausento ;  
Mas dêz que sinto teus passos,  
Logó me lembro que existo,  
E me vem voltando a vida.

HERNANI.

O' meu anjo !

D. SOL.

À meia noite,  
Amanhã, põe a tua gente  
Ao pé da minha janella ;  
Ver-me-has decidida e afoita :  
Não tens mais que dar tres palmas.

HERNANI.

Mas sabes bem quem eu sou?

D. SOL.

Que me importa? Eu te acompanho.

HERNANI.

Não, não debes sem que saibas,  
Fracas mulher, qual o nome,  
Jerarchia, alma, e destino  
Do teu montanhez Hernani.  
Como um salteador me amavas ;  
Me amarás, sendo banido ?

D. CARLOS, *abrindo com bulha a porta do armario.*

Quando quereis acabar  
De contar a vossa historia?  
Julgais que se possa a gosto  
Neste armario estar fechado?

(Hernani recua espantado. D. Sol solta um grito e refugia-se em seus braços, fixando em D Carlos um olhar espavorido.)

HERNANI, *com a mão no punho da espada.*

Quem é este homem ?

D. SOL.

Soccorro !

HERNANI.

Com teus gritos, Dona Sol,  
Não despertes os que dormem.  
Quando comigo estiveres,  
Haja o que houver, não reclames  
Outro auxilio que não meu.

(A D. Carlos.)

Senhor, o que alli fazieis ?

D. CARLOS.

Pelo que vês, a cavallo  
Não ando por entre bosques.

HERNANI.

Quem zomba depois da affronta,  
Expõe-se a que seus herdeiros  
Tambem zombem da sua morte.

D. CARLOS

Cada um de nós tem seu fito.  
Fallemos claro. Tu gostas  
Desta dama de olhos negros  
Que vens vêr todas as noites.  
Até ahi nada ha de novo ;  
Eu tambem amo a senhora,  
E conhecer desejava  
Quem era que tantas vezes  
Vi entrar pela janella,  
Emquanto eu ficava á porta.

HERNANI.

Talvez vos faça sahir  
Por onde costume a entrar.

D. CARLOS.

Veremos isso.... Senhora,  
O meu amor lhe offereço.  
Se permite, partilhemos,  
Pois tanto amor e bondade,  
Tantos ternos sentimentos,  
A sua boca ha proferido,  
Que tem de certo a senhora  
De sobra p'ra dous amantes.  
Querendo pois esta noite  
Executar o meu plano,  
Entrando aqui por surpresa  
Ser o senhor me julgárão ;  
E, para nada occultar-lhes,  
Escondi-me e puz-me á escuta ;  
Mas ouvi mal, suffocado,  
E amarrotei meus vestidos,  
Té que saíu, e emfim respiro.

HERNANI.

A minha espada tambem  
Quer sahir....

D. CARLOS.

Como aprouver-lhe.

*HERNANI, desembainhando a espada. D. Carlos faz o mesmo.*

Defende-te !



D. SOL, *mettendo-se entre elles.*

Hernani! O' céos!

D. CARLOS.

Tranquillise-se a senhora.

HERNANI.

Dize o teu nome.

D. CARLOS.

O teu dize.

HERNANI.

É segredo que por ora  
Guardo, e que será funesto  
Áquelle que ha de por terra  
Sentir do meu corpo o peso,  
Nos ouvidos o meu nome,  
No coração minha espada!

D. CARLOS.

Qual é o nome desse outro?

HERNANI.

Que te importa?... Eia, defende-te!

(Cruzão as espadas. D. Sol tremendo cahe sobre uma poltrona. Ouve-se bater á porta.)

D. SOL, *levantando-se assustada.*

O' meu Deos! batem á porta!

(Os campeões parão. Entra D. Josepha pela porta falsa.)

HERNANI, *a D. Josepha.*

Quem bate?

D. JOSEPHA.

Senhora, o duque  
Sem ser esperado chega.

D. SOL.

O duque!... Oh! quão desgraçada  
Sou eu!... Tudo está perdido!

D. JOSEPHA, *lançando os olhos em derredor.*

Que vejo! o desconhecido!  
Com espadas se batião!...  
Oh! que bonito espectáculo!

(Os dous combatentes embainhão as espadas. D. Carlos  
embuça-se no seu capote e põe o chapéo sobre os  
olhos. Batem de novo á porta.)

HERNANI.

Que havemos fazer agora?

UMA VOZ, *dentro.*

Dona Sol, abri.

(D. Josepha dá um passo para ir abrir a porta.)

HERNANI, *a D. Josepha.*

Não abras.

D. JOSEPHA, *tirando da algibeira um rosario.*

Deste embaraço livrai-nos,  
Meu bom senhor São-Thiago!

(Batem outra vez.)

HERNANI, *mostrando o armario a D. Carlos.*

Toca a esconder.

D. CARLOS.

Neste armario?

HERNANI.

Entremos, que ambos cabemos.

D. CARLOS.

Agradeço ; é de mais largo.

HERNANI, *mostrando a porta falsa.*

Então por alli fujamos.

D. CARLOS.

Boa noite ; eu aqui fico.

HERNANI.

Por minha cabeça e sangue,  
Juro que me has de pagar.

(A D. Sol.)

Entrincheiremos a entrada.

D. CARLOS, *a D. Josepha.*

Abre a porta.

HERNANI.

O que diz elle ?

D. CARLOS, *a D. Josepha, que não sabe o que faça.*

Abre, eu te ordeno.

(Continuão a bater. D. Josepha, tremendo, vai abrir.)

D. SOL.

Ai que morro !

SCENA III.

OS MESMOS, D. RUY GOMES, CRIADOS, com torchas accensas.

D. RUY, vestido de preto, barba e cabellos brancos, tendo ao pescoço o Tosão de Ouro.

Homens aqui de noite a estas horas!  
Venhão todos com luzes, saibão todos  
Agora somos tres. Por S. João de Avila,  
Creio que ha dous de mais neste aposento.  
O que fazeis aqui, meus cavalheiros ?  
Quando Cid e Bernardo, esses gigantes  
Do mundo e das Hespanhas, viajavão  
Por Castella, as donzellas protegião  
E os anciãos honravão. Homens fortes,  
A quem pesavão menos o aço e o ferro  
Do que vos pesão sedas e velludos,  
A encanecida barba respeitavão ;  
Seu amor se prostrava ante os altares ;  
Nunca trahião, tendo só por fito  
Guardar nas casas suas nome honroso.  
Se querião mulher, ião busca-la  
Perante todos, sem vileza, ás claras,  
Ou de espada na mão ou lança em riste.  
Mas esses que, forjando infames planos,  
Só pela noite esperão p'ra roubarem  
Aos maridos a honra das esposas,  
Seguro estou que Cid, o nosso avoengo,  
Tendo-os por vis, poria-os de joelhos,

E co'as costas da espada quebraria  
Seus brazões, degradando-os da nobreza.  
Isso farião elles ! Com que nojo  
Comparo os homens d'antes aos de agora !...  
Ao que haveis vindo aqui ? Quereis que digão  
Que este velho é ludibrio de rapazes ?  
Que zombem do soldado de Zamora ?  
Que por onde eu passar todos se rião  
De minhas cãas?... Vós não rireis ao menos.

HERNANI.

Senhor duque !...

D. RUY.

Silencio ! Espada tendes,  
Lança, punhal, falcões ; tendes matilha ;  
Pennachos no chapéo, gibões de seda.  
Já fastio vos causão as folganças,  
Caças, bailes, saraus, torneios, jogos,  
Serenatas por baixo das janellas,  
Mocidade e prazer ? Como crianças,  
Um brinquedo vos falta, e a todo o custo  
O buscais, crendo acha-lo neste velho ?...  
Ah ! vós mesmos quebrastes o brinquedo !...

HERNANI.

Vossa Excellencia....

D. RUY.

Quem fallar inda ousa,  
Quando eu silencio imponho ? !

HERNANI.

Senhor duque !...

D. RUY.

Cavalheiros, segui-me! O caso é serio.  
Um thesouro aqui tenho.... é de uma joven,  
De uma mulher, de uma familia a honra!  
Amo essa joven, que é minha sobrinha;  
Breve havemos trocar anneis de nupcias.  
Casta e pura eu a julgo, e que p'ra todos  
Sagrada deve ser. Mas, quando eu devo  
Sahir de casa só por uma hora,  
Eu, Ruy Gomes da Silva, não o posso  
Sem que nestes meus lares se introduza  
Um ladrão de honra alheia! Eis vosso gosto....  
Arredai-vos, mancebos!... Que bastardo  
Não córaria havendo praticado  
A desleal acção que heis praticado!...  
Prosegui! uma cousa inda vos resta.

(Arranca o collar do Tosão d' Ouro.)

Pisai, calcai aos pés meu Tosão de Ouro,

(Atira o collar ao chão.)

Minhas cãas aviltai, vinde arranca-las!  
E podeis amanhã pela cidade  
Jactar-vos de que nunca outros devassos,  
Com insolencia tanta, envilecêrão  
Cabellos brancos em tão nobre frente!

D. SOL.

Meu senhor!

D. RUY.

Escudeiros! escudeiros!

Meu punhal, minha adaga de Toledo!

(Aos dous desconhecidos.)

E vós ambos, segui-me !...

D. CARLOS, dando um passo adiante.

Não é disso

Que vim tratar, ó duque; é sim da morte

De Maximiliano, de Allemanha

Imperador !

(Lança de si o capote e descobre o rosto escondido pelo chapéo.)

D. RUY.

Acaso estais zombando !...

Que vejo ? o rei !

D. SOL.

O rei !

HERNANI, com olhos scintillantes.

O rei de Hespanha !

D. CARLOS, com gravidade.

Sim, sou Carlos. O' duque, estás demente ?

O meu avô imperador morrendo,

Só o soube esta noite, e vim depressa

Contar a meu leal amado subdito

Este successo, e consultar com elle.

Vim de noite, é verdade, e vim incognito.

Por um caso tão simples tanto estrondo !

(D. Ruy acena á sua gente que se retire, e examina D. Carlos, a quem D. Sol olha com temor e surpresa, e sobre o qual Hernani fixa olhos de fogo, immovel em um canto da sala.)

D. RUY.

Tanta demora em vir abrir-se a porta!

D. CARLOS.

Boa razão ! De escolta acompanhado ,  
Querias que eu dissesse ante teus servos  
Que segredo de Estado aqui me trouxe ?

D. RUY.

Vossa Alteza perdôe.... as apparencias..

D. CARLOS.

Governador eu fiz te da Figueira :  
Quem devo nomear p'ra governar-te?

D. RUY.

Perdão!

D. CARLOS.

Basta ; mais nisso não se falle.  
O imperador morreu.

D. RUY.

Então é morto,

Senhor, o vosso avô ?

D. CARLOS.

De que tristeza

Trespasado me vês !

D. RUY.

Quem lhe succede?

D. CARLOS.

Tem pretensões um duque da Saxonia ;



E Francisco Primeiro, rei de França,  
É um dos concurrentes.

D. RUY.

E onde dizem  
Se reúnem do imperio os eleitores ?

D. CARLOS.

Creio escolherão Aix-la-Chapelle,  
Spira ou Francfort.

D. RUY.

Nosso monarcha,  
A quem Deos guarde, não terá pensado  
No imperio ?

D. CARLOS.

Sempre.

D. RUY.

A vós é que pertence.

D. CARLOS.

Bem sei.

D. RUY.

Foi vosso pai d'Austria archiduque,  
E os eleitores hão de recordar-se  
Que fôra vosso avô esse que a purpura  
Acaba de trocar pela mortalha.

D. CARLOS.

Sou de Gand cidadão.

D. RUY.

Quando fui moço,  
Vi vosso avô.... Já todos desse seculo  
Tem morrido, e só eu lhes sobrevivo,  
Imperador foi grande e poderoso.

D. CARLOS.

Tenho Roma por mim.

D. RUY.

Firme e valente,  
Porém nunca tyranno. Foi cabeça  
Digna do velho corpo da Germania.

D. CARLOS.

É Francisco Primeiro um ambicioso.  
Não tem elle sua França christianissima?  
Para logo do imperio namorar-se,  
Apenas morre o imperador?... Devia  
Só guardar o que é seu, quinhão famoso!  
Já meu avô ao rei Luiz dizia  
Que, se elle fosse Deos, e se dous filhos  
Chegasse a ter, havia do mais velho  
Fazer Deos, do segundo rei de França.  
Crês que possa esperanças ter Francisco?

D. RUY.

E um triumphador!

D. CARLOS.

Fôra preciso

Mudar tudo, porquanto a bulla de ouro  
Prohibe que se eleja um estrangeiro.

D. RUY.

Neste caso, tambem sois rei de Hespanha.

D. CARLOS.

Mas cidadão de Gand.

D. RUY.

Muito elevou-se  
Na ultima campanha o rei Francisco.

D. CARLOS.

A aguia que luzir sobre o meu elmo  
Poderá despregar tambem as azas.

D. RUY.

Sabeis latim, senhor?

D. CARLOS.

Mal.

D. RUY.

Muito sinto,  
Porque a nobreza da Allemanha gosta  
Que lhe fallem latim.

D. CARLOS.

Pois se contentem  
Com altivo hespanhol. Mui pouco importa  
Qual seja a lingua ; o ponto é fallar alto.  
P'ra Flandres parto. Imperador, bom Silva,  
Verás voltar teu rei. Esse da França

Ha de ir já revolver o céu e a terra :  
Cumpre apressar-me e chegar antes d'elle.

D. RUY.

Vossa Alteza nos deixa antes que expurgue  
Aragão dos rebeldes que, altanados,  
Infestão as montanhas ?

D. CARLOS.

Ordens deixo  
Ao duque d'Arcos para exterminá-los.

D. RUY.

E ao chefe que os commanda ordens deixastes  
P'ra consentir que o duque os extermine ?

D. CARLOS.

E quem é esse chefe? Qual seu nome ?

D. RUY.

Não sei; mas dizem todos que é temivel.

D. CARLOS.

Qual !... Na Galliza agora acha-se occulto ;  
Com qualquer pouca tropa o agarraremos.

D. RUY.

Perto o davão daqui.... Então é falso ?

D. CARLOS.

Falso !... Eu quero esta noite que me hospedes.

D. RUY, *fazendo uma reverencia até ao chão.*

Tanta honra agradeço a Vossa Alteza.

(Chamando os criados.)

**Prestai as honras a meu régio hospede.**

(Os criados entram com tochas acesas. O duque os dispõe em duas alas até á porta do fundo. Entretanto D. Sol chega-se devagar para junto de Hernani. O rei os observa e escuta.)

D. SOL, *baixo a Hernani.*

**Amanhã á meia noite,  
Junto da minha janella,  
Sem falta, batei tres palmas.**

HERNANI, *baixo.*

**Sim, amanhã.**

D. CARLOS, *á parte.*

**Amanhã.**

(Alto a D. Sol, para a qual se dirige com galanteio.)

**Se quereis entrar, senhora,  
Meu braço acceitar dignai-vos.**

(Dá-lhe a mão e a conduz até á porta. Ella sahe.)

HERNANI, *com a mão no cabo do punhal.*

**Bom punhal !**

D. CARLOS, *á parte, voltando.*

**Que feições que tem este homem !...**

(Levando Hernani para um lado.)

**Medindo com a tua a minha espada,  
Muita honra te fiz. Mil razões tenho  
P'ra de ti suspeitar ; mas o rei Carlos,  
Sempre opposto a traições, até se digna  
Tua fuga proteger. Sahir tu podes.**

D. RUY, *chegando-se e apontando para Hernani.*

Quem é este senhor ?

D. CARLOS.

Elle já vai-se :

É um homem que veio no meu sequito.

(O duque e o rei sahem seguidos pelos criados.  
O duque vai adiante de D. Carlos com uma tocha  
na mão. Fica só Hernani.)

#### SCENA IV.

HERNANI, só.

Sim, ó rei, sou do teu sequito !  
Noite e dia eu te acompanho,  
Sempre de punhal armado,  
Os teus passos observando.  
Minha raça em mim persegue  
A tua em ti. Rivaes hoje  
Somos um do outro. Inda ha pouco  
Entre odio e amor fluctuava ;  
Eu suppunha que em meu peito  
Não podião caber juntos  
Odio a ti, amor a ella.  
Eu amava, e me esquecia  
Que te odiava, e tu mesmo  
Vens lembrar-me ! Assim quizeste !  
Pois eu me lembro. Amor antes  
Fazia pender incerta  
A balança que hoje toda

Cahe sob o peso do odio !...  
Sim, do teu sequito sou !  
Foste mesmo quem disseste.  
Nunca baixos cortezãos,  
Mordomos ou outros entes,  
Que, para serem lacaios,  
Se degradão de ser homens,  
Nunca os cães de teu palacio  
Te seguirão mais assiduos.  
E o que de ti pretendem  
Esses Grandes de Castella?...  
Um vão titulo, ninharias,  
Ou um cordeirinho de ouro  
Ao pescoço pendurado !  
Taes graças de ti não quero :  
Loucura é querer tão pouco.  
Quero só tua alma e corpo,  
Quero o sangue das tuas véas,  
Quero tudo quanto possa,  
Furiosa e vencedora,  
A minha adaga arrancar  
Lá do fundo do teu peito.  
Minha vingança acordada  
Anda comigo incessante  
A meus ouvidos fallando.  
Onde fôres me acharás ;  
Meus passos seguem teus passos.  
Sempre que o rosto voltares,  
De dia, nos teus banquetes,

**Me verás sombrio e quêdo ;  
E se volveres de noite  
Teus olhos, verás os meus  
Por detrás de ti luzindo !**  
(Sahe pela pequena porta.)

**FIM DO ACTO PRIMEIRO.**



## ACTO II.

Uma praça aberta. À direita, grandes muros do palacio de Silva, com uma janella de sacada: embaixo da janella, uma portinha. À esquerda, no fundo, casas e ruas. É noite. Vêm-se aqui e alli algumas janellas ainda com luzes.

### SCENA I.

D. CARLOS, D. SANCHO, D. MATHIAS, D. RICARDO, *chegão, vindo D. Carlos na frente. Vem todos embuçados em grandes capotes, por trás levantados em razão das espadas que trazem.*

D. CARLOS, *examinando a portinha e a janella.*

Eis a porta, eis a janella.

(Apontando para a saccada.)

Porém inda não ha luz,  
Havendo por toda a parte  
Aonde eu menos quizera...  
Ferve-me o sangue!

D. SANCHO.

Então vós

A salvo o traidor deixastes?

D. CARLOS.

E verdade.

D. MATHIAS.

E talvez fosse

O caudilho dos bandidos?

•

D. CARLOS.

Ou major, ou capitão,  
Nunca vi rei que tivesse  
Um aspecto mais altivo.

D. SANCHO.

Não sabeis como se chama ?

D. CARLOS, *com os olhos na janella.*

Munoz.... Fernan.... ou um nome  
Que acaba em — i —, como....

D. SANCHO.

Hernani?

D. CARLOS.

Sim.

D. SANCHO.

É elle.

D. MATHIAS.

O chefe Hernani !

D. SANCHO.

Algumas palavras suas  
Em lembrança vos ficirão ?

D. CARLOS, *sempre com os olhos na janella.*

Dentro do maldito armario  
Nada ouvi.

D. SANCHO.

Porque o largastes,  
Quando o tinheis tão seguro ?

•

D. CARLOS, *voltando-se com gravidade e olhando-o em face.*

Então queres arguir-me,  
Tu, conde de Monterey?...  
(Os fidalgos recuão.)

Demais; isso não me importa;  
Só aspiro á sua amada,  
Mas não á sua cabeça.

D. RICARDO.

Porque não a ambas ellas?

D. CARLOS.

Conde, é esta uma lembrança  
Que vos honra! Sem rodeios,  
Chegais logo ao ponto certo.

D. RICARDO.

De que me faz o rei conde?

D. CARLOS.

Foi engano.

D. RICARDO.

Vossa Alteza  
Chamou-me conde.

D. CARLOS.

É bastante:  
Cahio-me o titulo, apanhai-o.

D. RICARDO, *inclinando-se.*

Graças, Senhor!

D. SANCHO, a D. Mathias.

Bello conde !

Conde feito por surpresa !

(D. Carlos passeia com impaciencia até o fundo do theatro, examinando com desassocego as janellas que ainda têm luz. Os outros permanecem no proscenio.)

D. MATHIAS, a D. Sancho.

Que pretende o Rei fazer,  
Se apossar-se da donzella ?

D. SANCHO.

Primeiro a fará condessa,  
E depois dama do paço ;  
E se tiver della um filho,  
O fará Rei.

D. MATHIAS.

Um bastardo !  
Não nascem Reis de condessas.

D. SANCHO.

Então a fará marquezia.

D. MATHIAS.

Para as terras conquistadas  
É que se mandão bastardos  
Servirem de vice-reis.

D. CARLOS, volta e observa com raiva todas as janellas illuminadas.

Parece que de proposito

O ciume nos espreita.

(Em duas janellas apagam-se as luzes.)

Emfim, duas se apagarão.

Quanto me custa esperar!

Quem fará que as horas vôem?

D. SANCHO.

Isto no vosso palacio

Frequentemente dizemos.

D. CARLOS.

É o mesmo que o meu povo

Diz nas vossas antecamaras.

(Apaga-se a luz na ultima janella.)

Eis a ultima apagada!...

(Vira-se para a janella de D. Sol, sempre escura.)

Janella maldita!... Oh! quando

Virás brilhar, Dona Sol,

Qual astro de luz nas trevas?!...

É meia noite?

D. RICARDO.

Não tarda.

D. CARLOS.

Tudo deve terminar-se

Antes que o outro aqui chegue...

(A janella de D. Sol vai-se aclarando. Vê-se sua sombra por entre os vidros.)

Vêde, amigos, uma luz

E sua sombra entre a vidraça!

Nunca a meus olhos raiou

Dia mais bello ! Depressa  
Vou dar-lhe o signal que espera :  
São tres palmas. Vereis logo  
Ella vir ; mas, como pôde  
De tanta gente ter medo,  
Vós todos tres retirai-vos  
Mais p'ra baixo, e lá no escuro  
Occultos ide espia-lo,  
Que entre nós repartiremos  
Os dous amantes. ficando  
Para mim a rapariga,  
E para vós o bandido.

D. RICARDO.

Mil graças!

D. CARLOS.

Assim que chegue,  
Atirai-lhe de um improviso  
Uma estocada ; que, emquanto  
Elle de si der accordo,  
Eu hei de roubar-lhe a amada,  
E então depois nos riremos.  
Não vades porém matar  
Um homem de tal bravura :  
É crime grave o assassinio !

(Os fidalgos inclinão-se e sahem. D. Carlos os deixa  
afastarem-se para longe ; depois bate tres palmas :  
na terceira, abre-se a janella e apparece D. Sol.)

SCENA II.

D. CARLOS, D. SOL.

D. SOL, *na janella.*

És tu, Hernani ?

D. CARLOS, *á parte.*

O' diabo !

Não fallemos.

(Bate novas palmas.)

D. SOL.

Eu já desço.

(Torna a fechar a janella, e a luz desaparece. Um momento depois, abre-se a portinha. D. Sol, com uma lanterna na mão, entr'abre a porta e chama :)

Hernani !

(D. Carlos abaixa o chapéo e avança apressado para ella. D. Sol deixa cahir a lanterna e exclama :)

Não são seus passos !

(Volta-se e vai querendo entrar em casa.)

D. CARLOS, *detendo-a pelo braço.*

Dona Sol !

D. SOL.

Ah ! desgraçada !

Não é sua voz !

D. CARLOS.

Que outras vozes

Queres tu mais amorosas ?...

São de um Rei, são de um amante !

D. SOL.

O Rei !

D. CARLOS.

Imagina e manda !  
Um Reino é teu. Quebrar queres  
A cadêa que te prende  
A teu Monarcha e senhor?  
A D. Carlos, teu captivo?...

D. SOL, *querendo desembaraçar-se de D. Carlos.*

Soccorro, Hernani !

D. CARLOS.

O que temes ?

É um Rei que te segura,  
Não é um salteador.

D. SOL.

O salteador sois vós mesmo,  
Que, sem pejo e sem que ao rosto  
Vos assome algum rubor,  
Vindes á força, e de noite,  
P'ra roubar uma mulher.  
Se os homens todos nascessem  
Onde, por seus sentimentos,  
Nascer devião ; se a alma  
Fizesse Reis ou sicarios.  
A elle coubera o throno,  
O punhal vos pertencêra.

D. CARLOS.

Senhora !...



D. SOL.

Vós esquecestes  
De que meu pai fôra conde?

D. CARLOS.

Hei de fazer-vos duqueza.

D. SOL.

Que vergonha! Retirai-vos ;  
Nada entre nós haver pôde.  
Meu pai por vós derramára  
Sangue em jorros. Eu sou nobre  
E sei zelar o meu nome.  
Sou muito p'ra vossa amante,  
Sou pouco p'ra vossa esposa.

D. CARLOS.

Pois bem, partilha comigo  
Meu nome e throno; vem ser  
Imperatriz ou Rainha.

D. SOL.

Não, não; é isto uma astucia.  
Já que é preciso; fallar-te  
Vou com franqueza. Antes quero  
Viver com Hernani errante,  
Fôra do mundo e da lei,  
Tendo fome, tendo sêde,  
Fugitiva todo o anno,  
E com elle partilhando  
Seu desgraçado destino,

Abandono, guerra, exílio,  
Miseria, terror e luto,  
Do que ser Imperatriz  
Nos braços do Imperador!

D. CARLOS.

Que homem feliz!

D. SOL.

Assim pobre

E proscripto?

D. CARLOS.

Oh! que fortuna

É ser pobre, é ser proscripto  
Para por ti ser amado!  
Um anjo segue os seus passos,  
Emquanto eu vivo isolado...  
Tu me odeias?

D. SOL.

Não vos amo.

D. CARLOS, segurando D. Sol com violencia.

Que me importa?

D. SOL.

Vossa Alteza

É Rei. Não faltão condessas,  
Ou marquezas ou duquezas.  
Ou outras damas da côrte,  
Que, p'ra seu amor vos darem,  
Só por vosso aceno esperão.  
Quanto ao meu pobre proscripto,

O que deu-lhe o céo avaro?...  
Vós tendes grandes dominios,  
Castella, Aragão, Navarra,  
Murcia, Leão, Flandres, India,  
Mais dez reinos, minas de ouro,  
Vasto Imperio onde de todo  
Nunca faz o sol occaso.  
E tendo tanto, inda vindes  
Roubar uma rapariga  
A elle que, neste mundo,  
Só possue o meu affecto ?

D. CARLOS, *pondo-se de joelhos.*

Nada escuto, vem comigo.  
Dou-te, se me acompanhares,  
Quatro das minhas Hespanhas !  
Dize qual queres ; escolhe....

D. SOL, *debatendo-se para saltar-se dos braços de D. Carlos.*

Por minha honra, senhor,  
Nada mais de vós exijo  
Que este punhal.

(Arranca-lhe da cintura o punhal. Elle larga-a e recúa.)

Dai um passo !...

D. CARLOS.

Já espantar-me não devo  
Que esta bella ame um rebelde.

(Quer avançar para ella ; ella alça o punhal.)

D. SOL.

**Se avançaís, ambos morremos.**

(D. Carlos recua. Ella volta e grita :)

**Hernani ! Hernani !**

D. CARLOS.

**Emmudece !.**

*D. SOL, com o punhal alçado.*

**Um só passo, e tudo acaba !**

D. CARLOS.

**Vê, ó senhora, a que extremo**

**Reduzes minha brandura.**

**Repara que alli tres homens**

**Tenho p'ra levar-te á força.**

### SCENA III.

OS MESMOS, E HERNANI, APPARECENDO DE REPENTE POR TRÁS DE D. CARLOS.

HERNANI.

**De um vos haveis esquecido !...**

(O Rei volta-se e vê Hernani immovel atrás delle, no escuro, com os braços encurzados debaixo do capote em que está embuçado, e com a larga aba de seu chapéo levantada. D. Sol dá um grito, corre para elle e o aperta nos braços. Hernani, sempre immovel, fita no Rei olhos scintillantes.)

**Sabe o céo se de bom grado**

**Mais longe te procurava.**

D. SOL.

Hernani, salva-me delle !

HERNANI.

Não te assustes.

D. CARLOS, *chamando*.

Monterey !...

O que faz a minha gente,  
Que deixa passar a salvo  
O caudilho dos rebeldes ?  
Monterey !...

HERNANI.

Os teus amigos

Em poder dos meus cahirão :  
Não reclames o auxilio  
De suas fracas espadas.  
Contigo só tres vierão ;  
Porém eu trouxe sessenta,  
Dos quaes um só bastaria  
Para quatro. Assim, portanto,  
Hoje as nossas desavenças  
Terminar aqui podemos.  
A pôr a mão te atreveste  
Sobre esta pobre donzella.  
Imprudente ! és um cobarde !

D. CARLOS.

Alto lá, senhor bandido !  
Nada mais de exprobrações !

HERNANI.

Zombas? Eu não sou Monarcha ;  
Mas, quando um desses me insulta,  
E junta ao insulto o escarneo,  
Minha colera trasborda  
E me eleva á sua altura.  
Toma cautela ! pois todos  
Sabem já, quando me offendem,  
Que devem ter mais receio  
Do rubor da minha fronte  
Que da viseira dos Reis !...  
És insensato, se ainda  
Te illude alguma esperança.  
Não sabes que mão te aperta?...  
É de um, cujo pai foi morto  
Pelo teu.... Ah ! eu te odeio !  
Bens e tit'los me arrancaste....  
Eu te odeio !!... Agora que ambos  
A mesma mulher amamos,  
Mais te odeio, sim, te odeio,  
Te odeio do fundo da alma !!!...

D. CARLOS.

Senhor !

HERNANI.

Contudo, esta noite  
Tinha cessado o meu odio,  
E só a ella buscava.  
Entretanto aqui te encontro

Preso no laço que armaste.  
Agora pois, freute a frente,  
Não tens soccorro nem fuga :  
'Stás aqui só e cercado  
De inimigos furiosos :  
Que has de fazer ?

D. CARLOS, *com altieiz.*

Tu me argues !

HERNANI.

Não quero que um braço obscuro  
O golpe te descarregue.  
Perder não devo a vingança ;  
Quero eu mesmo dar-te o golpe.  
Defende-te pois !

(Arranca da espada.)

D. CARLOS.

Não pôde  
Entre nós haver duello :  
Sou teu Rei.

HERNANI.

Deves lembrar-te  
Que hontem cruzámos espadas.

D. CARLOS.

Então teu nome ignorava,  
E tu o meu ; porém hoje  
Sei quem és, quem sou tu sabes.

HERNANI.

Embora....

D. CARLOS.

Um duello, nunca ;  
Assassinar-me, sim, podes.

HERNANI.

Crês que haja nomes sagrados  
Para nós?... Põe-te em defesa !

D. CARLOS.

Só podes assassinar-me.

(Hernani recúa. D. Carlos fita nelle olhos de aguia.)

Julgai vós, salteadores,  
Que pelas minhas cidades  
Vossas infames quadrilhas  
Possão espalhar-se impunes,  
Cobertas de sangue e mortes,  
Para depois vos mostrardes  
Generosos cavalheiros ?  
E que nós, por vós trahidos,  
Vamos inda ennobrecer  
Com a nossa a vossa espada ?...  
Sois criminosos, e o crime  
Por toda a parte vos segue....  
Assassina !...

(Hernani, por alguns instantes pensativo e sombrio,  
revolve com a mão o punho de sua espada; depois  
volta-se de repente para o Rei e quebra a lamina  
da sua arma.)



HERNANI.

Vai-te! vai-te!

Melhor encontro teremos!

(O Rei volta-se um pouco para elle, e o olha com  
desdem.)

D. SOL.

Meu Hernani!

D. CARLOS.

Em poucas horas

Serei Rei no meu palacio,

E meu primeiro cuidado

Será mandar que te prendão

Sabes que á tua cabeça

Já se poz preço?

HERNANI.

Bem sei.

D. CARLOS.

Desde hoje, traidor, rebelde

Te julgo, e, por toda a parte

Perseguido, de meus reinos

Serás banido.

HERNANI.

Já fui.

D. CARLOS.

Muito bem.

HERNANI.

Porém a França

Está da Hespanha mui perto.

D. CARLOS.

Imperador da Allemanha  
Breve serci, e do Imperio  
Vou banir-te.

HERNANI.

Como queiras.  
Tenho, p'ra zombar de ti,  
O resto do mundo, aonde  
Acharei mais de um asylo  
Que teu poder desconhece.

D. CARLOS.

E quando meu fôr o mundo ?

HERNANI.

Inda assim, resta-me o tumulo.

D. CARLOS.

Saberei frustrar teus tramas.

HERNANI.

Não duvido, que a vingança,  
Ainda que venha tarde,  
Finalmente sempre chegue.

D. CARLOS, *rindo com desdem*

Que ousadia ter tocado  
Na amada deste bandido !

HERNANI, *com os olhos incendiados.*

Reflecte onde estás. Não venhas,  
Futuro Cesar romano,

Lembrar-me que em meu poder  
Existes fraco e mesquinho,  
E que pôde a minha mão.  
Talvez apertando a tua,  
Esmagar inda no ninho  
A tua aguia imperial !

D. CARLOS.

Faze-o.

HERNANI.

Vai-te ! vai-te ! foge !...

(Tira a sua capa e a põe sobre os hombros do rei)

Toma esta capa, pois temo  
Que os meus amigos te matem.

(O rei cobre-se com a capa.)

Pôdes ir sem susto agora.  
Minha vingança permite  
Ser o teu corpo sagrado  
P'ra todos, menos p'ra mim.

D. CARLOS.

Homem, tu que assim me fallas,  
Não venhas pedir-me um dia,  
Nem perdão, nem misericórdia.

(Sahe.)

#### SCENA IV.

HERNANI, D. SOL.

D. SOL, pegando na mão de Hernani.

Depressa agora fujamos.

HERNANI.

De ti, meu bem, quanto é digna  
Esta firmeza, no cumulo  
Da minha maior desdita!  
Não te arrependes, e queres  
Até ao fim dos meus dias  
Sujeitar-te ao meu destino!  
É nobre, é digno de uma alma  
Toda fiel. Mas bem vêdes,  
O' meu Deos, que é impossivel  
Que, sem pezar, sem remorsos,  
Eu a deixe acompanhar-me.  
Já não é tempo... bem perto  
Eu diviso o cadafalso.

D. SOL.

Que dizes ?

HERNANI.

O rei, que ha pouco  
Em face affrontei, já trata  
De punir-me pela graça,  
Que me viste conceder-lhe.  
Elle foge, e a estas horas  
De certo no seu palacio  
Bradando está por seus guardas,  
Fidalgos, servos e algozes.

D. SOL.

Hernani, eu tremo; apressemos  
Nossa fugida....

HERNANI.

É já tarde.

Quando tu, ó Dona Sol,  
Te revelaste a meus olhos,  
Com benevola ternura  
Condescendendo em amar-me,  
Pude, pobre e miseravel,  
Por teu amor animado,  
Minha montanha offertar-te,  
O meu bosque, a minha fonte,  
Pão de proscripto, e metade  
De um leito de verde relva.  
Mas off'recer-te o patibulo,  
Isso não, meu bem, perdôa!  
O patibulo a mim só cabe.

D. SOL.

Porém tu me prometteste....

HERNANI, *cahindo de joelhos.*

O' meu anjo, quando prestes  
Está o instante da morte;  
Quando em trevas se aproxima  
O mais sombrio desfecho  
Do mais infausto destino;  
Eu proscripto, eu que embalado  
Fui em um berço de sangue,  
Tão negro quanto é o luto,  
Que cobre a minha existencia,  
Agora me reconheço

O homem mais venturoso,  
Digno da inveja de todos,  
Porque por ti sou amado,  
Porque tu mesma m'o dizes,  
Porque tens abençoado  
Minha existencia maldita !

D. SOL.

Deixa seguir-te.

HERNANI.

Ah ! não devo

Cortar uma flôr mimosa.  
Fora um crime. O seu perfume  
Já respirei : é bastante.  
Os dias que espediçado  
Tens por mim , torna a cobra-los.  
Sê desse ancião esposa ;  
Nossos vinc'los se desatem :  
Vou de novo entrar nas trevas.  
Sê feliz, de mim te esquece.

D. SOL.

Não me has de deixar ; eu quero  
Partilhar tua mortalha.  
Acompanharei teus passos.

HERNANI, *ao pé da porta.*

Deixa, meu bem, que eu só fuja.

D. SOL, *em desesperação.*

Assim me foges, Hernani ?...

Insensata ! dei a vida  
A quem assim me repelle !  
E depois de tanto amor  
E tão grandes soffrimentos,  
Não quer que eu tenha a ventura  
De morrer ao lado d'elle !

HERNANI.

Eu sou um ente banido,  
Sou proscripto, sou funesto !

D. SOL.

Es um ingrato !

HERNANI.

Pois fico.

Tu queres, não te abandono.  
Vem a meus braços, e enquanto  
Ordenares, não te deixo.  
De tudo nos esqueçamos :  
Sobre esta pedra te assenta.

(Ella senta-se, e elle põe-se a seus pés.)

Com as chammias dos teus olhos,  
Meu bem, os meus incendia.  
Falla e enche esta minha alma  
De transportes.... Não é doce  
Amar um ente que adora  
Prosternado, e a sós com elle  
Estar de amores fallando  
Neste silencio da noite ?...  
Ah ! deixa que no teu seio  
Durma entre sonhos de amor !...

**Dona Sol, ó meu encanto !...**

(Ouvem-se toques de sinos ao longe.)

D. SOL, *levantando-se.*

**Ouves ? Tocão a rebate !**

HERNANI, *sempre de joelhos.*

**Annunção nossas bodas.**

(O toque dos sinos augmenta. Gritos confusos; fochos e luzes nas janellas, na rua e sobre os telhados.)

D. SOL.

**Ergue-te, fuge ! O' meu Deos !**

**Saragoça se illumina !**

HERNANI, *meio erguido.*

**São luzes p'ra nossas nupcias.**

D. SOL.

**Horrendas nupcias de mortos !**

(Retinir de espadas; gritos.)

HERNANI, *recostando-se no banco de pedra.*

**Dona Sol, volta a meus braços....**

UM MONTANHEZ, *entrando, e correndo com a espada na mão.*

**Senhor ! esbirros e alcaides**

**Em enxames se avizinhão !**

D. SOL, *pallida, a Hernani.*

**Bem disseste !**

O MONTANHEZ, *a Hernani.*

**Soccorrei-nos !**



HERNANI.

Prompto estou.

(Gritos confusos dentro:

Morra o bandido!)

HERNANI, *ao montanhez.*

Tua espada!

(A D. Sol.)

Adeos, querida!...

D. SOL.

Fui causa da tua perda!

Para onde vás?... Vem comigo.

(Mostrando-lhe a portinha aberta.)

Fujamos por essa porta.

HERNANI.

Deixar os meus companheiros?

(Continuação os gritos.)

D. SOL.

Partem-me a alma esses gritos.

(Sempre detendo Hernani.)

HERNANI, *abraçando-a.*

Dá-me um beijo.

D. SOL.

Meu Hernani!

Meu esposo!

HERNANI, *beijando-a na testa.*

É o primeiro!

D. SOL.

E talvez ultimo seja!...

(Hernani sahe com o montanhez. D. Sol deixa-se cahir sobre o banco de pedra.)

FIM DO ACTO SEGUNDO.

### ACTO III.

A scena passa-se no castello de Silva, nas montanhas de Aragão. Uma galeria de retratos da familia dos Silvas. Grande sala decorada por esses retratos que estão em ricas molduras, tendo por cima corôas ducaes e escudos de brazões de armas. No fundo, uma alta porta gothica. Entre cada retrato uma panoplia completa. Todas estas armaduras são de diferentes seculos.

#### SCENA I.

D. SOL, *vestida de branco, em pé junto de uma mesa.* D. RUY GOMES, *com ricos trajos, sentado n'uma poltrona ducal.*

D. RUY.

Chegou finalmente o dia  
Em que, daqui a uma hora,  
Serás a minha duqueza :  
Vou acabar de ser tio,  
Começar a ser esposo.  
Porém, já me perdoaste?...  
Fiz-te injustiça, confesso.  
Córaste, empallideceste  
Por eu te haver suspeitado,  
Quando, para condemnar-te,  
Devêra antes ter-te ouvido.  
Quanto enganão apparencias !  
Como injustos nos tornamos !

É verdade que lá estavam  
Os dous galhardos mancebos.  
Acreditei nos meus olhos ;  
Porém que queres, menina,  
Quando se é velho !

D. SOL, *immoval, com gravidade.*

Vós sempre  
Fallais nisso.... Quem vos culpa ?

D. RUY.

Eu... que fiz mal, que devia  
Saber que qualquer menina  
Que tem os teus sentimentos,  
E sangue hespanhol nas vêas,  
Não consente galanteios.

D. SOL.

De certo. é puro o meu sangue ;  
Breve talvez hão de vê-lo.

D. RUY, *levantando-se e dirigindo-se a ella.*

Quem ama assim como eu te amo,  
Sendo um velho, jámais nunca  
Póde ser senhor de si.  
É pois zeloso e maligno :  
E porque?... Ah ! porque é velho.  
Quando em outros vemos graças,  
Formosura e juventude,  
Ameaçados nos cremos,  
Tendo medo e inveja delles,

E de nós mesmos vergonha.  
Será de amor zombaria  
Que nos abraze e embriague,  
Que, nossa alma remoçando,  
De nosso corpo se esqueça?...  
Quando eu vago pensativo  
Nestas tristes alamedas,  
E vejo andar pelo prado  
Um joven pastor cantando,  
Quantas vezes, em voz baixa,  
Digo que tudo trocára,  
Estas torres carcomidas,  
Meu velho ducal castello,  
Minhas seáras e bosques,  
Os meus immensos rebanhos,  
O meu nome e velhos titulos  
E todos os meus avoengos,  
Com quem talvez breve esteja,  
Por sua nova cabana,  
Por sua viçosa fronte ;  
Pois são negros seus cabellos,  
Seus olhos, como os teus, brilhão.  
Vendo, dirás : como é moço,  
Pensando em mim, que sou velho.  
Comtudo, chamo-me Silva ;  
Mas eu sei que isto não basta.  
Vê a que ponto te adoro,  
Que, p'ra ser formoso e joven,  
Como tu és, tudo eu dera !...  
Que delirio! moço e bello,

Eu que devo preceder-te  
De muitos annos ao tumulo !

D. SOL.

Quem sabe ?...

D. RUY.

Comtudo, é certo

Que desses mancebos frivolos  
Todo o amor vai-se em palavras ;  
E que se algumas meninas  
Os acreditão e adorão,  
Se ellas morrem, elles folgão.  
Todos esses passarinhos  
De azas leves matizadas,  
Que tem suaves gorgeios,  
Mudão de amor tantas vezes,  
Quantas mudão de plumagem.  
Mas os velhos, cuja idade  
Extinguio a voz e as côres,  
Tem as azas mais seguras ;  
Menos bellos, são melhores.  
Que importa sejam mais lerdos,  
Tenhão olhos resequidos,  
Tenhão fronte enrugadas ? ..  
No coração não ha rugas. •  
Quando um velho a amor se entrega,  
Devem ter compaixão d'elle.  
O coração sempre é joven ;  
P'ra soffrer sempre tem forças.  
Como esposo e pai eu te amo ;

Amo-te de mil maneiras,  
Assim como se ama a aurora,  
Assim como se amão as flôres,  
Assim como se ama o céu!  
Vendo-te todos os dias,  
Teu porte esbelto observando,  
A tua frente innocente,  
E de teus olhos o brilho,  
A minha alma se extasia  
Em regozijo perenne.

D. SOL.

Oh!

D. RUY.

Tu sabes, além disso,  
Quaes os louvores do mundo,  
Quando um homem decadente  
Está quasi a tropeçar  
Sobre o marmor do sepulchro,  
E que encontra uma mulher,  
Rôla innocente, anjo puro  
Que vela sobre elle, abriga-o  
E supporta paciente  
O velho inutil, que serve  
Só p'ra tributo da morte :  
É de certo um santo esforço  
Digno do maior encomio!  
É sublime o sacrificio  
De um coração que procura  
Consolar um moribundo

Até ao fim de seus dias,  
E, sem que talvez o ame,  
Mostrar amor na apparencia !  
Ah ! tu, sendo a minha esposa,  
Serás esse anjo que possa  
Alegrar um pobre velho,  
Com elle sustendo o peso  
De seus dias derradeiros :  
Minha filha no respeito,  
Minha irmã na piedade.

D. SOL.

Longe de me precederdes,  
Vós podeis acompanhar-me.  
A juventude, senhor,  
Não tem nenhum jus á vida....  
Ah ! muitas vezes os velhos  
Tardão, e os moços se apressão,  
Fechando p'ra sempre os olhos  
De repente, como a lousa  
Cae sobre o sepulchro aberto !

D. RUY.

Oh ! que tristes pensamentos  
N'um dia alegre e festivo !....  
Quasi me estou enfadando.  
Quando a hora se aproxima.  
Nem prompta estás p'ra capella ?  
Vai vestir-te, anda depressa ;  
Fico contando os instantes :  
Põe teus enleites de noiva.

D. SOL.

Tenho tempo.

D. RUY.

Não, menina.

(Dirigindo-se a um pagem que vem entrando.)

Que queres?

PAGEM.

Senhor, á porta

Está um homem, que penso  
Ser peregrino ou mendigo,  
O qual vem pedir pousada.

D. RUY.

Quem quer que seja o estrangeiro,  
Dá-lhe entrada. Assim com elle  
Entre aqui a f'licidade!...  
Que tens ouvido de novo ?  
Então que dizem do chefe  
Dos infieis salteadores  
Que devastão nossos bosques?

PAGEM.

Já derão cabo de Hernani :  
Foi-se o leão da montanha !

D. SOL, *á parte.*

Meu Deos !

D. RUY, *ao pagem.*

O que ?



PAGEM.

Foi extincta

Sua quadrilha. O rei mesmo  
É quem a tem perseguido ;  
E mil escudos off'rece  
Pela cabeça de Hernani ;  
Mas dizem que já foi morto.

D. SOL, *á parte.*

Ah ! sem mim !

D. RUY.

Graças aos céos

Que já foi morto o rebelde !  
Agora folgar podemos.  
Hoje dobrado motivo  
Temos nós de regozijo.  
Vai, meu amor, enfeitar-te.

D. SOL, *á parte.*

Devêra cobrir-me o luto.

(Sahe.)

## SCENA II.

D. RUY, E O PAGEM.

D. RUY.

Vai já dar-lhe o adereço ;  
Quero vê-la preparada  
Como uma santa no altar.

(Senta-se na sua poltrona.)

Seus negros olhos e adornos  
Farão cahir de joelhos  
Qualquer peregrino, vendo-a.  
Já me esquecia... ha um desses  
Que vem pedir-me agasalho.  
Fa-lo entrar, e me desculpa  
P'ra com elle: vai, não tardes.  
(O pagem corteja e sahe.)  
Fazer esperar um hospede !  
É bem máo.

(Abre-se a porta do fundo, e apparece Hernani disfarçado em peregrino. O duque levanta-se.)

### SCENA III.

D. RUY, HERNANI.

HERNANI, *parado na porta.*

Paz e venturas

Sejão comvosco, senhor.

D. RUY, *saudando-o com a mão.*

A ti o mesmo desejo.

(Torna a sentar-se.)

Tu andas de romaria ?

HERNANI.

É verdade.

D. RUY.

E vens de Armillas ?

HERNANI.

Não ; tomei outro caminho :

Por lá fazia-se guerra.

D. RUY.

A quadrilha dos bandidos ?

HERNANI.

Eu ignoro.

D. RUY.

O chefe Hernani,  
Que é feito delle ? Não sabes ?

HERNANI.

Quem é, meu senhor, esse homem ?

D. RUY.

Ah ! não sabes ? Muito perdes.  
Não terás a grande somma  
Que o Rei dá a quem o entregue.  
É um rebelde que ha muito  
Anda impune. Se a Madrid  
Fôres, verás enforca-lo.

HERNANI.

Não vou lá.

D. RUY.

Sua cabeça  
É para todos que a quizerem.

HERNANI, *á parte.*

Quem quizer venha.

D. RUY.

Para onde  
Te encaminhas, peregrino ?

HERNANI.

P'ra Saragoça.

D. RUY.

Algum voto  
Feito em louvor de algum santo ?  
Talvez de Nossa Senhora ?...

HERNANI.

De Nossa Senhora, duque!

D. RUY.

Do Pilar ?

HERNANI.

Sim, do Pilar.

D. RUY.

Não tem alma quem não cumpre  
Os votos que faz aos santos ...  
Mas, depois que isso concluas,  
Não tens tu outro destino?...  
Vêr o Pilar só desejas ?

HERNANI.

Quero vêr Nossa Senhora  
Coberta d'ouro e diamantes,  
No meio das tochas que ardem  
No seu altar radiante.  
Isto vendo, logo volto.

D. RUY.

Muito bem. Como te chamas ?  
Eu sou Ruy Gomes da Silva.

HERNANI.

O meu nome?...

D. RUY.

Se não queres,  
Ninguém te obriga a dizê-lo.  
Vens me pedir agasalho?

HERNANI.

Sim, duque.

D. RUY.

Pois sê bemvindo.  
Não precisas desculpar-te;  
Quanto a teu nome, é bastante  
Que meu hospede te chames.  
Quem sejas saber não quero.  
Se por Deos fosse mandado  
Satanaz, eu recebia-o.

(D. Ruy levanta-se. Abre-se a porta a dous batentes.

D. Sol entra com seus vestidos de noiva. Pagens e criados. Duas damas trazem sobre uma almofada de velludo um cofre de aço lavrado, o qual poem sobre uma mesa, e dentro desse cofre estão um rico adereço, uma corôa de duqueza, braceletes, collar, perolas, brilhantes, etc.)

#### SCENA IV.

D. RUY, HERNANI, D. SOL.

(Hernani assombrado contempla D. Sol com olhos ardentes, sem dar atenção ao duque.)

D. RUY.

É esta a minha santa: se tu queres

Afortunado ser, rende-lhe culto.

(O duque apresenta a mão a D. Sol, sempre pallida e grave.)

Vinde !... Que vejo ! sem anel, sem c'róa !

HERNANI, *com voz de trovão*

Quem quer ganhar já mil escudos d'ouro ?

Sou Hernani !...

D. SOL.

Céos ! vive !

HERNANI, *aos criados.*

Sou esse homem

A quem procurão.

(Ao duque.)

Julgais ser o meu nome

Diogo ou Peres ?... Não ; chamo-me Hernani,

Nome mais bello, nome de um proscripto !

Ouro bastante vale esta cabeça

P'ra com ella pagardes vossa festa !...

(Aos criados.)

A vós todos a dou ; sereis bem pagos !

Ligai-me as mãos e os pés ; vinde busca-la !...

Mas é inutil : ligão-me outros laços

Que eu jámais quebrarei....

D. SOL.

Oh ! desgraçado !

D. RUY.

Que loucura !... Meu hospede está louco !

HERNANI.

Vosso hospede, senhor, é um bandido !

D. SOL, *ao duque.*

Não lhe presteis ouvidos.

D. RUY.

Mil escudos !

É somma de tentar, e eu não respondo  
Por todos os meus servos.

HERNANI.

Que me importa?

Entregai-me !

D. RUY.

Calai-vos.

HERNANI, *aos criados.*

Sou Hernani !

D. SOL, *com voz fraca a seus ouvidos.*

Cala-te.

HERNANI, *voltando-se para D. Sol.*

Aqui ha hoje desposorios!...

Tambem quero casar-me.... A minha esposa  
Me espera.

(Ao duque.)

Menos bella é do que a vossa,  
Mas tão fiel como ella: sim, a morte !...

(Aos criados.)

Nenhum de vós se chega ?

D. SOL.

Por piedade!

HERNANI, *aos criados.*

Amigos, vinde! Mil escudos d'ouro!

D. RUY.

Que demonio!

HERNANI, *a um dos criados.*

Vem tu ganhar tal somma.

Deixarás de ser servo, ficas rico...

(Aos outros criados.)

Vós tremeis todos!... Que desgraça a minha!

D. RUY.

Elles suas cabeças arriscavão,  
Se tocassem na tua. Inda que sejas  
Hernani, ou qualquer outro peor do que elle;  
Ainda que um Imperio se offrecesse,  
Em lugar dessa somma, por tua vida,  
Devo te defender, porque és meu hospede,  
Mesmo do Rei, pois Deos aqui mandou-te.  
Se um só cabello teu tirarem, morro!...

(A D. SOL.)

Minha sobrinha, dentro de uma hora  
Minha esposa serás. Vai p'ra tua camara.  
Vou armar o castello e trancar portas!

(Sahç.)



HERNANI.

Oh! se eu ao menos um punhal tivera!...

(D. Sol, depois de desaparecer o duque, dá alguns passos como para seguir as suas damas; depois pára, e, logo que ellas têm sahido, corre anciosa para Hernani.)

SCENA V.

HERNANI, D. SOL.

(Hernani, immovel, observa com olhar frio o cofre nupcial, que está sobre a mesa. Depois seus olhos se accendem.)

HERNANI.

O vosso bom gosto admiro.

É indizível o encanto

Que me causão estas joias.

(Examinando o cofre.)

São bellas e verdadeiras.

Elle tão perto do tumulo,

Não ousaria enganar-vos...

(Vai tirando uma após outra.)

Collares, brincos, brilhantes!...

De duqueza uma corôa! ..

Nada falta; um annel d'ouro!...

Oh! que precioso cofre!...

Tão firme amor agradeço....

D. SOL, vai ao cofre, remeche-o e tira um punhal.

Porque não chegaste ao fundo?

(Hernani dá um grito e cahe prostrado a seus pés.)

Este punhal acharias

Que eu arranquei ao Rei Carlos,  
Quando me offrecia um throno,  
Que recusei por ti mesmo,  
Que vens agora ultrajar-me !

HERNANI, *de joelhos.*

Consente que de joelhos  
Teu amargo pranto enxugue,  
E corra todo o meu sangue.  
Em vez destas ternas lagrimas.

D. SOL.

Hernani, eu te amo e perdôo.

HERNANI.

Tu me amas e me perdôas !...  
Ah ! quem dera que eu pudesse  
Perdoar minha imprudencia !...  
Eu só quero, anjo celeste,  
Beijar o chão em que pisas.

D. SOL.

E pudeste crer que um outro,  
Cujo amor julgas mais nobre,  
Pudesse entrar neste peito  
Onde gravaste o teu nome ?

HERNANI.

Eu blasphemei. Dona Sol,  
Se eu fôra tu, já cançada  
Estaria deste louco,

Insensato, furioso,  
Que afaga depois que offende.

D. SOL.

Hernani, tu já não me amas !

HERNANI.

És minha alma e coração,  
És o fogo que me abrasa !  
Se eu de ti fujo não deves,  
Ente adorado, accusar-me

D. SOL.

Accusar-te?... Eu morreria !

HERNANI.

Morrer !... Por mim tu morrerás ?

D. SOL, *cahindo chorando n'uma poltrona.*

Por quem mais senão por ti?...

HERNANI, *sentando-se ao lado della.*

Tu choras ? Por minha culpa ?  
E quem ha de castigar-me,  
Se tu sempre me perdôas ?...  
Ah ! não sabes quanto soffro  
Quando uma lagrima encobre  
As chammas destes teus olhos,  
Cujo brilho me deslumbra !...  
Meus companheiros morrerão....  
Ah ! desculpa este insensato  
Que quer amar, mas não sabe.

Não chores, morranys antes.  
Tivesse um mundo, eu t'ó déra  
Mas... se sou tão desgraçado !

D. SOL.

És valente e generoso,  
És meu senhor, eu te adoro.

HERNANI.

Fôra amor um bem supremo,  
Se se morresse de amor !

D. SOL.

Hernani, eu sou toda tua !..

*HERNANI, deixando cahir a cabeça sobre o hombro de D. Sol.*

Quanto me seria doce  
Da tua mão receber  
No peito uma punhalada !

D. SOL., *em tom brando.*

Proferindo taes palavras,  
Não temes que o Céu te puna ?

HERNANI.

Pois bem, se tu queres,  
Una-nos o Céu,  
A quem muito tempo  
Tenho resistido !

*(Ambos, nos braços um do outro, olhão-se com extase, como que nada vendo nem ouvindo. Assim absortos, não sentem a chegada de D. Ruy, que entra e pára petrificado na soleira da porta.)*

SCENA VI.

HERNANI, D. RUY, D. SOL.

D. RUY, *immovel*, com os braços cruzados.

Da hospitalidade é este o pago !

Eis o que vem meu hospede trazer-me !...

(Ambos voltão-se sobresaltados, como acordando de um sonho.)

Vã eu vêr se a muralha está segura,

Trancas nas portas, se ha na torre archeiros,

Correr todo o castello, e uma armadura

Escolher amoldada p'ra meu corpo ;

Com sessenta annos ensaiar batalhas ;

E tudo isso por quem ?... Tudo por elle,

Que com tão boa fé me recompensa !...

Santos do céu ! com mais de sessenta annos,

Tenho visto sicarios peçonhentos ;

Sem dizerem Jesus, morrer vi muitos !

Sforza e Borgia vi, vejo Lutherero ;

Mas nunca vi perversidade tanta,

Que os raios não temesse, a traiçoando

Sacros deveres da hospitalidade !...

Isto não succedia no meu tempo.

Traição tão negra torna em pedra o velho,

Que, nos seus lares esperando a morte,

Mesmo antes que ella chegue, já parece

Uma estatua erigida sobre um tumulo !...

(Olhando para os retratos.)

Mouros e Castelhanos, conhecei-o !...

O' vós todos os Silvas que escutai-me,

Perdoai minha colera, se me atrevo

Perante vós a maldizer um hospede !  
Mas eu me vingarei...

HERNANI.

D. Ruy da Silva!

Se ha nobre fronte, coração magnanimo  
E uma alma generosa, vós os tendes.  
Quem vos falla, senhor, é criminoso,  
Primeiro em confessar que é um malvado.  
Sim, eu tentei roubar-vos vossa esposa,  
E manchar vosso leito. Quanta infamia !  
Mas tenho sangue, vinde derrama-lo ;  
E, depois de limpardes vossa espada,  
Não mais penseis em mim.

D. SOL.

Ah ! não é nelle,  
Sim em mim que cahir devem teus golpes.

HERNANI.

Esperai, Dona Sol : esta hora extrema,  
Que só me resta, deve pertencer-me.  
Deixai-me dar explicações ao duque....  
Senhor ! nestas palavras derradeiras  
De minha boca acreditai : eu juro  
Que a culpa é minha só, que ella está pura.  
Receio não tenhais.

D. SOL.

A culpa é minha !

**Culpada sou eu só de tanto ama-lo!**

(A estas palavras, D. Ruy volta-se tremendo, e fita um olhar terrível em D. Sol, que prosegue de joelhos:)

**Perdoai-me, senhor... Ah! sim, eu amo-o!**

D. RUY.

**Tu o amas?!**...

(A Hernani.)

**Tremei!...**

(Ouvem-se fóra clangores de trombetas. Entra um pagem a quem o duque se dirige.)

**Que bulha é essa?**

PAGEM.

**É o Rei que em pessoa, e acompanhado  
De arautos e de archeiros, bate á porta.**

D. SOL.

**Meu Deus! o rei! É este o golpe extremo!**

PAGEM.

**Já perguntou a causa por que a porta  
Se acha fechada, e manda seja aberta.**

D. RUY.

**Abra-se ao Rei.**

(O pagem inclina-se e sahe.)

D. SOL.

**Agora está perdido!**

(D. Ruy vai para um dos quadros, que é o seu proprio retrato, e que é o ultimo á direita da galeria; aperta uma mola; o retrato abre-se como uma porta, e deixa vêr um escondrijo feito na parede. O duque volta-se para Hernani.)

D. RUY.

Senhor, entrai aqui.

HERNANI.

Minha cabeça é vossa,

Entrega-la podeis ... O' duque, é vossa!

Prompto tendes o vosso prisioneiro!

(Entra no escondrijo. D. Ruy aperta a mola; o quadro toma o seu lugar, e fecha-se o escondrijo.)

D. SOL, *ao duque.*

Tende piedade delle!

PAGEM, *entrando e annunciando.*

Sua Alteza!

(D. Sol abaixa precipitadamente o seu véo, e a porta se abre de par em par. Entra D. Carlos com vestuario de guerra, seguido de uma multidão de cavalleiros igualmente armados, de partasaneiros, alabar-deiros e arcabuzeiros. Avança a passos lentos, com a mão esquerda no punho da espada e a direita no peito, e fita no velho duque um olhar de colera e de desconfiança. O duque vai receber o Rei, e o saudá profundamente. Silencio, expectativa e terror dos circumstantes. Emfim, o Rei, chegando perto do duque, levanta de subito a cabeça.)

## SCENA VII.

D. RUY, D. SOL, D. CARLOS E SUA COMITIVA, ACIMA MENCIONADA.

D. CARLOS.

Porque tens, primo, a tua porta

Hoje tão aferrolhada?...

Julgava que ferrugenta



A tua adaga estivesse,  
E não esperava acha-la  
Na tua mão reluzindo....

(D. Ruy quer fallar; o Rei prosegue com gesto imperioso.)

Queres campar de mancebo?  
E tarde!... Turbantes temos?  
Mahomet ou Boabdil  
Será meu nome, e não Carlos?...  
Porque nos fechaste a porta?  
Porque levantaste a ponte?...  
Responde.

D. RUY.

Senhor....

D. CARLOS, aos seus cavalleiros.

Vão todos

Guardar as portas e as chaves!

(Saem dous officiaes. Alguns outros dispoem os soldados em alas. D. Carlos volta-se para o duque.)

Queres despertar agora  
Rebelliões terminadas?...  
Se estes meus senhores duques  
Fôrem conmigo altanados,  
Mostrarei que sou Monarcha.  
Irei mesmo pelos montes.  
Com minhas mãos aguerridas,  
Destruir seus senhorios  
Nos castellos aninhados.

D. RUY, *com energia.*

Senhor ! são leaes os Silvas !

D. CARLOS, *com colera.*

Responde já sem rodeios,  
Duque, ou tuas onze torres  
Faço arrasar neste instante !  
Do incendio que se extinguiira  
Ficou inda uma centelha.  
Mortos todos os bandidos,  
Resta o chefe. Quem o occulta ?...  
És tu... que neste castello  
O rebelde Hernani abrigas.

D. RUY.

É verdade.

D. CARLOS.

Então exijo  
Ou sua cabeça ou a tua !  
Ouves ?

D. RUY.

Se exigis só isso,  
Breve sereis satisfeito.

(D. Sol esconde a cabeça nas mãos, e cahe sobre uma poltrona.)

D. CARLOS.

Ah ! já queres emendar-tel...  
Vai buscar o prisioneiro.

(O duque cruza os braços, abaixa a cabeça, e fica um momento pensativo. O rei e D. Sol o observão em silencio, agitados de emoções contrarias. Emfim, levanta o duque a cabeça; pega na mão do rei e o

conduz para defronte do mais antigo dos retratos,  
que começa a galeria á direita dos espectadores.)

D. RUY, mostrando o velho retrato.

Escutai. Este é D. Silvio,  
O mais velho, o avô dos Silvas.  
Homem grande: foi tres vezes  
Consul em Roma...

(Movimento de impaciencia de D. Carlos.)

Escutai-me.

Este é Ruy Gomes da Silva,  
Gran-mestre de San-Tiago,  
E tambem de Calatrava.  
O seu arnez de gigante  
Não era p'ra nossos corpos.  
Tomou trezentas bandeiras,  
E ganhou trinta batalhas;  
Derrotou o rei Motril,  
Suez, Nijar, Antiquera  
Morreu pobre... Vossa Alteza  
Deve saudá-lo.

(O duque descobre a cabeça, inclina-se, e passa a  
outro retrato. O rei o escuta com impaciencia e  
colera, que vão crescendo cada vez mais.)

Ao pé d'elle

É João, seu nobre filho,  
O typo da lealdade,  
Que, quando a mão estendia,  
Valião seus juramentos  
Por juramentos de reis.

(Vai a outro retrato.)

Eis D. Gaspar, que fez honra

Aos Mendosas e aos Silvas.  
Todas as nobres familias  
Têm relações com a nossa.  
Nella Sandoval casou-se,  
Depois de tê-la temido.  
De nós tem Mauricio inveja,  
Lara tem de nós ciume,  
Alemcastro nos odêa.  
Nós outros ao mesmo tempo  
Co'os pés tocamos nos duques,  
Com a cabeça nos reis !...  
Eis Vasques, que sessenta annos  
Respeitou a fé jurada...  
(Gesto de impaciencia do rei.)  
Deixo estes outros illustres...  
Esta sagrada cabeça,  
É meu pai. Elle foi grande  
E o que viveu derradeiro.  
Tinhão de Granada os Mouros  
Captivado um seu amigo,  
Conde D. Alvar Girão.  
P'ra ir busca-lo, meu pai  
Tomou seiscentos soldados ;  
Fez uma estatua do conde,  
E, comsigo a conduzindo,  
Jurou que não voltaria  
Sem que visse a petrea estatua  
Ao inimigo dar costas :  
Combateu. salvou o conde.

D. CARLOS, *fóra de si.*

Entrega-me o prisioneiro !

D. RUY.

Eis o que dizem dos Silvas  
Todos que vêm nesta sala  
Tantos heróes retratados.

D. CARLOS, *batendo com o pé.*

Sem demora o prisioneiro !

(O duque inclina-se diante do rei, toma-lhe a mão, e o leva para defronte do ultimo quadro, atrás do qual está Hernani escondido. D. Sol o acompanha com olhos cheios de anxiedade.)

D. RUY.

Este é meu proprio retrato.  
Agradeço a Vossa Alteza,  
Que quer que todos exclamem  
Quando acaso aqui me virem :  
« Eis o digno, o verdadeiro  
« Filho de uma nobre estirpe,  
« Que foi traidor, que vendeu  
« De um seu hospede a cabeça !... »

(O rei afasta-se com colera, permanece um instante em silencio, com os labios tremulos e os olhos chamejantes.)

D. CARLOS.

Derribarei teu castello,  
Já que de obstac'lo me servel

D. RUY.

Vossa Alteza ha de pagar-m'ó.

D. CARLOS.

Arrasarei tuas torres  
Por tanta audacia, fazendo  
Em seu lugar plantar linho.

D. RUY.

É melhor vê-lo crescer  
No lugar das minhas torres,  
Do que uma mancha tiznar  
O velho nome dos Silvas.

(Para os retratos.)

Não é assim? Dizei todos.

D. CARLOS.

Duque, é minha essa cabeça,  
Tu m'a havias promettido.

D. RUY.

Prometti-vos uma ou outra.

(Descobrimdo-se.)

Eu vos dou esta : tomai-a.

D. CARLOS.

A paciencia esgotou-se,  
Entrega-me já esse homem !

D. RUY.

O que uma vez disse, digo.

D. CARLOS, *ao seu sequito.*

Procurai por toda a parte,  
Cantos, torres, subterraneos.

D. RUY.

É fiel o meu alcaçar.  
Só nós temos o segredo,  
E ambos nós o guardaremos.

D. CARLOS.

Sou rei !

D. RUY.

Podeis, pedra a pedra,  
Demolir este castello,  
E assaâsinar o seu dono.

D. CARLOS.

Ameaças ou pedidos,  
Tudo é de balde. O rebelde  
Entrega, duque ; ao contrario,  
Hão de já cahir por terra  
Tua cabeça e castello !

D. RUY.

Já disse.

D. CARLOS.

Pois, em vez de uma,  
Terei eu duas cabeças !...  
(Ao duque de Alcalá.)  
Dá-lhe, Jorge, a voz de preso.

D. SOL, levantando o véo, e mettendo-se entre o rei,  
os guardas e o duque.

Sois um máo rei, rei D. Carlos !

D. CARLOS, desviando-se com um grito de surpresa.

Que vejo, ó céos ! Dona Sol !

D. SOL.

Alma de Hespanhol não tendes !

D. CARLOS, *perturbado e vacillante.*

Severa demais p'ra um rei,

(Chegando-se a D. Sol, e em voz baixa.)

És tu mesma que em meu peito

A raiva nascer fizeste.

Pará ser ou anjo ou monstro,

Basta só o teu contacto.

Como se torna maligno

Quem ama e é odiado !...

Se tu tivesses querido,

Dona Sol, eu fôra grande,

Fôra o leão de Castella :

Mas teu odio transformou-me

No tigre que vês bramindo.

A culpa é tua, não falles...

(D. Sol lança-lhe um olhar imperioso. O rei inclina-se, e volta-se para o duque.)

Eu, comtudo, condescendo.

Louvo, meu primo, este escrupulo,

Que me parece ser justo.

De ser fiel a um hospede,

Sendo infiel ao monarcha.

Assim, perdão te concedo ;

Mas levo em refens comigo

Tua sobrinha somente.

D. RUY.

Somentel...



D. SOL, *astustada.*

Senhor, a mim?

D. CARLOS.

Sim, a ti.

D. RUY.

Grande clemencia !  
Que vencedor generoso !  
Tem compaixão da cabeça,  
E o coração martyriza !...  
Que modo de fazer graças !

D. CARLOS.

Um dos dous deve ser meu :  
Ou Dona Sol, ou Hernani.

D. RUY.

Sois senhor.

D. SOL, *corre para D. Ruy, e o rei approxima-se della.*

Ah ! protegei-me !

(Pára de repente, e diz á parte :)

Ou de meu tio a cabeça,  
Ou a delle !... Oh ! desgraçada !  
Antes eu !

(Ao rei.)

Senhor, vos sigo.

D. CARLOS, *d parte.*

Triumphou a minha idéa.  
Deves tornar-te, senhora,  
Comigo mais branda agora.

(D. Sol vai ao cofre das joias, abre-o, e tira o punhal,

que esconde no seio. D. Carlos chega-se a ella, e apresenta-lhe a mão, dizendo-lhe:)

O que é isso que tu levas?

D. SOL.

Uma joia de valia.

D. CARLOS, *sorrindo-se.*

Deixa ver.

D. SOL.

Haveis de vê-la.

(Dá a mão a D. Carlos, e dispõe-se a segui-lo, D. Ruy, que ficou absorto na sua dôr, volta-se, e dá alguns passos gritando:)

D. RUY.

Dona Sol! ó Dona Sol!...

Já que, para soccorrer-me,  
Ninguém aqui tem entranhas  
Caião muralhas e torres!...  
Ah! deixai-me a minha filha!  
Mais nada tenho no mundo!

D. CARLOS, *largando a mão de D. Sol.*

Então, venha o prisioneiro!

(O duque abaixa a cabeça, e parece entregue a horri-  
vel agitação. Depois, erguendo a fronte, olha para  
os retratos, juntando as mãos como quem supplica.)

D. RUY.

Tende vós todos piedade!

(Dá um passo para o seu retrato. D. Sol o segue com  
os olhos. Elle torna a olhar para os outros retratos.

Ah! fechai os vossos olhos,

**Que acobardão !**

(Ao rei.)

**Quereis inda !**

D. CARLOS.

**Sim.**

(O duque levanta a mão para a toala do escondrijo.)

D. SOL.

**Meu Deos !**

D. RUY, *cahindo de joelhos aos pés do rei.*

**Não, por piedade !**

**Arrancai minha cabeça !**

D. CARLOS.

**Tua sobrinha !**

D. RUY, *levantando-se.*

**Assim seja !**

**Levai-a, e deixai-me a honra !**

D. CARLOS, *tomando a mão de D. Sol. que treme.*

**Adeus, duque !**

D. RUY, *seguido com os olhos o rei, que se retira com D. Sol, e pondo a mão no seu punhal.*

**Até mais ver-nos !**

**Deos vos leve em sua guarda.**

(O duque vem ao proscenio do theatro arquejando, e fica immovel como quem mais nada vê ou ouve. Está com os olhos fixos e os braços cruzados sobre o peito. Entretanto, sahe o rei com D. Sol. A comitiva dos cavalleiros sahe depois delles, a dous de fundo, e vão conversando em voz baixa. Assim que têm todos sahido, D. Ruy levanta os olhos, volve-os

em derredor de si, e vê que está só. Corre á paredê, tira duas espadas de uma panoplia, mede uma com a outra, e põe ambas sobre a mesa. Depois vai ao seu retrato, aperta a mola, a porta se abre, e apparece Hernani.)

**SCENA VIII.**

**D. RUY, HERNANI.**

**D. RUY.**

Sahe !... Escolhe ; o rei já foi-se.

(Mostra-lhe as duas espadas sobre a mesa.)

Satisfação deves dar-me.

Escolhe !... Depressa ! Vamos !...

Tua mão treme !

**HERNANI.**

Um duello !...

Combater contigo, velho !...

**D. RUY.**

Porque não ? Tens medo acaso ? !...

Não és nobre ?... Que me importa,

Para cruzarmos espadas,

Que sejas nobre ou não sejas ? !

Qualquer homem que me ultraja

Pôde comigo bater-se !

**HERNANI.**

Illustre velho !...

**D. RUY.**

Mancebo,

Vem ou morrer ou matar-me.

HERNANI.

Morrer, sim. Contra meus votos,  
Vós salvastes minha vida.  
É vossa, podeis tira-la.

D. RUY.

Assim queres? Não te queixes...  
Tua alma a Deus encommenda.

HERNANI.

As minhas ultimas preces  
É a vós, que fazer devo.

D. RUY.

A mim, não ; sim ao Senhor.

HERNANI.

É a vós. Feri, ó velho,  
Com punhal, espada ou adaga,  
Que importa?... Mas, por piedade!  
Concedei-me, antes que morra,  
Um supremo regozijo,  
O' duque, a dita de vê-la !

D. RUY.

De vê-la ?

HERNANI.

Ao menos deixai-me  
Por esta vez derradeira  
Ouvir inda sua voz.  
Prometto nada dizer-lhe.  
Vós podeis estar presente ;

E depois então matai-me.

D. RUY, *indicando a porta secreta.*

Será pois esse escondrijo  
Tão profundo, que ficasses  
Surdo e nada ouvir pudesses?

HERNANI.

Nada ouvi.

D. RUY.

Era preciso  
Entregar tua pessoa,  
Ou entregar Dona Sol.

HERNANI.

Vós a entregastes?...

D. RUY.

Ao Rei.

HERNANI.

Elle a ama, velho estulto!

D. RUY.

Elle a ama?!

HERNANI.

E nos roubou-a!...

Ah! elle é nosso rival!

D. RUY, *furioso, gritando.*

Oh! maldição! A cavallo,  
Já, depressa, meus vassallos!  
O raptor perseguir vamos!...

(Hernani sóbe, toma D. Ruy pela mão e o traz ao  
proscenio: .)

HERNANI.

Precipitar a vingança  
É perdê-la. Ao fim seguro  
Melhor se chega sem bulha.  
Sou vosso, podeis matar-me ;  
Mas primeiro encarregai-me  
De vingar vossa sobrinha,  
De vingar sua virtude.  
Terei parte na vindicta.  
Esta graça concedei-me ;  
Eu abraço as vossas plantas.  
Já que é preciso. Nós ambos  
Seguir o Rei poderemos.  
Vinde ! Serei vosso braço ;  
Por mim vós sereis vingado,  
E depois matai-me, ó duque !

D. RUY.

E então deixarás como hoje?...

HERNANI.

Deixarei, duque !

D. RUY.

Tu juras ?

HERNANI.

De meu pai pela cabeça !

D. RUY.

Não has de nunca esquecer-te ?

HERNANI, *tira a bozina do cinto e a dá ao duque.*

Recêbei minha bozina.  
Succeda o que succeder,  
Quando vós, senhor, quizerdes,  
Em qualquer lugar ou hora,  
Quando julgardes que é tempo  
De eu morrer, fazei que chegue  
O seu écho a meus ouvidos ;  
E, sem terdes mais cuidados,  
Vereis tudo concluido.

D. RUY, *estendendo-lhe a mão.*

Tua mão !

(Hernani dá-lhe a sua, e elles apertão-se as mãos mutuamente. O duque dirige-se aos retratos.)

Sêde testemunhas !

FIM DO ACTO III.



## ACTO IV.

Os carneiros subterraneos em Aix-la-Chapelle, onde está o tumulo de Carlos Magno. Grandes abobadas de architectura lombarda. Grossos pilares baixos. Arcos de semi-circulo. Capiteis de passaros e de flôres. À direita, o tumulo de Carlos Magno com uma portinha de bronze arqueada. Uma unica alampada, pendente de uma chave da abobada, illumina esta inscripção : KAROLO MAGNO. É noite. Não se pôde vêr o fundo do subterraneo ; os olhos perdem-se nas arcadas e nos pilares que se cruzão na sombra.)

### SCENA I.

D. CARLOS, D. RICARDO, EMBUÇADOS EM AMPLOS CAPOTES.

D. RICARDO, *com a cabeça descoberta e tendo na mão uma lanterna.*

É aqui.

D. CARLOS.

Aqui se ajuntão?...

Pilha-los-hei reunidos.

Senhor eleitor de Treves,

Este lugar vós lhes déstes ?

Foi muito bem escolhido :

Os negros tramas prosperão

Com o ar das catacumbas.

Melhor os punhaes se agução

Nas lages dos mausoléos.

Mas é jogar muito forte

Quando pára-se a cabeça.  
Veremos isso, assassinos!...  
Por Deos! achar não podião  
Um lugar mais convinhavel  
Que um cemiterio, onde podem  
Ficar logo accomodados.

(A D. Ricardo.)

Vai longe este subterraneo?

D. RICARDO.

Vai até a fortaleza.

D. CARLOS.

Nem tanto se precisava.

D. RICARDO.

Deste lado vai um outro  
Ao mosteiro de Altenheim,  
Onde exterminou Rodolpho  
A Lothario.

D. CARLOS.

Bem. De novo

Vem, ó conde, repetir-me  
Os nomes dos conjurados,  
Modos, lugares e causas.

D. RICARDO.

Gotha.

D. CARLOS.

Eu sei porque conspira  
Contra mim o bravo duque:  
Quer no Imperio da Allemanha  
Um Allemão.

D. RICARDO.

Hohenburgo.

D. CARLOS.

Hohenburgo!... Este prefere  
P'ra o inferno ir com Francisco  
A ir comigo p'ra o céu.

D. RICARDO.

D. Gil Telles de Girão.

D. CARLOS.

Santa Virgem! Este infame  
Contra seu Rei se rebella?

D. RICARDO.

Dizem quer vingar a honra  
De sua fiel consorte,  
Porque, affirma, vos achára  
No quarto della uma noite  
Em que o fizestes barão.

D. CARLOS.

E por isso se revolta  
Contra a Hespanha?... Em quem mais fallão?

D. RICARDO.

Em D. Vasco, bispo d'Avila.

D. CARLOS.

Terá tambem que vingar  
A honra de sua esposa?

D. RICARDO.

Citão mais Gusmão de Lara,  
Que descontente reclama  
O collar da vossa ordem.

D. CARLOS.

Se um collar é que lhe falta,  
Gusmão de Lara o terá.

D. RICARDO.

O duque de Lutzelburgo:  
Dizem ser quem forja os planos.

D. CARLOS.

A cabeça desse duque  
É de mais para o seu corpo.

D. RICARDO.

Quer Astorga, João de Haro....

D. CARLOS.

Os Haros sempre augmentarão  
Os salarios do carrasco.

D. RICARDO.

Eis tudo.

D. CARLOS.

Por minha conta,  
Faltão-me inda outras cabeças,  
E só em sete fallaste !...

D. RICARDO.

Não fallei de alguns bandidos,

Postos a soldo por França,  
Ou pelo eleitor de Treves.

D. CARLOS.

Homens desapaixonados.  
Cujos punhaes, sempre promptos,  
Voltão-se sempre a favor  
Daquelle que mais lhes paga.

D. RICARDO.

Mas entre esses se distinguem  
Dous audazes companheiros,  
Que ainda ha pouco chegarão.  
Um é moço, o outro é velho.

D. CARLOS.

Os seus nomes?

(D. Ricardo ergue os hombros em signal de ignorancia )

Sua idade?

D. RICARDO.

O moço terá vinte annos.

D. CARLOS.

E pena !

D. RICARDO.

O velho sessenta.

D. CARLOS.

Um não tem ainda a idade,  
E o outro já passou della :  
Tanto peor ! O verdugo

É quem contará seus annos...  
Mas julgas tu com effeito  
Que eu serei Imperador ?

D. RICARDO.

O collegio, a estas horas  
Reunido, delibera.

D. CARLOS.

Quem sabe se elegerão  
Ou a Francisco Primeiro  
Ou a Frederico o Sabio?...  
Muita razão tem Luthero!  
Mal vai tudo. Oh! que eleitores  
Da sagrada magestade,  
Que ouvem só as razões do ouro!...  
Um, herege da Saxonia;  
Outro, conde palatino,  
Imbecil; primaz um outro  
De Treves, mas libertino!  
É por mim o Rei da Bohemia:  
Porém os principes d'Hesse,  
Que ainda são mais pequenos  
Do que são os seus Estados;  
Alguns, mancebos idiotas;  
Outros, velhos corrompidos!...  
Quem procurar achar pôde  
C'róas sim, mas não cabeças!  
De anões concilio ridiculo  
Que eu pudera, como Alcides,

Na minha pelle de leão  
Envolvê-los e leva-los ;  
E os quaes, sendo despojados  
Dos rôxos mantos, ficavão  
Mais anões que Triboulet!...  
Falta-me tudo, Ricardo;  
Faltão-me ainda tres votos!  
Eu dera para escolherem  
Tres cidades, meu amigo,  
Gand, Toledo e Saragoça.  
Sim. tres das minhas cidades  
De Flandres e de Castella  
Eu daria por tres votos  
Que me faltão, se quizessem.  
Salvo, porém, sempre o caso  
De rehavê-las mais tarde!

(D. Ricardo sauda profundamente o Rei, e põe o chapéo na cabeça.)

Tu te cobres?

D. RICARDO.

Certamente,  
Vosso amigo me chamastes:  
(Saudando de novo o Rei.)  
Eis-me, pois, Grande de Hespanha.

D. CARLOS, *á parte.*

Ambicioso de um nada,  
Tu me causas compaixão!  
Como esta gente int'resseira  
Descobre entre mil palavras,

Uma igual aos seus desejos!  
Dão a vida por um título...  
Vaidade! louca vaidade!  
Só Deos e o imperador  
Grandes são, e o santo padre.  
Reis e duques o que valem?...

D. RICARDO.

Espero que seja eleito  
Vossa Alteza....

D. CARLOS.

Alteza! Alteza!...

Se continúo a ser rei. ..  
Serei infeliz em tudo.

D. RICARDO, *á parte.*

Seja ou não imperador,  
Eu já sou grande de Hespanha!

D. CARLOS, *alto.*

Depois de finda a eleição,  
Qual o signal que á cidade  
Ha de annunciar o nome  
Do imperador da Allemanha?

D. RICARDO.

Se fôr o duque saxonio,  
É um tiro de canhão ;  
Se fôr Francisco, são dous ;  
Se fôr Vossa Alteza, tres.



D. CARLOS.

E D. Sol !... Que tormento !  
Se acaso fôr eu eleito,  
Conde, vai logo busca-la....  
Talvez não recuse um Cesar.

D. RICARDO.

Vossa Alteza é mui benigno !

D. CARLOS, *interrompendo-o com al ívez.*

Silêncio !... Inda não pedi te  
Reflexões sobre este ponto !...  
Quando julgas que se possa  
Saber o nome do eleito ?

D. RICARDO.

Ao mais tardar, n'uma hora.

D. CARLOS.

Oh ! tres votos ! só tres votos !...  
Tratemos porém primeiro  
De esmagar os conjurados ;  
Depois, do mais sabermos.  
Vai-te embora. Esta é a hora  
De sua reunião.  
Dá-me a chave deste tumulto.

(Apontando para o tumulto de Carlos-Magno.)

D. RICARDO, *entregando-lhe uma chave.*

Peço, senhor, vos lembreis  
Do bom conde de Limburgo,

O guarda capitular,  
Que foi quem m'a confiára,  
E faz tudo p'ra agradar-vos.

D. CARLOS.

Vai dispôr o que ordenei-te.

D. RICARDO.

Cumprirei as vossas ordens.

D. CARLOS.

São tres tiros de canhão?

(D. Ricardo inclina-se e sahe. D. Carlos fica só, e cabe em profunda meditação : encruza os braços, e pende a cabeça sobre o peito. Depois ergue a cabeça, levanta-se, e vira-se para o tumulto.)

## SCENA II.

D. CARLOS, só.

Carlos-Magno, perdão se estas abobadas  
Solitarias, aonde só devião  
Soar vozes austeras, repercutem  
Da ambição os susurros, que perturbão  
De teu tumulto o repouso.... Ah! tu te indignas!  
Bello espectáculo que nossa alma enleva  
Nos deixaste na Europa, qual é hoje :  
Um edificio tendo na sua cupula  
Dous homens, sim, dous chefes elegidos,  
Aos quaes ambos sujeitão-se os reis todos.  
Principados, ducados, baronias,  
Marquezados e reinos, sempre forão

Hereditarios; mas o povo às vezes  
Tem seu papa ou seu Cesar. Tudo marcha;  
E o que é obra da sorte a sorte emenda.  
D'ahi nasce o equilibrio, e a ordem brilha.  
Cardeaes, eleitores e senados,  
Que a terra abalão, servem só de pompa;  
Faz-se somente aquillo que Deos manda.  
Conforme os tempos, uma idéa surge,  
Que medra, corre e que se liga a tudo,  
Até que se humanisa e se apodera  
Dos corações, e nelles se aprofunda.  
Os reis a pisão ou lhe poem mordanças:  
Mas, quando na dieta ou no concilio,  
Entrar um dia a escravizada idéa,  
Hão de todos os reis curvar as frentes  
Debaixo dos pés della, quando a virem  
Erguer-se triumphante, sustentando  
Na mão o globo ou na cabeça a tiara.  
Ser papa ou imperador, no mundo é tudo.  
P'ra elles e por elles tudo existe;  
Um supremo mysterio vive nelles;  
E o céu, d'onde dimanão seus direitos,  
Grande festim lhes dá de reis e povos.  
Sòs fazem tudo. Um corta, outro desata;  
Um representa a força, outro a verdade.  
São porque são, e a razão está nelles.  
Quando, ambos iguaes sahem do sanctuario,  
Um involto na purpura, outro na alva,  
Com assombro e terror contempla o mundo  
De Deos duas metades n'um e n'outro !...

Não ser imperador, quando se sente  
Coragem na alma para sê-lo!... Oh raiva!  
Quão grande, quão feliz esse que dorme  
Neste jazigo, que entretanto é o delle!  
Tudo é tão pouco que tal fim só tenha?...  
Príncipe, rei, imperador, colosso  
Ter sido e acabar!... Quem a Allemanha  
Teve por pedestal, e quem por titulo  
Cesar foi, e por nome Carlos-Magno!...  
Maior que Annibal, que Attila, e tão grande  
Como o universo! . . e reduzido ao nada!...  
E quem ha de anhelar inda o imperio,  
Vendo um imperador em pó tornar-se?  
Quem quererá fazer no mundo estrondo,  
Edifícios formar, e, sem que pare,  
Eleva-los té onde o orgulho aspira,  
Para chegar a este ultimo termo!!...  
Mas que me importa? Venha sempre o imperio!  
Já eu o apalpo, e de meu gosto o acho....  
Diz-me secreta voz que hei de ganha-lo ;  
Ha de ser meu.... Porém se meu já fosse !...  
O' céos! serei quem dê principio a tudo?...  
Só, em pé no degráo mais elevado  
Da escada em espiral, serei a pedra  
Que fecharei a abob'da dos Estados  
Em multidão grupados uns sobre outros?...  
Verei debaixo das sandalias minhas  
Postos os reis, os principes de feudos,  
Margraves, cardeaes, doges e duques,  
Bispos, abbades, chefes de altas classes,

Barões, padres, soldados; e mais longe,  
Verei na sombra, lá no abysmo, os homens?!...  
Os homens!... Sim, as turbas, mar immenso,  
Confusão, prantos, gritos; mas ás vezes  
Tambem um riso amargo!... É este o povo,  
Qual oceano de agitadas ondas,  
Aonde nada cahe que o não revolva.  
Suas vagas os thronos despedação ;  
Produz seu ruido somno de sepulchro,  
Espelho em que se vê do rei a imagem,  
Raras vezes formosa.... Ah! se observassem  
O fundo desse mar, quando está calmo,  
Havião vêr innumerados imperios,  
Nãos grandes naufragadas, cujo peso  
Mal sustentar podião essas aguas,  
Que hoje em seu fluxo e refluxo as rolão,  
Sem que comtudo possão conhecê-las!...  
Hei de eu reger tudo isto? Hei de elevar-me,  
Se fôr eleito, a essa summidade,  
Sabendo que não sou mais do que um homem,  
Tendo tão perto o abysmo?... Ah! desgraçado!  
Imperador? Meu Deos! rei não bastava?...  
Só podia um mortal de nova raça  
A sua alma alargar pela fortuna.  
Mas eu! Qual minha lei? Quem far-me-ha grande?  
Quem me ha de aconselhar?...

(Cahe de joelhos ante o tumulo.)

Tu, Carlos-Magno!

E já que Deos, p'ra quem não ha obstaculos,  
Faz que se encontrem nossas magestades

Face a face, derrama alguma cousa  
De bello, de sublime e de grandioso,  
Do fundo do teu tumulto, na minha alma.  
Mostra-me as cousas por seus lados todos.  
Ah ! dize-me se achaste tão pequeno  
O mundo, que a toca-lo nem me atrevo.  
O teu segredo de reinar me ensina ;  
O que é melhor : punir ou ser clemente?...  
Depois de Carlos-Magno, o que mais póde  
Fazer-se, ó sombra Augusta?... Ah ! dize, falla,  
Inda que o som de tua voz sob'rana  
Sobre minha cabeça estalar faça  
Esta porta de bronze.... E se não queres  
Nada dizer, consente que em silencio  
Eu na tua cabeça estude o mundo.  
Ah ! deixa-me. gigante, bem medir-te !  
Nada ha no mundo igual ás cinzas tuas.  
Já que não vives, aconselhem-me ellas....  
(Chega a chave á fechadura; depois recua.)  
Vou entrar !... Deos ! se agora elle me falla !  
Se elle alli está ! Se despertado o encontro,  
Em pé ou passeando a passos lentos !...  
Se eu tiver de sahir de cãas coberto !...  
Eu entro....

(Ouve-se ruido de passos.)

Chega alguém !... Quem a estas horas,  
Eu excepto, se atreve a penetrar  
Nesta morada do maior dos mortos ?...  
(O ruido vai-se approximando.)  
Quem ? Me esquecia : são meus assassinos....

(D. Carlos abre a porta do tumulto, entra, e fecha-se por dentro. Entrão por diversos lados alguns homens pisando de mansinho, envoltos em grandes capotes, e cobertos de grandes chapéus desabados.)

SCENA III.

OS CONJURADOS.

(Chegão-se uns aos outros, apertão-se mutuamente as mãos, e trocão entre si algumas palavras em voz baixa.)

SEGUNDO CONJURADO.

Quem vive ?

PRIMEIRO CONJURADO, *com uma tocha acesa na mão.*

Ad angusta !

SEGUNDO CONJURADO.

Passe per angusta.

PRIMEIRO CONJURADO.

Os santos nos guardão.

TERCEIRO CONJURADO.

Os mortos nos servem.

PRIMEIRO CONJURADO.

E Deos nos protege.

(Tropel de passos no escuro.)

SEGUNDO CONJURADO.

Quem vive ?

UMA VOZ, *no escuro.*

Ad angusta !

SEGUNDO CONJURADO.

Passe per angusta.

(Estrepito de passos.)

PRIMEIRO CONJURADO, *ao terceiro.*

Observa, alguém vem.

TERCEIRO CONJURADO.

Quem vive?

UMA VOZ, *na sombra.*

Ad angusta.

TERCEIRO CONJURADO.

Passe per angusta.

(Entrão novos conjurados, que trocão entre si signaes mysteriosos.)

PRIMEIRO CONJURADO.

Eis-nos aqui todos juntos.

A Gotha fallar pertence,

Pela luz a sombra espera.

(Os conjurados sentão-se em semicirculo sobre sepulcros. O primeiro conjurado passa em derredor delles por dentro do semicirculo, e cada um accende um brandão de cêra na tocha accesa, que desde o principio da scena elle tem na mão. Depois vai o primeiro conjurado sentar-se em silencio sobre um tumulto no centro do circulo, o qual é mais elevado do que os outros.)

O DUQUE DE GÖTHA, *levantando-se.*

Carlos de Hespanha, estrangeiro

Por sua mãe, aspira, amigos,

Ao throno do Santo Imperio.



PRIMEIRO CONJURADO.

Terá uma sepultura.

O DUQUE DE GOTHA, *atirando ao chão a tocha e pisando-a a pé.*

Cáia assim sua cabeça  
Em terra, como esta tocha !

TODOS, *ao mesmo tempo.*

Assim seja !

PRIMEIRO CONJURADO.

Morra elle !

O DUQUE DE GOTHA.

Sim, morra !

TODOS, *ao mesmo tempo.*

Seja immolado !

D. JOÃO DE HARO.

Seu pai foi um Allemão.

O DUQUE DE LUTZELBURGO

Sua mãe uma Hespanhola.

O DUQUE DE GOTHA.

Já não é mais Castelhana,  
Nem Allemão.... Morra ! morra !

UM CONJURADO.

Mas se agora os eleitores  
Imperador o elegerem ?

PRIMEIRO CONJURADO.

A elle?... Nunca !

D. GIL TELLES.

No tumulto

Sua cabeça lancemos.

Cahirá com ella a c'róa !

PRIMEIRO CONJURADO.

Se elle alcança o santo Imperio,

Fica sagrado, e só Deos

Com sua mão toca-lo pôde.

O DUQUE DE GOTHA.

O mais seguro é que morra

Antes que seja sagrado !

PRIMEIRO CONJURADO.

Elle não será eleito.

TODOS.

Não ha de ser delle o Imperio !

PRIMEIRO CONJURADO.

Quantos braços são precisos

Que o envolvão na mortalha ?

TODOS.

Um só !

PRIMEIRO CONJURADO.

Quantas punhaladas

No coração ?

TODOS.

Uma só !

PRIMEIRO CONJURADO.

Quem ha de dá-la ?

TODOS.

Nós todos !

PRIMEIRO CONJURADO.

Marcada temos a victima.  
Se Imperador o elegerem,  
Tambem á sorte elejamos  
O seu sacrificador.

(Os conjurados escrevem seus nomes nas suas carteiras,  
rasgão a folha escripta, enrolão-na. e vão uns após  
outros lança-la na urna de um tumulo.)

PRIMEIRO CONJURADO.

Oremos !

(Ajoelhão todos. O primeiro conjurado ergue-se :)

Quem fôr eleito,  
Cria em Deos, como um Romano,  
Saiba desfechar o golpe  
E morrer como um Hebreo !  
Affronte rodas, tenazes,  
Cante sobre os cavalletes,  
Ria-se em meio das chammas ;  
Emfim, resigne-se a tudo  
Para matar e morrer !...

(O primeiro conjurado mette a mão na urna, e tira um  
papel.)

TODOS.

Que nome sahio ?

PRIMEIRO CONJURADO, *em voz alta.*

Hernani !

HERNANI.

Ganhei !... És minha, ó vingança !  
Ha quanto tempo te busco ! !

D. RUY, *a Hernani.*

(Chama-o a um lado da scena.)

Cede-me o golpe.

HERNANI.

Não posso !...

Ah ! senhor, porque me invejas,  
Quando é esta a vez primeira  
Que a fortuna me auxilia ? !

D. RUY.

Tu nada tens ; dou-te tudo :  
Os meus feudos, meus castellos  
E minhas trezentas villas ;  
Dou-te meus cem mil vassallos,  
Dou-te tudo o que possuo ;  
Mas deixa-me dar-lhe o golpe.

HERNANI.

Não.

O DUQUE DE GOTHA.

Velho, menos seguro  
Teu braço o golpe daria.

D. RUY.

Arredai-vos! Se a meu braço  
Falta força, na alma a tenho!  
Se a bainha tem ferrugem,  
Não julgues que a tenha a lamina!

(A Hernani.)

Tu me pertences!

HERNANI.

É vossa  
Minha vida, a delle é minha!

D. RUY, *tirando a bozina da cintura.*

Pois escuta: esta bozina,  
Amigo, eu te restituo.

HERNANI.

Que me importa ter a vida?  
A minha vingança é tudo!  
Eu estou com Deos de accordo;  
É meu pai que vingar devo....  
E talvez outra pessoa....  
Minha amada restitues-me!

D. RUY.

Nunca! mas dou-te a bozina.

HERNANI.

Não quero.

D. RUY.

Reflecte, filho.

HERNANI.

Deixa-me a presa, que é minha!

D. RUY.

Maldição sobre ti caia,  
Que desse prazer me privas!

(Torna a pôr a bozina na cintura.)

PRIMEIRO CONJURADO, *a Hernani.*

Irmão, antes que o elejão,  
Convem que esta noite o esperes.

HERNANI.

Nada temas; eu sei como  
Se leva um homem ao tumulto.

PRIMEIRO CONJURADO, *pondo as mãos sobre os hombros de  
Hernani.*

Deos te ajude! A traição toda  
Sobre o traidor só recaia.  
Se elle morrer sem mata-lo,  
Juremos barões e condes,  
Que, chegando o nosso turno,  
Nenhum de nós poderá  
Recusar-se a dar o golpe,  
Pois que Carlos morrer deve!

TODOS, *tirando suas espadas.*

Juramos!

O DUQUE DE GOTHÁ, *ao primeiro conjurado.*

Irmão, por onde?

(D. Ruy pega em sua espada pela ponta e a eleva ácima  
de sua cabeça.)

D. RUY.

**Pela cruz da minha espada !**

*todos, levantando as espadas.*

**Morra ! morra impenitente !...**

(Ouve-se ao longe um tiro de canhão. Todos permanecem em silencio. A porta do tumulo de Carlos Magno vai se abrindo de vagar. D. Carlos apparece pallido no lumiar, e escuta.— Segundo tiro.— Terceiro.— Abre-se toda a porta do tumulo, mas sem D. Carlos dar um passo, em pé e immovel.)

#### SCENA IV.

D. CARLOS, HERNANI, D. RUY E OS CONJURADOS.

D. CARLOS.

**O Imperador, senhores, vos escuta ;  
Podeis continuar....**

(Apagão-se todas as tochas ao mesmo tempo. Profundo silencio. D. Carlos dá um passo na escuridão, estando a scena tão escura, que apenas se distinguem os conjurados uns aos outros.)

**Silencio e trévas !**

**Espalhou-se o enxame ! . . Acaso crêdes  
Que deva isto passar-se como um sonho ?...  
Dai um passo, feri a Carlos Quinto !...  
Mas não vos atreveis !... Ah ! não, de certo !  
As vossas tochas, cuja luz sangrenta  
Allumiava ha pouco estas abobadas,  
Bastou meu sopro, todas se apagarão !  
Mas volvei vossos olhos vacillantes :**

**Se apago muitas, muitas mais accendo!...**

(D. Carlos bate com a chave de ferro na porta de bronze do tumulo. Ao estrondo desta pancada, todas as profundezas do subterraneo enchem-se immediatamente de soldados armados de archotes accesos e alabardas. Na frente vem o duque d'Alcalá, o conde de Casa Palma, etc. D. Carlos prosegue, dirigindo-se aos soldados:)

**Galgos, correi! Pilhei o ninho e a caça!...**

(Dirigindo-se aos conjurados.)

**Vêde como fulgura o cemiterio!**

**Como tão bem eu soube illumina-lo!**

(Aos soldados.)

**Chegai-vos todos; é flagrante o crime!**

*HERNANI, olhando para os soldados.*

**Quando só, pareceu-me de mais grande.**

**Inda bem que julguei ser Carlos Magno,**

**Mas vejo que é somente Carlos Quinto....**

*D. CARLOS.*

**Chegai, ó almirante de Castella,**

**E vós tambem de Hespanha condestavel.**

**Desarmai-os!**

(Ambos chegam-se aos conjurados e os desarmão.)

*D. RICARDO, entra correndo e inclina-se até ao chão.*

**Excelsa Magestade!**

*D. CARLOS.*

**De meu palacio ficas feito alcaide.**

*D. RICARDO, inclinando-se.*

**Dous eleitores vêm da camara d'ouro**



**Felicitar a Vossa Magestade.**

D. CARLOS, *alto.*

**Faze-os entrar.**

(Em voz baixa.)

**E Dona Sol não trazes ?**

(D. Ricardo saúda e sahe. Entrão com tochas e tangeres o Rei da Bohemia e o duque de Baviera, vestidos de ouro e corôas na cabeça. Numeroso cortejo de nobres Allemães, trazendo a bandeira do Imperio com a aguia de duas cabeças, tendo no meio o escudo das armas de Hespanha. Os soldados afastão-se, formão-se em alas, e dão passagem aos dous eleitores até ao Imperador, que estes comprimentão profundamente: o Imperador lhes retribue o cumprimento erguendo o seu chapéo.)

### SCENA V.

D. CARLOS, O DUQUE DE BAVIERA, O REI DA BOHEMIA,  
HERNANI, D. RUY, OS CONJURADOS.

O DUQUE DE BAVIERA.

Sagrado Imperador, Rei dos Romanos !  
Em vossas mãos agora existe o mundo,  
Pois é vosso o Imperio e vosso o throno  
Ao qual aspirão os Monarchas todos.  
O duque da Saxonia, Frederico,  
Foi eleito primeiro; mas, julgando  
Que vós ereis mais digno, ha recusado ;  
Vinde pois receber a c'róa e o globo :  
Com seu manto vos orna o Santo Imperio,  
Com seu gladio vos arma. Como és grande !

D. CARLOS.

Hei de ao collegio ir mesmo agradecer-lhe.  
Meu irmão da Bohemia, eu vos sou grato,  
E a vós tambem, meu primo da Baviera.  
Podeis ir-vos. Daqui p'ra lá já parto.  
(Os eleitores saudão o Imperador, e sabem.)

A COMITIVA, *gritando.*

Viva! viva!

D. CARLOS.

O caminho todos me abrem.  
Renunciou em mim Frederico o Sabio.  
Eis-me portanto imperador já feito!

### SCENA VI.

OS MESMOS, D. RICARDO E D. SOL.

D. SOL, *conduzida por D. Ricardo.*

Soldados! o imperador!...  
O' Céos! que golpe imprevisto!  
É Hernani!...

HERNANI, *á parte.*

Dona Sol!...

D. RUY, *á parte a Hernani.*

A mim não vio ella ainda!  
(D. Sol corre para Hernani, que a faz recuar, lançando-lhe um olhar de desconfiança.)

HERNANI, *com raira.*

Senhora!...

D. SOL, *tirando do seio um punhal, e mostrando-lh'o.*

**O punhal conservo!**

HERNANI, *estendendo-lhe os braços com ternura,*

**Meu amor!**

D. CARLOS, *aos conjurados.*

**Silencio, todos!...**

**Têm vossas almas firmeza?**

**Lição quero dar ao mundo...**

**Vós, ó Lara de Castella,**

**E vós, Gotha da Saxonia,**

**Todos aqui que fazieis?...**

**Fallai...**

HERNANI, *dando um passo.*

**A cousa é hem simples.**

**A sentença se gravava**

**Nos muros de Balthasar.**

*(Puxa um punhal, e o agita no ar.)*

**Queríamos dar a Cesar**

**O que a Cesar é devido!**

D. CARLOS, *a D. Ruy.*

**Tambem vós, Silva, traidor!**

D. RUY.

**Qual o será de nós ambos?...**

HERNANI, *voltando-se para os conjurados.*

**O imperio e nossas cabeças!**

**Que mais pôde elle querer?...**

*(Ao imperador.)*

Bem fizestes vós deixando  
Vosso manto azul de rei  
Para tomardes a purpura,  
Onde o sangue mais se encobre!

D. CARLOS, a D. Ruy.

Por esta rebellião,  
Meu primo Silva, mereces  
Ver riscados teus brazões.  
É de lesa magestade!...  
D. Ruy, reflecte bem nisso.

D. RUY.

O rei D. Rodrigo fez  
O conde D. Julião.

D. CARLOS, ao duque de Alcalá.

Prendei sómente a quem fôr duque ou conde;  
Dai liberdade aos mais.

(Os fidalgos sahem do grupo dos conjurados, onde ficou Hernani. O duque de Alcalá os cerca de guardas.)

D. SOL, á parte.

Elle está salvo!

HERNANI, sahe do grupo dos conjurados, e dirige-se ao rei.

Pretendo ser contado, se aqui tratão  
De brazões de nobreza; e como Hernani,  
Pastor obscuro, passaria impune  
Por baixo de teus pés, pois que sua fronte  
Tu não achas ao nivel do teu gladio;  
Como é mister, para morrer, ser grande,

Eu me levanto ! Deus, que deu-te o sceptro,  
De Segorbe e Cardona me fez duque,  
Marquez de Monroy, conde de Albaterra  
E visconde de Gor... senhor de immensos  
Dominios, cuja conta me não lembra...  
Sou João de Aragão, de Aviz Gran-Mestre.  
Eu no exilio nasci, filho proscripto  
De um pai assassinado por sentença  
Do teu, ó Carlos !... Vês que o assassinio  
É entre nós herança de familia.  
Se um cadafalso tens, um punhal tenho !  
Fez-me o Céu duque, e montanhez o exilio.  
Mas, como affei sem fructo minha espada  
Nas montanhas com agua das torrentes,  
Cumpre cobrir-nos já, grandes de Hespanha !  
(Todos os conjurados que são fidalgos com grandeza  
cobrem-se.)

Sim, porque podem as cabeças nossas  
(Ao rei)

Cahir cobertas na presença tua.  
(Aos grandes.)

Duques e condes, Lara, Silva e Haro,  
Sou João de Aragão, meu lugar dai-me !  
(Ao rei e aos cortezãos e guardas do rei.)

E vós, ó rei, vós, cortezãos e algozes,  
O patib'lo augmentai, se fôr pequeno !...  
(Vai unir-se ao grupo dos grandes senhores.)

D. SOL.

Céos !

D. CARLOS.

Desta historia já me não lembrava.

HERNANI.

Quem tem a chaga aberta não se esquece.  
Póde olvidar-se o offensor da affronta ;  
Mas ella vive na alma do offendido.

D. CARLOS.

Basta-me o bello titulo ! Sou portanto  
Filho de pais que os teus decapitárão !

D. SOL, *de joelhos ao imperador.*

Por compaixão, senhor, perdão, clemencia,  
Ou ambos nos feri !... É meu amante,  
É meu esposo ! Só por elle vivo !...  
Oh ! eu tremo, senhor !... Sim, por piedade,  
Matai-nos ambos juntos, meu monarcha !  
A vossas sacras plantas eu me arrasto.  
Amo-o ! elle é meu como é o imperio vosso.  
Compadecei-vos !...

(O imperador olha-a immovel.)

Que pensar sinistro

Vos absorve?

D. CARLOS, *com um profundo suspiro.*

Duqueza de Segorbe,  
Levanta-te, condessa de Albaterra,  
Marqueza de Monroy... Que outros mais titulos  
Tens, D. João ?

HERNANI.

O rei é que assim falla ?

D. CARLOS.

É o imperador !

D. SOL.

Que escuto, ó Céos !

D. CARLOS, mostrando D. Sol a Hernani.

Eis, duque, a tua esposa.

HERNANI.

O' justo Deos !

D. CARLOS, a D. Ruy.

Não tem que se offender tua nobreza ;  
Podem os Aragões casar com Silvas.

D. RUY, *sombrio.*

Minha nobreza não...

HERNANI, *olha com amor para D. Sol e atira o punhal  
para longe.*

Foi-se o meu odio !

D. SOL.

Meu duque !

HERNANI.

Na minha alma amor só falla !

D. CARLOS, *á parte, pondo a mão no peito.*

O' joven coração, teu fogo extingue !  
Deixa que livre agora reinar possa  
A cabeça que tanto perturbaste !  
D'ora avante terás só tres amadas :  
São Allemanha e Flandres, e a Hespanha.

(Fitando os olhos no estandarte.)

Bem como a aguia, companheira sua,

Deve o imperador, para o futuro,  
Ter no lugar do coração um escudo.

HERNANI.

Senhor, sois Cesar?

D. CARLOS.

Da tua nobre casa,  
O' D. João, teu coração é digno,

(Mostrando D. Sol.)

E digno della... De joelhos, duque.

(Hernani ajoelha. D. Carlos desata o Tosão de Ouro, e  
lh'o põe ao pescoço.)

Recebe este collar... Por Santo Estevão,  
Estás do Tosão d'Ouro cavalleiro.

Sé fiel... Mas tu tens collar mais bello  
E mais mimoso... aquelle que me falta  
Com todo o meu poder: são os dous braços  
De uma mulher amante e que te ama!  
Tu vais ser venturoso; eu, entretanto,  
Serei imperador...

(Aos conjurados.)

Dos vossos nomes  
Não me recordo já; furor e odio,  
Quero tudo esquecer: perdão já tendes.  
Eis a lição que ao mundo dar queria.

OS CONJURADOS, *de joelhos.*

Gloria a Carlos!

D. RUY.

Só eu fui condemnado!



D. CARLOS.

Tambem fui.

D. RUY, *á parte.*

Mas, como elle, não perdôo!

HERNANI.

Quem fez em todos nós esta mudança?

TODOS.

Viva a Allemanha! Honremos Carlos Quinto!

D. CARLOS, *virando-se para o tumulto.*

Honremos Carlos Magno! Podeis todos  
Retirar-vos; a sós deixai-nos ambos.

*(Todos se retirão para o fundo do theatro.)*

Estás de mim contente? Não approvas  
Como larguei de rei as mesquinhezas?  
Via-me só, perdido ante um imperio;  
O mundo em brados conspirando e ardendo;  
Tendo de castigar a Dinamarca,  
Luzindo em sombras mil punhaes zelosos:  
Roma, Veneza, Soliman, Lutherio,  
E Francisco Primeiro! Armados laços,  
Innumeras ameaças. mil escolhos;  
Vinte povos, dos quaes um só bastava  
Para fazer que vinte reis tremessem!...  
Como porém sahir de taes conflictos?...  
Por onde começar eu consultei-te.  
« Filho, disseste tu, pela CLEMENCIA! »

FIM DO ACTO IV.

## ACTO V.

Em Saragoça. — Um terrado do palacio de Aragão. No fundo um lanço de escada que vai acabar no jardim. À direita e á esquerda, duas portas que dão entrada para este terrado, o qual é fechado no fundo do theatro por uma balaustrada; sobre esta, duas ordens de arcos mouriscos ou arabicos; por cima e através dos quaes se avistão os jardins do palacio, os repuxos de agua na sombra, os bosques com luzes que circulação por elles, e no fundo os ciminos gothicos e arabicos do palacio illuminado. — É noite. Ouvem-se ao longe variados tangeres. Mascaras vestidos de dominó, espalhados, isolados ou em grupos, atravessão o terrado de um a outro lado. No proscenio, um grupo de jovens fidalgos, com suas mascaras na mão, rindo-se, e conversando com grande ruído.

### SCENA I.

D. SANCHO, D. MATHIAS, D. RICARDO, D. FRANCISCO,  
D. GARCIA SOARES.

D. GARCIA.

Viva o regozijo!  
Viva a desposada!

D. MATHIAS, *olhando da balaustrada.*

Toda Saragoça  
Hoje enche as janellas.

D. GARCIA.

Com razão, pois nunca  
Vio com luminarias  
Nupcias mais alegres,

Noite mais serena  
E mais lindos noivos.

D. MATHIAS.

Guapo imperador !

D. SANCHO.

Marquez, certa noite  
Que andavamos ambos  
Buscando aventuras,  
Quem então julgára  
Que tudo algum dia  
Assim terminasse !...

D. RICARDO, *interrompendo-o*

Lá também me achava.  
Oução pois a historia :  
De tres namorados,  
Que cerco fazião,  
Pelo mesmo tempo,  
Á mesma beldade ;  
Um era um bandido  
Digno de uma forca ;  
Outro era um monarcha,  
E o terceiro um duque.  
Mas. dado o assalto,  
Quem conquistaria ?...  
Foi o salteador !

D. FRANCISCO.

Isso é bem sabido :  
Amor e fortuna

Joga-se na Hespanha,  
Como em toda a parte,  
Com dados chumbados.  
O ladrão, portanto,  
É sempre quem ganha.

D. RICARDO.

Eu cá fiz fortuna  
Vendo namorar :  
Por isso fui Conde,  
Grande de Castella  
E alcaide do paço.  
Não perdi meu tempo ;  
Ninguem o suppunha.

D. SANCHO.

Foi sempre o segredo  
Aqui do senhor,  
Tratar de andar sempre  
Nas ancas do rei.

D. RICARDO.

Sabendo fazer  
Valer meus direitos  
E meus bons serviços.

D. GARCIA.

Tirando partido  
Das distracções delle...

D. MATHIAS.

Que é feito do velho  
Duque de Mendosa ?...

Já pregar faria  
Os pregos da tumba ?

D. SANCHO.

Não zombes, matquez.  
O velho é brioso  
E amava a sobrinha.  
Se seus sessenta annos  
Fizerão cinzenta  
A sua cabeça.  
Um dia a pôz branca.

D. GARCIA.

Não appareceu  
Mais em Saragoça.

D. SANCHO.

Misturar querias  
Nupcias com exequias ?

D. FRANCISCO.

O que faz agora  
Sua Magestade ?

D. SANCHO.

Hoje está tristonho ;  
Luthero é a causa.

D. RICARDO.

Com quatro soldados,  
Eu daria cabo  
Desse tal Luthero  
Que tanto o incommoda.

D. MATHIAS.

Tambem Soliman  
Creio que o inquieta.

D. GARCIA.

Que importa Luthero,  
Soliman, Neptuno,  
Satanaz ou Jove?  
Temos lindas damas,  
Mascaras famosos ;  
E já hoje hei dito  
Mais de cem sandices.

D. SANCHO.

Cousa essencial !

D. RICARDO.

Razão tem Garcia.  
N'um dia de festa  
Sou um outro homem ;  
E logo que ponho  
Na cara uma mascara,  
Parece que mudo  
Tambem de cabeça.

D. SANCHO.

É pois uma pena  
Que todos os dias  
Não sejam de festa !

D. FRANCISCO, *mostrando a porta á direita.*

É esta, senhores,  
A camara dos noivos ?

D. GARCIA.

Não tardão aqui.

D. FRANCISCO.

Julgais isso?

D. GARCIA.

É certo.

D. FRANCISCO.

Melhor, porque havemos  
Vêr a bella noiva.

D. RICARDO.

Bom imperador !  
Ao rebelde Hernani  
Deu o Tosão d'Ouro,  
Perdão e consorte !  
Se nisso me ouvisse  
Sua Magestade,  
Daria ao amante  
Um leito de pedra,  
Bem como á amada  
Um leito de pennas.

D. SANCHO, baixo a D. Mathias, e olhando para D. Ricardo.

De boa vontade,  
Com a minha espada,  
Rachára por meio  
Este falso nobre.  
Vil aventureiro  
Com gibão de conde,  
Mas sempre aguazil !

D. RICARDO, *aproximando-se.*

O que estais dizendo?

D. MATHIAS, *baixo a D. Sancho.*

Nada de contendas!

(A D. Ricardo.)

Recita um soneto

Feito por Petrarca

Á sua beldade.

D. GARCIA.

Não tendes, senhores,

Ainda observado

No meio das galas,

Das damas, das flôres.

Em pé um espectro

Junto á balaustrada,

N'um dominó preto,

Contristando o baile?

D. RICARDO.

Sim, tenho.

D. GARCIA.

Quem é?

D. RICARDO.

Por seu talhe e porte

Julgo ser Pancrácio,

General da armada.

D. FRANCISCO.

Esse não.



D. GARCIA.

Ainda  
Não largou a mascara.

D. FRANCISCO.

O duque de Soma;  
Certo não é outro,  
Que quer ser objecto  
Da attenção de todos.

D. RICARDO.

O duque fallou-me.

D. GARCIA.

Quem é pois o mascara ?..  
Ei-lo, aqui vem elle.

(Entra um mascara de dominó preto, que atravessa lentamente o fundo do theatro. Todos voltão-se e o seguem com os olhos, sem que elle mostre importar-se com elles.)

D. SANCHO.

Se os defuntos andão,  
São estes seus passos.

D. GARCIA, *ao mascara.*

Conheço-te, mascara !...

(O mascara volta-se e elle recua.)

Á fé, meus senhores,  
Que vi nos seus olhos  
Centelhas de fogo

D. MATHIAS.

Se fôr o diabo,  
Aqui achar pôde

**A quem dirigir-se.**

(O mascara pára, olha-o fixamente, e D. Mathias volta como aturdido.)

**Seus olhos são brazas.**

(O mascara caminha e desaparece pela escada. Todos com terror o seguem com os olhos.)

D. FRANCISCO.

**Sombria visão,  
Quanto pôde sê-lo!**

D. GARCIA.

**Nos bailes nos rimos  
Do mesmo que faz-nos  
Tremar n'outras partes.**

D. SANCHO.

**Algum gracioso....**

D. GARCIA.

**Talvez Lucifer....  
Vem ver-nos dansar.  
Esperando o inferno  
Dansemos no emtanto.**

D. SANCHO.

**Não é certamente  
Mais que chocarrice.**

D. MATHIAS.

**Amanhã sabemos.**

D. SANCHO, a D. Mathias.

**Vai vêr, eu te peço,  
O que é feito delle....**

D. MATHIAS, *na balaustrada do terrado.*

A escada desceu ;  
Mais não apparece.

D. SANCHO, *meditando consigo.*

Isto é singular !  
Célebre gracejo !

D. GARCIA, *a uma senhora que vai passando.*

Marqueza, comigo  
Dansareis mais esta.

(Apresenta-lhe a mão.)

MARQUEZA.

Sabeis, caro conde,  
Que, todas as vezes  
Que danso comvosco,  
Meu marido as conta.

D. GARCIA.

Mais uma razão,  
Pois que o divertimos  
E damos-lhe gosto,  
Porque vai contando  
Emquanto dansamos.

(A marqueza dá-lhe a mão e saem ambos.)

D. SANCHO.

Certo, é singular !

D. MATHIAS.

Eis os nossos noivos !...  
Agora, silencio !

(Entrão D. Sol e Hernani pela mão um do outro. Mul-

tidão de mascaras, senhoras e senhores. Seguem-os dous alabardeiros com magnificas librés, e prece-dem-os quatro pagens. Todos fazem alas, e se inclinão quando passão os dous esposos. Ouvem-se tangeres.

## SCENA II.

HERNANI, D. SOL, D. SANCHO, D. MATHIAS, D. RICARDO,  
D. FRANCISCO.

HERNANI, *comprimentando a todos.*

Meus bons amigos !

D. RICARDO, *inclinando-se para elle.*

Vossas venturas

Fazem a nossa.

D. FRANCISCO, *contemplando D. Sol.*

Por San-Thiago,

Conduzisz Venus !

D. SANCHO, *a Hernani.*

Sêde ditoso !

(Aos outros companheiros presentes.)

É meia noite,

Devemós ir-nos.

(Sabem todos cortejando.)

(Durante o começo da seguinte scena, os tangeres e as luzes vão se extinguindo gradualmente, até que de todo reina o silencio e a noite.)

## SCENA III.

HERNANI, D. SOL.

D. SOL.

Elles que forão-se, é tarde.

HERNANI.

P'ra estarmos sós nunca é cedo.

D. SOL.

Cansava-me esse bulicio.  
Não achas tu, meu querido,  
Que todos estes festejos  
Nossa ventura perturbão ?

HERNANI.

Dizes bem, porque a ventura  
É austera, e quer somente  
Corações de bronze aonde  
De vagar possa gravar-se.  
O prazer lança-lhe flôres ;  
Mas também é-lhe importuno :  
Seu sorriso se avizinha  
Mais do pranto que do riso.

D. SOL.

Em teu semblante o sorriso  
É qual o raiar do dia ...  
(Hernani quer leva-la para dentro.)  
Espera.

HERNANI.

Sou teu captivo,  
Esperarei té que queiras.  
Nada te peço, tu sabes.  
Que o que fazes é bem feito.  
Para agradar-te hei de rir-me :  
Quando se abraça a minha alma,

E queiras que suffocadas  
Sejão suas labaredas,  
Ordena ao volcão que feche  
A cratera, e verás logo  
Sumir-se o fogo, e, em vez d'elle,  
Verás flôres, verde relva.

D. SOL.

Como és bom p'ra tua esposa,  
Meu Hernani da minha alma !

HERNANI.

Que nome é este, senhora ? !...  
Por piedade, não me chames  
Mais assim. Tu me recordas  
O que eu já tinha esquecido.  
Sei que d'antes existira  
Em sonhos um certo Hernani,  
Homem de trévas e montes,  
Cujos olhos desferião  
Faixas como as da espada ;  
Um proscripto que trazia  
Na fronte escripta a vingança,  
Desgraçado, cujo anathema  
Por toda a parte o seguia.  
Não conheço mais a Hernani !  
Amo o prazer e as festas.  
Sou hoje um nobre de Hespanha,  
João de Aragão, casado  
Com Dona Sol ! .. Sou ditoso !

D. SOL.

E eu sou feliz !...

HERNANI.

Que me importão

Os andrajos que hei despido  
Na porta do meu palacio,  
Onde um anjo do Senhor  
No limiar me esperava?  
Entro aqui, só luto encontro ;  
Levanto as columnas que acho  
Despedaçadas por terra ;  
Fogo accendo, abro as janellas,  
Faço arrancar os arbustos  
Que no meu páteo crescêrão.  
Todo amor, prazer e encanto,  
Os meus palacios recobro,  
Minhas terras, meus vassallos,  
Meu pennacho, e meu assento  
Nos conselhos de Castella....  
Vem, ó minha Dona Sol,  
Rubicunda e timorata ;  
Possamos sempre estar juntos.  
Que o que foř já está passado....  
Nada vi, nem fiz, nem disse.  
De novo a existir comêço ;  
Tudo apago, tudo esqueço,  
E, quer seja ou não demencia,  
És minha, eu te amo, és meu bem !

D. SOL, *examinando o Tosão de Ouro.*

Sobre este velludo preto  
Como assenta o collar d'ouro !

HERNANI.

Já antes no Rei tu viste-o.

D. SOL.

Não reparei. Que me importão  
Quaesquer outros?... Nem tão pouco  
É no setim ou velludo,  
Porém sim no teu pescoço  
Que este collar tão bem fica.  
És nobre e valente !...

(Elle quer outra vez leva-la para dentro.)

Espera

Um momento.... Vê meus olhos  
Como chorão de alegria !...

(Chega-se á balaustrada.)

Vem vêr que noite tão bella !  
Deixa-me, duque, um instante  
Respirar e contempla-la.  
Fachos, musicas festivas  
Se extinguirão ; só a noite  
Existe, e nella nós ambos.  
Que completa f'licidade !  
Não crês que, mesmo dormindo  
Como está, a natureza  
Com amor sobre nós véla ?...  
Não ha no céu uma nuvem ;  
Como nós, tudo descansa.



Ah ! vem respirar comigo  
Ar que as rosas embalsamão  
Os luzeiros se apagarão ;  
Nem o mais leve murmúrio :  
Tudo está mudo. Inda' agora,  
Quando fallavas, subia  
A lua, e seus frouxos raios  
Junto com tuas vozes  
Na minha alma penetravão.  
Alegre e tranquilla estava,  
Meu amante, eu bem quizera  
Ter nesse instante morrido.

HERNANI.

Quem de tudo não se esquece  
Ouvindo esta voz celeste? . .  
Tuas palavras são canticos  
Que os anjos no céu modulão.

D. SOL.

Não achas de mais profundo  
Este silencio da noite ?  
Não quizeras que uma estrella  
Ao menos apparecesse,  
Ou que ouvíssemos cantar  
Alguma voz doce e terna ?

HERNANI, *sorrindo-se.*

Que fantasia ! Inda ha pouco,  
Musica e luz te enfadavão.

D. SOL.

Foi no baile. Eu só desejo  
O trinar de um passarinho,  
De um rouxinol que se perde  
De noite por entre o musgo,  
Ou de alguma flauta ao longe,  
Porque a terna melodia,  
A nossa alma harmonisando,  
Desperta nella mil vozes,  
Que todas cantão em côro  
Na orchestra do coração....  
Como isso me encantaria!  
(Ouve-se ao longe o som de uma bozina.)  
Deos attende a meus desejos.

HERNANI, *á parte, tremulo.*

Desgraçada!

D. SOL.

Ao certo um anjo  
Comprende meus pensamentos....  
Talvez teu anjo da guarda.

HERNANI, *com amargura.*

Meu anjo da guarda!...

(Torna a ouvir-se o som da bozina, e elle diz á parte:)

Ainda....

D. SOL, *sorrindo-se.*

D. João, eu reconheço  
O som da tua bozina.

HERNANI.

Reconheces?

D. SOL.

Tens acaso  
Parte nesta serenata ?

HERNANI.

Tenho, sim ; tu o disseste....

D. SOL.

Que baile fastidioso !  
Gosto mais de ouvir troando  
Uma bozina nos bosques ;  
E como essa é tua, eu julgo  
Tua voz estar ouvindo.

(Sôa terceira vez a bozina.)

HERNANI, *á parte.*

É o tigre que, bramindo,  
Já vem em busca da presa !...

D. SOL.

D. João, esta harmonia  
Como alegre as nossas almas !

HERNANI, *aterrorisado.*

Ah ! chama-me Hernani, Hernani !...  
Porque esse nome funesto  
Inda é meu !

D. SOL, *tremendo.*

Que tens ?

HERNANI.

O velho !...

D. SOL.

O' meu Deos ! que olhar tão lugubre !

HERNANI.

Não vês o velho nas trévas  
Como de nós se está rindo ?

D. SOL.

Deliras !... Quem é o velho ?

HERNANI.

É o velho !...

D. SOL, *ajoelhando.*

De joelhos

Eu te peço me reveles  
Que secreta dôr te opprime  
Que tens ?

HERNANI.

Jurei !

D. SOL.

Tu juraste ?...

(Ella acompanha com anxiedade todos os movimentos de Hernani, que pára de repente, e passa a mão pela testa.)

HERNANI, *á parte.*

Devo poupar-lhe um tormento.

(A D. Sol.)

Nada tenho.... Que é que eu disse ?

D. SOL.

Disseste....

HERNANI.

Não faças caso ;  
Perturbou-se o meu espirito  
Soffro um incommodo leve,  
Não te assustes.

D. SOL.

Que te falta ?  
Dize que serás servido. —  
(Torna a soar a bozina.)

HERNANI.

Elle quer, elle deseja,  
Elle tem meu juramento....  
(Procurando o punhal.)  
Ah ! nada tenho, e já tudo  
Devêra estar concluido.

D. SOL.

Teu soffrimento é bem grave !

HERNANI.

É uma antiga ferida  
Que eu julgava estar fechada,  
E se abriu de novo....  
(À parte.)

Agora

Convem daqui afasta-la....  
(A D. Sol.)

Dona Sol, onde puzeste  
Essa caixinha que d'antes,  
Em dias menos felizes,  
Sempre contigo trazias ?

D. SOL.

Sei onde está. P'ra que a queres?

HERNANI.

Tem dentro um vidro contendo  
Um certo elixir, que pôde  
Pôr termo ao mal que padeço.  
Vai busca-la.

D. SOL.

Eu te obedeço.

(Sahe pela porta do quarto nupcial.)

#### SCENA IV.

HERNANI, só.

Eis como vem cortar minha ventura!...  
A funesta sentença está lavrada....  
Do meu destino amarga zombaria!...  
Porém tudo está mudo; eu nada escuto...  
Quem déra que eu me tivesse enganado!

(O mascara de dominó preto apparece no alto da escada.  
Hernani pára petrificado.)

#### SCENA V.

HERNANI E O MASCARA.

O MASCARA, com voz sepulcral.

Não te lembra o que disseste  
Ao dares-me esta bozina?...  
« Succeda o que succeder,

« Quando vós, senhor, quizerdes,  
« Em qualquer lugar ou hora,  
« Quando julgardes que é tempo  
« De eu morrer, fazei que chegue  
« O seu echo a meus ouvidos ;  
« E, sem terdes mais cuidados,  
« Vereis tudo concluído. »  
Foi este um pacto que teve  
Os mortos por testemunhas....  
Mas já tudo concluíste?...

HERNANI, *em voz baixa.*

É elle !

O MASCARA.

A teu domicilio  
Venho dizer-te que é tempo.  
Chegou a hora, e já tardas.

HERNANI.

O que pois te apraz que eu faça ?  
Dize, falla.

O MASCARA.

Escolher podes  
Ferro ou veneno ; ambos trago.  
D'aqui convem já sahirmos.

HERNANI.

Bem.

O MASCARA.

Oremos !

HERNANI.

Que me importa ?

O MASCARA.

O que escolhes ?

HERNANI.

O veneno.

O MASCARA.

Dá-me a mão, bebe e acaba.

(O mascara apresenta um frasquinho a Hernani, que pallido o recebe.)

HERNANI, *leva o frasquinho aos labios, depois afasta-o.*

Amanhã! .. Ah! por piedade,  
Se ainda uma alma te resta,  
Se tu não és um espectro  
Que te evadiste das chammas,  
A sombra de um condemnado,  
Um phantasma ou um demonio...  
Se o bem supremo conheces  
De se amar tendo vinte annos,  
E o que é casar com amor...  
Se jámais entre teus braços  
Palpitou mulher alguma...  
Até amanhã me espera ;  
Sim, amanhã voltar pôdes.

O MASCARA.

Amanhã !... Tu és bem nescio !  
Amanhã !... Zombas acaso ?...  
Os sinos já derão hoje  
Signal das minhas execuqias .  
Cumpre que eu morra esta noite.



Quem virá depois buscar te ?  
Devo eu só descer ao tumulto ?...  
Mancebo, aprompta-te e segue-me.

HERNANI.

Já não quero obedecer-te:  
D'e ti, demonio, estou livre !

O MASCARA.

Eu já isso suspeitava...  
Juraste por um objecto  
A que valor nenhum davas.  
Sim. de teu pai a cabeça  
É cousa que esquecer podes ...  
Leviana mocidade !

HERNANI.

Ah ! meu pai !... Eu enlouqueço !

O MASCARA.

É só perjurio e perfidia !

HERNANI.

O' duque ! . .

O MASCARA.

Já que os herdeiros  
Das grandes casas de Hespanha  
Brincão com sua palavra,  
Adeos !

HERNANI.

Não vás !

O MASCARA.

Pois então....

HERNANI.

Cruel, porque me seguiste  
Até ás portas do céu ?!

(Hernani toma o frasquinho. Entra D. Sol sem vêr o mascara, que está em pé no patamar da escada, no fundo do theatro.)

SCENA VI.

OS MESMOS, D. SOL.

D. SOL.

Não pude achar a caixinha.

HERNANI.

Deos! é ella... Em que momento !...

D. SOL.

Que tem elle que se assusta,  
E que ouvindo-me estremece?...  
Que tens na mão?... Eu suspeito....  
O que tens na mão?... responde....

(O dominó tira a mascara. Ella dá um grito ao reconhecer D. Ruy Gomes.)

É veneno !...

HERNANI.

O' grande Deos !

D. SOL, a Hernani

Que te fiz eu, D. João,

Para que assim me enganasses?...  
Que horrivel mysterio é este ?

HERNANI.

Quando elle salvou-me a vida,  
Eu prometti-lhe morrer :  
É divida pois que deve  
Aragão pagar a Silva.

D. SOL.

Não a elle, a mim pertences !  
Que valem taes juramentos?...

(A D. Ruy Gomes.)

Duque, amor presta-me forças ;  
Hei de saber defendê lo,  
Não só de ti, mas de todos !

D. RUY, *immovel.*

Defende-o, se tu puderes,  
Do juramento prestado.

D. SOL.

Que juramento ?

HERNANI.

Hei jurado ?

D. SOL.

Nada te prende ; isso fôra  
Crime, attentado, loucura.

D. RUY.

Vamos, duque !

(Hernani faz um gesto para obedecer. D. Sol faz por  
suspendê-lo.)

HERNANI.

É necessario ...

Ah ! consente Dona Sol !  
Elle tem minha palavra ;  
Meu pai lá emcima me julga.

D. SOL.

Mais facil aos mesmos tigres  
Fôra roubar os filhinhos  
Do que arrancar do meu peito  
Aquelle a quem tanto adoro !...  
Sabes quem é Dona Sol ?...  
Por compaixão muito tempo  
Da tua idade, fingi-me  
Timida, innocente e fraca.  
Mas repara nestes olhos  
Que a raiva e pranto humedecem....

(Tira um punhal do seio.)

Vês este punhal ?... Não temes  
O ferro, ó velho insensato,  
Quando os outros ameaças ?...  
Tem cautela, D. Ruy Gomes !...  
Eu bem sei que és meu parente,  
Que és meu tio.... mas escuta.  
Inda que eu fosse tua filha,  
Ai de ti se te atrevesse  
A pôr mãos no meu esposo !...  
(Atira para longe o punhal, e cahe de joelhos.)  
Mas eis-me a teus pés prostrada....  
Ah ! de nós te compadece ;

Graça, senhor! Eu apenas  
Sou uma fraca mulher  
Cujas forças n'alma abortão  
E de todo me abandonão.  
Eu me prostro ás plantas tuas,  
Eu te imploro piedade!

D. RUY.

Dona Sol....

D. SOL.

Perdão!... Tu sabes  
Que nós outras Hespanholas  
Com palavras violentas  
Nossa dôr desabafamos.  
Ah! tu não eras maligno  
Piedade! pois tu me matas,  
Meu tio, se nelle tocas...  
Ai de mim! eu amo-o tanto!...

D. RUY, *sombrio.*

De mais o amas!

HERNANI, *a D. Sol.*

Tu choras!

D. SOL.

Não quero, meu bem, que morras.

(A D. Ruy.)

Nem ha de morrer, não quero!  
Se hoje graça lhe concedes,  
Protesto tambem amar-te.

D. RUY.

Sim, depois delle....

(A Hernani.)

**Então, vamos !**

(Hernani vai chegando o frasquinho aos labios ; D. Sol lança-se-lhe ao braço.)

D. SOL.

Inda não. Ambos ouvi-me....

D. RUY.

Já se abriu a sepultura ;  
Esperar mais eu não posso.

D. SOL.

Meu senhor, um só instante.  
Meu D. João !.. Ah ! vós ambos  
Sois bem crueis !.. Um momento  
Só de vós quero e reclamo.  
A uma pobre mulher  
Consenti que ainda exprima  
O que tem no coração ;  
Quero fallar.

D. RUY.

**Tenho pressa.**

D. SOL.

Senhores, tremer fazeis-me.  
Ah ! que mal vos tenho eu feito ?

HERNANI.

Seus queixumes rasgão-me a alma !

D. SOL, *retendo-lhe sempre o braço.*

Quero ainda dizer mil cousas.

D. RUY, *a Hernani.*

Deves morrer !

D. SOL.

Meu D. João,

Depois que eu tiver fallado,

Farás tudo o que quizeres.

(Arrebata-lhe o frasquinho.)

Em minha mão tenho-o agora !

(Levanta o frasquinho diante dos olhos de Hernani e de D. Ruy espantado.)

D. RUY.

Como ! pois estou tratando

Aqui com duas mulheres?... -

D. João. procurar devo

N'outra parte almas mais nobres....

(Com ironia.)

São fortes os juramentos

Que fazes por teus maiores !

Lá na morada dos mortos

Com teu pai fallar pretendo.

Adeos !...

(Dá alguns passos para sahir ; Hernani o detem.)

HERNANI.

O' duque, suspende !

(A D. Sol.)

Meu bem, não queiras que eu passe

Por fementido e perjuro,

E leve por toda a parte

A traição na fronte escripta.  
Por nosso amor, por piedade,  
Restitue-me esse veneno ;  
Por nossas almas te peço.

D. SOL.

Tu queres !...

(Bebe o veneno.)

Recebe-o agora.

D. RUY.

O' meu Deos ! era p'ra ella !

HERNANI.

Vê, ó velho miseravel !

D. SOL.

Queixar-te de mim não pódés :  
Deixei no vidro a tua parte

HERNANI, *recebendo o vidro.*

Deos !

D. SOL.

P'ra mim não deixarias  
Meu quinhão, se antes bebesses,  
Pois um coração te falta  
De esposa christã ; nem sabes  
O que é amar como eu amo ! ..  
Bebi a porção primeira,  
E me sinto inda tranquillã ;  
Bebe, se queres, a outra.

HERNANI.

Que fizeste, desgraçada ?



D. SOL.

Foste tu que assim quizeste.

HERNANI.

É a morte mais horrivel...

D. SOL.

Não : porque?

HERNANI.

Conduz ao tumulo

Este philtro...

D. SOL.

Não devemos

Esta noite dormir juntos?...

Que importa qual seja o leito ?

HERNANI.

Ah ! meu pai, de mim te vingas

Por ter de ti me esquecido!

(Leva o vidro á boca.)

D. SOL, pegando-lhe no braço.

Lança p'ra longe este philtro...

Minha razão se desvaira...

Ai, meu D. João, suspende !

Este veneno é violento,

Produce dentro das entranhas

Uma hydra de mil dentes

Que me rõe, que me devora !

Eu não sabia que tanto

Soffreria ! O que é que sinto

É vivo fogo. Não bebas,  
Pois muito padecerias.

HERNANI, a D. Ruy.

Cruel, um outro veneno  
P'ra ella achar não podias?...  
(Bebe e atira com o vidro.)

D. SOL.

O que fazes?

HERNANI.

Que fizeste?

D. SOL.

Vem, meu amante, a meus braços...

(Ambos se abraçam e se encostão um ao outro.)

Não soffres tormento horrivel?

HERNANI.

Não.

D. SOL.

Eis como ha começado  
A nossa noite de nupcias...  
Não julgas que, para noiva,  
Estou pallida bastante?

D. RUY.

A lei do fado se cumpre.

HERNANI.

O' desespero! ó tormento!  
Que soffra tanto, e que eu veja!

D. SOL.

Melhor me sinto, socega.  
Breve juntos soltaremos  
Nossas azas, demandando  
Novas plagas luminosas.  
E, n'um vôo equilibrado,  
Melhor mundo alcançaremos...  
Dá-me um beijo, só um beijo!  
(Beijão-se.)

D. RUY.

O' dôr!

HERNANI, *com voz fraca.*

Seja o céu louvado,  
Que, dando-me uma existencia  
Sempre de abysmos cercada,  
Sempre de espectros seguida,  
Hoje me deixa, cansado  
De trilhar tão rude estrada,  
Poder dormir soumo eterno  
Com meus labios no teu seio.

D. RUY.

Como inda são venturosos!

HERNANI, *com voz cada vez mais fraca.*

Dona Sol, tudo é sombrio!...  
Soffres muito?

D. SOL, *com voz igualmente extincta.*

Eu nada sinto.

HERNANI.

Não vês fogos entre sombras ?

D. SOL.

Ainda não.

HERNANI, *com um suspiro.*

Aqui...

(Cahe morto.)

D. RUY, *levantando-lhe a cabeça, que torna a deixar cahir.*

Morto !...

D. SOL, *com os cabellos soltos, como quem procura  
ainda sentar-se.*

Morto ! Não. Ambos dormimos...

É meu esposo... Elle dorme...

Não vês como nos amamos?...

Juntos estamos deitados...

Esta é a noite das nupcias...

(Com voz quasi extincta.)

Senhor duque de Mendosa,

Ah ! não venhas desperta-lo...

Elle está tão fatigado...

(Volta o rosto de Hernani.)

Meu amor, p'ra mim te volta...

(Cahe morta).

D. RUY.

Está morta, eu condemnado !

(Apunhala-se.)

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.

5 DE 63













